

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília pelas autoras, em 23 de março de 2018, para disponibilizar, no site repositorio.unb.br, o livro Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

REFERÊNCIA

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. 240 p. (Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia, v. 3). Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/33026>>. Acesso em: 12 dez. 2018.



**MODELO DE REDE COLABORATIVA
BASEADO NAS COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO E NARRATIVA**

**MERI NADIA MARQUES GERLIN
ELMIRA SIMEÃO**

**MODELO DE REDE COLABORATIVA
BASEADO NAS COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO E NARRATIVA**

**Editora
FCI/UnB 2018**



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento e Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Proplan)

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia

Chefia:

Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia:

Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização
(UFES)

Normalização e Projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa e Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)
Marta Leandro da Matta (UFES)

Comitê Científico

Antônio Miranda (UnB)
Eliana Zandonade (UFES)
Marta Leandro da Matta (UFES)
Martha Suzana Cabral Nunes (UFS)
Renato Rocha Souza (FGV)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371t

Gerlin, Meri Nadia Marques; Simeão, Elmira Luzia Melo Soares.

Modelo de rede colaborativa baseado nas competências em informação e narrativa / Meri Nadia Marques Gerlin, Simeão, Elmira Luzia Melo Soares. – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

240 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia

(Vol. 3)

ISBN 978-85-88130-50-0

1. Narrativa oral. 2. Contador de histórias. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Dedicamos e agradecemos, primeiramente, à Deus por esta publicação que finaliza a coleção *No balanço das redes: tradição e tecnologia*, compondo o terceiro volume e, desse modo, representando o registro de uma determinada forma de (re)produzir pesquisa e extensão universitária.

Aos membros da banca de defesa da tese de doutorado “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador no século XXI” e do comitê científico pelas valiosas críticas e sugestões que transbordaram, contribuindo, desse modo, para o aperfeiçoamento da publicação da pesquisa em livro.

Aos docentes, gestores e demais servidores da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) e do Centro de Ciências Jurídicas e Econômica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). À CAPES pelo incentivo à pesquisa concedido ao Doutorado Interinstitucional, no âmbito Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, firmado entre a UnB e a UFES.

Aos sujeitos que contribuíram com o processo de investigação e efetivação desta publicação, metamorfoseando-se em diversos espaços tempos de informação, educação e cultura e, especialmente, aos contadores de histórias espírito-santenses pelo encantamento de suas palavras que no decorrer da obra ganharam visibilidade por meio de um diálogo destacado de uma forma diferenciada e em um formato especial.

Aos demais narradores, pesquisadores e colaboradores que participaram dos Seminários *No balanço das redes dos contadores de histórias* realizados ao longo de cinco anos de pesquisa e atividades extensionistas, primeiro na Biblioteca Demonstrativa de Brasília e, em seguida, no contexto do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e Centro de Educação da UFES.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO: TEXTOS E CONTEXTOS DAS COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO E NARRATIVA	30
O ERA UMA VEZ NA ABORDAGEM DA PESQUISA E AS TRANSGRESSÕES METODOLÓGICAS	31
COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, NARRATIVA E CONEXÕES EM TERRITÓRIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA	37
CAPÍTULO 2 – UMA ARTE MILENAR ABORDADA NO CAMPO DA ORALIDADE: PERFIL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	47
INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL: CATEGORIA DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS	48
INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL: CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	68
CAPÍTULO 3 – CONTEXTO DA ATUAÇÃO CULTURAL E DELINEAMENTO DA COMPETÊNCIA NARRATIVA	93
INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA: CATEGORIA DA ATUAÇÃO CULTURAL	94
INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA: CATEGORIA DA COMPETÊNCIA NARRATIVA	114
CAPÍTULO 4 - A VISTA DE UM PONTO SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS CONEXÕES EM REDES	146
INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CATEGORIA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	147
INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CATEGORIA DA CONEXÃO EM REDES	163
CAPÍTULO 5 – PROPOSIÇÃO DE UM MODELO DE REDE COLABORATIVA VOLTADO PARA A PRÁTICA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS	177
O CONTEXTO DAS REDES DE COLABORAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS.....	178
PLANEJAMENTO E PROPOSIÇÃO DE UM MODELO IDEAL DE REDE NA ERA DA INFORMAÇÃO	191
ALGUNS POSSÍVEIS EM TORNO DE UMA REDE COLABORATIVA REAL	199
ESTRUTURA DE COLABORAÇÃO NECESSÁRIA AO MODELO DE UMA REDE DISTRIBUÍDA	204

À GUIA DE CONCLUSÕES	219
ERA UMA VEZ	220
ERA UMA VEZ... A PROPOSIÇÃO DE TRABALHOS QUE SE INICIARAM COM O DIÁLOGO	221
DEPOIS DO “ERA UMA VEZ”... NÃO É O FIM!	225
REFERÊNCIAS	230
SOBRE AS AUTORAS	240

PREFÁCIO

O contexto desta obra consolida-se perante a capacidade de o narrador de histórias de Benjamin (1994) estabelecer relações na contemporaneidade com pares, apoiadores e público em contextos presenciais e virtuais. No processo de comunicação que comumente estabelecem reinventaram-se em um espaço híbrido que “Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal [...] desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica [...]” (LÉVY, 2010, p. 113).

O exposto fornece elementos a apresentação de um objetivo alimentado perante a identificação das competências narrativas e em informação que os narradores contemporâneos possuem e necessitam adquirir para uma conexão colaborativa, com a finalidade de propor um modelo de rede potencializado ou não pelas tecnologias de informação e comunicação. Em determinado momento, deixou-se claro a crença de que o domínio das redes digitais se apresenta como um desafio para os atores culturais do universo da pesquisa que durante décadas dominaram mecanismos da comunicação interpessoal.

Este volume encerra o ciclo de organização da Coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia”, desenvolvida no âmbito do Grupo de pesquisa Competência em Informação ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) e, posteriormente, atualizada em um contexto de produções do Grupo de Pesquisa Competência em Informação e Processos Inter-Relacionados do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ambos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os capítulos nele organizados constituem uma adaptação da pesquisa de campo publicada na tese “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador no século XXI”. O conteúdo desse trabalho de doutoramento também deu origem a uma variedade de publicações em revistas científicas e eventos acadêmicos pertencentes à área da Ciência da Informação.

Ao apresentar resultados de uma pesquisa que se classificou como uma combinação de estudos exploratórios e descritivos, caracterizou-se como um estudo de campo qualitativo em alguns momentos e, em outros, assumindo contornos quantitativos como será percebido. Quanto aos procedimentos assumiu características de uma pesquisa participativa, possibilitando perceber a importância da interação por meio dos diálogos entre pesquisadores e sujeitos que dela participaram. Diante do exposto, no primeiro momento procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica sobre os temas de interesse publicados pela Ciência da Informação e áreas afins. A abordagem dos principais assuntos de interesse encontram-se diluídos ao longo dos capítulos que colocam em análise as competências de um narrador conectado em redes na contemporaneidade.

No decorrer do segundo e terceiro momentos mapearam-se desenhos possíveis das redes dos contadores de histórias com a finalidade de fundamentar a análise dos dados coletados no campo da pesquisa e, desse modo, diagnosticar de maneira mais precisa as competências do contador de histórias. Para isso, trabalhou-se com um questionário contendo questões relacionadas com os indicadores de perfil e contexto das habilidades, técnicas e atitudes direcionadas ao desenvolvimento das competências em informação e narrativa, produção de conhecimentos e compartilhamento de informações em redes de colaboração. Esse processo requereu a integração de outras estratégias, como entrevistas que tiveram como meta dialogar com os sujeitos por meio de perguntas semiestruturadas que, de maneira flexível, conduziram a uma observação mais direta da competência narrativa no campo de atuação dos narradores de histórias.

A descrição dos diálogos receberam um destaque especial, constituindo-se como referencial de análise tão importante quanto a base teórica. Trata-se, portanto, de uma obra que também teve como meta dar voz aos sujeitos narradores competentes e conectados em redes de colaboração. As competências identificadas por meio de indicadores de perfil e contexto, bem como a observação direta em territórios de atuação conduziram ao quarto momento da pesquisa: a proposição de uma rede voltada para a realidade de trabalho dos contadores de histórias. Com o planejamento de um modelo de rede colaborativa que

girasse em torno da prática narrativa no Estado do ES, levou-se em consideração o fato de que as tecnologias inovadoras tendem a ampliar a conexão do narrador, colaboradores e público em redes, sejam elas presenciais, virtuais ou híbridas, assumindo uma estrutura centralizada, descentralizada ou distribuída.

O modelo apresentado caracterizou-se como uma tentativa de idealizar a organização dos vários grupos de contadores de histórias (profissional, voluntário e outros) em redes que se mostrassem mais distribuídas (um ideal na era da informação), o que não eliminaria a centralidade na estrutura de comunicação. Envolveu as relações dos atores sociais que atuam em diversos territórios de informação, educação e cultura, caracterizando-a como uma rede de comunicação híbrida real. Tendo em vista que a maior parte não demonstrou ter uma participação efetiva em redes voltadas para a área de atuação, observou-se a necessidade de fomentar contextos de acesso e compartilhamento de informações que possam fortalecer a competência narrativa em contextos híbridos de comunicação.

Nada obstante, questionou-se como a proposição de uma rede colaborativa poderá estimular a participação do sujeito narrador do Estado do ES e de outras regiões em contextos efetivos de busca, avaliação e uso da informação narrativa que a contemporaneidade requer, ao mesmo tempo em que a aquisição das competências em informação e narrativa engendram o compartilhamento de informações e a produção de conhecimentos acerca da prática profissional. Depreende-se que a estrutura de colaboração proposta deverá incluir grupos de narradores que estejam inseridos na sociedade da informação e, principalmente, aqueles que ainda não foram privilegiados com os benefícios das tecnologias de escrita, informação e comunicação que fortalecem processos de uso da informação e produção de conhecimento.

APRESENTAÇÃO

O narrador contemporâneo tem diante de si inúmeras oportunidades em termos de conexões em redes cada vez mais distribuídas e, por conta do acesso às tecnologias de escrita, informação e comunicação, contam com ferramentas que viabilizam processos de busca e recuperação de informações principalmente no ambiente digital. Então, por que mesmo assim constantemente se deparam com inúmeras barreiras? Quando se trata do acesso à informação disponível e necessária à formação e consecução da sua prática, as dificuldades podem ser ocasionadas pelo desconhecimento dos mecanismos de seleção e avaliação que antecedem as etapas de uso de informação e produção de conhecimento.

Trabalhar com a manutenção de processos de conexões e compartilhamento de produtos no campo da narrativa oral, requer o fortalecimento dos laços de comunicação das estruturas tradicionais de colaboração que interligam público e pares. Estar conectado em rede possibilita a revitalização das estruturas de relacionamentos sociais, profissionais, de *trabalho, técnico-científicas, culturais, artísticas ou de outra natureza* (VALENTIM, 2013). Diante do fato de que o contador de histórias precisa aperfeiçoar o aprendizado de como produzir e comunicar informações específicas de sua área de atuação, considera-se a necessidade de aquisição de competências para se manterem conectados e aprendendo sempre na sociedade da informação.

Comumente reflete-se que “A expressão ‘sociedade da informação’ deve ser entendida como abreviação (discutível!) de um aspecto da sociedade: o da presença cada vez mais acentuada das novas tecnologias da informação e da comunicação” (ASSMANN, 2000, p. 8). Cabe, então, considerar nessa sociedade aspectos pouco pontuados sobre habilidades tecnológicas que sejam importantes para a prática do contador de histórias. Nesse momento, *competências em informação e narrativa* desse profissional ganham destaque e, ao mesmo tempo, geram uma certa inquietação que se baseia na necessidade de realizar um estudo sobre habilidades e técnicas (competências) necessárias para a transferência de conhecimentos direcionados à informação narrativa. Os espaços de troca desse tipo de informação acontecem por meio da interação entre

os contadores de histórias e outros sujeitos, se caracterizando, muitas vezes, de maneira centralizada. Essa realidade requerer a proposição de ações colaborativas e interativas em redes de comunicação mais distribuídas, sem desconsiderar os diversos espaços, eventos e situações em que elas se efetivam.

O conhecimento prévio necessário à organização desta obra alimentou-se dos resultados de um estudo exploratório que requereu uma investigação acerca das competências do narrador contemporâneo, expondo, com isso, os contornos de um levantamento teórico articulado com os procedimentos de um trabalho de campo inicialmente publicado na tese “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador no século XXI”. Nessa direção, apresentam-se pressupostos responsáveis pela estruturação dos conteúdos devidamente organizados ao longo dos capítulos:

- Perante a existência de habilidades que compõem as competências narrativas e informacionais dos sujeitos narradores, acredita-se que ainda seja necessário percorrer caminhos que os auxiliem a aprender autonomamente, a legitimar a sua prática e a divulgar a sua arte em uma era digital (era da informação) potencialmente conectada por redes sociais;
- Em seguida se reconhece a capacidade de o narrador de histórias estabelecer relações com outros sujeitos ao mesmo tempo em que recupera e comunica informações em territórios híbridos (presenciais e virtuais) de comunicação;
- Expressa-se a crença de que os contadores de histórias precisam adquirir habilidades de como acessar, avaliar e usar informação específica de sua área de atuação de modo a compartilhá-la em redes de comunicação tendo, com isso, o auxílio das tecnologias disponibilizadas pela sociedade da informação;
- O acesso às redes distribuídas torna possível ao narrador estabelecer relações com seus pares (companheiros de atividade), apoiadores, público e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informações que giram em torno da sua prática. Desse modo, as redes sociais com essas características podem ser

potencializadas pelo domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que se apresentam como um desafio contemporâneo, assim como, por meio de outras formas de tecnologias que com elas coexistem como, por exemplo, a escrita.

Essas pressuposições acabaram requerendo uma estratégia capaz de expressar uma certa capacidade de o narrador obter maior autonomia na seleção e processamento das informações, possibilitando o contorno de uma investigação com características transdisciplinares e desencadeada por uma questão que se conformou: *quais as competências que os sujeitos narradores possuem e aquelas que lhes são necessárias para o compartilhamento de informações específicas de sua área de atuação numa sociedade essencialmente conectada por redes?* O problema em questão conduziu ao delineamento da hipótese de que os contadores de histórias apresentam competências narrativas e em informação necessárias para a sua inserção na sociedade da informação, podendo, porém, ampliar a capacidade de estabelecer relações com pares ao mesmo tempo em que buscam, produzem e compartilham informação numa sociedade conectada por redes de diversos formatos. O uso das tecnologias de escrita, informação e comunicação que essa sociedade requer apresenta-se como um desafio aos atores que durante décadas dominaram os mecanismos da comunicação interpessoal.

Tendo em conta uma pesquisa que se consolidou perante a relevância social de *identificar as competências em informação e narrativa que os contadores de histórias possuem e aquelas que ainda lhes são necessárias para a proposição de um modelo de rede potencializado ou não pelas novas tecnologias*, tornou-se visível o delineamento de um objetivo que forneceu elementos para uma pesquisa que não poderia caber apenas em uma maneira de pensar o problema. Na direção do que foi exposto e com a finalidade de alcançar o que está sendo proposto no contexto desta obra, especificamente pretende-se:

- Contextualizar a importância da narrativa oral no espaço de atuação do contador de histórias do Estado do ES, considerando o perfil de comunicador como indispensável para a sua inserção na sociedade da Informação;
- Apresentar territórios de atuação representados por bibliotecas,

livrarias, escolas, ciberespaço e outros espaços tempos¹ de articulação da prática narrativa desses sujeitos em redes que se (re) atualizam na contemporaneidade;

- Identificar habilidades que os narradores de histórias possuem para o desenvolvimento da competência narrativa e aquelas que constituem a competência em informação necessária aos processos de busca, recuperação e compartilhamento da informação;
- Averiguar habilidades necessárias ao compartilhamento de informações e a consecução da produção de conhecimentos nas redes de colaboração dos contadores de histórias, dentre elas constam as habilidades de acessar, avaliar e usar informação específica de sua área de atuação;
- Acompanhar nos territórios de atuação movimentos das conexões em redes (centralizadas, descentralizadas e distribuídas) de produção de conhecimento e compartilhamento da informação narrativa, considerando possíveis contribuições em processos de aprendizagens;
- Propor um modelo de rede colaborativa em que o contador de histórias possa comunicar-se livremente com seus pares (companheiros de atividade), público, apoiadores e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da competência narrativa.

Com base naquilo que foi exposto o processo de pesquisa classificou-se como uma combinação de *estudos exploratórios* e *descritivos* (GIL, 2009). Os dados coletados e analisados permitiram buscar uma descrição das características do objeto estudado o que não apareceu como uma certeza, mas sim como possibilidades de buscar entendê-lo, ao mesmo tempo em que se procurou proporcionar maior contato com o problema com vista a explicitá-lo juntamente com a hipótese, porém, de maneira flexível. A investigação do tipo qualitativa em determinados momentos assumiu contornos quantitativos. Em relação aos

¹ Expressão que compreende estruturas profissionais, pessoais, comunitárias e outras em espaços de informação, educação e cultura, ao considerar os territórios de atuação, presenciais e virtuais, em que o *receptor situa-se no mesmo espaço tempo em que o emissor ao exercer uma função de coprodução no processo de interação* (MORAES, 2012).

procedimentos assumiu características de uma *pesquisa participativa*, devido tornar-se imperativo a interação entre os sujeitos que dela participaram: pesquisador contador de histórias; contador de histórias entrevistado; comunidade interna e externa à universidade envolvida em projetos de pesquisas e extensão; dentre outros.

Haja vista que muitos caminhos no campo da metodologia permitem mostrar *como produzir uma pesquisa*, selecionaram-se algumas ferramentas e estratégias que ampliaram o campo de visão dos pesquisadores. A técnica de *observação direta e extensiva* se deu por meio da aplicação de um questionário contendo indicadores de perfil e contexto, com a finalidade de diagnosticar e identificar as competências dos narradores de histórias. Em uma ação complementar adotaram-se critérios para proceder a uma *observação direta e intensiva* por meio das entrevistas tendo, para isso, como base um roteiro com questões semiestruturadas para acrescentar elementos sobre as competências e diagnosticar a dinâmica das conexões em redes. Em outros momentos acompanharam-se mais de perto os movimentos do grupo de contadores de histórias, permitindo a exploração da prática narrativa em territórios como livraria, escola, museu e ciberespaço. Esse tipo de observação foi guiada por uma avaliação diagnóstica obtida após a *aplicação do questionário* contendo indicadores de perfil e contexto organizado junto com o *roteiro de entrevistas* (instrumentalização da pesquisa) (GIL, 2009).

As atividades pensadas em torno da identificação das competências e proposição da rede de colaboração foram organizadas em quatro momentos e, como resultado, encontram-se diluídas e apresentadas ao longo dos capítulos 1, 2, 3, 4 e 5 desta obra. No **primeiro momento** procedeu-se a um levantamento teórico por meio de uma *leitura flutuante* daquilo que fora publicado sobre o tema pela Ciência da Informação e áreas afins. Bardin (2011, p. 126, grifo nosso) expõe que esse tipo de leitura é a primeira atividade de uma pesquisa, consistindo em um contato com as informações necessárias à análise em processos de investigações e, com isso, culminando no “[...] ato de conhecer **textos e contextos** deixando-se invadir por impressões e orientações”.

Como consequência, entre os anos de 2012 a 2013 fundamentou-se uma

base teórica que permitiu, inicialmente, o levantamento e esclarecimento acerca de temas relacionados com a área da narrativa oral (memória, competência narrativa e conexão em redes) e, posteriormente, com a competência em informação (redes colaborativas, alfabetização em informação e digital). Foram selecionados autores conceituados, pesquisadores, docentes e contadores de histórias que direcionam suas publicações para diferentes territórios de informação, educação e cultura. No primeiro volume da coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” fora publicada a versão completa do levantamento teórico respondendo pelo título “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”.

Tendo a base teórica estruturada mapeou-se a rede procedendo-se à identificação das competências e análise do material coletado entre os anos de 2014 e 2015. Conforme poderá ser verificado na sequência, esses momentos foram antecedidos por ações de planejamento e estratégias de investigações, permitindo, em seguida, a efetivação dos momentos de diálogos individuais e coletivos entre os contadores de histórias.

O mapeamento da rede dos contadores de histórias constituiu o **segundo momento** tendo, para isso, que recorrer à utilização de técnicas de *amostragem não probabilística intencional* (GIL, 2009) popularmente conhecida como *amostragem bola de neve*. Na medida em que se estabeleceu um contato mais direto com os narradores por meio das ações de eventos, tornou-se possível que outros membros desse universo fizessem parte da pesquisa ao serem citados. Com esse propósito, um contador de histórias indicava outro narrador e assim sucessivamente.

Fora principalmente durante os processos de diálogos que os narradores indicavam outros sujeitos para a composição da rede da pesquisa. Não foram selecionados aqueles que não se enquadraram no perfil de narrador de histórias profissional e que não forneceram corretamente os seus contatos. A fase inicial do mapeamento foi marcada pelo envio de 66 convites que ocasionaram em 36 respostas positivas, sendo que inicialmente foram enviados 22 e, posteriormente, esse número dobrou para 44 (Quadro 1). As respostas resultantes dessa

fase de mapeamento ocasionaram na indicação de outros sujeitos para a rede e, posteriormente, esses sujeitos continuaram sendo convidados para eventos estruturados em torno da pesquisa e extensão universitária.

Quadro 1 – Início do mapeamento da rede dos contadores de histórias da pesquisa

MAPEAMENTO	1ª FASE	2ª FASE	TOTAL
CONVITES ENVIADOS	22 participantes dos eventos	44 narradores indicados ²	66
RESPOSTAS POSITIVAS	11 participantes dos eventos ³	25 narradores indicados	36
RESPOSTAS NEGATIVAS	02	02 narradores indicados	04
AUSÊNCIA DE RESPOSTA	09 participantes dos eventos	17 narradores indicados	26

Fonte: Produzida durante a realização da pesquisa.

Várias atividades foram organizadas ao longo do processo, sendo algumas delas solicitadas pelos membros da comunidade externa à Universidade. Por meio de diálogos, estabelecidos em palestras, oficinas e outras ações, estabeleceu-se contato com narradores e demais interessados pelos temas competência e conexão em redes, bem como procedeu-se à continuação do processo de mapeamento e proposição de uma estrutura de colaboração especificamente voltada à prática dos contadores de histórias.

Tanto o estabelecimento de contato em eventos quanto o processo de indicação tiveram continuidade por meio do correio eletrônico, redes sociais e telefonemas. Durante o decorrer dos anos de 2016 e 2017 o mapeamento da rede teve continuidade em ações de pesquisas e realização de outras atividades acadêmicas, todavia, não se obteve de

² Na segunda fase do mapeamento receberam-se 18 nomes de contadores de histórias sem que os contatos telefônicos, de correio eletrônico e outros fossem devidamente informados, o que contribuiu para que os convites não fossem devidamente enviados.

³ Destes 3 participantes não possuíam o perfil de contador de histórias, então, apenas indicaram outros sujeitos para participar da segunda fase do mapeamento da pesquisa.

forma alguma um resultado aproximado ao que pode ser visualizado nesta obra.

Da construção dos instrumentos até o tratamento do material coletado destaca-se a contribuição recebida da *análise de conteúdo*, resultando na interpretação dos dados coletados por meio de procedimentos sistemáticos para abstrair a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção de categorias e indicadores (BARDIN, 2011). Essa técnica auxiliou na identificação dos temas que se fizeram relevantes no processo de categorização dos assuntos trabalhados nos capítulos 2, 3 e 4, resultando na análise detalhada do material coletado. Para isso, elaborou-se um escopo comparativo das informações relevantes no processo de categorização, o que tornou possível proceder a uma análise comparativa dos dados tabulados a partir da aplicação do questionário e da transcrição das entrevistas que se constituíram como momentos de diálogos entre narradores e pesquisadores.

Estruturada a estratégia do mapeamento procedeu-se a coleta dos dados, tendo, inicialmente, como meta diagnosticar as competências do contador de histórias por meio da aplicação de questionários e realização de entrevistas no **terceiro momento**. Mediante a aplicação de um questionário contendo indicadores de perfil e contexto, primeiro procurou-se identificar as habilidades direcionadas ao desenvolvimento da prática narrativa, produção de conhecimentos e compartilhamento de informações em redes de colaboração.

Na primeira versão do questionário os indicadores de perfil e contexto tiveram como base três categorias: memória social, competência em informação e competência narrativa. Nele continham categorias que consubstanciaram a coleta e análise dos resultados inicialmente testados durante o I Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias. No *indicador do perfil do contador de histórias* reuniram-se informações sobre sexo, idade, formação, espaços de atuação, dentre outras. O *indicador do contexto da competência em informação* permitiu a identificação de aspectos relacionados com a inclusão digital e informacional desse narrador. O terceiro indicador fora criado especificamente para dar conta do contexto da narrativa oral ao receber a seguinte denominação: *indicador da competência narrativa* (GERLIN; SIMEÃO, 2015).

Essa primeira versão do questionário, utilizado em um teste inicial em Brasília (DF)⁴, culminou em uma análise prévia durante discussões realizadas principalmente entre pesquisadores do “Grupo de Pesquisa em Ciência da Informação” da Universidade de Brasília (UnB). Para a sua constituição, inicialmente, utilizou-se como parâmetro o *Modelo de indicadores de inclusão digital e informacional direcionado para o desenvolvimento de competências (IDEAS)* (CERVERÓ et al; 2011). Posteriormente as categorias de análise foram aperfeiçoadas, resultando na segunda versão do questionário que fora aplicada no Estado do ES (universo da pesquisa).

Ao longo da coleta de dados muitas questões foram surgindo à luz das discussões teóricas, contribuindo para a constituição de outras duas versões dos indicadores de perfil e contexto, tendo como meta identificar as competências e as conexões em redes dos contadores de histórias. Desse modo, as categorias trabalhadas ao longo desta obra (capítulos 2, 3 e 4) são divididas em três indicadores⁵, tornando viável o processo de investigação de competências específicas (*ser, fazer e conhecer*) do contador de histórias na sociedade em rede: *indicadores do perfil profissional* (categoria dados pessoais e categoria formação profissional); *indicadores do contexto de atuação e competência narrativa* (categoria atuação cultural e categoria competência narrativa) e *indicadores das conexões e competência em informação* (categoria competência em informação e categoria conexão em redes).

No termo de consentimento e esclarecimento que acompanhou o questionário, constou o compromisso de não identificar o nome do contador de história se assim fosse desejado. Mesmo podendo publicar a identidade dos sujeitos entrevistados por permitirem a divulgação de seus nomes e instituições em que atuam ou atuaram, optou-se pela não utilização do nome completo do narrador neste volume. Em relação às

⁴ Realizado com contadores de histórias de Brasília contribuiu para a inclusão de tópicos que consubstanciaram as questões norteadoras. A primeira amostra da pesquisa (pré-teste) foi composta pelos sujeitos que participaram dos eventos promovidos pelos Grupos de Pesquisas da UnB.

⁵ Na versão da tese de doutoramento “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador no século XXI”, apresentam-se dois indicadores: indicadores do contexto de atuação e indicadores do contexto de atuação.

instituições não serão divulgados os nomes das escolas de ensino fundamental e infantil que pertencem a rede de ensino privada, já que não foram verbalizadas no conteúdo das entrevistas ou na escrita das questões abertas do questionário.

A participação dos sujeitos na fase final e o estado da arte em termos de territórios de atuação dos sujeitos contadores de histórias puderam ser representados nos diversos eventos e momentos de diálogos individuais e coletivos até a finalização da coleta de dados. Desse modo, ao longo de todo o processo foram distribuídos 138 questionários apenas para os narradores que possuíam ou possuem algum tipo de ligação com a contação de história. Dentre os 68 questionários (100%) devidamente preenchidos e devolvidos, foram entrevistados 19 contadores de histórias durante a realização da pesquisa de campo (27,9%) (Quadro 2).

Quadro 2 – Total de questionários enviados e preenchidos e devolvidos

TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO	QUESTIONÁRIOS ENVIADOS	QUESTIONÁRIOS DEVOLVIDOS
PMC	35	33
PMV	03	03
PM Viana	01	01
PMJM	01	01
Rede de ensino privada	58 + 28 = 86 ⁶	03 + 15 = 18
UFES	03	03
OSCIP Colorir	02	02
Autônomos	07	07
TOTAL:	138	68

Fonte: Produzida durante a realização da pesquisa.

Barreiras geográficas, de tempo e outras dificuldades do dia a dia

⁶ No primeiro contato estabelecido com essa unidade escolar foram distribuídos 58 questionários para professores da educação infantil que participaram do curso de contadores de histórias e na segunda fase 28 questionários do ensino fundamental, totalizando 86 questionários entregados.

impediram que a totalidade dos questionários fossem preenchidos e entrevistas realizadas. Mesmo não conseguindo agendar os momentos de diálogos com todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa, tornou-se possível identificar a relevância da atuação do narrador nos territórios de informação, educação e cultura.

Estabeleceu-se contato com bibliotecários, professores, atores e contadores de histórias autônomos que atuam ou atuaram em diversas instituições do Estado do ES públicas, privadas e com outras características: Empresa A Mala Produções; Grupo de Contadores de Histórias Chão de Letras da Biblioteca Pública Municipal de Vitória Adelpho Poli Monjardim (FAFI); Grupo Experimental de Contadores de Histórias da UFES (GECHUFES) via Projeto de Extensão Informação e Cultura e outras estruturas de ensino e pesquisa desta Universidade; Grupo Filhos de Griô do Museu Capixaba do Negro (MUCANE); Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC); Prefeitura Municipal de Jerônimo Monteiro (PMJM); Prefeitura Municipal de Viana (PM Viana); Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV); Prefeitura Municipal de Vitória (PMV); Projeto Colorir (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP) e Rede de Ensino Privada de Vitória⁷.

Encontros coletivos em eventos e roda de conversas foram utilizados para reunir um maior número de narradores principalmente na fase das entrevistas, resultando no estabelecimento de diálogos com os sujeitos narradores. As entrevistas foram realizadas com narradores de histórias profissionais presencialmente, individualmente e em grupo. Com isso, os contadores de histórias esclareceram aspectos relacionados com a sua área de atuação, atividades desenvolvidas no campo da narrativa oral e atividades paralelas (Quadro 3). Nessa fase a aplicação dos indicadores de perfil e contexto teve continuidade, auxiliando na identificação de pontos importantes no processo de diálogo, assim como também foram realizados encontros coletivos para a aplicação dos questionários e observação do campo.

⁷ Tendo em vista que foram entrevistados professores de duas instituições privadas, pertencentes ao ensino fundamental que também oferecem educação infantil ao município de Vitória, nesta obra optamos por essa denominação para identificá-las.

Quadro 3 – Identificação dos entrevistados, das atividades desenvolvidas no campo da contação de histórias e atuação paralela⁸

ENTREVISTADO	ATUAÇÃO PARALELA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Narradora Biancardi	Professora - Ensino Superior	Narradora profissional, voluntária, formadora e pesquisadora
Narradora Bossois	Terapeuta Holística – Autônoma	Narradora profissional e voluntária
Narradora Broseguini	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional, voluntária e formadora
Narradora Célia Oliveira	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional e bibliotecária
Narrador Fernandes	Psicopedagogo – OSCIP	Narrador profissional e formador
Narradora Helena Silva	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional e bibliotecária
Narradora Kruger	Professora – Autônoma	Narradora profissional, formadora e empreendedora cultural
Narradora Magalhães	Advogada – Autônoma	Narradora profissional, voluntária e formadora
Narradora Mendonça	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional e formadora
Narrador Moraes	Professor - Ensino Superior	Narrador profissional, formador, pesquisador e escritor
Narradora Oliveira	Professora – Autônoma	Narradora profissional e formadora
Narrador Pereira	Professor – Autônomo	Narrador profissional, voluntário e formador
Narradora Pereira	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária

⁸ Foram selecionadas atividades e áreas de atuação mais citadas pelos contadores de histórias no processo de entrevistas, assim como, todos foram considerados como contadores de histórias profissionais com ou sem remuneração específica.

Narradora Samôr	Escritora – Autônoma	Narradora profissional, voluntária e escritora
Narradora Sampaio	Professora - Ensino Fundamental	Narradora profissional, formadora, pesquisadora e escritora
Narradora Santos	Pedagoga – Autônoma	Narradora profissional e formadora
Narradora Uliana	Bibliotecária Escolar - Ensino Fundamental	Narradora profissional bibliotecária
Narrador Valadares	Bibliotecário Escolar - Ensino Fundamental	Narrador profissional e formador
Narradora Varejão	Pedagoga – Educação Infantil	Narradora profissional, formadora e pesquisadora

Fonte: Produzido durante a realização da pesquisa.

A coleta de uma amostra heterogênea dos dados fornecidos pelos narradores *capixabas*⁹, fora feita à luz das categorias dos indicadores de perfil e contexto, de forma que o diálogo necessário a uma abordagem transdisciplinar ocorresse. Tendo em vista que o estabelecimento de contato ocorreu em oficinas, cursos, seminários e outros tipos de eventos, requereu um conhecimento da atuação desses atores sociais em territórios de informação, educação e cultura.

A realização de eventos promovidos por projetos de extensão e pesquisa foram essenciais em todas as etapas da pesquisa e, principalmente, na fase de aplicação do questionários e realização das entrevistas. Torna-se importante reafirmar que os questionários foram preenchidos presencialmente e, em alguns momentos virtualmente, devido dificuldades de tempo e geográfica por exemplo. Como forma de garantir o estabelecimento de contato, foram utilizadas as potencialidades das TIC, alcançando-se, assim, contadores de histórias que mostraram dificuldade em participar de encontros presenciais que comumente foram oferecidos.

⁹ Os termos *capixaba* ou *espírito-santense* são utilizados para indicar os sujeitos nascidos no Espírito Santo, ao mesmo tempo que também designam monumentos, serviços e produtos desse Estado.

Tendo em vista que do trabalho o campo culminou em trocas e compartilhamento de ideias no formato de entrevistas¹⁰, o desdobramento dos assuntos abordados nos processos de interação tomaram rumos diferenciados devido a liberdade que um roteiro semiestruturado ofereceu aos participantes. Na medida em que novas questões surgiram foram imediatamente acrescentadas às categorias de análise. Processos de observação mais efetivos no campo aconteceram em uma escola da Rede de Ensino Particular (Vitória/ES), na biblioteca escolar da EMEF Aristóbulo Barbosa Leão (PMV/ES), no Espaço infantil de uma livraria em Vitória (ES) e no Museu Capixaba do Negro (MUCANE) (Vitória/ES). Essa fase teve como meta identificar competências necessárias às conexões centralizadas, descentralizadas e distribuídas dos contadores de histórias.

No **quarto momento** procedeu-se a uma análise do material observado no campo da pesquisa, culminando na apresentação de dados percentuais que, em alguns momentos, são visualizados em gráficos, tabelas e imagens ao longo dos capítulos 2, 3, 4 e 5. Os dados obtidos à luz da identificação das competências dos narradores de histórias foram analisados com a contribuição dos diálogos estabelecidos com os narradores entrevistados. Nessa fase também rascunhou-se um desenho da rede dos contadores de histórias que participaram da pesquisa possibilitada pelos indicadores de perfil e contexto. No que se refere ao processo de representação gráfica dessa rede de colaboração, destaca-se o auxílio do software UCINET¹¹.

Após esse processo trabalhou-se com o planejamento de uma rede colaborativa voltada para a realidade da atividade do contador de

¹⁰ As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes que permitiram a divulgação dos dados e das imagens relacionadas ao seu trabalho no âmbito profissional e humano. No processo de gravação, utilizamos técnicas da História Oral para que o participante estivesse mais integrado com o processo e, em seguida, essas técnicas contribuíram para a transcrição das gravações. Um processo de observação do campo mais efetivo, apareceu como uma consequência dos diálogos.

¹¹ A representação das redes teve a coordenação da professora doutora Daniela Lucas lotada no Departamento de Biblioteconomia da UFES. Tendo, com isso, o auxílio do software “UCINET 6.586” que instala automaticamente a ferramenta de desenho digital livre “Net Draw 2.155”. Para isso, utilizou-se o manual na versão em Português (ALEJANDRO; NORMAN, 2006).

história. Obviamente essa etapa teve como meta dialogar sobre a proposta de um modelo ideal em que o narrador de histórias capixaba e de outras regiões pudesse entender a dinâmica das suas conexões e efetivar relações com seus pares (companheiros de atividade), público e outros sujeitos interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da narrativa oral. A proposição da rede aparece como um método de interlocução levando em consideração o acesso, o uso e o compartilhamento de uma informação efetivamente direcionada à prática do narrador de histórias, de modo que possa atender às demandas profissionais impostas pela sociedade da informação.

Por meio de um diálogo fluído entre pesquisadores e narradores tornou-se mais fácil pensar em estratégias situadas no campo da Ciência da Informação. Adotando, com isso, a abordagem transdisciplinar observaram-se mudanças nas paisagens do trabalho do contador de histórias e propuseram-se novas possibilidades de análises entre os anos de 2016 a 2017. Delimitaram-se importantes contornos acerca das “competências narrativa e em informação” dos narradores de histórias, bem como realizaram-se ações significativas no campo da pesquisa e extensão universitária que coexistiram com o planejamento de um modelo de rede de colaboração voltado para a prática do sujeito narrador.

O modelo apresentado ao final da obra (capítulo 5) é proposto como forma de representação e entendimento das paisagens das redes que se constituem no campo de uma atividade baseada em um trabalho real que passa por mudanças, se formando e conformando na era da informação. Porém, chega-se a constatação de que a proposta da rede somente poderá ser implantada com a aquiescência e gestão colaborativa dos narradores de histórias, por hora conectados em redes sociais e eventos que comumente são realizados pela academia, livrarias, escolas e outras esferas de promoção cultural e de aprendizagens (formais e informais).

Ao finalizar esse momento de apresentação com o resumo de algumas ações que contribuíram com processos de observações, análises e diálogos compreendidos entre os anos de 2012 a 2017, visualiza-se um exercício em termos reflexão acerca dos temas competência, narrativa e conexão em redes no âmbito da pesquisa e extensão universitária.

Inicialmente as atividades que permitiram trabalhar com a proposição e divulgação das ações de pesquisas, foram realizadas em parceria com os projetos extensionistas “No balanço das redes dos contadores de histórias (n. 52938 SIEX UnB)” e “Informa-Ação e Cultura (n. 401113 SIEX UFES)”.

Tendo iniciado o processo de constituição das bases teóricas da pesquisa em 2012 e planejado as estratégias que consubstanciariam o processo de investigação em 2013, realizou-se na Biblioteca Demonstrativa de Brasília (BDB) o “I Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias”, registrado como atividade de extensão da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB. Esse evento teve uma continuidade em 2014 com o “II Seminário No balanço das Redes” que aconteceu no contexto do “II Seminário de Integração em Ciência da Informação (II SEMINT)” no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) sob a égide do Doutorado Interinstitucional em Ciência da Informação firmado entre a UnB e UFES.

O “Fórum de discussão: *Information Literacy*, possíveis caminhos e reflexões” realizado no ano de 2015, em parceria com o Projeto de Extensão “Informa-Ação e Cultura” e Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª Região (CRB6), ao receber o apoio do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI (n. 5601/2014 PRPPG UFES)” promoveu uma oficina sobre competência em informação e outra sobre competência narrativa. Com essas atividades complementou-se o trabalho de observação do campo e dialogou-se com possíveis narradores indicados para o mapeamento da rede.

Enquanto que no ano de 2016 intensificou-se o trabalho de divulgação dos resultados da pesquisa em apresentação de trabalhos, em cursos de formação e palestras ministradas em parceria com os pesquisadores e narradores, em 2017 fora realizado o “III Seminário No balanço das redes dos contadores de histórias”, encerrando, com isso, as ações de proposição da rede colaborativa. Nessa etapa de finalização a última versão desse seminário esteve ligada ao “III Seminário de Contadores de Histórias” alimentado por dois anos consecutivos, 2015 e 2016, pelo desejo do Centro de Educação da UFES em compartilhar produções

científicas (teóricas e práticas) pertencentes à área da narração oral no ES e em outros Estados brasileiros.

Essas e outras ações que nesse momento não foram citadas compreenderam aspectos relacionados com a prática e a necessidade de formação de narradores de histórias, professores, bibliotecários e demais membros da comunidade interna e externa à Universidade brasileira. Durante os diálogos que foram estabelecidos destacam-se parcerias importantes entre os sujeitos do Grupo de Pesquisa Competência em Informação da UnB, da Biblioteca Demonstrativa de Brasília, da Biblioteca Central (BC) da UFES, do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE), do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec), Grupo de Pesquisa Competência em Informação e Processos Inter-relacionados, Projeto de Pesquisa No balanço das redes dos contadores de histórias e extensionista Informa-Ação e Cultura. As atividades que giraram em torno da pesquisa e extensão universitária foram importantes para o processo de diálogo acerca das competências necessárias para a conexão em redes do narrador contemporâneo.

Tendo em vista que a proposição de um modelo ideal de rede de colaboração apresenta-se como possibilidades que não se esgotam com os caminhos trilhados no campo da pesquisa e extensão representados nesta obra, considera-se que seja ponto de partida para a implantação de planejamentos de redes de colaboração no âmbito da contação de histórias. Torna-se, então, necessário considerar as trocas que foram estabelecidas nos processos de diálogos entre os sujeitos (emissor e receptor; receptor e emissor), submersos em um processo extensivo de comunicação e imbricados por uma memória que é social e ao mesmo tempo coletiva, constituindo-se, pouco a pouco, nos territórios de atuação de um sujeito narrador que tem como missão disseminar a narrativa oral.

CAPÍTULO I

TEXTOS E CONTEXTOS DAS COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO E NARRATIVA

Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele. Ou melhor, esses traços aparecem, como um rosto humano ou um corpo de animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação (BENJAMIN, 1994. p. 197).

O ERA UMA VEZ NA ABORDAGEM DA PESQUISA E AS TRANSGRESSÕES METODOLÓGICAS

A distância necessária para que em determinados momentos a arte do narrador seja observada e destacada (BENJAMIN, 1994), de forma alguma se aplica em processos investigativos direcionados ao intercambiamento da competência em informação e narrativa oral. Ao misturar ficção com realidade reflete-se sobre a importância de processos de interação mais efetivos nas estratégias metodológicas no campo da oralidade. Por esse ângulo, recorre-se a uma história que expõe que a ausência de diálogos e o silêncio era algo que um certo rei apreciava. Precisamente, no conto de Colasanti (1985) um jovem monarca ordenou construir altíssimos muros ao redor do seu castelo, determinando que por cima das torres, dos telhados e dos jardins passasse uma imensa redoma de vidro para que nenhum som pudesse entrar.

Nesse cenário fictício percebe-se o momento em que as palavras acumulavam-se pelos cantos, frases serpenteavam na superfície dos móveis e interjeições salpicavam nas tapeçarias. Tudo teria continuado da mesma forma caso um *murmúrio* e um *rasgo de conversa* não fosse acolhida. A partir desse momento, a lembrança das palavras e da oralidade perpassava

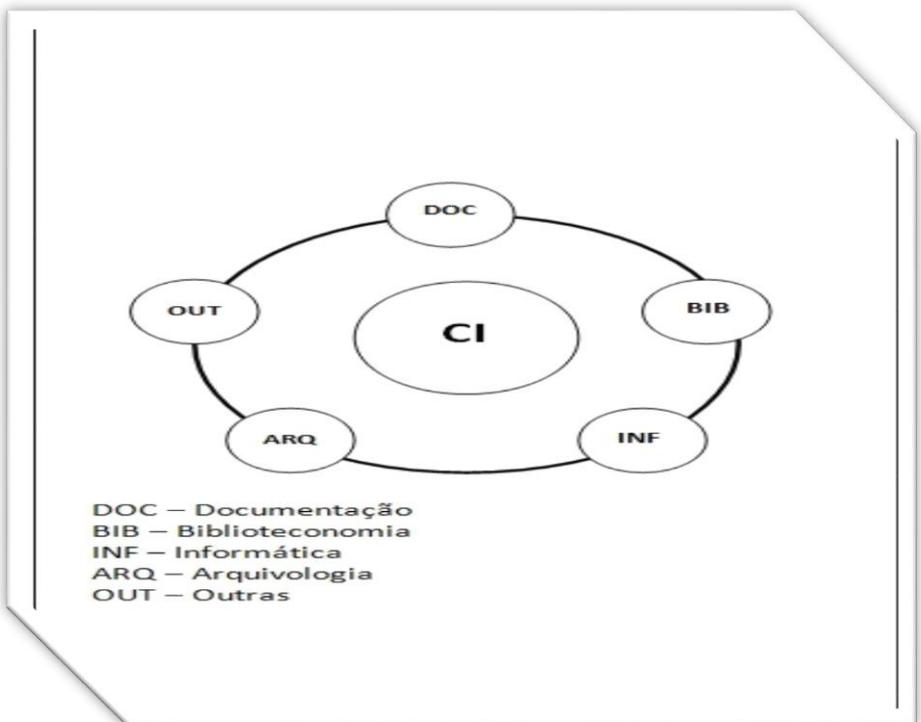
[...] por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, epístolas, ditados, sonetos, epepeias, discursos e recados, e ao longe – maritacas – um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo, e que, aos poucos, em liberdade se vão (COLASANTI, 1985, p. 92).

Da mesma maneira práticas da Ciência Moderna pautadas na disciplinaridade costumam construir redomas em torno de estratégias metodológicas, impedindo, muitas vezes, que um diálogo mais efetivo seja fomentado entre as disciplinas e as diversas áreas do saber. O pesquisador contemporâneo costuma reverter essa situação quando utiliza métodos, ferramentas e estratégias que atendam às demandas sociais. Os caminhos adotados para a realização de processos

investigativos, principalmente nas áreas humanas, precisam culminar em diálogos e trocas de experiências, compreendendo, com isso, saberes e fazeres dos atores na sociedade da informação.

A Ciência de um modo geral pode ser relegada a um isolamento imposto pelo pensamento positivista que fortalece a monodisciplinaridade (abordagem que permite integrar apenas uma disciplina ou área do conhecimento) e o especialismo. Por outro lado, a interdisciplinaridade presente em ambientes de produção científica, aparece como uma solução para o início de uma integração dos conhecimentos e, com isso, não se pode negar a relevância dessa abordagem que acabou por constituir a Ciência da Informação em processos ligados à pesquisa e técnicas investigativas.

Figura 1 – Interdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação.



Fonte: Gerlin e Simeão (2017).

Tendo em vista que com essa abordagem há uma abertura para a criação

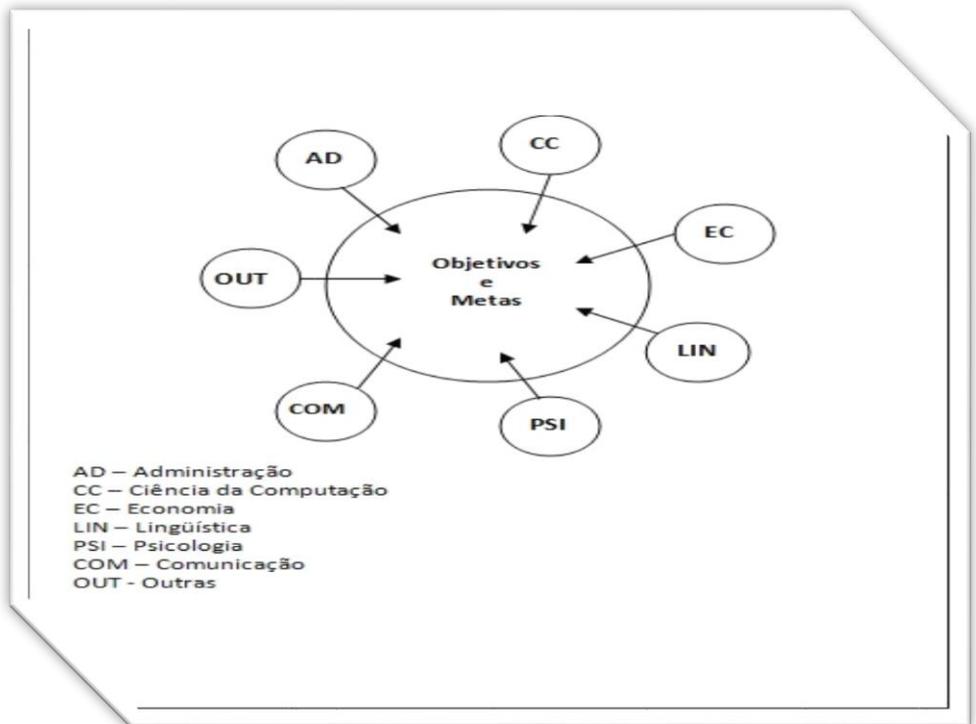
de uma diversidade de estratégias metodológicas, constantemente é adotada pela Ciência da Informação. Por ser capaz de transgredir o que por muito tempo esteve posto pela disciplinaridade, acaba requerendo que cada especialista transcenda a própria especialidade, para isso, devendo ainda considerar os seus limites e apenas acolher as contribuições das outras disciplinas (Figura 1). Com a interdisciplinaridade não apenas as práticas dos especialistas passam a ser consideradas como válidas mesmo que ainda esteja presa às disciplinas. Existe uma consideração acerca dos saberes e fazeres dos sujeitos que atuam em diversos campos do conhecimento. Tende a possibilitar a ideia de incorporação dos resultados entre várias disciplinas, “[...] tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise, a fim de fazê-los integrar depois de havê-los comparado e julgado” (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995, p. 14).

Essa abordagem propõe uma ruptura com a monodisciplinaridade, porém, suas ações acabam requerendo uma *integração mais efetiva entre as disciplinas*, bem como a adoção de metodologias que proporcionem processos de diálogos para além delas. O exposto poderá ser obtido com a transdisciplinaridade que acrescenta um olhar diferenciado aos processos de pesquisas que exigem um diálogo mais efetivo. Acredita-se que a prática transdisciplinar seja uma solução para os problemas na área da Ciência da Informação, fazendo-se necessário pensar permanentemente na reforma do pensamento conforme pontua Morin (2003).

No que se refere a uma pesquisa voltada para a identificação de competências e conexões em redes dos narradores de histórias, esta obra adota não apenas a abordagem interdisciplinar, mas também a transdisciplinaridade. Com a finalidade de trabalhar com a identificação das “competências em informação e narrativa” dos contadores de histórias contemporâneos e, por conseguinte, na proposição de um modelo de rede colaborativa, visualiza-se com a transdisciplinaridade uma forma de promover a integração da prática do narrador contemporâneo com outros fazeres, ultrapassando as barreiras disciplinares ao possibilitar que outras áreas do conhecimento permitam integração entre os saberes e livre trânsito de um campo do saber para outro (BICALHO; OLIVEIRA, 2011).

Adotar uma perspectiva transdisciplinar no campo da Ciência da Informação requer uma mudança epistemológica e não apenas metodológica. Solicita assumir um nível de integração não apenas disciplinar, tendo em vista que não pode haver nenhuma fronteira que impossibilite a integração do saber popular ao qual recorrem os narradores de histórias por exemplo. Dessa forma nenhum conhecimento poderá ser considerado como mais importante do que o outro, instaurando momentos de comunicação horizontais entre narradores, pesquisadores, colaboradores e outros sujeitos (GERLIN; SIMEÃO, 2017).

Figura 2 – Transdisciplinaridade no contexto da Ciência da Informação



Fonte: Gerlin e Simeão (2017).

Na tentativa de compreender o mundo atual com a intensificação do uso das novas tecnologias, com a transdisciplinaridade pode-se dialogar não necessariamente apenas no contexto de uma disciplina (PINTO, 2007).

Com essa abordagem os conhecimentos, as habilidades técnicas e as atitudes no campo da narrativa oral podem ser consideradas como uma práxis inovadora (teoria e prática transformadora) no campo da informação. O diálogo estabelecido entre pesquisadores e narradores pode constituir-se como uma possibilidade de ampliar a aquisição de informação e produção de conhecimento, assim como a interação efetiva com diversas áreas de informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e outras) e com outras disciplinas (como a Administração, Ciência da Computação, Economia e outras) que passaram a constituir a Ciência da Informação (Figura 2).

A ausência de diálogo entre as disciplinas pode culminar na dificuldade de estabelecimento de contato dos pesquisadores com a sociedade, desse modo, as abordagens inter e transdisciplinares aparecem como uma postura da Ciência Contemporânea, em contraposição ao especialismo imposto pela Ciência Moderna (GERLIN; SIMEÃO, 2017). Com a adoção principalmente da abordagem transdisciplinar, há uma ação desenvolvida numa perspectiva

[...] que envolve aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda e qualquer disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual, na qual um dos imperativos é a unidade de conhecimento (PINTO, 2007, p. 111).

A adoção dessas abordagens torna possível entender como se deu as transgressões disciplinares refletidas nos territórios de Educação, Informação, Cultura e outros. A transgressão metodológica aparece como uma essência do trabalho transdisciplinar proposto e comprometido com o estabelecimento de contatos mais efetivos que possam transcender práticas comumente impostas (ESPÍRITO SANTO, 1996; GERLIN; SIMEÃO, 2017). O rompimento com os modelos tradicionais ainda existentes, apresenta-se como uma exigência imposta pela contemporaneidade e como “[...] uma possibilidade de articulação entre a teoria e a ação direcionada para constituição de uma práxis [outrora] fundamentada no campo da disciplinaridade” (PINHEIRO, 2007).

Tanto a abordagem inter quanto transdisciplinar permitem pensar em

trabalhos que rompem com a disciplinaridade, ao visualizar processos de conhecimento gerados de modo diferente da Ciência tradicional (monodisciplinar e envolta por especialidades). Assim sendo, o planejamento de uma rede distribuída no campo da narrativa oral acaba requerendo trabalhos que sejam atravessados pelo diálogo que essas duas abordagens possibilitam. Diante da efetivação de uma pesquisa que deu origem a esta obra, contextualizou-se a necessidade de pensar e colocar em prática estratégias que conseguissem propor soluções para um problema de pesquisa social complexo e inserido no campo da Ciência da Informação.

Tomanik (2004, p. 169) dá visibilidade aos processos de pesquisas sociais nos quais o cientista participa do cotidiano das populações pesquisadas, apresentando esse tipo de atividade como sendo “[...] realizada dentro de um contexto social, influenciada, ou mesmo determinada por este contexto”. Numa experiência como essa, o cientista social sofre influências, tendo em vista suas próprias convicções e os interesses do grupo com o qual mantém contato, estabelecendo assim uma relação que não é baseada na neutralidade. Muitas vezes esse sujeito faz parte do próprio grupo com o qual está pesquisando e junto a ele acaba propondo novos contornos para as questões que lhes são apresentadas.

O exposto por Tomanik (2004) remete a abertura dos diálogos estabelecidos com os sujeitos narradores tendo em vista a opção por um trabalho mais voltado para a transdisciplinaridade sem, com isso, deixar de receber a contribuição da interdisciplinaridade, o que permitiu que também fosse estabelecido um contato mais direto entre os saberes e fazeres dos acadêmicos e atores narradores da pesquisa. Na mesma direção, o conto de Marina Colasanti (1985, p. 88) novamente auxilia ao processo de contextualização da necessidade de uma aproximação mais direta entre os pesquisadores e sujeitos da pesquisa, que entre processos de comunicação constituíram a sua profissão e, que ao atuar, em espaços tempos de informação, educação e cultura, permitiram a conformação de estruturas de conexões efetivas e cada vez mais descentralizadas.

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, NARRATIVA E CONEXÕES EM TERRITÓRIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA

O contador de histórias pode ser descrito como um mediador que se apropria de técnicas de origem da cultura oral, ao mesmo tempo em que utiliza recursos que as tecnologias de escrita, informação e comunicação oferecem. Esse sujeito narrador costuma atuar em territórios de informação, educação e cultura, a saber: bibliotecas, residências, escolas, web/internet¹² e outros espaços de mediação da informação narrativa. Ao adquirir técnicas e conhecimentos diferenciados para o exercício de sua profissão em centros urbanos e interioranos, acaba desenvolvendo uma ação que fortalece a cultura regional. A atividade do contador de histórias penetra os centros urbanos, o interior e as comunidades mais tradicionais, definindo, assim, ao longo dos séculos XX e XXI uma profissão que se fortalece com a prática da narrativa oral (MATOS, 2014).

Em seus territórios de atuação costumam disponibilizar variados serviços que podem ou não ser baseados nos preceitos da abordagem da ação cultural, um ideal em termos de oferecimento de atividades específicas no âmbito da prática do contador de histórias. Entende-se por ação cultural uma atividade em que se contempla etapas flexíveis no processo de planejamento de um serviço ou produto cultural. Para que uma atividade possa assim ser caracterizada deve envolver todos os atores interessados no processo cultural, ao gerar possibilidades de transformação da realidade vivida (COELHO NETTO, 2002).

A ação cultural se diferencia da animação e fabricação pelo motivo de considerar o sujeito como um ator participante no processo de narração, espetáculos, produção de vídeos e outras atividades relacionadas com a contação de histórias. Enquanto que na animação (atividade diversionista) e fabricação (atividade ideológica) apenas o narrador é o sujeito do processo e os ouvintes são meros objetos que não são convidados a participar em momento algum. Um planejamento no campo da ação cultural tende a reduzir riscos e incertezas,

¹² A internet é uma rede de computadores que se constitui como uma grande rede digital, assim como a World Wide Web (referenciada apenas como Web) é um ambiente de rede (CASTELLS, 2003).

compreendendo etapas desde o fomento do diálogo até a reflexão da prática narrativa (GERLIN; BARCELLOS, 2017).

No caso da ação cultural, a memória social e coletiva dos sujeitos (narrador, ouvinte, colaboradores, etc.) são consideradas desde o processo de planejamento até o momento do oferecimento dos produtos ao público. A memória social está ligada ao modo como os indivíduos se identificam, ao mesmo tempo em que também representam o campo das representações coletivas. “Ora, fazer avançar o pensamento sobre a memória social implica questionar a evidência dessa relação e das ideias que aí se encontram inter-relacionadas” (GONDAR, 2005, p. 23).

O sujeito narrador evoca fatos passados ao receber a interferência dos grupos sociais aos quais pertence. Nessa direção seria possível colocar que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que [...] muda segundo as relações **mantidas** com outros ambientes” (HALBWACHS, 2013, p. 69, grifo nosso)”. A memória coletiva é constituída pelas memórias individuais, mas não se confunde com elas devido se fundamentar nas reminiscências de diferentes grupos. Desse modo, a memória social pode ser compreendida no contexto da abordagem transdisciplinar (GONDAR, 2005), ao considerar o inter-relacionamento dos conteúdos produzidos entre disciplinas e saberes populares que atravessam a memória do contador de histórias.

Trabalhar com ações no campo da narração oral que possam compreender ao mesmo tempo uma memória coletiva e social, acaba requerendo considerar movimentos culturais gerados por narradores de histórias com a contribuição dos grupos sociais organizados em redes. Atividades no âmbito da oralidade que envolvam a ação cultural costumam privilegiar a memória coletiva e permitem o compartilhamento de experiências. Oferecem serviços e produtos que possam dar um retorno à coletividade e criam condições para uma transformação social na sociedade contemporânea (GERLIN, 2011).

A denominação narrador ou contador de histórias contemporâneo, geralmente referencia um sujeito que atua nos grandes centros urbanos (BUSATTO, 2011), adquirindo técnicas em cursos *on line*, oficinas presenciais e outros eventos em espaços híbridos, mas que também atua

em comunidades de origem conservando características mais tradicionais. Considera-se como narrador contemporâneo tanto o narrador que aprende artesanalmente o ofício, quanto aquele que participa de cursos de formação no meio urbano aperfeiçoando-se profissionalmente para atuar em escolas, bibliotecas, web e noutros espaços.

Na atualidade o narrador contemporâneo faz uso das tecnologias de escrita e informação, sendo também influenciado pelos meios de comunicação que o cerca no espaço presencial e no ciberespaço (GERLIN; SIMEÃO, 2015). O ciberespaço, também conhecido como espaço virtual, estimula o uso de recursos tecnológicos (computadores, celulares, etc.) que facilitam as interações profissionais e humanas desse ator social. O ambiente de aprendizagem virtual fortalece o uso de ferramentas que facilitam as conexões em redes sociais e digitais, viabilizando a reinvenção de um espaço desprovido de significado central, configurando um sistema em desordem e com uma transparência labiríntica segundo coloca Lévy (2010).

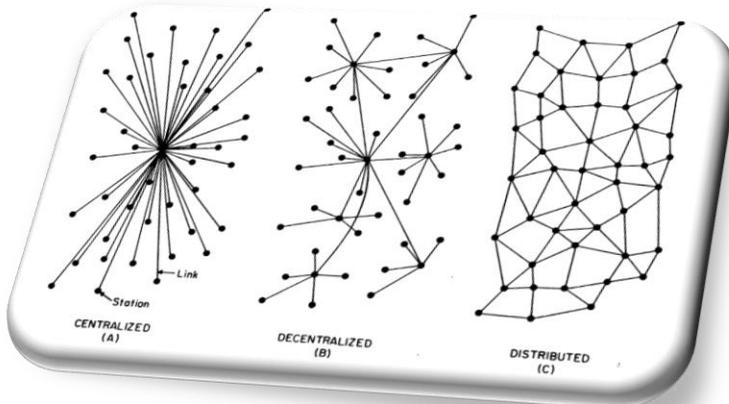
O ciberespaço resulta de um movimento de experimentação de comunicação coletiva e é por conta disso que se presencia a abertura de um novo ambiente de comunicação, de busca de informação e produção de conhecimento. Cabe, então, explorar as potencialidades desse “[...] ambiente inédito [que] resulta das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas técnicas dentro de uma perspectiva humanista” (LÉVY, 2010, p. 12).

A rede social pode ser entendida como um conjunto de nós interconectados, responsáveis pelo entrelaçamento de uma diversidade de atores em contextos híbridos (presenciais e virtuais). Essa estrutura de conexão, atualmente potencializada pela internet por uma comunicação síncrona e assíncrona, transforma-se numa importante ferramenta de disseminação da informação e de organização do conhecimento humano, tendo como base duas características: a comunicação livre e horizontal (liberdade de expressão de muitos para muitos) e o surgimento de comunidades virtuais no ambiente digital (CASTELLS, 2003; UGARTE, 2008).

A comunicação assíncrona torna viável uma interação imediata entre os sujeitos na era da informação, enquanto na comunicação assíncrona a expectativa de resposta não é realizada em tempo real (RECUERO, 2009). Apropriando-se dos avanços trazidos pela *web*, ambiente digital em rede da internet, o narrador profissional se utiliza de uma diversidade de recursos de comunicação com a finalidade de trabalhar com a divulgação de produtos e serviços que comumente são oferecidos em territórios de educação e cultura presenciais (FLECK, 2007).

A influência da internet vai além da quantidade de sujeitos a ela conectados, diz respeito a qualidade de uso que dela se faz dela. Mediada por computadores, celulares e outros equipamentos eletrônicos, caracteriza-se como uma espinha dorsal de comunicação e, por conseguinte, apresenta-se como uma rede que interliga várias outras. Evidencia-se como uma ferramenta de comunicação cada vez mais interativa, baseada na integração de uma rede digitalizada, com ampla “[...] capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais” (CASTELLS, 2011, p. 461).

Figura 3 – Rede centralizada (a), rede descentralizada (b) e rede distribuída (c)¹³



Fonte: Baran (1964).

¹³ “Centralized networks (a), decentralized networks (b) e distributed networks (c)” (BARAN, 1964).

Baran (1964) enfoca o potencial das ferramentas de conexão e transmissão, computador e rede de telefonia que por sua vez devem fornecer um serviço acessível para uma ampla gama de usuários em redes digitais de comunicação¹⁴. O estudo desse pesquisador auxilia na proposição dos modelos de redes de comunicação em nossa época e, com isso, inspira o planejamento do modelo de uma rede colaborativa.

A diversidade de composições que as redes podem ter são representadas por meio de três desenhos idealizados por Baran (1964) no século XX (Figura 2). Perante a representação desses desenhos denominados topologias, percebe-se que os mesmos pontos unem as representações das estruturas das redes, porém, com contornos diferenciados. As topologias descrevem modos diferentes de organização de redes de comunicação: centralizada (a), descentralizada (b) e distribuída (c).

Quando Paul Baran escreveu seu famoso relatório, incluiu essa ilustração para argumentar até que ponto uma rede distribuída era algo completamente diferente, em termos de sua natureza, de uma rede descentralizada. Nós a incluímos com o mesmo objetivo, mas se ele imaginava computadores nos pontos que unem os segmentos, nós imaginaremos quase sempre pessoas e instituições. Se Baran imaginava as conexões como linhas e cabos telefônicos, nós veremos nelas relações entre pessoas (UGARTE, 2008, p. 15).

As topologias apresentadas por Baran (1964) tornam-se relevantes para entender uma diversidade de elementos presentes nas redes de comunicação dos contadores de histórias. Contudo, a representação desses três tipos de redes é trazida junto a uma importante constatação: as conexões do narrador contemporâneo não podem ser exemplificadas e classificadas de maneira inflexível a exemplo desses modelos. No que se refere ao contexto das suas conexões compreende-se que a estrutura centralizada ainda seja predominante. “A rede centralizada é vulnerável

¹⁴ Os relatórios produzidos por esse pesquisador em sua época torna visível que seus estudos giraram em torno de uma proposta de conexão de redes voltadas na ocasião para a segurança orgânica militar.

de tal forma que a destruição de um nó central elimina a comunicação entre estações terminais” (BARAN, 1964, p. 1)¹⁵.

Uma rede que tenha uma característica centralizada, ao possuir um único nó central (um único sujeito responsável) diminui consideravelmente a perspectiva de comunicação com os seus outros nós (sujeitos). Numa rede centralizada em que as tarefas são de responsabilidade de um sujeito, acaba-se restringindo a atividade de transmissão da informação para os demais membros do grupo por exemplo. “A rede centralizada é, portanto, aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões” (RECUERO, 2009, p. 57). A estrutura de relacionamento nas redes centralizadas do contador de histórias, torna possível que apenas um nó dessa rede (sujeito narrador) seja responsável por transmitir informação para os demais membros, diferente de um modelo de rede descentralizada em que a hierarquia possui vários centros.

Uma rede descentralizada, em que mais de um sujeito se torna responsável por transmitir informação para os demais membros, ainda apresenta uma característica hierarquizada e não se caracteriza como uma rede distribuída. Numa rede distribuída todos os nós possuem mais ou menos a mesma quantidade de conexões, não há valoração hierárquica desses nós (BARAN, 1964; RECUERO, 2009; UGARTE, 2008). Nela os sujeitos narradores podem estabelecer contato e tornarem-se livres para buscar as informações que são disponibilizadas e para transmitir qualquer outro tipo de informação que julgue necessária. O exposto permite citar que, “[...] toda rede distribuída é uma rede de iguais, ainda que existam **nodos** mais conectados que outros. Mas o importante é que em um sistema desse tipo, a tomada de decisão não é binária” (UGARTE, 2008, p. 26, grifo nosso).

Nas redes distribuídas, por definição, ninguém depende exclusivamente de ninguém para poder levar a qualquer outro sua mensagem. Não há filtros únicos. Em ambos os tipos de rede ‘tudo conecta com tudo’, mas nas distribuídas a diferença está no fato de que um emissor qualquer não tem que passar necessariamente

¹⁵ “The centralized network is obviously vulnerable as destruction of a single central node destroys communication between the end stations”.

e sempre pelos mesmos nodos para poder chegar a outros (UGARTE, 2008, p. 25).

A conexão de milhões de sujeitos hierarquicamente semelhantes no ciberespaço expressa muito bem o exposto. Na internet pode-se visualizar uma rede distribuída na qual os contadores de histórias possam livremente se comunicar com pares, apoiadores e públicos (CASTELLS, 2003; LÉVY, 2010 e 2011). Dessa visualização surge a probabilidade do desenvolvimento de ações efetivas com “[...] *redes distribuídas*, que abrem a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado a outro mundo de poder distribuído. O mundo que estamos construindo” (UGARTE, 2008, p. 25).

Observar, portanto, as redes em que os narradores de histórias estabelecem suas conexões, expressas no espaço presencial e virtual (híbrido), permite explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais dos narradores de histórias. “Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24).

A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. O estudo das redes sociais [no contexto presencial e] na internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos (RECUERO, 2009, p. 25).

A identificação da competência narrativa é relevante para o desenvolvimento de um trabalho com a rede dos contadores de histórias, assim como a articulação de conhecimentos, habilidade e técnicas pertencentes ao contexto da competência em informação é essencial para esta discussão. As habilidades abordadas no campo da área de atuação desse sujeito e no campo da informação, são adquiridas por

meio da experiência da prática cultural e da formação. Por conta do exposto a prática que permite disseminar informações narrativas, acaba requerendo a adoção de técnicas, habilidades e atitudes (competências), como estratégias de busca de textos narrativos, memorização e comunicação que perpassam aspectos cognitivos e sociais.

A (re)escrita de contos brasileiros de origens variadas por exemplo, requer a (re)produção de novas narrativas que, posteriormente, poderão ser armazenadas, buscadas, selecionadas, avaliadas e usadas por meio da narração no formato de livros impressos e em suporte de mídias digitais responsáveis por sua sobrevivência, preservação e disseminação.

A sobrevivência dos contos tem menos a ver com lugares e hábitos preservados do que com a própria essência de suas narrativas. Enquanto as histórias servirem como válvula de escape para um mundo melhor e combustível para a fantasia, elas terão espaços em nossas estantes e grades televisivas (HUECK, 2016, p. 254).

A práxis desse sujeito demanda um constante aprimoramento que pode ser buscado e compartilhado com outros sujeitos nas redes de comunicação (digitais e presenciais). Por conseguinte, associam-se as habilidades e as técnicas componentes da competência em informação ao contexto da competência narrativa identificadas ao longo desta obra, com a finalidade de trabalhar na proposição do modelo de rede colaborativa voltada para a prática dos narradores de histórias contemporâneos.

A competência narrativa do narrador de histórias é composta por habilidades que podem ser adquiridas por meio da experiência e em atividades de formação. As atividades de capacitação geralmente são promovidas em seminários, *chats*, *blogs*, cursos e oficinas presenciais e virtuais, traduzidas como estruturas de aprendizagens formais e informais. Essa competência compreende habilidades comunicativas, técnicas adquiridas e conhecimentos voltados para a transmissão da palavra oral. Esse tipo de competência é necessária para que o sujeito narrador possa pesquisar, preparar e comunicar histórias de interesse de seu público.

Evidencia-se a importância do inter-relacionamento da competência narrativa com a competência no âmbito da informação de forma que se possa buscar, selecionar e usar o texto narrativo. A competência em informação é definida como um processo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e habilidades específicas relacionadas com a informação, bem como com o compromisso do livre acesso e uso crítico da informação e geração de conhecimento (BELLUZZO, 2013).

Destaca-se que a natureza de estudo da competência em informação envolve conjuntos de ideias em relação ao conhecimento aplicado para interpretar e compreender situações ou fenômenos e se fundamenta, em especial, em teorias da Ciência da Informação (BELLUZZO, 2013, p. 68).

Essa competência requer um entendimento acerca da identificação de habilidades que tornam possível a busca, a recuperação e o uso efetivo da informação. Coloca em questão um aprendizado permanente necessário ao contador de histórias, ao considerar as estruturas de comunicação que devem ser apreendidas cotidianamente (BELLUZZO; FERES; KOBAYASHI, 2004).

As habilidades componentes das “competências em informação e narrativa” são essenciais para a pesquisa, o preparo e a comunicação da narrativa. Permitem a disseminação de histórias/contos em regiões interiores e urbanas, atingindo bibliotecas, escolas, praças, ciberespaço, residências e outros espaços tempos que se constituem como territórios em que a oralidade tende a se fortalecer virtualmente e presencialmente com a mediação da informação narrativa. Com o era uma vez disseminado em um conto e com o uso das mais variadas tecnologias, o narrador pode interagir em um (con)texto diferenciado na tela de um celular, computador e de outros equipamentos eletrônicos.

Colocar em análise as competências que o contador de histórias profissional, autônomo remunerado ou sem remuneração específica, adquire, requer considerar a existência de habilidades imprescindíveis numa sociedade potencialmente conectada por redes. Alguns contadores de histórias não recebem remuneração específica, contudo

dedicam-se à prática da narrativa oral ao atuar como professores e bibliotecários em escolas e bibliotecas (GERLIN, 2015). Esses profissionais acabam buscando uma formação específica para trabalhar com a oralidade nesses e em outros territórios de educação, informação e cultura.

Diante do exposto, essa obra procura dar visibilidade a uma frente de pesquisa pautada na inter e transdisciplinaridade que buscou averiguar os conhecimentos (saber), as habilidades (saber fazer) e atitudes (ser) que os contadores de histórias possuem para o desenvolvimento da competência no campo da narrativa e da informação. Tornando visíveis conexões em redes que cada vez mais estão voltadas para a prática profissional. A identificação das competências que o contador de histórias possui e necessita para a manutenção das suas conexões, torna-se relevante para o desenvolvimento de um trabalho numa rede de colaboração. A rede que constantemente é referenciada pode cada vez mais ser entendida como uma estrutura de colaboração constituída a partir de relações de trabalho, culturais, humanas e outras, sendo que a sua maior característica é a estruturação de um conjunto de interações sem hierarquização.

Se por um lado a rede digital possibilita interatividade e compartilhamento de informações, constituindo-se como uma ferramenta importante para o narrador de histórias, por outro lado a rede social não depende de tecnologia e sim da interação dos sujeitos (GERLIN; SIMEÃO, 2015, p. 3).

As habilidades, as atitudes e as técnicas abordadas no campo da área de atuação do sujeito narrador e no campo da informação, também são adquiridas por meio da experiência da sua prática cultural em constante processo de constituição. A práxis desse sujeito demanda um aprimoramento que pode ser buscado e compartilhado com outros sujeitos nas redes de comunicação (digitais e presenciais). A associação das habilidades componentes da competência em informação ao contexto da competência narrativa, conduzem, por fim, a uma meta que consiste no *trabalho com a proposição do modelo da rede colaborativa dos contadores de histórias de forma a ressaltar as competências desse sujeito conectado no século XXI.*

CAPÍTULO 2

UMA ARTE MILENAR BORDADA NO CAMPO DA ORALIDADE: PERFIL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994. p. 205).

INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL: CATEGORIA DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Ações de pesquisa e extensão universitária possibilitam uma aproximação com os sujeitos narradores e, por meio delas, criam-se espaços de reflexões sobre um perfil diferenciado de um contador de histórias profissional que ainda se apropria de uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 1994). Tornam visível uma diversidade de contextos de atuação desses sujeitos conectados em redes (digitais e presenciais) na sociedade da informação. Possibilitam diálogos que conduzem a um conto comumente ouvido nas apresentações desses profissionais: “O mundo” de Eduardo Galeano (2002). À luz dessa história fictícia delinea-se uma imagem diferente da diversidade humana:

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

- O mundo é isso – revelou - Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (GALEANO, 2002, p. 11).

Os contadores de histórias podem ser representados como um *montão de gente* diferente e, com isso, como uma diversidade de sujeitos compartilhando experiências coletivas em territórios de educação, informação e cultura. Cada narrador mantém um brilho diferenciado ao colocar o ouvinte em contato com um fogo sereno que, ao mesmo tempo, queima e deixa sua marca por meio da oralidade. Esse grupo poderia muito bem ter sido retratado por Galeano (2002), expondo a dinâmica de um trabalho extraordinário e tendo em vista que o ato de narrar auxilia no tecido de uma variedade de histórias fictícias e reais.

Os contadores de histórias colaboram para o contexto desta obra

dando visibilidade a uma certa forma de narrar e compartilhar experiências em estruturas de comunicações pessoais, humanas e profissionais. Fornecem, com isso, elementos para identificar competências adquiridas ao longo da vida e, principalmente, aquelas que necessitam para conectar-se em redes de colaboração. Possibilitam o delineamento dos indicadores do seu perfil profissional por meio da exploração da “categoria dados pessoais e profissionais” acompanhada da descrição dos respectivos temas tratados no decorrer deste capítulo (Quadro 4):

Quadro 4 – Descrição de temas que compõem a primeira categoria dos indicadores do perfil profissional

INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL		
Categoria dados pessoais e profissionais	TEMAS	TEMAS
	Identificação pessoal (nome, idade, sexo)	Tipo de ligação com a área da contação de histórias (profissional remunerado, voluntário, etc.)
	Início na carreira (ano e século)	Desenvolvimento de atividades relacionadas com a arte de narrar (narrador, formador, pesquisador, etc.)
	Profissões paralelas relacionadas com a arte de narrar	Territórios de desenvolvimento das atividades de contação de histórias

Fonte: Produzido durante a realização da pesquisa.

Os indicadores do perfil profissional permitem a verificação de que a maioria dos narradores possui até 50 anos de idade (86,77%) e pertencem ao sexo feminino (89,70%), sem, com isso, desconsiderar a representatividade menor do sexo masculino (10,30%) (Tabela 1). Esse último dado remete a uma questão social fortemente relacionada ao gênero, cabendo refletir o motivo de muitas vezes avós, mães e professoras permearem o imaginário social como narradoras de histórias. Essa parcela majoritariamente feminina remete ao fato de que

“Em muitas culturas de tradição oral, as avós [...] Contam histórias que transmitem os frutos do seu aprendizado sobre a vida para o benefício das gerações futuras” (MATOS; SORSY, 2009, p. 37).

Tabela 1 – Gênero, faixa etária e início da atividade de contação de histórias

Variável	Categoria	%
Gênero	Feminino	89,70
	Masculino	10,30
	Total:	100%
Faixa Etária	Até 50 anos	86,77
	Mais de 50 anos	13,23
	Total:	100%
Início atividade	Século XX	30,90
	Século XXI	48,50
	Sem resposta	20,60
	Total:	100%

Fonte: Produzida durante a realização da pesquisa.

Em nível nacional percebe-se a intensificação do oferecimento de ações de extensão e de programas institucionais voltados para a narrativa oral no século XX. No Estado do ES verifica-se que boa parte dos narradores de histórias iniciou a sua atividade no mesmo período (30,9%) (Tabela I), o que repercutiu positivamente no cenário de atuação no início do século XXI.

No final do século XX houve uma intensificação do processo de narrar e, por conseguinte, da profissionalização do contador de histórias brasileiro (MATOS, 2014). O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)¹⁶ contribuiu “[...] para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, haja vista que considerava essa prática fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros” (FLECK, 2007, p. 222).

As atividades do PROLER constituíram-se como iniciativas ligadas à narrativa oral em diversas regiões brasileiras, incluindo o Estado do ES nesse contexto (MAROTO, 2009). As metas do PROLER foram ao

¹⁶ Instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura (FLECK, 2007).

encontro das estratégias dos grupos criados na universidade brasileira, tendo em vista que ambos fundamentaram-se na ideia de democratização da leitura junto às camadas populares, perpassando os territórios das bibliotecas, das escolas e de outros espaços de mediação da leitura.

Destacam-se as atividades extensionistas do Grupo de Contadores de Histórias da Universidade Federal do Espírito Santo (GECHUFES) que fortaleceu o trabalho com formação de narradores no século XX, prevalecendo até a primeira década do século XXI. O GECHUFES caracterizou-se como um projeto de extensão criado em 1996 pelo Departamento de Biblioteconomia da UFES, tendo como objetivo formar contadores de histórias para atuar no universo capixaba (GECHUFES, 2011).

Desde 1996, em conjunto com a professora Maria da Conceição Carvalho¹⁷, após a criação de um projeto de extensão a gente viu a necessidade de abrir essa área de formação dentro da Universidade. Bem no frígido dos ovos, do surgimento, vem o PROLER e inúmeros programas de formação de leitores tanto para professor leitor quanto para estudantes leitores. E a gente começa, então, a trabalhar com um projeto de extensão nessa área. Depois da comemoração dos 100 anos de Malba Tahan, surge então o Grupo Experimental de Contadores de Histórias da UFES - GECHUFES (Narradora Biancardi).

Os diálogos estabelecidos nos momentos de entrevistas corroboram com estudos publicados na área da narrativa oral, concernentes ao fortalecimento da arte do narrador de histórias no final do século XX. Também expõem um movimento de criação e consolidação de ações de incentivo à leitura no século em questão. Elementos da atuação desse profissional levam a constatação de que o “O contador de histórias pode ser também um mediador de leitura, um leitor experiente capaz de apresentar a outros potenciais leitores o vasto universo dos livros e das histórias” (FLECK; CUNHA, 2015, p. 3).

Particpei do PROLER como formadora em Pancas, Montanha, Mantenópolis, Pinheiros, mais na parte norte do Estado [...]. Tinha o material que a gente preparava

¹⁷ Professora da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, na ocasião era professora do Departamento de Biblioteconomia da UFES e coordenadora do GECHUFES.

[... para] a SEDU¹⁸ [que] cobrava o recurso material [...]. Como incentivo à leitura eu botava algumas músicas chaves, acumulativas, músicas de domínio público. Músicas de mais 300, 400 anos que os portugueses ensinavam. Da colônia portuguesa e que não tem autoria. A Bia Bedran trabalha muito esse tipo de conto, não é? Então colocava [na apostila] algumas dessas músicas porque achava fundamental (Narradora Varejão).

Foi uma surpresa quando os movimentos começaram a se tornar públicos, porque eu sempre fui uma pessoa extremamente tímida. O maior desafio do PROLER foi um movimento grande que a Biblioteca Nacional empreendeu no final da década de 90, de incentivo à leitura. O maior desafio pra mim foi vencer a timidez. Não só a timidez, mas eu acho até que é um pouco de orgulho, sabe? Medo de errar em público. Então hoje eu acho que aprender a contar histórias em público foi uma prova de humildade (Narradora Sampaio).

As ações no campo da oralidade no século XX foram desencadeadas por uma formação direcionada ao incentivo da leitura, tornando-se importantes para o fortalecimento das práticas criadas em torno da narração de histórias. As atividades realizadas em parceria com instituições públicas e privadas, de dentro e de fora do Estado, contribuíram para o fortalecimento da competência do narrador e para a sua atuação em uma diversidade de espaços tempos que exigiram profissionalização.

Ao colocar em análise aspectos relacionados com a prática profissional do narrador no cenário espírito-santense, percebe-se que todos os sujeitos da pesquisa tiveram algum tipo de ligação com essa área (100%), envolvendo-se diretamente com práticas de leitura por meio da oralidade. A maior parte do grupo ainda exerce alguma atividade no campo da narrativa oral (77,95%) e mais da metade desempenha atividades paralelas relacionadas com a contação de histórias (67,65%) (Tabela 2).

Em termos do exercício de profissões paralelas à prática da contação de histórias, os narradores profissionais atuam ainda como: professor do ensino fundamental; professor da educação infantil; professor do ensino superior; bibliotecário escolar e de biblioteca pública; advogado; terapeuta; dentre outras ocupações.

¹⁸ Secretaria de Estado da Educação (SEDU) do Espírito Santo.

A maior parte não recebe remuneração específica (67,65%) para atuar como narrador, contudo desenvolvem um trabalho fixo como contador de histórias em escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, museus e outras instituições. Menos da metade enquadra-se na categoria de profissional remunerado autônomo (32,35%) atuando em territórios de educação e cultura esporadicamente.

Tabela 2 – Atuação profissional e atividades paralelas no campo da contação de histórias

Variável	Categoria	%
Atuação profissional	Atua	77,95
	Não atua	22,05
	Sem resposta	0,00
Total:		100%
Atividades Paralelas	Desenvolve	67,65
	Não desenvolve	29,40
	Sem resposta	2,95
Total:		100%

Fonte: Produzida durante a realização da pesquisa.

A autonomia relaciona-se ao fato de o narrador não estar ligado a um território de atuação por uma profissão paralela mesmo que desenvolva projetos em instituições sem fins lucrativos. Todavia, deve-se também ao desdobramento da capacidade de controlar os insumos utilizados para o desenvolvimento da atividade de narrar.

No fazer dos contadores de histórias, uma das possíveis formas de controle do próprio trabalho é a liberdade de escolha do repertório, assim como, a delimitação de determinadas condições em relação aos trabalhos “sob encomenda” (FLECK, 2009, p. 61).

A atuação autônoma exercita a oportunidade de oferecer uma diversidade de produtos e serviços no campo da narrativa oral, como as

apresentações culturais e a confecção de material didático voltada à formação que acaba por auxiliar narradores iniciantes ou em fase adiantada de profissionalização. Cabe ao narrador atuar como multiplicador da prática milenar de contar histórias, assumindo funções de *formador profissional ou escritor*, por exemplo, compartilhando informações e conhecimentos adquiridos ao longo da vida profissional (Ilustração 1).

Ilustração 1 – Contação de histórias na escola com a escritora e narradora Sampaio



Fonte: ESCRITORA... (2015).

Eu fiz muitos, mas eu ministrei muitos cursos também. Eu tenho uma geração de contadores de histórias que passaram pela minha mão aqui no ES. O Fernando Soledad¹⁹ é um deles. Tem uma turma que fez cursos comigo bem no começo. Quando o PROLER parou de fazer o movimento aqui no ES, eu falei: - Essa coisa não pode parar! [...] Como eu já tenho algum conhecimento e uma experiência eu comecei a escrever algumas coisas e propus um curso no SENAC²⁰ de muitas horas. Nossa já faz muito tempo isso, deve ter tido uns vinte alunos. Foi um curso bem

¹⁹ Contador de histórias, ator e ex-participante do GECHUFES.

²⁰ Serviço de Aprendizagem Comercial (Senac).

interessante, a gente fazia laboratório, gravava e assistia a filmagem e analisava a performance de cada um. Quem tinha vícios de linguagem conseguia se ver ali no vídeo e a gente comentava. Era um grupo assim que todo mundo ia comentando. Foi muito rico esse grupo do SENAC. Depois eu ministrei cursos para professores em escolas, oficinas em escolas também, em bibliotecas, em livrarias, etc. (Narradora Sampaio).

No Estado, daquele período do GECHUFES para cá, eu percebi um crescimento muito grande de pessoas interessando-se pela contação de histórias e se profissionalizando; ganhando um dinheiro com isso. E eu até penso que podia ter pensado nessa vertente, mas talvez não fosse a minha praia me profissionalizar para ganhar dinheiro. Eu já ganhei dinheiro com isso, mas não é aquilo que eu coloquei para mim. Ainda tenho projetos em que conto e a gente possui projetos de incentivo à leitura em que convida os contadores de histórias. E quando acontece um imprevisto me coloco lá pra contar do meu jeito. Também já tive uma experiência num projeto de leitura na Igreja Presbiteriana do "Projeto Ágape" em que a contação de histórias foi mais uma biblioterapia do que simplesmente contar a história e as crianças cantarem (Narradora Broseguini).

A atuação do narrador sem remuneração específica se deve ao fato de estabelecerem um vínculo diferenciado em territórios de educação e informação, por meio de profissões como professores e bibliotecários. O fato de que no campo de atuação coexiste um profissional remunerado que atua autonomamente em diversos territórios e outro que não recebe remuneração para narrar por estar ligado por uma profissão paralela, possibilita identificar duas formas de atuações relacionadas com a área da contação de histórias: o *contador de histórias profissional remunerado autônomo* e o *contador de histórias profissional sem remuneração específica*.

Existem ainda narradores de histórias que se enquadram nas duas categorias de profissionais, atuando sem remuneração específica em uma instituição em quem narra histórias profissionalmente e ao oferecer produtos e serviços como profissional autônomo em uma diversidade de territórios de educação e cultura: remunerado autônomo como micro empreendedor e sem remuneração específica atuando como professor ou bibliotecário escolar são exemplos fornecidos pelos narradores.

Não sou vinculado a nenhuma instituição como contador de histórias, tenho o registro de micro empreendedor individual, um CNPJ. Eu atuo autonomamente. Se fosse citar

algum vínculo seria com a PMV, porque pela Prefeitura dou algumas formações e nela também faço um trabalho na biblioteca em que atuo como contador de histórias (Narrador Valadares).

Em 1970 quando eu já fazia normal, eu contava histórias para as crianças. Eu sou do tempo do normal²¹ ainda. E eu sempre gostei muito de contar histórias para as crianças. Na atualidade eu desenvolvo momentos de contação de histórias, mas não formalmente. [Conto histórias para...] o CMEI²² daqui, que responde por Creche ainda (Narradora Varejão).

Costumo trabalhar como contadora de histórias voluntária. Eu acho que na [biblioteca da] escola atuo como profissional, mas [...] eu comecei na igreja, [local em que] você vai ficar com as crianças e tem que dar um jeito, não é? Na igreja evangélica geralmente é assim. Então comecei faz uns 14 anos, com os pequeninhos de 0 a 4 anos e eu tinha que rebolar porque eles não prestam atenção (Narradora Pereira).

Independente do tipo de vínculo que estabeleça com seu público, autônomo ou ligado à instituição em que atua, importa assumir com maestria a função de um narrador comunicador, formador e outras modalidades. Por meio do desenvolvimento de cursos de formação e apresentações, “O gostoso mesmo é resgatar as possibilidades que as histórias oferecem: educar, ensinar, brincar, encantar, fantasiar, criar, sorrir (GIORDANO, 2013, p. 43).

De fato, a atividade no campo da oralidade assume uma importância significativa perante um ator social que desenvolve uma prática que requer uma aprendizagem contínua (GOMES, 2012). A aquisição de habilidades e técnicas é imprescindível para oferecer produtos e serviços, como a comunicação da narrativa oral baseada em textos de autoria pessoal ou coletiva (FLECK, 2009). Para que isso aconteça, o narrador precisa enxergar-se como *pesquisador* e *produtor* do seu próprio trabalho, envolvendo-se na formação de outros profissionais ou não.

O narrador deve criar espaços de convivência e trocas de experiências com os ouvintes, atuando autonomamente ou de maneira fixa em territórios de informação, educação e cultura, ressignificando as diversas formas de atuação. Ao compartilhar experiências o narrador de histórias

²¹ Curso do ensino médio direcionado para formação de professores, para atuar no ensino infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

²² Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI).

pode tornar-se comunicador, produtor e pesquisador do seu próprio trabalho, assumindo vários tipos de ligações com a área da narrativa oral que se complementam (Ilustração 2).

Ilustração 2 – Curso de Formação com o escritor e narrador Moraes (OSCIP Colorir)

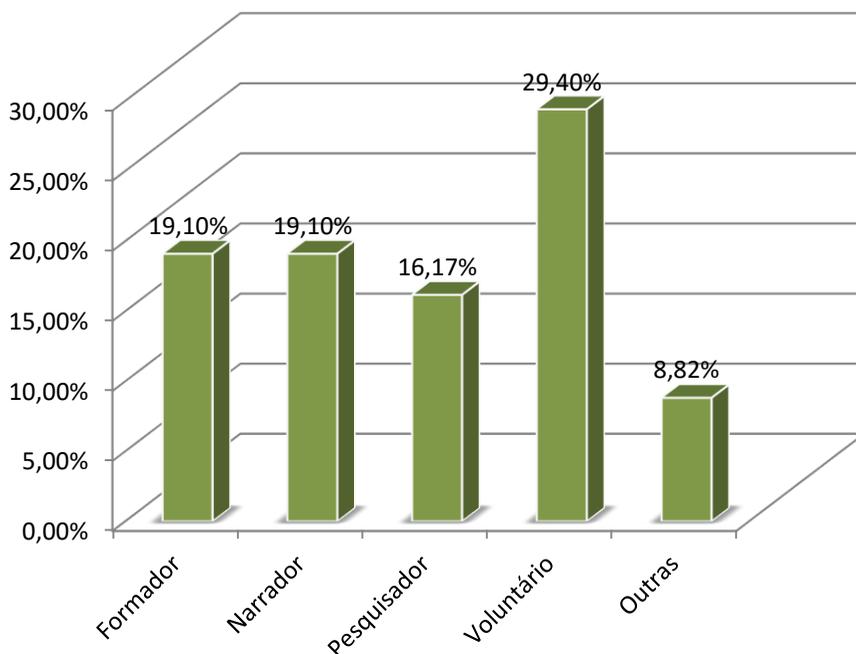


Fonte: PROJETO... (2015).

Dentro das duas categorias que descrevem as formas de ligação que os contadores de histórias têm com a narrativa, identificam-se tipos de ocupações que os ligam à prática de narrar: formador; narrador; pesquisador e voluntário. Dentre elas destaca-se a sua ligação com o voluntariado (29,40%) que tanto o profissional autônomo remunerado quanto o profissional sem remuneração específica costumam desenvolver fora dos seus territórios de atuação (Gráfico 1).

Ao oferecerem serviços e produtos diversificados saem de seu casulo transformando-se em contadores de histórias espetaculares e, para isso, devem buscar constantemente uma (trans)formação no que se refere à aquisição da competência narrativa (habilidades e técnicas específicas da área) necessária para que a mágica do era uma vez aconteça. Foram fornecidas “outras ligações” como as de escritor (4,41%), produtor cultural (1,47%) e promotor cultural (1,47%) que podem ser visualizadas no campo das profissões paralelas.

Gráfico I – Indicadores dos tipos de ligação com a área da contação de histórias



Fonte: Produzido durante a realização da pesquisa.

Durante os processos de observação da prática do contador de histórias, verifica-se que as atividades paralelas como ator, produtor cultural e empresário são, muitas vezes, consequência da arte artesanal de narrar (BENJAMIN, 1994). Para dar conta do desenvolvimento de tantas atividades os narradores podem criar empresas (Ilustração 3), ou ingressarem em grupos institucionais com a finalidade de gerenciar as atividades relacionadas com a contação de histórias.

Que é um trocadilho com amor, não é? O pessoal diz assim: - É “A mala” porque você é uma mala, não é (risos)? E digo assim: - Isso também! Mas o nome veio por conta de amor mesmo. Eu tinha que fazer uma coisa e eu só ia conseguir se eu amasse essa coisa, tinha que amá-la. E de tanto amá-la surgiu “A mala produções”. E na mala você carrega tudo, não é? E o contador de histórias é praticamente um

viajante e o símbolo do viajante é a mala. Juntou tudo isso. [...] Eu até uso uma mala, mas uso mais um baú. Minha marca registrada é um baú. Apesar de eu ser "A mala produções", o baú é o meu xodó. Um bauzão, assim, é o meu xodó. Ele está presente em todas as apresentações (Narradora Kruger).

Ilustração 3 – Contação de histórias com a narradora Kruger - A Mala Produções



Fonte: GAB... (2015).

Destaca-se a ligação de escritor que os narradores possuem com a profissão. Por meio dela se utilizam da tecnologia da escrita e conseguem desenvolver atividades paralelas nos campos da educação e cultura. “Esse contador de histórias também pode ser escritor, bastando que consiga dominar bem ambas as técnicas (falar e escrever), para que assim possa valorizar as duas, quando transfere a literatura oral para a escrita” (GOMES, 2012, p, 34).

Eu usava a história pra conduzir esse ensinamento na área da Educação (Magistério). Foi aí que eu comecei a criar as minhas próprias histórias, os livros que eu já editei. "Zabum" que é para trabalhar as formas geométricas, "João o marinheiro azul" para trabalhar as cores, "Queli e os números" para trabalhar os números, "As três bruxinhas" para trabalhar as cores secundárias e qual está faltando? "Os dois grandes amigos" para trabalhar a amizade, uma virtude que eu adoro e procuro cativar a todo momento com essas meninas maravilhosas [do Grupo Chão de Letras] e com você agora. A minha vida é palmilhada de histórias, graças à Deus (Narradora Samôr).

Estou desenvolvendo um projeto sobre as lendas do Espírito Santo [...] e registrando uma que é o "Lobisomem de Guarapari". Quando eu comecei a resgatar lendas eu busquei historiadores, então, no meu penúltimo livro, "Lendas Capixabas em versos", foram publicadas dez lendas capixabas contadas em forma de poesia. Tem muita pouca coisa sobre o folclore capixaba infantojuvenil [...] (Narradora Sampaio).

Enquanto a narradora Samôr produziu obras como "João o marinheiro azul" e "Queli e os números" com a finalidade de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, a narradora Sampaio direcionou os seus livros para o universo infantojuvenil, dentre eles destacam-se, "Aventuras de um vermelho inquieto", "Lenda capixabas em versos" e "Roda viva – poemas infantis"²³. A trajetória da narradora Sampaio como escritora culminou na valorização da oralidade que é produzida no Estado e na ocupação de uma cadeira na Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

O narrador Moraes desenvolveu um trabalho no campo da literatura infantojuvenil ao escrever o "Menino e a atiradeira" e "Histórias de quem conta histórias"²⁴, sendo esta última selecionada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para a Feira de Bolonha de 2011, para as Feiras de Frankfurt de 2011 e 2012, assim como, pelo Ministério da Educação (MEC) para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) de 2012. Na atualidade esse narrador também direciona suas produções para a reflexão da prática de contar histórias.

"A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares" está disponível para encomendar na internet. Esse é um livro em que cada um dá o seu

²³ Os títulos das obras das narradoras Samôr e Sampaio foram informados durante o processo de entrevista.

²⁴ Títulos das obras informadas durante o processo de entrevista e pesquisadas na página web do entrevistado (MORAES, 2015).

olhar, um contador de histórias é mais tradicional, todos atuam profissionalmente, mas todos são contemporâneos porque atuam em nosso tempo. Isso é um questionamento, realmente [...]. Eu prefiro chamar esse último contador de profissional. Exatamente, é como se o contador tradicional fosse do passado. O contemporâneo são todos eles, por exemplo, quando eu tenho trabalhado os olhares do contador de histórias contemporâneo, todo e qualquer contador de histórias, até mesmo o tradicional é contemporâneo (Narrador Moraes).

Uma das funções de um narrador que também atua como escritor é fazer um resgate acerca da realidade do exercício de contar histórias, bem como exercitar o registro do processo de diálogo por meio da escuta, sendo assim, “[...] capaz de produzir novas histórias, novos significados para levar à construções onde o objeto da aposta possa ser a fé em um mundo mais humanizado e harmonioso” (GIORDANO, 2013, p. 31).

Existem diferenciações entre o contador de histórias contemporâneo que atua profissionalmente em grandes centros e o narrador com características tradicionais que adquire técnicas dentro das comunidades de origem (MATOS, 2014; BUSATTO, 2011). Nos momentos de diálogos estabelecidos com os contadores de histórias de Brasília (GERLIN; SIMEÃO, 2015), compreendeu-se que todos os sujeitos que atuaram no século XX e que atuam no século XXI são narradores contemporâneos, desenvolvendo sua prática com uma característica mais tradicional ou aperfeiçoando-a em cursos e outros eventos que são oferecidos ou não nos grandes centros.

O campo de atuação do contador de histórias contemporâneo é amplo e variado, podendo esse sujeito apresentar-se em eventos esporádicos ou regulares, atuando em territórios como hospitais, escolas, bibliotecas, centros culturais, museus, teatros, empresas, cafés e livrarias (FLECK, 2009). Observou-se a dinâmica das práticas desses atores sociais em alguns desses territórios, atuando como narrador profissional autônomo remunerado ou profissional sem remuneração específica. Ao acompanhar os movimentos da sua atuação, deparou-se com um coletivo de sujeitos que fazem parte do Grupo Filhos de Griô do MUCANE: Oliveira e Pereira que paralelamente coordenam o Grupo Planeta Contos. Assim como, com as narradoras Bossoes, Samôr e Magalhães que participam desse grupo e que também são componentes

do Grupo Chão de Letras²⁵.

Ilustração 4 - Grupo Filhos de Griô (1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras - MUCANE)



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Fazer um evento desse, o 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras, para mim é melhor [...]. Eu trago crescimento coletivo pra todos os contadores de histórias que vieram, para estudantes que querem aprender um pouco mais sobre contação de histórias. Então gasto o meu tempo fazendo evento que é bem produtivo, porque eu aprendo a fazer um evento e ajudo as pessoas a trabalhar com contação de histórias (Narrador Pereira).

O primeiro encontro capixaba de estudantes com a matriz afrodescendente foi uma ideia do Fábio Perere. Ele levou para o Chico Aníbal, que trabalha contação de histórias no MUCANE e todos nós abraçamos. Passou a ser um projeto de todos nós. A Livraria Paulinas também está nos ajudando nesse projeto (Narradora Magalhães).

Hoje a gente tem alguns trabalhos com públicos particulares, remunerados ou não, mas muito trabalho ainda no 0800 [...], mas isso está diminuindo um pouco e, agora, a gente está aqui no Museu do Negro. Depois de várias voltas que fiz no Brasil, encontrei algumas pessoas para discutir não só a questão afro, mas também da oralidade brasileira, mas aprendendo também com a questão do racismo, do

²⁵ Grupo coordenado pela Biblioteca Municipal de Vitória (ES).

preconceito contra mulher, negro, deficiente, o que for nesse sentido (Narrador Pereira).

Reunidos em torno de três grupos diferentes, esses artistas oferecem autonomamente uma diversidade de serviços e produtos: confecção de marionetes; oficinas de formação de contadores de histórias; produção cultural de eventos e apresentações performáticas. A observação do 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras, realizado no MUCANE, deu visibilidade ao movimento de um trabalho desenvolvido com o propósito de discutir a afrodescendência brasileira pela via da narrativa oral (Ilustração 4).

Na observação do campo percebeu-se uma conexão entre os participantes do evento. A proposta do encontro foi baseada em demandas sociais identificadas pelo grupo de contadores de histórias, culminando na programação de momentos de audição de histórias, oficinas, exposições e outros. Por meio desse encontro o MUCANE recebeu vários profissionais da área da informação, educação e cultura, dentre eles sujeitos interessados na arte de contar histórias e produção cultural, como bibliotecários, docentes e discentes de várias escolas do ensino fundamental, médio e técnico do Estado do ES.

O diálogo estabelecido com as contadoras de histórias Bossois, Magalhães e Samôr amplia a visão acerca dos espaços de atuação dessa categoria de profissionais autônomos. Tendo em vista que essas três narradoras são componentes do Grupo Chão de Letras, ligado à Secretaria de Cultura da PMV, por meio do atendimento aos projetos da Biblioteca Pública Municipal de Vitória (ES) acabam atendendo ao público em territórios diversificados.

Eu acho que é da minha formação e da minha natureza, só que estava esquecido. Então eu tomei posse de uma coisa que eu gosto. Foi maravilha e eu sou muito agradecida a todas as minhas amigas que tanto me incentivam (risos). Sou sinceramente muito agradecida, temos um grupo gostoso. Somos do Grupo Chão de Letras, efetivamente em quatro. Tem muita gente que entra e sai (Narradora Bossois).

A gente oferece nossos serviços em todos os espaços que a Biblioteca Municipal de Vitória atende, praças, CAJUN²⁶, nos CRAS²⁷, na feira pública também a gente já se apresentou, na calçada (Narradora Magalhães)...

Sim... Na calçada! A história cabe em qualquer espaço (Narradora Samôr).

Asilos também a gente já foi e trabalhou com grupos de terceira idade (Narradora Bossois).

Ah! Nós também trabalhamos com dependentes químicos [...]. A gente encontra com eles às vezes na rua tomando conta de carros: - Tia, você foi lá contar histórias! Tem uma que me pega no colo e me levanta. Então é muito gratificante, sempre foi (Narradora Samôr).

E casa que acolhe gente que mora na rua [...] (Narradora Bossois).

Tem também os espaços de igreja. Eu conto histórias também na catequese infantil da Igreja Católica (Narradora Magalhães).

Eu já contei também em hospitais [...]. Eu comecei a trabalhar com crianças em hospital que faziam acupuntura e tinham horror da agulha. Eu ia lendo histórias enquanto eram agulhadas e deu certo. Isso foi no Hospital das Clínicas²⁸ (Narradora Bossois).

O narrador autônomo remunerado também pode atuar em diversos territórios de educação e cultura voluntariamente. Essa classificação indica, para além da autonomia, uma prática profissional que pode não ser remunerada. No que se refere à atuação do contador de histórias profissional sem remuneração específica, cabe observar uma certa forma de narrar dessa categoria no cotidiano da escola e da biblioteca por conta de uma ligação institucional. A dinâmica da ação cultural desenvolvida por esse sujeito narrador auxilia na compreensão de uma atividade que constantemente é desenvolvida de maneira fixa em espaços de educação formal.

O trabalho do narrador que atua em espaços como a escola e a biblioteca, geralmente gira em torno da criação de práticas de incentivo à leitura perpassando temas de interesse do público atendido. A ação realizada na área da narrativa oral na biblioteca da EMEF ABL exemplifica

²⁶ Serviço de Convivência para Crianças e Adolescentes – CAJUN

²⁷ Centro de Referência de Assistência Social - CRAS

²⁸ Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (Hucam), foi incorporado à UFES com a denominação de Hospital das Clínicas.

bem o exposto. “Quando seleciono algo para os alunos objetivando o incentivo à leitura, está ligado a esse objetivo. O que vai chamar a atenção dos alunos para alguma coisa, como trabalhar com o tema diversidade ao desenhar o próprio rosto” (Narradora Mendonça). Ao selecionar a narrativa do poema “Diversidade” de Tatiana Belinky, a bibliotecária dessa escola criou outras formas de dialogar com os alunos durante os momentos de narração de histórias (Ilustração 5).

Ilustração 5 – Produções em torno da obra “Diversidade” de Tatiana Belinky



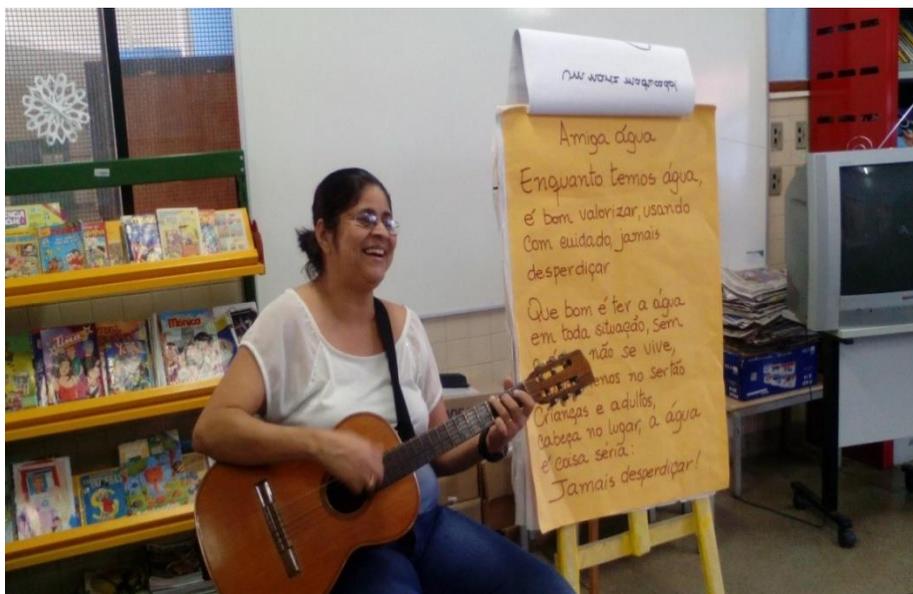
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

No espaço de uma escola que tenha uma unidade de informação o trabalho com o texto narrativo geralmente acontece na biblioteca, devendo esse território ser um ambiente convidativo para o qual constantemente o público costuma retornar. O momento de contação

de histórias deve garantir a continuidade da atividade de incentivo à leitura e a oportunidade de buscar um livro relacionado com a narração.

Os trabalhos ligados à narrativa oral na biblioteca da EMEF ABL resultaram em num produto final: um livro feito pelos próprios alunos após a contação de histórias com o ensino fundamental. Culminou também no registro das atividades que proporcionaram um diálogo sobre a autoestima, as características de cada um, entre outros aspectos. A narradora Mendonça relata ainda que existem crianças que se recusaram a pintar a cor original de seu rosto no desenho do livro, demandando um trabalho maior com a autoestima e afirmação da identidade durante a produção cultural.

Ilustração 6 – Contação de histórias com a narradora Mendonça (Biblioteca da EMEF ABL)



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Fiz um curso de uma manhã na Paulinas. Tem uma narrativa que aprendi lá e conto até hoje, a história da Corujinha. Fiz com uma pessoa da área da pedagogia. A escola e acho que a livraria pode entrar também [como espaço de formação] por conta desse curso que fiz. A oficina em que vou atuar como formadora com Eduardo será na Livraria Paulinas. Como formadora será a primeira vez. Trabalho profissionalmente na escola em que atuo e desenvolvi um trabalho de voluntariado

na APAE²⁹. Muito raramente em sala de aula. Atualmente em sala de aula apenas quando uma turma grande não cabe na biblioteca (Narradora Mendonça).

Para alcançar uma das metas do contexto da educação formal que é a criação de práticas de incentivo à leitura, essa narradora propõe uma viagem pelo mundo da imaginação, pela literatura e pela música (Ilustração 6). As narrativas são apresentadas como um certo modo de proporcionar à criança permear o mundo das histórias selecionadas, preparadas e comunicadas. Para isso, utiliza-se do recurso da música, da poesia, do desenho e outros meios de expressão artísticas e literárias.

Conforme exposto pela narradora Mendonça, a busca por uma formação específica para narrar histórias levou-a a atuar profissionalmente em espaços fixos como a biblioteca escolar. Por conta do exposto, discretamente inicia um trabalho como autônoma em outros territórios por meio eventos esporádicos fora da instituição educacional. Construindo espaços de criação e de incentivo à variadas leituras, as atividades vão sendo desenvolvidas por essa narradora que se caracteriza como uma profissional sem remuneração específica e ao mesmo tempo remunerada autônoma.

Quadro 5 – O estado da arte da atuação do contador de histórias contemporâneo

FORMAS DE ATUAÇÃO	TIPO DE LIGAÇÃO	CAMPO DE ATUAÇÃO
Profissional remunerado autônomo	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação em eventos esporádicos em territórios de educação, informação e cultura
Profissional sem remuneração específica	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação fixa em eventos regulares em territórios de educação, informação e cultura

Fonte: Elaborado durante a elaboração da pesquisa.

O cenário apresentado acerca dos indicadores do perfil profissional do sujeito narrador, delinea o estado da arte da atuação do contador de

²⁹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Vitória (APAE).

histórias no cenário espírito-santense. A atuação desse narrador pode ser representada por duas categorias: contador de histórias profissional remunerado autônomo e profissional sem remuneração específica. Atuando em eventos esporádicos e/ou tendo um compromisso de oferecer serviços e produtos em eventos regulares, deve ser considerado como um profissional que poderá estabelecer uma diversidade de ligações com a narração oral (Quadro 5).

As atividades que giram em torno da narração de uma história não podem ser confundidas com atividades didáticas. O contador de histórias das duas categorias (profissional remunerado ou sem remuneração específica), deve aprender a conduzir de maneira lúdica os momentos de comunicação de uma narrativa. O mesmo se refere a outros tipos de produtos e serviços oferecidos pelo narrador de histórias. No tópico seguinte aprofunda-se um entendimento sobre a categoria de formação desse profissional, ligado ou não institucionalmente ao cotidiano da escola, biblioteca e outros territórios de educação, informação e cultura.

INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL: CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Durante a abordagem de aspectos relacionados com a categoria anterior fora destacada a importância da identificação dos dados pessoais e profissionais, sendo possível percebê-los atravessados por temas como o tipo de ligação com a área e diferentes formas de atuação do contador de histórias na contemporaneidade. A segunda categoria permite o delineamento dos indicadores do perfil do narrador ao focar aspectos relacionados, especificamente, com a formação profissional desse grupo de narradores.

Essa formação encontra-se imbricada com experiências compartilhadas em territórios de atuação profissional, familiar e comunitário, possibilitando aprendizagens formais e informais. A “categoria formação profissional” é acompanhada da descrição de temas como formação escolar e acadêmica, espaços tempos de formação no campo da narração oral, contribuição do ciberespaço no processo de profissionalização, dentre outros elementos que se constituem como

indicadores de análise do perfil do sujeito narrador (Quadro 6).

Quadro 6 - Descrição de temas que compõem a segunda categoria dos indicadores do perfil profissional

INDICADORES DO PERFIL PROFISSIONAL			
Categoria profissional	formação	TEMAS	
		Formação escolar	Formação acadêmica
		Formação específica na área da narrativa oral	Instituições que forneceram espaços de formação no campo da narrativa oral
		Influência de narradores de contextos tradicionais	Contribuição do ciberespaço no processo de formação

Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

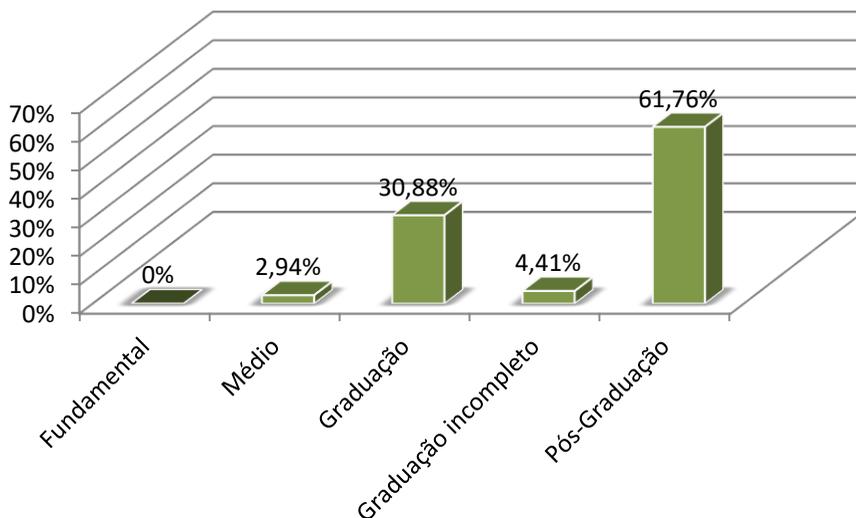
A identificação de informações relacionadas com a aquisição de “competências acadêmicas e não acadêmicas” do contador de histórias, é pressuposto para entender o processo de aquisição das habilidades de comunicação no contexto da sua profissão. Desse modo, torna-se significativo considerar aspectos relacionados com a formação escolar e/ou formação acadêmica desse profissional.

A educação formal que ocorre no âmbito de instituições alicerçadas pela ação pedagógica, seria, inicialmente, responsável pela aquisição de competências (habilidades, conhecimentos e técnicas) adquiridas pelo narrador. Os conhecimentos adquiridos no âmbito da educação formal também estariam aliados à educação informal que permeia o cotidiano fora dos territórios escolares e acadêmicos. Dessa maneira, além das habilidades e conhecimentos obtidos na escola e na academia, constam aqueles que podem ser compreendidos no campo pessoal possibilitando aprender ao longo da vida. “Entre as habilidades pessoais contam também as de comunicação (apresentar-se, verbalizar pretensões, comunicar-se com linguagem adequada, entender informação e comunicação)” (DEMO, 2012, p. 21).

Perante ao exposto, identifica-se o último nível de formação escolar ou acadêmica que os sujeitos narradores receberam em espaços formais de

educação, compreendido entre o ensino fundamental e cursos de pós-graduação como especialização, mestrado e doutorado (Gráfico 2). Caso a investigação fosse conduzida em outros territórios de educação e cultura, talvez não fosse identificada a predominância da formação superior de graduação (30,88%) e de pós-graduação (61,76%).

Gráfico 2 - Indicação da formação escolar e acadêmica do contador de histórias



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Meu ensino médio foi o de Magistério, depois cursei Serviço Social e Biblioteconomia no ensino superior. Eu acho que o Magistério dá uma base pra trabalhar na escola. Nunca trabalhei como professora. Eu saí do magistério trabalhei um tempo e depois é que consegui ingressar na UFES, primeiro no Serviço Social e depois no Curso de Biblioteconomia. Fiz tudo na UFES (Narradora Mendonça).

Fiz mestrado na área de Ciências Sociais e antes trabalhava em serviços de escritório. Depois fui para a sala de aula porque eu achava que era algo melhor pra mim. E quando fui trabalhando com sociologia, dei a devida importância ao processo histórico da sociedade, coisas reais da sociedade (Narrador Pereira).

Tenho especialização em Biblioteca Escolar e Mestrado em Ciência da Informação. Acho que a formação profissional auxilia, desde a graduação e talvez a minha área específica, tenha me levado pra isso por eu ser apaixonada por trabalhar com o visual, com a imagem (Narradora Uliana).

Faço especialização na área de Gestão e Administração de Bibliotecas, por esse motivo cheguei mais cedo para pesquisar [...]. Meu ensino médio foi Auxiliar Técnico em Administração. Acho que a Biblioteconomia por si só, quando você vai para a biblioteca escolar, como no meu caso que trabalhei a vida toda nesse espaço, a gente acaba tendo que desenvolver a narrativa de histórias (Narradora Pereira).

O percentual da formação acadêmica é um indicador valioso no decorrer dessa análise por conta do exercício de atividades paralelas à área da contação de histórias. À vista disso, um pouco mais do que a maioria afirma possuir cursos de pós-graduação em nível de especialização completa (52,94%), seguido por mestrado (7,35%) e doutorado (1,47%). Diante da indicação da predominância da formação acadêmica em função da formação escolar, ambas fruto da educação formal, verificaram-se algumas áreas em que os atores da pesquisa realizaram seus cursos:

- **Graduação:** Arquivologia; Artes; Biblioteconomia; Ciências Sociais; Direito; Educação Física; Geografia; História; Inglês; Letras; Pedagogia; Serviço Social; etc.

- **Pós-Graduação:** Especialização em Direito do Trabalho; Especialização em Gestão Empresarial; Especialização em Gestão de Tecnologias Educacionais; Especialização em Planejamento e Gestão de Unidades de Informação; Especialização em Psicopedagogia; Mestrado em Educação; Mestrado em Ciência da Informação; Mestrado em Ciências Sociais; Mestrado em Psicologia Social; Doutorado em Educação; etc.

O fato de que a maior parte da coleta dos dados foi realizada com contadores de histórias da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES)³⁰, fornece elementos para pensar em outras possibilidades de pesquisas no interior do Estado do ES, para identificar, por exemplo, o nível de formação e de atuação cultural do narrador com características tradicionais. Todavia, essa questão dará pano para outros tecidos e outras investigações no campo da narrativa oral. Enquanto isso não acontece, esta análise direciona-se para a formação de um profissional que atua em espaços de informação, educação e cultura nessa região.

³⁰ Região composta pelos municípios do ES de Vitória, Cariacica, Serra, Guarapari e Fundão.

Tendo em vista que “Nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto”, no campo da narrativa oral deve-se considerar os vetores elencados por Freire (2006, p. 20). Trocas de informações e produções de conhecimentos, desse modo, ocorrem em territórios de informação, educação e cultura que ocasionam em aprendizagens informais, para que possam complementar a estrutura da formação ofertada pela educação formal. As atividades informais geralmente costumam acontecer fora do ambiente escolar e acadêmico, portanto o contador de histórias é despertado para uma arte milenar por meio de ações de formação informais que, muitas vezes, podem ser promovidas dentro e fora do contexto de instituições de ensino.

Os diálogos estabelecidos com os narradores demonstram a importância do oferecimento de atividades formativas por parte de instituições educacionais e, no caso específico desses sujeitos, destaca-se a instituição universitária. Tendo em vista que a biblioteca escolar e pública são territórios de atuação em que a prática voltada para a narrativa oral se faz presente, torna-se possível encontrar nos cursos de graduações da área da Biblioteconomia e Letras espaços de aprendizagens formais e informais direcionados para a arte de contar histórias. No entanto, o maior desafio das instituições de educação formais na contemporaneidade é propiciar a construção de conhecimentos que flexibilizem a estrutura rígida da disciplinaridade (DEMO, 2012).

O nível de formação formal que obtive e com o qual faço uma aproximação com a contação de histórias é a graduação em Biblioteconomia. Porque foi a partir dessa graduação que descobri que era contador de histórias. Eu não sabia que levava jeito para isso e comecei a estagiar logo no primeiro período, em 2001, numa biblioteca escolar. Após auxiliar a bibliotecária a fazer o processamento técnico percebi que não fazia muito sentido fazer a automação do acervo, processamento técnico, registrar as obras no sistema e não usar (Narrador Valadares).

O curso de Biblioteconomia auxiliou no meu processo de formação, porque existiam cursos que eram divulgados, só que não consegui participar. A disciplina de ação cultural também possibilitou que conhecesse a arte de narrar. Assim como, tive contato com literaturas falando sobre isso, e a gente sempre dava um jeito de usar a contação de histórias ao longo do curso. Por exemplo, em um dos trabalhos que apresentei na disciplina de psicologia utilizei fantoches para fazer a dinâmica da

apresentação do seminário. Foi muito legal, foi na Biblioteca Central da UFES (Narradora Helena Silva).

Eu me formei em Letras e nesse curso a gente estuda literatura infantojuvenil e toda a base teórica da literatura, da oralidade e da escrita. Estudei bastante, estudei muito. E participei de alguns seminários e congressos na área de Letras. Nesses eventos sempre tinha alguma coisa voltada para a literatura infantil ou para a contação de histórias. Então participei de minicursos e oficinas durante o curso de Letras, mas nada com intenção profissional, porque naquela época achava que seria professora de gramática do ensino fundamental. Quando tinha, sei lá, uns seis minicursos na bagagem, depois de 4 anos e meio de academia, já tinha feito muita coisa. Dei aula um bom tempo, na escola colocava em prática a contação de histórias, leitura, oralidade, só que não pensava em fazer isso profissionalmente, nem chamava de contação de histórias, nem pesquisava, estava mais preocupada com o serviço diário em torno do ensino da gramática para crianças de 5ª a 8ª série (Narradora Kruger).

A aquisição da competência narrativa ocorre tanto em ambientes formais, quanto em ambientes informais desprovidos das metas institucionais que os espaços de aprendizagens formais carregam. As trocas de experiências no campo da informalidade acontecem por meio da audição de histórias em contextos tradicionais ou em uma audição dos pares em apresentações performáticas. Considera-se que o processo de formação também deve ser complementado por ações que aconteçam no âmbito da informalidade. “As pessoas sentem necessidade do encontro, da troca, da partilha de experiências no campo de sua atuação [...]” (FLECK, 2009, p. 10), dessa maneira, aprende-se igualmente com narradores com características tradicionais, formadores em cursos e outros sujeitos capazes de compartilhar seus saberes e fazeres.

A influência dos narradores com características tradicionais na formação dos contadores de histórias fundamenta-se no intercambiamento de experiências, remetendo ao fato de que um “[...] grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1994, p. 214). O relato de uma professora da Rede de Ensino Privada de Vitória (ES), durante um curso de extensão na ocasião da pesquisa, remete a um período de audição de histórias em sua infância, no qual alimentava a crença de que alguém de sua família transformava-se em lobisomem. A declaração que provocou risos entre os seus colegas educadores, aproxima-se de outras histórias em torno

desse mito contado por narradores da tradição de diferentes localidades e épocas.

A mania de lobisomem viveu seu auge na Europa da Idade Média e nos anos de Inquisição. [...] Naqueles tempos, os relatos eram tantos e tão comuns que era raro encontrar alguém que não acreditasse na existência desses seres. Isso pode parecer estranho para nós, mas ilustra como uma ideia acabava difundida e ganhava credibilidade (HUECK, 2016, p. 65).

No Brasil e em outros países a crença em seres míticos como o lobisomem ainda é evocada. “Não faltavam pessoas que jurassem de pés juntos que haviam visto, conhecido ou ouvido falar de alguém que tivesse se transformado em lobo” (HUECK, 2016, p. 65). A narrativa universal do lobisomem entre outros personagens míticos, constantemente é conjurada pelos contadores de histórias tradicionais e pelo imaginário capixaba, auxiliando, com isso, no processo de formação do narrador contemporâneo (CASCUDO, 2006).

Na mesma direção do diálogo estabelecido com professores de uma escola da rede privada, a experiência da audição de histórias que permeia o imaginário popular acaba por compor a formação da narradora Helena Silva que atua em uma instituição de educação pública do município de Cariacica (ES), corroborando que o mito do Lobisomem afeta diretamente a prática cotidiana dos sujeitos narradores espírito-santenses. No ato de evocar à memória essa narrativa de conhecimento da população do Estado do ES, também percebe-se a influência dela na produção literária da narradora Sampaio.

Papai contava histórias típicas da Paraíba, localizada na Região Nordeste. Narrava histórias como “A mula sem cabeça” que me influenciou pela riqueza da experiência, servindo até os dias de hoje como inspiração. Contava sobre o Lobisomem jurando que era verdade e colocava palitos de fósforo acesos na boca para encarnar o personagem. Teve uma época em que mudamos para um bairro que não tinha energia elétrica e, na varanda, enquanto ele contava várias histórias, jurava que meu avô, o pai dele, virava mesmo Lobisomem (risos) (Narradora Helena Silva).

Quando estava no processo de elaboração de meu primeiro livro, eu tinha uma ligação muito forte com Guarapari e ia todo o final de semana para lá. Eu conhecia muita gente, conversava com muitas pessoas e quando eu lancei o livro eles

começaram a me contar as lendas dessa região. O "Lobisomem de Guarapari" eu já procurei em um monte de lugar e ela não está registrada, então, já estou escrevendo um poema com a história. E o legal das lendas é a gente perceber a conexão que elas têm com a realidade. O "Lobisomem de Guarapari" tem a ver com o saneamento básico. Ele é um lobisomem que aparece em quintais que estão com casca de sururu porque as pessoas descascam e largam as cascas. Ela foi criada para assustar as pessoas que largam lixo no quintal, casas que proliferam ratos, mosquitos, etc. (Narradora Sampaio).

A história do Lobisomem e outras narrativas populares são constantemente oralizadas por narradores com características mais tradicionais. Estes contam como se fosse verdade e um ouvinte que realmente mergulha no enredo dificilmente consegue questionar a veracidade dos fatos. Essa constatação conduz ao pensamento de que quem escuta um conto está sempre em companhia do repertório cultural, social e histórico de um narrador (BENJAMIN, 1994). O ato de ouvir e contar histórias, desse modo, pode ser identificado como uma importante prática de formação e compartilhamento de experiências. "Além de entretenimento, ouvir histórias ao redor da mesa, na eira, **tem** como função um modo de aproximar familiares e trabalhadores" (YUNES, 2012, p. 68, grifo nosso).

Tabela 3 – Influência de narradores da tradição no processo de formação informal

Variável	Categoria	%
Influência da tradição	Influenciado	75%
	Não influenciado	20,60%
	Sem resposta	4,41%
Total:		100%

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

A indicação de que a maior parte dos narradores ouviram histórias de sujeitos com características tradicionais (75%), coloca em análise a influência que receberam dos narradores da tradição (Tabela 3). O percentual que afirma ter sido influenciado por narradores com características mais tradicionais é representativo (75%), permitindo contatar que durante décadas a atividade de narrar oralmente esteve ligada ao compartilhamento de experiências. Aliado ao fato de que o

narrador da tradição influencia novos e experientes profissionais, encontra-se a

[...] reminiscência doméstica dos que tiveram a sadia promiscuidade de diferentes estratos socioculturais e geracionais nas famílias estão mais numerosas em cidades onde ‘causos’ vividos logo se transformavam em histórias que eram as notícias do lugar (YUNES, 2012, p. 60).

Os diálogos que giram em torno da influência da audição de histórias desde a infância até a fase adulta, denotam uma certa autoridade dos familiares e outros narradores com características tradicionais. Os encontros com esses contadores de histórias são facilmente caracterizados pela “[...] escuta e como consequência de encontros para contos de tradição da transmissão oral, devidamente guiada por um filho da tradição” (GIORDANO, 2013, p. 35). Em um momento de formação com caracterização informal, podem compartilhar aspectos relacionados com a prática de narrar por meio de conhecimentos relacionados com a oralidade.

Logo, a intervenção dos membros da família é facilmente percebida no decorrer dos diálogos com os narradores de histórias. Para além do incentivo que os avós, pais e tios proporcionaram, no decorrer das falas identifica-se a apropriação de credences populares e brincadeiras no intuito de tornar a narrativa mais atrativa. Além do exposto, percebe-se que “Os tradicionais contadores de histórias repassam os procedimentos éticos de um contador de histórias como um conhecimento milenar, que garante a conservação e a transmissão de tudo o que deve ser aprendido” (GIORDANO, 2013, p. 34)

Tive a influência na família, minha avó contava histórias para nós, a minha tia também contava histórias. E a minha mãe, de certa forma fazia muitas brincadeiras conosco, [...] a gente brincava muito de roda. Aquelas brincadeiras infantis de belisca, não sei se você já viu. Com as pedrinhas! Ela ensinava a gente de fazer isso, brincava de passar anel, muitas outras coisas. Mamãe brincava muito com a gente. E essas pessoas, principalmente a minha avó e a minha tia contavam histórias (Narradora Magalhães).

Minha avó e minha mãe, perfeitas contadoras de histórias [...] contavam histórias para me proteger e aos meus irmãos do rio profundo. Contavam histórias do povo

das águas que eram tenebrosas e que viviam lá e que puxavam as pernas da gente para morrer afogado, entendeu? Essas coisas todas para ficar com medo. Mas ao invés de sentir medo, eu tinha motivação para caçar Saci, que era muito levado e enganador, Mula sem cabeça, Curupira. Todas essas histórias do grande folclore brasileiro que na verdade é mundial, porque acredito piamente, diante das minhas experiências, diante das minhas vivências e capacitações, que as histórias narradas fazem parte do patrimônio cultural universal (Narradora Biancardi).

A minha mãe também era contadora de histórias, mas só que sem formação. Ela ainda é contadora de histórias da Barra do Jucú, em Vila Velha. Sempre me vi num ambiente em que ela contava histórias sobre o nosso bairro. Então eu acho que isso colaborou muito. O curso de Biblioteconomia e a minha história de vida também (Narrador Valadares).

Na verdade eu sou filho de sergipana, não é? Então minha mãe chegou ao Estado quando tinha de 8 para 10 dez anos, e ela contava e cantava muito, cantava as cantigas de rodas. Ela contava muita história também de Lampião e de como que era na sua época, o receio que eles tinham e isso ficou na lembrança e é familiar. E isso foi passando, são 4 filhos e eu sou o caçula [...] e por ser minha mãe funcionária pública, quem me criou mesmo foram meus irmãos. Então, caçula e sendo bajulado e criado por irmãos tinha sempre uma parte da Literatura e de contar histórias (Narrador Pereira).

O ato narrar histórias fictícias ou reais por parte desses narradores de “causos”, acaba por permitir que em alguns momentos haja o atravessamento da tecnologia da escrita. O narrador com características tradicionais apropria-se de obras publicadas para que a leitura de histórias aconteça, ao passo que esse processo não está isento da

[...] apropriação de sua própria história [relacionada com a trajetória do coletivo]. É uma maneira de autoexpressão e de encontrar o seu lugar no mundo, de entrar em contato com as suas verdades, desejos e, especialmente, de dar significado à sua existência (FLECK, 2009, p. 28).

O narrador com características tradicionais pode narrar de memória ou ler uma história de forma a envolver o seu ouvinte em um momento de aprendizagens no campo da narrativa oral. “Ler junto em sala ou contar literatura cria uma cumplicidade que nos lembra o colo da ama, da mãe ou da avó, ao cair da noite, embalando o sono dos meninos com cobertores de imagens” (YUNES, 2012, p. 68). A ausência de formação

específica da área de contar histórias direcionada para os narradores da tradição, não impede que esses sujeitos sejam fonte de inspiração para aqueles que fazem dessa arte uma profissão. A experiência que costumam compartilhar ocasiona em possíveis contribuições para a formação profissional.

Aprendi a gostar de ler com uma família de contadores de histórias, a minha avó contava histórias, a mãe, a bisavó e as tias. Era uma família de contadores de histórias e de leitores também. Então eu aprendi a gostar de ler com as muitas histórias maravilhosas que elas me contavam. Eu tenho lembranças de quando eu tinha um ano, talvez um ano e meio, sentada numa cama macia de plumas, sabe um colchão de plumas da minha bisavó e ela lendo uma coisa que eu não entendia nada e depois é que eu fui resgatar essa memória [...]. Então, essa coisa de ouvir história na minha vida começou muito cedo. Ela tem uma conotação afetiva, porque eram familiares que me contavam e que me deram um desejo imenso de ler (Narradora Sampaio).

Na minha casa não tinha televisão até uns 11 ou 12 anos, e a minha mãe estudou até a 3ª série. Meu pai trabalhava no período da noite, então, a gente dormia na cama dela, mas antes de dormir ela sempre lia alguma coisa pra gente, sempre contava uma história [...]. Toda vez que penso nela eu lembro da minha mãe no meio, nós três (meus irmãos e eu) e minha mãe lendo um gibi, um livro e até a Bíblia que fosse. Toda noite ela lia alguma coisa para a gente. Essa prática de narrar histórias vem dela na verdade (Narradora Pereira).

Meu pai era cantor, ganhou um concurso na Rádio Espírito Santo nos anos 30 e meu avô não deixou ele ir, dizia que não era ambiente bom e tudo mais. Eu nasci com o saber artístico de meu pai, a gente cantava muito [...] era um cara muito musical e ele contava muita história também. Ele é descendente de Português, do meu avô Firmino Varejão e de vovó, mãe do meu bisavô Firmino. Ele contava muitas histórias da vinda dele para o Brasil (Narradora Varejão).

Eu nasci no interior e não havia luz elétrica e uma das diversões da gente era ir ao vizinho, um fazendeirão. A gente sentava à beira de um fogão de lenha nas noites frias. E ali os mais velhos ficavam contando histórias. Então, muitas das histórias que hoje eu sei, ouvia nessas noites. Depois eu voltava pra casa morrendo de medo, porque era muita história de assombração. Minha mãe também contou algumas histórias pra gente. Ela gostava muito de contar (Narradora Bossois).

No decorrer dos diálogos percebeu-se um contador de histórias que domina técnicas da oralidade, da leitura e do uso de outros recursos como a musicalidade. Todavia, a oralidade ainda é o fundamento da narração, ou seja, a *palavra falada* é fundamental para transformar o ato

de narrar em expressão artística (GIORDANO, 2013). Os narradores com características tradicionais geralmente utilizam-se, para isso, de fatos cotidianos, dos contos de assombração e de seres mitológicos que pertencem a um repertório universal.

Esses contadores de causos que se transformam em grandes mestres narram em torno de uma fogueira, de um fogão de lenha, em espaços rurais e urbanos, em suas residências, em rodas de conversas e em tantos outros espaços tempos. Muitas vezes sequer percebem que são responsáveis pela formação profissional de outros narradores. A tradição da arte narrativa é um elemento constituinte da formação do contador de histórias capixaba e, por conseguinte, os narradores contemporâneos com ou sem características acentuadas da tradição, devem dominar técnicas para o exercício da narração oral.

Diferente de um contador de histórias que procura adquirir habilidades e técnicas para uma possível profissionalização, o narrador da tradição ao longo do tempo constrói sua competência em ambientes de formação informais, como nas pequenas comunidades espírito-santenses de residências familiares, pescadores, quilombolas, paneleiras, desfiadeiras de siri, catadores de caranguejo, etc. Por conta do exposto, pode-se considerar que esse sujeito contemporâneo é dotado apenas de uma prática artesanal de contar histórias?

Eu comecei a contar como o pessoal conta no interior. Quando eu voltei em 2001, fui para a bienal do Rio só para pesquisar, eu fui para o Simpósio Internacional de Contadores de Histórias. Eu também tive a sorte de chegar lá e encontrar um espaço para me apresentar e as pessoas gostaram do meu jeito interiorano, tradicional de contar. Então eu comecei a contar histórias de um jeito tradicional, com técnicas e contava profissionalmente, mas com a valorização do método tradicional e bem capixaba de contar. Quando teve um documentário eles me chamaram justamente porque fazia essa ponte, entre o griô, que é totalmente tradicional e o urbano. Porque você conta histórias tradicionais, mas é urbano. Então eu fui entender que o meu perfil vinculava essa figura do rural (tradicionalismo) ao urbano. Eu tenho esse jeito de contar e a predileção por contos tradicionais vem desses mestres, dessas pessoas que não são consideradas profissionais (Narrador Moraes).

Conceber um contador de histórias com características tradicionais que busca formas de profissionalização é justamente o que indica a colocação do narrador Moraes: um narrador que atua como escritor e formador,

porém, que ainda assim consegue manter os ensinamentos dos mestres que ouviu e com quem aprendeu ao longo da vida. Depreende-se que a experiência que passa de narrador para narrador (BENJAMIN, 1994) fundamenta, por conseguinte, a formação profissional de um narrador contemporâneo que pode transitar em espaços de aprendizagem no âmbito formal e informal.

O ato de ouvir e, posteriormente, memorizar uma narrativa coletada em ambientes de aprendizagens, formais e informais, implica em não excluir da memória social o caráter inventivo de uma prática que, ao mesmo tempo, considera a necessidade de recreação de uma coletividade, indicando, dessa forma, que o caráter repetidor é indissociável da atividade criativa de narrar histórias (GONDAR, 2005). O mesmo acontece com o contador de histórias que aos poucos se torna profissional desprendendo-se ou não das características tradicionais que um dia o inspirou. Memorizando, divulgando e disseminando os contos da tradição, nesse vai e vem, surge a necessidade de constantemente considerar a influência dos membros da família e de outros narradores com ou sem características tradicionais.

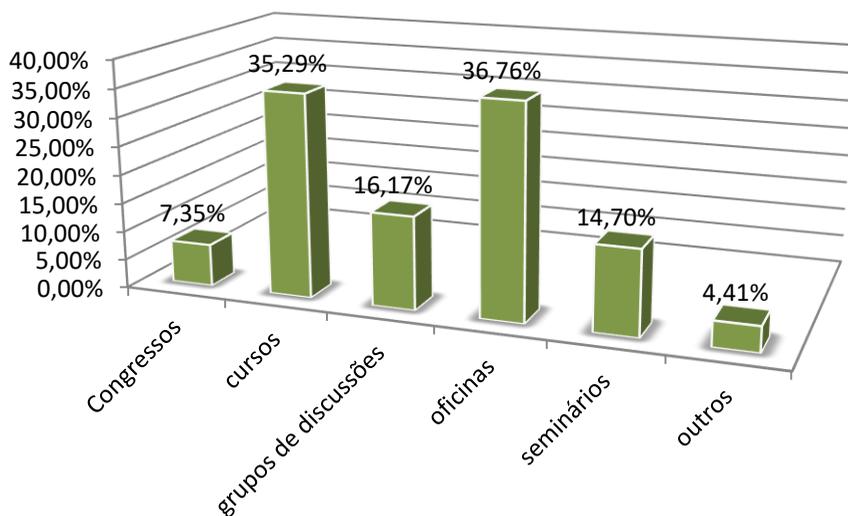
Independente de sofrer ou não influências de narradores da tradição, destaca-se a importância da audição e trocas de experiências com os pares no processo de formação do contador de histórias contemporâneo. Em atividades dinamizadas em espaços formais ou informais, o narrador pode se deparar com uma fonte de inspiração preciosa para a sua prática inicial ou experiente, ao internalizar um conto a ponto de sentir que nasceram para ser contadores de histórias, perante um contato inicial com a narrativa oral.

Se por um lado a maioria dos contadores de histórias (75%) recebeu a influência de narradores com características tradicionais, por outro lado menos da metade (45,58%) afirma ter recebido formação específica da área. O fato de que os narradores de histórias foram mais influenciados informalmente do que participaram de atividades formais, fornece um indicativo da necessidade de análises futuras sobre a condução dos processos de formação no campo da narração de histórias no Estado do ES.

Conforme pode ser visualizado, menos da metade dos contadores de

histórias (45,58%) participou das formações que comumente são oferecidas em espaços formais e informais, como cursos, oficinas, palestras, enquanto um pouco mais da metade (52,95%) não participou de nenhuma atividade de formação voltada para a área³¹. Ao verificar os tipos de atividades de formação com as quais estabeleceram contato, percebe-se que cursos (35,29%) e oficinas (36,76%) são estruturas de formação mais procuradas (Gráfico 3). Os cursos são os eventos mais buscados seguido pelas oficinas, sendo esta última “[...] uma invenção contemporânea cada vez mais procurada por pessoas em busca de formação nas artes da narrativa” (FLECK, 2009, p. 28).

Gráfico 3 – Participação em atividades de formação



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Procurei algumas ideias e descobri no Jornal A Tribuna um curso da Livraria Paulinas sobre contação de histórias, de 4 horas. Quem ofereceu esse curso, depois que eu me lembrei, foi a Genilda Quirino, que é bibliotecária da PMV [...]. Depois eu fiz outro, um segundo módulo com Fabiano Moraes na livraria Paulinas também. A partir dessas 8 horas é que eu comecei a descobrir que levava jeito pra contar histórias. Fui

³¹ 1,47% não respondeu essa questão.

buscando outras formações também e colocando em prática na escola. Um tempo depois saí um pouco da biblioteca escolar e fui para outras áreas de atuação durante o estágio do Curso de Biblioteconomia. Logo em seguida fiz outras formações durante 80 horas, seminários, simpósios, tudo isso no período da graduação. Foi muito importante a graduação na Biblioteconomia pra me descobrir como contador de histórias. Eu acho que o contador de histórias tem isso, você descobre que é (Narrador Valadares).

Uma vez eu levei minha filha Alice a um congresso, um encontro de contadores de histórias que teve na Escola Maria Ortiz³². Faz muito tempo não consigo lembrar o ano, mas teve uma maratona de contadores de histórias. E eu fui com ela nessa maratona. Ela era pequena e quem assistia realmente era eu, porque mamando dormiu. E eu vi as pessoas no palco e disse: - Gente isso eu faço! Já faço em casa todo dia, isso eu faço. E aí desciam os contadores e eu fiquei sei lá, umas seis horas vendo o pessoal se revezando para contar histórias. Eu percebi o seguinte: eu ouvia a história que eles tinham contado uma vez e eu me sentia capaz de recontar aquela história imediatamente, não precisava ouvir de novo (Narradora Kruger).

Eu considero que a vivência no GECHUFES foi extremamente importante para a minha atuação profissional. Primeiro porque a primeira atuação profissional foi nas escolas da PMV. Lembro da gente chegando nas escolas, no próprio grupo de Revitalização³³ que tinha uma professora que contava histórias. Então uma das ações nossas nas escolas era a contação de histórias. E não só contávamos, mas nós também descobríamos crianças, adolescentes e jovens que gostavam e incentivávamos eles a contarem. Fazíamos muitas vezes intercâmbios com outros bibliotecários que contavam em outras escolas [...]. Essa vivência foi muito intensa dentro daquele momento em que nós participamos do Projeto de Revitalização, porque a biblioteca era o espaço por onde entravam os projetos da Secretaria de Educação. Para a minha vida profissional esse momento foi riquíssimo (Narradora Broseguini).

A minha primeira vez foi em um evento do PROLER que aconteceu aqui em Vitória, em que eu fiz uma oficina e um dos desafios foi que a gente justamente contasse uma história no auditório Manoel Vereza da UFES³⁴. Eu contei uma história do

³² Referência a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Maria Ortiz da Rede Pública Estadual do ES.

³³ Refere-se ao *Projeto de Revitalização dos espaços escolares* da Secretaria Municipal de Educação de Vitória (PMV/ES), em que a arte de contar de contar histórias foi explorada por dinamizadores (bibliotecários e professores) do ensino fundamental (GERLIN, 2006).

³⁴ Trata-se do Auditório Manoel Vereza de Oliveira do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da UFES.

Moacyr Sclia³⁵ que falava do Gregório que era um dos nossos mentores no PROLER [...]. Eu tinha uma admiração profunda por todos os contadores que vinham com o pessoal da Biblioteca Nacional. [...] E um deles parou no meio da história e falou: - Gente me desculpa eu esqueci, eu vou ter que começar tudo outra vez. Então foi esse ato de humildade que me fez perceber que eu sou aprendiz (Narradora Sampaio).

A análise do conteúdo do material coletado durante a pesquisa, torna visível nesta obra a ocupação dos espaços de formação como cursos, oficinas, rodas de conversas, laboratórios, entre outros, destacando-se, dessa maneira, a importância do processo de formação e da dinâmica da profissionalização no cenário capixaba que ocorreu entre as últimas décadas do século XX e que cada vez mais é fortalecida no século que se inicia.

O aproveitamento da dinâmica criada em torno da formação que os territórios de educação, informação e cultura cotidianamente oferecem, acaba permitindo a aquisição de uma competência importante no campo da narração de histórias. Os sujeitos que buscam uma formação profissional por meio da experiência, de forma que posteriormente os auxiliem no processo de preparação e disseminação da narrativa, pode contar com livrarias, universidades, escolas, prefeituras e secretarias municipais e estaduais; entre outros territórios que os acolhem nos processos de formação.

Cursos e oficinas são bastante citados como estratégias relevantes e, por esse motivo, identifica-se que muitos recorrem a esses tipos de atividades. Entretanto, não se pode desconsiderar a importância de outros espaços tempos de formação, como grupos de discussões, atividades de extensão universitárias constantemente referenciadas e demais modalidades de eventos realizados por instituições de diversas procedências no Estado do ES. Muitos narradores formadores são citados como referência podendo, desse modo, substituir a instituição formadora pelo indivíduo que compartilha experiências com seus pares.

A audição de histórias constantemente oferecida em territórios de atuação, públicos e privados, pode se constituir como uma atividade

³⁵ Escritor brasileiro que atuou como médico e professor universitário. Como autor publicou crônicas, romances, ensaios e literatura infantojuvenil, etc. (MOACYR..., 2013).

importante no processo de formação dos narradores na contemporaneidade. Nos espaços constituídos e em que ocorrem audições significativas trocas de experiências são proporcionadas pelos colegas de profissão, permitindo que os narradores de histórias possam cada vez mais aperfeiçoar a sua arte em verdadeiras estruturas de colaboração.

A troca de experiências, a troca de ideias sempre enriquece. Então quando eu vou para um curso às vezes eu ensino e às vezes eu aprendo muito mais do que eu ensinei. Porque eu ensino algumas coisas que eu sei, só que se você juntar o saber de trinta pessoas você vai ter um saber muito maior (Narradora Sampaio).

Já participei de vários cursos de formações com vários contadores de histórias que têm formas diferentes de contar. Mas o que acontece? Por que é importante a gente participar dessas formações? Primeiro porque se coloca um pouco em cheque se aquilo que a gente está fazendo pode aprimorar. Pode pegar uma coisinha de cada um e melhorar o seu fazer. E também você pode descobrir uma daquelas vertentes a sua. Por exemplo, eu gosto de contar a história pura e simplesmente, de narrar usando pouquíssimos elementos de cena (Narradora Broseguini).

Na idade adulta foi o Fabiano Moraes a primeira pessoa que me influenciou porque ia à escola do meu filho e via o trabalho que ele desenvolvia de musicalização, depois nas festas da escola e ficava muito feliz. Então eu fui fazer o Curso de Letras e numa Semana de Letras a Silvana Sampaio participou e contou uma história que eu não esqueço nunca, foi a “Formiguinha Neve” e eu disse um dia vou contar essa história. Ai eu comecei realmente a me interessar pela contação de histórias. E hoje estou aqui (Narradora Magalhães).

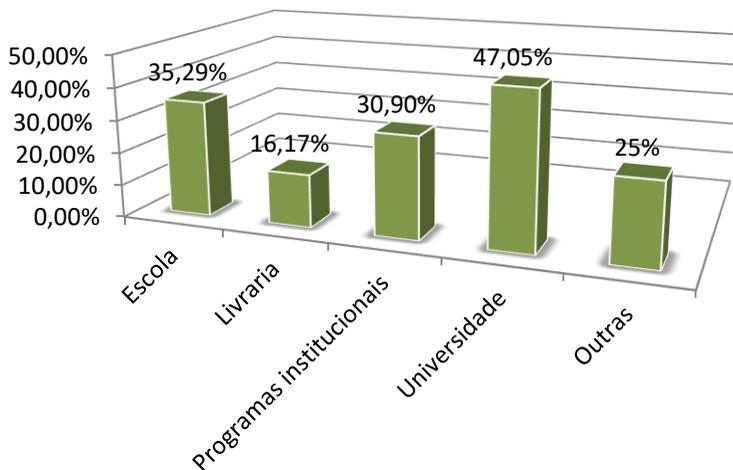
No interior também encontrei grandes mestres durante minhas pesquisas. Por exemplo, uma coisa que eu acho bacana é que eles são importantes e fundamentais nesse aspecto profissional do meu trabalho. Porque quando eu fiz o curso com a Bia Bedran, percebi que ela é uma contadora de histórias que pesquisa as próprias histórias tradicionais, mas ela é profissional e a gente sabe disso. Só que eu não vi ela fazendo espetáculo, não tive sorte. Tive azar de um lado e sorte pelo outro de não assistir. Eu vi ela na roda, ela sentava numa cadeira e contava coisas que ela lembrava. Mesclava tanto histórias ensaiadas quanto histórias que ela se lembrava simplesmente de contar (Narrador Moraes).

Dentre as instituições que forneceram espaços para a formação no campo da contação de histórias destacam-se a universidade (47,05%), a escola (35,29%) e os programas institucionais (30,90%) (Gráfico 4). Esses indicadores baseiam-se em respostas fornecidas de maneira

isolada o que tornou difícil o processamento da análise. Em alguns momentos os participantes marcaram não haver participado de nenhuma atividade de formação formal e, logo em seguida, marcavam a escola ou a universidade como responsável especificamente pelo oferecimento de cursos no seu processo de sua formação.

Várias instituições foram apontadas como viabilizadoras de eventos de formações, destacando-se, por conseguinte, igrejas, faculdades, bibliotecas públicas, universidades, secretarias de educação e cultura, programas de leitura como o PROLER e o GECHUFES, entre outras. Entendendo os territórios e os espaços de formação como sendo de responsabilidade de um coletivo, direciona-se um olhar para os movimentos criados por sujeitos que atuam em instituições de educação formal ou informal.

Gráfico 4 – Instituições que oferecem espaços de formação



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Na sociedade da informação a formação no campo da narração de histórias mais do que nunca lida com as competências dos humanos. A arte de narrar requer uma dimensão formativa que possa compreender “[...] o desenvolvimento harmonioso do ser humano em todos os seus aspectos: razão, emoção, corpo e espírito [...]” (GIORDANO, 2013, p.

43). Tendo em vista que essa arte milenar exige aprender como se processam as atividades de formação durante a vida inteira, acaba exigindo, com isso, uma humanização no que se refere as relações formadas em redes de aprendizagens e profissionalização.

Uma coisa que até hoje eu faço mesmo atuando no campo da formação, tem pessoas que param e só trabalham com formação. Procuo sempre estar participando das formações, procuro sempre estar buscando essas capacitações. É trocar com pessoas como o Fabiano de Moraes que quando tem curso aberto eu faço. Eu já tive a oportunidade de estar com Gab Kruger numa contação de histórias e em espaços abertos, como, por exemplo, a FAFI, quando tem alguma formação de contação de histórias. [...] Um das histórias que eu, por exemplo, conto e que é do Fabiano Moraes, não sei se você teve a oportunidade de ouvir, é a história do “Corcunda pobre e do corcunda rico”, eu aprendi contar ouvindo narrativa dele (Narrador Fernandes).

Fiz dois cursos um no início que eu não lembro com quem e esse último que vocês promoveram na UFES com o João Vitor³⁶ que já conhecia da Biblioteca Pública. Você mapeou a gente pelo curso e por que aceitei ao convite? Por que já gostava da área da contação de histórias e vi que eu poderia me capacitar para contar na escola. E sabendo quem era e quem ia dar a oficina pra mim foi tranquilo, porque já conhecia o João Vitor da Biblioteca Pública quando contou histórias no meu setor [...]. Por causa do estilo e das técnicas de teatro, não é? Trabalhou a voz [e expressão corporal e facial...]. As duas oficinas que fiz foram via Universidade... Ah! Uma outra ação foi via SEDU, foi uma conversa com outras pessoas que também contavam e fomos trocando experiências, nela a Ana Pacheco³⁷ contou histórias para a gente, ela conta muito bem (Narradora Célia).

Fui buscando meios para isso, fazendo cursos, ouvindo um pouco outras pessoas contando na biblioteca, porque é um ambiente em que sempre acontecia contação de histórias. E com o pedido das crianças junta-se a necessidade de atender a uma demanda que já existia e a necessidade de suprir, buscar em livros e em cursos uma forma de contar histórias (Narradora Helena Silva).

Boa parte dos sujeitos narradores procuram por cursos, oficinas e

³⁶ João Vitor Lemos é ator, contador de histórias e, na ocasião, graduando do Curso de Biblioteconomia da UFES. Como aluno voluntário do Projeto de Extensão *Ideias e práticas em informação, educação e cultura* que atualmente responde por Projeto *Informa-Ação e Cultura*, foi responsável pelas oficinas de contação de histórias oferecidas por esse projeto para a comunidade interna e externa à UFES (GERLIN, 2013).

³⁷ Bibliotecária da SEDU.

outros espaços tempos de (in)formação, todavia, não se pode desconsiderar que um pouco mais da metade (52,95%) deixou de participar de atividades formais voltadas para a sua formação. A narradora Uliana não procurou nenhum curso ou outro evento em específico para trilhar seu percurso nesse campo de atuação, buscou por histórias que encontrava na internet e com os próprios colegas. Principalmente com os professores da educação infantil que possuem “[...] uma certa convivência com isso e têm uma habilidade também, então, o cotidiano acaba te levando. Um indica uma coisa e que indica outra e você acaba buscando” (Narradora Uliana).

Tendo em vista que muitos profissionais acabam contando histórias no seu próprio ambiente de trabalho, buscando ou não uma formação específica, aparece a necessidade de (re)criação dos espaços de formação em que os narradores de histórias mais experientes e aqueles que estão se iniciando na área consigam trocar informações de maneira colaborativa. A maioria dos espaços é demarcado por atividades presenciais, todavia, registra-se que mais da metade dos contadores de histórias dá a devida importância ao ciberespaço no que se refere ao processo de formação (63,24%)³⁸.

A atuação marcante dos contadores de histórias da tradição ou daqueles que aprimoram sua arte para dedicar-se a uma atuação profissional com características mais performáticas se complementam. Com a intensificação do uso das TIC por parte do narrador neste século, há que se considerar o alcance da diversidade em termos de práticas e repertórios de narrativas. Atualmente a internet exerce uma forte influência na área da contação de histórias, assim como a mídia televisiva e as emissoras de rádio fizeram no século XX.

Marquei que não tive influência de um círculo pessoal, apesar de passar a infância no Maranhão onde essa cultura é muito maior, não é? Não tive essa influência na infância, apesar de meu pai ser um grande narrador, de contar histórias de pescador e de caçador. [...] Mas tive a influência de um grupo chamado Ópera na Mala, que tinha um programa Baú de Histórias na TV Cultura na década de 90, depois até entrei em contato com a Cris Miguel que é a atriz que na época fazia o programa. Ela é de São Paulo, maravilhosa e super acessível (Narradora Kruger).

³⁸ 19,10% não dá a devida importância e 17,66% não respondeu essa questão.

No século XX o GECHUFES coordenou o *Contando histórias na Rádio Universitária da UFES. Trabalhando o contexto de cidadania cultural [...] tínhamos um momento de contar histórias, percebendo o que essa história gerava nas pessoas que ouviam as narrativas pelo rádio* (Narradora Biancardi).

Quando vem o virtual? Primeiro porque eu assisto pessoas contando, busco fontes, material [na internet]. Artigos para o processo de formação, então, também em 2005, você publicou na Roda de Histórias, não foi? Foi justamente por eu ter esse vínculo com a tecnologia, um vínculo com o tradicional e outro com a tecnologia (Narrador Moraes).

As TIC têm um impacto significativo no cotidiano dos contadores de histórias na sociedade contemporânea, sendo um fator de importância para a criação de ambiência de facilidades de acesso e uso da informação e criação de conhecimento (BASSETTO, 2013). Com o uso delas ampliaram-se as possibilidades de busca de informações no campo da narrativa oral, incluindo nesse processo o fortalecimento do uso da internet. Sem desconsiderar as dificuldades de acesso que ela ainda apresenta, torna-se evidente a oportunidade de um contador de histórias com características mais tradicionais ou não profissionalizar-se no espaço virtual.

Na atualidade as mídias de comunicação disponibilizam informações sobre as narrativas de grupos de contadores de histórias na internet. “A narrativa ciberespacial, sem fim e sempre mutante, é um lugar de deleite num sentido de intermináveis transformações, mas, para que a narrativa eletrônica amadureça, ela deve ser capaz de incluir também a tragédia” (MURRAY, 2003, p. 170). Hoje o narrador de histórias também pode contar com as atividades de formação voltadas para a aquisição da técnica, em seminários, cursos, oficinas e outros eventos oferecidos por instituições formais ou informais como o ciberespaço. Na linha da discussão sobre a potencialidade dos espaços tempos de formação e sobre a importância que é atribuída para as informações disponibilizadas no espaço virtual, a internet aparece como uma rede de computadores interligados, disponibilizando ferramentas potentes para um profissional da área da contação de histórias que aproveita esse espaço para fortalecer sua prática (CASTELLS, 2003).

Por meio da internet, a web oferece informação em formato de páginas hipermídia, disponibilizando não apenas textos, mas também imagens,

sons e outras possibilidades de leituras disponíveis na grande rede. Essas mídias são utilizadas pelos contadores de histórias em territórios de informação, educação e cultura presenciais. Destaca-se que desde a sua criação a internet tem como meta permitir ao sujeito autonomia no espaço virtual, bem como, fornecer liberdade de expressão de modo que se possa “[...] inventar e criar serviços e produtos, utilizando ferramentas e softwares informáticos, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento” (CUSTÓDIO; SILVA, 2009, p. 179).

Os diálogos estabelecidos em torno do uso das novas tecnologias coexistem com colocações de que “O conversar caiu em desuso, os jovens se falam pelo celular, pelo computador. O mundo das máquinas substituiu o fazer humano – as histórias são gravadas, na tentativa de substituir a voz do narrador” (GIORDANO, 2013, p. 32). O movimento de apropriação das tecnologias de escrita, informação e comunicação por parte do narrador de histórias, permite que um resgate da prática da oralidade seja feito com o auxílio das ferramentas tecnológicas, requerendo que esse profissional adquira competências no campo da informação.

O acesso às redes digitais me ajudou inclusive a melhorar a minha narrativa e em como fazer essa contação de histórias. E outras inúmeras questões, ligadas a Bia Bedran que usa a música e a própria contação de história através da internet. Então, eu acredito que é um recurso que auxilia muito ao professor e ao contador de histórias. Toda pessoa envolvida com a contação de história hoje tem que ficar em contato com isso, porque querendo ou não, até mesmo na escola pública se tem acesso à informática (Narrador Fernandes).

Algumas vezes eu busquei Bia Bedran pra ter ideias e pra ver porque é muito linda. Então, eu acho que a gente tem que resgatar essas pessoas que admira, para fazer não igual, mas ver como eles fazem e buscar fazer também. Tem uma dupla também da TV Educativa que agora não consigo lembrar o nome. É um homem e uma mulher, eles são um casal. Eles estiveram aqui no Campanelli fazendo um festival que o Rodrigo³⁹ fez. Uma das coisas do projeto dele era trazer alguém de fora. Então depois que eu os conheci presencialmente, fui para o espaço virtual procurar em todos os programas da TV Educativa, pra assistir as contações de histórias. Eu acho que tenho

³⁹ Rodrigo Campanelli é ator, diretor teatral e escritor. Também atua como contador de histórias tendo participado da primeira versão do GECHUFES no ano de 1996, vencendo o concurso Malba Tahan de Contadores de Histórias promovido pelo Grupo Experimental e ministrado cursos nesse projeto de extensão (RODRIGO..., 2007).

usado o espaço virtual como espaço de pesquisa, pra ver como esse pessoal mais jovem, principalmente que usa os recursos eletrônicos, conta as histórias que estão registradas em internet via vídeos. Então, é assim que a gente aprende [...] (Narradora Sampaio).

O que aconteceu quando percebi que eu ia fazer esse serviço profissionalmente? Eu comecei a procurar, a pesquisar, como é o nome daquilo que a gente pesquisa? Referências! Eu precisava de referências, então como ia eu fazer? Eu não queria chegar simplesmente do jeito que eu estou aqui de calça jeans e camiseta, chegar na sua frente e contar histórias. A criança não ia se interessar, não ia conseguir vender. Eu precisava de um produto diferente. Eu fui ver o que estava sendo feito no ES. Utilizei a internet como recurso pra fazer isso. Pesquisei todo mundo que estava trabalhando no Estado para ver o que eu podia fazer diferente. A partir do momento que eu percebi o que estava sendo feito aqui, eu usei o Google pra pesquisar o que estava sendo feito diferente no Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal. Em língua portuguesa como se contava histórias. Eu encontrei alguns grupos de referência, alguns contadores de histórias de referência e eu assisti vorazmente tudo que postaram na rede (Narradora Kruger).

A importância que é dada às tecnologias de informação na contemporaneidade é ressaltada pelos contadores de histórias, assim como, a audição de histórias continua sendo “[...] uma arma poderosa em favor da disseminação da literatura e uma provocação com gosto de ‘quero mais’” (YUNES, 2012, p. 63). Nesse sentido, a tradição e a tecnologia coexistem ao contribuir para uma aprendizagem formal e informal voltada para a formação do contador de histórias. Na sociedade da informação essa estrutura é efetivada em espaços educacionais presenciais, como universidade, escola e grupos institucionais. A aprendizagem informal é realizada fora de um contexto educacional recebendo a contribuição da audição dos narradores da tradição e do ciberespaço (DEMO, 2012).

Não se pode negar que o processo de aprendizagem proporcionado pela educação formal adquirida em espaços escolares, acadêmicos e estruturas informais se complementam. Independente de ocorrer em ambientes presenciais ou virtuais, formais ou informais, de repente essa área de atuação careça de aprendizagens mais autônomas. Nesse sentido, apresenta-se ao final desse capítulo uma espécie de estado da arte dos espaços tempos de aprendizagem do contador de histórias em que a estrutura de aprendizagem formal e informal coexistem (Quadro

7).

Quadro 7 – Espaços tempos de aprendizagens formais e informais

ESTRUTURA DA APRENDIZAGEM	TIPO DE FORMAÇÃO OFERECIDA	ESPAÇOS TEMPOS DE APRENDIZAGEM
FORMAL	Formação escolar, acadêmica e outras.	Ensino Médio; Graduação; Pós-Graduação; Ensino presencial; Ensino à distância; etc.
FORMAL/INFORMAL	Formação voltada para a gestão cultural, formação que compreende a arte de narrar e outras.	Cursos, oficinas, seminários, web conferências; etc.
INFORMAL	Audição de narradores da tradição ou pares; audição dos pares; experiências práticas nos territórios de atuação e outras.	Residências; espaços comunitários; ciberespaço; etc.

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa

Conforme pontua Morin (2003, p. 103) é necessário reformular os modos de aprender: “A reforma do pensamento, deve, portanto, ser uma necessidade democrática fundamental: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de sua época [...] em todas as áreas”. Então, talvez fosse necessário fundamentar uma nova dinâmica para o narrador aprender a aprender, consubstanciada pelo compartilhamento de uma gama de informações em redes híbridas e auxiliando na aquisição de uma técnica necessária que envolvesse um processo de criação permanente. Ou fosse preciso refletir um pouco mais sobre o que está posto em termos de aprendizagens principalmente no campo da competência narrativa.

Quando faço cursos ou as oficinas para contadores de histórias, a impressão que eu tenho é que os profissionais que estão ministrando os cursos guardam a sete chaves um grande segredo: o de contar histórias. Porque a gente fica sempre numa coisa mínima, como se fosse um pequeno passo e a impressão que eu tenho é sempre essa. Já participei de vários e a sensação é a mesma. Até nos eventos realizados nas instituições em que trabalho a sensação é a mesma: que se divulga muito o que faz, o que acho válido, mas o objetivo principal não se preenche. Então você continua com

a necessidade de buscar o que foi receber. De repente não seja alguma coisa que se ensine, mas talvez de você se propor a fazer, de querer, então, você faz do seu jeito encontrando a melhor forma de contar a sua história. Talvez seja isso. Acho importante a troca de informações, para ajudar uns aos outros aprimorar o conhecimento das técnicas difíceis de praticar. O segredo que ninguém quer contar (risos). Ao meu ver [a rede] será importante para conhecermos os segredos guardados a sete chaves (Narradora Helena Silva).

Dialogar com os narradores conduziu ao pensamento de que talvez a arte de contar histórias não seja uma atividade que se possa ensinar. Entretanto, muitas técnicas ainda deverão ser apreendidas e habilidades compartilhadas no campo da narrativa oral. Existem habilidades que o narrador de histórias não pode aprender em oficinas ou cursos, porque são inatas (DEMO, 2012). Desse modo, torna-se necessário adotar uma perspectiva de colaboração para ampliar as trocas de experiências indispensáveis ao processo de formação, atribuindo valor aos movimentos postos e (re)formas que ainda são necessárias aprender. De certo modo a gestão cultural desse ator deve ser analisada mais de perto e, assim, quem sabe os segredos guardados a sete chaves não sejam revelados? Ou melhor, cada vez mais compartilhados entre os atores sociais em espaços tempos de aprendizagens colaborativas que se constituem como estruturas formais e informais de relacionamento profissional e humano.

Perante ao exposto, urge a necessidade de identificar as competências em informação e narrativa necessárias ao estabelecimento de uma conexão em redes que permita o processamento de buscas e recuperação da informação, bem como o compartilhamento de conhecimento na área da contação de histórias. Por conseguinte, apresentam-se nos capítulos 3 e 4 indicadores sobre a atuação profissional e competências que englobam conhecimentos, habilidades, técnicas e atitudes que os narradores de histórias possuem e necessitam para uma conexão em redes de diversos formatos na sociedade da informação.

CAPÍTULO 3

CONTEXTO DA ATUAÇÃO CULTURAL E DELINEAMENTO DA COMPETÊNCIA NARRATIVA

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro (BENJAMIN, 1994. p. 204).

INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA: CATEGORIA DA ATUAÇÃO CULTURAL

O narrador contemporâneo envolve-se em processos de buscas e recuperação com a meta de disseminar informações narrativas e produzir conhecimentos por meio de pesquisas, preparação e comunicação de uma infinidade de mitos, lendas, fábulas e outros contos populares e/ou literários. A criação de serviços e produtos, bem como a utilização de estratégias da tradição para a memorização e propagação de narrativas permanecem ligadas às experiências de um sujeito que para poder contar também deve saber ouvir (BENJAMIN, 1994). Para a manutenção da sua prática narrativa necessita agenciar uma produção cultural que possa considerar a importância do atravessamento de aspectos sociais, históricos e culturais.

O agente cultural comumente é visto como um administrador que não se envolve diretamente com a arte. Contudo, essa distância não atende as necessidades do campo de uma atividade pautada na abordagem da ação cultural. Nesse tipo de ação o gestor lida diretamente com a produção de serviços e com o agenciamento de processos, devendo, desse modo, enxergar-se como sujeito de cultura. Da mesma forma que um artista deve *penetrar numa comunidade* para estabelecer um contato cultural mais efetivo com o seu público, esse agente precisa estabelecer contato direto com os sujeitos ou grupos dos quais fazem parte (COELHO NETTO, 2002).

O agenciamento que por vezes é realizado autonomamente pelo narrador, assim como a caracterização do desenvolvimento de um trabalho praticado, na maioria das vezes, no espaço presencial deve ser colocado em análise. Para isso, delinea-se a “categoria atuação cultural” voltada para uma ação permeada pela competência narrativa, inicialmente procurando descrever temas que se configuram como indicadores para a reflexão de uma certa forma de o narrador atuar culturalmente (Quadro 8).

O narrador profissional envolvido com produção ou agenciamento de um serviço cultural, precisa estar aberto ao processo de troca de informações e compartilhamento de conhecimentos necessários a esse

contexto. Também deve considerar a diversidade das culturas e das tradições no campo da oralidade.

Quadro 8 - Descrição de temas que compõem a primeira categoria dos indicadores do contexto de atuação e da competência narrativa

INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA		
Categoria atuação cultural	TEMAS	TEMAS
	Agenciamento autônomo das atividades culturais	Apoio de sujeitos em instituições públicas e/ou privadas
	Avaliação do relacionamento com público, apoiadores e pares	Diálogo com profissionais de outras áreas de atuação
	Desenvolvimento do trabalho narrativo no ciberespaço	Caracterização das atividades culturais (ação cultural, animação, etc.)

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa

Perante a demanda de conhecimento sobre a área desse tipo de gestão, cerca de um terço dos narradores de histórias (33,82%) possuem conhecimento do campo da gestão cultural, enquanto a maioria afirma não possuir (63,24%).⁴⁰ O fato de o narrador deixar de assumir que administra o processo, de forma alguma descaracteriza o exercício da atividade de gerenciamento que comumente é por ele desenvolvida em territórios de educação e informação.

Eu não sou gestor cultural, não faço gestão cultural. Mas como desde o doutorado eu não tenho feito mais apresentações, em termos de oficinas, agora só institucionalmente, então, o meu trabalho acaba sendo assim até desvinculado disso. Mas quando eu fiz apresentações profissionais e ministrei oficinas, eu divulgava e ao mesmo tempo enviava as propostas, fazia toda a gestão, todo o sentido do meu trabalho. Mas de eventos, nunca! (Narrador Moraes).

Conheço a teoria da disciplina Ação Cultural. E por mais que você tenha esse conhecimento teórico, você tem que saber como gerenciar um projeto cultural. Você não precisa ser contador de histórias, não precisa se vestir de Emília, mas precisa gerir um projeto cultural. Então, perpassa pelo planejamento. Ai vem a calhar toda a

⁴⁰ 2,94% não respondeu essa questão.

experiência que eu tive da área administrativa, na questão de gerenciamento de coordenação, então, toda essa bagagem administrativa me põe aqui dentro como gestor cultural. [...] Eu acho que tenho conhecimento de gestão cultural sim (Narradora Célia).

A necessidade de captação de recursos, divulgação de serviços/produtos e outras demandas, são evocadas por meio do diálogo estabelecido com os narradores que se consideram ou não gestores. Nesses moldes torna-se necessário buscar um conhecimento acerca da gestão cultural, conforme indicado pela narradora Célia que tomou conhecimento da gestão cultural, no campo teórico, por meio da disciplina Ação Cultural ministrada pelo Departamento de Biblioteconomia da UFES.

A maior parte dos atores sociais utiliza a própria experiência adquirida no campo da contação de histórias para gerenciar o próprio trabalho (75%), enquanto uma parcela menor afirma não gerenciá-lo (22,05%). O autogerenciamento não desconsidera a necessidade de integração com uma equipe inter e transdisciplinar, assim como, quando necessário de receber assessoria com a finalidade de criar condições para a revitalização dessa arte, conforme expõe as narradoras do Grupo Chão de Letras:

Na verdade o grupo faz parte do projeto Viagem pela Literatura, então, a Elizete⁴¹ que é a coordenadora, trabalha as ações do projeto no ambiente institucional. Nós somos voluntárias nesse projeto e o Chão de Letras é um braço do projeto, a Elizete faz todo esse trabalho por nós. Agora aqui fora, infelizmente, nós é que atendemos, nós é que temos que regatear com as pessoas [...] (Narradora Magalhães).

Uma das nossas dificuldades é justamente isso. Geralmente a gente não tem muito jeito para vender o trabalho. Essa é uma dificuldade nossa. A gente está tentando e não vai, porque não é do nosso perfil esse tipo de trabalho (Narradora Bossois).

Agora a gente pediu a assessoria do Fábio Perere que conta histórias. Na semana passada ele perguntou se a gente iria mesmo querer e se era verdade. É claro que a gente vai querer! Porque ele conta histórias, mas é um empreendedor. É uma pessoa

⁴¹ Elizete Caser Rocha é coordenadora do projeto “Viagem pela Literatura” da Biblioteca Municipal Adelphi Polí Monjardim, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (Semc) de Vitória. Em 2014 o projeto que acolhe o Grupo Chão de Letras comemorou no Mucane 20 anos de existência, tendo a participação de contadores de histórias, produtores culturais, escritores e outros colaboradores (VIAGEM..., 2014).

que tem visão, ele busca, ele coloca e ele vai nos ajudar nesse processo que pra nós é tão difícil (Narradora Magalhães).

A gestão cultural do trabalho do narrador envolve fases de planejamento, produção, divulgação de serviços e distribuição de produtos culturais (COELHO NETTO, 2002), constituindo-se como atividades importantes para o contador de histórias que no cenário atual trabalha com o marketing da própria atividade. “O planejamento de uma ação cultural se caracteriza a partir de um projeto a ser elaborado e implantado junto com todos os sujeitos envolvidos” (GERLIN; BARCELOS, 2017, P. 127). Nesse contexto, insere-se no ciclo do processo de produção e de promoção de novos produtos, como um livro impresso no campo da narrativa oral. No caso do exemplo exposto aparece a necessidade de gerir dialogicamente processos de captação de recursos, editoração, publicação, distribuição e difusão da obra produzida.

Da mesma forma que o agenciamento cultural é importante para o contexto de atuação de um narrador que é escritor e que necessita divulgar seus produtos literários, torna-se essencial para o oferecimento de um momento de contação de histórias e outros serviços disponibilizados em territórios de educação e cultura. Não se pode negar que o agenciamento autônomo, ou seja, realizado pelo próprio narrador é recorrente. Essa constatação aponta para um campo de trabalho que pode ser ocupado por gestores e produtores culturais que não sejam narradores, porém, capacitados para atuar em equipes formadas com a finalidade de apoiar a prática do sujeito narrador.

Não busco financiamento, chego e falo da importância da narrativa oral. Digo quais objetivos ela tem, com que missão desenvolvo o trabalho, apresento o panorama e o resultado disso. Faço o que realmente ensinam na área de marketing cultural [...], fazendo o uso desse conhecimento, porque sou especialista em marketing. Ao registrar o GECHUFES no Viva Leitura, por exemplo, acabamos desenvolvendo trabalhos no meio de comunicação (Narradora Biancardi).

Eu sempre agenciei, mas é uma pena porque eu acho que eu teria pernas pra atuar mais trabalhando do que agenciando, eu teria mais pernas. Eu poderia fazer muito mais coisas se eu tivesse alguém divulgando esse trabalho. E hoje em dia o meu foco é agenciar a distribuição de livros (Narradora Sampaio).

Eu não tenho ninguém que tenha agenciado o meu trabalho, no máximo eu recebi

convites e fiz o meu trabalho, fui contratado num tempo anterior. O apoio de sujeitos de instituições públicas ou privadas para agenciamento, não. Não pra agenciamento, mas mais no sentido de contratação. [...] Com exceção de algumas vezes que alguma pessoa trabalhou na divulgação, fechando alguns trabalhos pra mim. Um amigo. E também com editoras. Às vezes a editora era quem divulgava, chamava e levava [o público], mas não era um agenciamento especificamente, era muito mais uma contratação e divulgação. Para a própria pessoa que era interessante divulgar, não era agenciando especificamente (Narrador Moraes).

O gestor envolve-se com todas as etapas de um processo cultural, enquanto o produtor trabalha com áreas específicas da produção cultural como a própria denominação indica. Um gestor pode, desse modo, tanto se referir a um sujeito que assume essa função no campo da cultura, quanto um narrador de histórias que gerencia todo o processo cultural da atividade que costuma desenvolver. Na medida em que o agenciamento cultural referencia um grupo que atua com a perspectiva inter e transdisciplinar percebe-se o fortalecimento da proposta de um trabalho colaborativo mais do que necessário na sociedade em rede.

O sujeito ou grupo que se envolve com a gestão cultural, na contemporaneidade deve considerar a (re)configuração do mundo atual e as mudanças profundas no cotidiano de trabalho do contador de histórias, ocasionadas pela articulação do uso das novas e tradicionais tecnologias (CASTELLS, 2003; LANZI, 2012). Nesse sentido, um novo tipo de administrador é requerido para suprir as demandas da sociedade que a cada dia disponibiliza tecnologias de escrita, informação e comunicação, requerendo, com isso, um agenciador das oportunidades trazidas pelos meios de comunicação e pelas conexões potencializadas pela internet.

Tanto os recursos disponibilizados pela era digital, quanto os conhecimentos do campo da produção cultural são essenciais para a divulgação e disponibilização de produtos e serviços relacionados com a área da contação de histórias em espaços presenciais ou no ciberespaço. “Trata-se de criar o maior número possível de oportunidades para que o maior número possível de interessados conheça a parte essencial da aventura cultural que é a criação” (COELHO NETTO, 2002, p. 85).

Cancelei o Facebook e tive que voltar, porque fiz uma formação no SESC⁴² e tive pouca procura. Tive que voltar porque a divulgação que fizeram não foi tão eficiente assim. Então eu tive que colocar na rede e teve procura. [...] Hoje a rede que eu utilizo é o Facebook. O e-mail também uso, mas uso mais o Facebook, não participo de fórum mais não (Narrador Valadares).

Tenho um social média porque não estou dando conta de fazer tudo. Veja bem, mesmo com o social média cuidando da minha página profissional. A Mala Produções no Facebook, eu ainda passo um tempão com os contatos que tenho in box, porque a manutenção do meu público é feita num patamar muito pessoal. [...] A gente descobriu quem é meu público alvo. São mães de classe média que seguem um estilo de vida alternativo (Narradora Kruger).

Esse campo de atuação requer busca, acesso e uso de informações e, acima de tudo, o estabelecimento de diálogos em redes virtuais e presenciais, de modo que se possam tornar visíveis os movimentos que giram em torno dos fazeres e dos saberes (conhecimentos, habilidades e técnicas) do contador de histórias. O contexto cultural mediado pelas tecnologias, requer desse narrador a participação em conselhos de cultura, grupos de discussões, reuniões com apoiadores e o atendimento de outras demandas que muitas vezes acontecem em reuniões presenciais e/ou em grupos de discussões *on line*.

A falta de conhecimento da área da gestão cultural pode dificultar os processos de captação de recursos, muitas vezes viabilizados por meio do auxílio de colaboradores que atuam, direta ou indiretamente, em instituições públicas e/ou privadas. Essa e outras barreiras enfrentadas pelo sujeito narrador devem ser transpostas com o auxílio de profissionais de diversas áreas e com a aquisição de competências em informação. Do total de entrevistados, um pouco menos da metade (42,64%) procuram esse tipo de apoio para o desenvolvimento do seu trabalho, enquanto mais da metade (52,94%) afirma não buscar nenhum apoio⁴³.

Na verdade eu busco estar sempre muito atenta para conhecer o mercado, as políticas públicas da área de cultura, a questão da formação, textos que tragam a formação profissional do bibliotecário, que é a área em que eu atuo. Livros, artigos, periódicos, reconhecimento e estudo dos projetos que a gente vê na área (Narradora

⁴² Serviço Social do Comércio (Sesc).

⁴³ 4,42% não respondeu essa questão.

Biancardi).

Na área de ação cultural, diretamente ligada à área da contação de histórias não. Mas a gestão cultural sim. Porque eu participei do Conselho Municipal de Cultura de Vitória, lá então a gente trabalhava nessa área também. E hoje eu sou do Conselho Estadual de Cultura. Eu faço parte lá da cadeira da biblioteca. A câmara de literatura e biblioteca, eu estou participando nessa câmara. A contação de histórias ainda não é contemplada. De alguma maneira ela é contemplada mais um pouco pela área do teatro ainda. [...] Eu entrei nesse ano no conselho, então a gente está se apropriando um pouquinho mais do estatuto do regimento e trazer de alguma maneira. Então a gente não tem uma noção tão grande ainda (Narrador Valadares).

Eu acho que quando se trata de uma pessoa só em busca disso é muito difícil. Se você me perguntar se eu vou fazer sozinha. Não! Eu acho que não estaria preparada para esse processo todo de novo. Mas sempre fui aberta e sempre achei que quando você forma um grupo e você busca esses outros recursos as coisas tendem a ficar mais fáceis. Você busca atividades e tem mais força junto com as instituições nas quais está buscando recursos, de contadores e pesquisadores em volta disso, tudo facilita, sozinha não faria mais. Mas com grupo sim (Narradora Uliana).

Na atualidade a ausência de domínio das ferramentas tecnológicas que possibilitam, por exemplo, buscar e recuperar informações sobre os editais culturais disponibilizados na web é um fator determinante na carreira profissional do narrador de histórias. Os editais de incentivo à cultura são ferramentas de fomento e difusão da produção e gestão da cultura nos Estados brasileiros, funcionando em atendimento às necessidades dos sujeitos sociais que se apropriam ou trabalham com cultura na sociedade da informação.

Os editais de fomento e incentivo à cultura geralmente apoiam a uma diversidade de seguimentos pertencentes às áreas de artes, música, patrimônio e memória, audiovisual, livro e leitura, dentre outras. Projetos que contemplam a narrativa oral geralmente mantêm uma conexão com metas relacionadas com o incentivo à leitura, também podendo intercambiarem-se com a desenvolvimento de atividades culturais ligadas a outras áreas que se apropriam dessa prática baseada numa tradição milenar.

Apresentam como objetivo conceder recursos para investimentos dos gestores por meio do estabelecimento de contato com empresas privadas que tenham interesse em contribuir com diversas áreas de

cultura, dentre elas a narração de histórias, oferecendo como contrapartida para as empresas deduções no Imposto de Renda. A meta dos editais de cultura é tornar possível uma interseção entre política pública e capital cultural em benefício da sociedade (GRUMAN, 2010). A Lei Chico Prego que pertence ao município de Serra (ES), acaba tendendo a suprir essas necessidades de incentivo de criação e implantação de projetos visando o desenvolvimento cultural (SERRA, 1999). Existem outras leis no âmbito municipal com a mesma característica, entretanto, destaca-se que o Estado do ES oferece acesso a uma nova forma de apoio de financiamento para atividades culturais por meio do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (FUNCULTURA), regido pela Lei Complementar nº 458 de 21/10/2008, tendendo, nesse sentido, a fomentar o planejamento, a criação/produção e a distribuição de produtos e serviços culturais no Estado de maneira mais direta (ESPÍRITO SANTO, 2008).

Eu submeti projeto no Funcultura uma vez, ele ficou classificado como primeiro suplente. Era pra fazer um trabalho no interior do Estado na área da narrativa tradicional da região. Então ele ficou de suplente, mas ninguém desistiu. E teve outro que foi aprovado pela Lei Chico Prego. A gente fez um trabalho junto com o Fabiano de Moraes, em educação infantil e biblioteca pública. Então a gente teve um apoio via edital de cultura (Narrador Valadares).

A gente se relaciona com a Elkem⁴⁴, toda essa área de administração, diretoria da empresa, departamento pessoal. Pra estar fazendo esse trabalho a gente também vai buscar apoio no campo educacional. De toda categoria educacional, dos pedagogos, dos coordenadores, outros tipos de professores de outras áreas, porque às vezes a gente vai trabalhar com o ensino médio e todas as outras áreas afins (Narrador Fernandes).

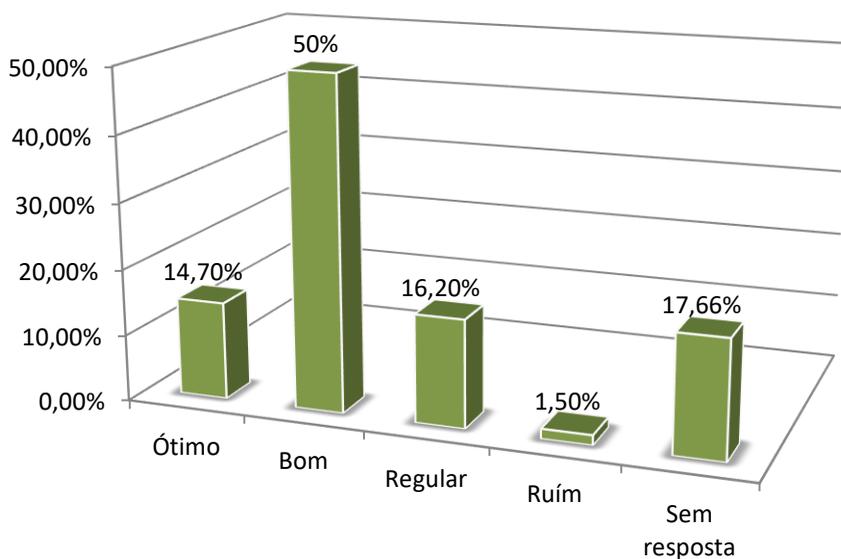
A captação de recursos em editais de cultura municipais e estaduais é uma estratégia potente que se apresenta para o gestor cultural que atua no campo da narrativa oral. Por meio deles pode-se viabilizar recursos para gerir o próprio processo de trabalho e, desse modo, tornar-se um gestor cultural bem sucedido. O contrário também acontece no momento em que um gestor externo oferece apoio ao processo de gestão cultural, ao se dedicar à organização da escrita de um projeto e

⁴⁴ Empresa idealizadora e que apoia a “OSCIP Colorir, Criando Valores”, coordenada pelos professores e contadores de histórias Santos e Fernandes.

de outros documentos exigidos nesse tipo de editais. Existem outras formas de gestão e de captação de insumos que podem ser viabilizados diretamente em empresas privadas, sem a intermediação do Estado.

As perspectivas de trabalhos inter e transdisciplinares são facilmente identificadas no cotidiano dos contadores de histórias. Com isso, a gestão cultural acaba se consolidando e requerendo o fortalecimento das suas estruturas de comunicação. O relacionamento com colaboradores, nesse sentido, torna-se essencial para que os gestores obtenham sucesso em sua área de atuação. Embora a maioria tenha o costume de dialogar com sujeitos de outras áreas de atuação (75%), não se pode desconsiderar uma parcela menor que assegura não se dedicar ao estabelecimento dessa prática (20,60%)⁴⁵.

Gráfico 5 – Avaliação do relacionamento com pares, público e apoiadores



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

O relacionamento com pares, públicos e apoiadores eu considero ótimo, ao mesmo tempo que a negociação com o coletivo de fato auxilia muito no desenvolvimento da arte de narrar, porque você percebe que é necessário negociar em todos os sentidos.

⁴⁵ 4,40% não respondeu essa questão.

No sentido do repertório e da proposta de trabalho principalmente. Como abordado mais adiante na pergunta, a atividade cultural que eu fiz nas instituições capixabas eu considero que foram ação cultural. No processo de diálogo uma das negociações era essa (Narrador Moraes).

O diálogo sempre foi ótimo e transparente, baseado na sinceridade e na troca de ideias para ver qual era efetivamente o tipo de serviço que eles gostariam de ter do contador de histórias, a ponto de conseguir ver o quanto gostariam da gente atuando. Em aniversários, por exemplo, o diálogo tinha que ser muito transparente e claro. Porque contar histórias em ambientes de aniversário, onde as crianças querem farrear, brincar, correr, comer bolo, docinho e cantar parabéns, não é um lugar muito apropriado para ter contação de histórias. Tem barulho e tumulto, fica difícil a concentração da criança. Mas a ação pode acontecer desde que o contrato possibilite um lugar específico para o contador estar lá realmente com um grupo de crianças e adultos dessa festa de aniversário (Narradora Biancardi).

De modo a minimizar barreiras encontradas e auxiliar na resolução de problemas, parece necessário compreender como as relações de trabalho entre contador de histórias e apoiadores acontecem. O estabelecimento de um bom diálogo com pares e público é relevante dentro de um contexto de atuação cultural desse narrador. Nessa direção, metade dos narradores avalia o relacionamento estabelecido com pares, público e apoiadores como sendo bom (50%) e chegando a ser avaliado como ótimo (14,70%). Esses indicadores colocam em análise que as relações sociais desses gestores necessitam de vínculos mais fortes com a finalidade de garantir ações colaborativas em redes de relacionamento profissionais (Gráfico 5). O narrador de histórias deve interagir com o público, apoiadores e pares, utilizando, para isso, todo o conhecimento demandado para a realização da sua atividade, ao considerar principalmente o ouvinte como sujeito e não como objeto.

A ação cultural aparece como uma ferramenta potente para o contador de histórias, permitindo o desenho de redes mais distribuídas e processos de comunicação extensiva⁴⁶ (SIMEÃO, 2006), tanto para o público no momento da comunicação de uma narrativa quanto para outros sujeitos. Por meio delas proporciona-se uma participação mais

⁴⁶ Tendo em vista que na atualidade o sujeito sofre uma forte influência dos aparatos tecnológicos, a comunicação extensiva é um processo que requer instrumentalização de sistemas mais abertos, cooperativos e suscetíveis ao compartilhamento de dados, informação e conhecimento (SIMEÃO, 2006).

integradora e reflexiva nos processos de gestão e pode-se estabelecer espaços de diálogos. Esse tipo de ação é um desafio já que considera planejar “*junto com*” os sujeitos de cultura e “*não apenas sobre*” as suas demandas sociais (FREIRE, 2006).

A gestão fundamentada nos preceitos da ação cultural viabiliza a fruição de processos de diálogos o que vão ao encontro da perspectiva transdisciplinar. Por meio de planejamentos e ações dialógicas produtos e serviços, direcionados ao campo da narrativa oral, podem ser negociados e oferecidos perante uma demanda social apresentada pelos próprios sujeitos, grupos, comunidades e instituições com as quais o narrador costuma estabelecer contato direto. Desse modo, tanto as necessidades do profissional quanto dos sujeitos com os quais trabalha precisam ser consideradas durante o processo de negociação.

A capacidade de dialogar é muito importante para garantir o sucesso de ações culturais voltadas para a gestão de serviços e produtos que giram em torno da contação de histórias, conforme relatado pelos narradores. Numa escola, palco de atuação do profissional remunerado e sem remuneração específica, deve-se, por exemplo, pensar *a priori* em estabelecer contato com as equipes pedagógicas e docentes que geralmente trabalham na organização de um momento narrativo. Entretanto, não é sempre que o diálogo costuma fluir entre os sujeitos, tendo em vista que o processo de negociação nesse momento precisa surgir de forma que as dificuldades possam ser superadas e o serviço oferecido com sucesso.

Muitos não sabem trabalhar com o professor e o professor não sabe trabalhar com a gente [...]. Eles não conhecem o bibliotecário, não sabem que eu posso ser um excelente agente cultural e que posso promover a leitura [...]. Planejo sozinha porque não tenho visibilidade, mas acredito que na medida em que eu for conhecida e saberm da importância da biblioteca, eu vou ser convidada pra fazer as coisas, você pode ter certeza. No entanto, algumas profissionais que eu entrei num seminário enlouqueceram, queriam que eu participasse, houve uma interação [...] (Narradora Célia).

Na condição de bibliotecário que conta história nesse lugar, a gente tem essa dificuldade. Temos dificuldade de aproximação entre o bibliotecário e o professor. O diálogo é realmente complicado. Mas seria muito importante se conseguíssemos ter um diálogo mais próximo [...]. Não é ótimo, mas eu avalio como sendo bom. Tem

que melhorar. Tudo é negociar e dialogar para chegar a um ponto comum, ver o que eles pensam e o que a gente defende também (Narrador Valadares).

A ação cultural, desenvolvida em diversos territórios e construída coletivamente pelos sujeitos, pode ser comparada à transformação da lagarta em borboleta, na qual “[...] é possível antecipar a imagem transfigurada e multicolorida que dela vai surgir” (COELHO NETTO, 2002, p. 94). Tendo em vista que o processo de ação cultural pode ser comparado com a metamorfose da borboleta, para que seja caracterizado como uma interação social e possível de gerar transformação cultural, deve compreender pelo menos três esferas: uma *ressignificação criativa* perante o ato de narrar; uma ação que possa levar em consideração a *memória coletiva e social* dos sujeitos e, por fim, o alcance de uma *ação reflexiva* que possa gerar as transformações necessárias.

Para que uma metamorfose social e cultural como essa aconteça deve-se ativar a esfera da imaginação com a qual se possa reinventar estratégias que conduzam a uma consciência reflexiva, assim como uma ação igualmente reflexiva. A ação cultural é um ideal a ser perseguido pelos narradores, porém, existem demandas por atividades com outras características como a animação cultural. Outras abordagens como a fabricação cultural existem de fato, porém, nessa obra discorre-se sobre aquelas que foram mais citadas pelos narradores.

Eu vivi a contação de história, fui educada com história narrada, pela minha avó, minha mãe, minhas tias, minhas irmãs mais velhas, tenho isso inato em mim. Mas quando eu me capacitei me tornei especialista, tive condição de compreender como um projeto deve ser implantado pra gerar modificação e transformação no sujeito. A narrativa é uma ação cultural e não uma fabricação, uma promoção de cultura do texto escrito, texto narrado, caso contado e todas essas coisas. Então, aprendi e pude compreender o tanto que a narrativa de minha avó me educou, me transformou num ser melhor e com maior compreensão do mundo (Narradora Biancardi).

Algumas pessoas trabalham com animação cultural e outras com ação cultural, também negociam com essa última área. Eu negocio no sentido de não fazer animação cultural. Mas tudo é uma questão de negociação. Ao mesmo tempo eu indico várias pessoas, porque de repente tem alguém que faça mais animação, alguma coisa mais vinculada a uma festa e tudo mais. Tenho amigos que fazem atividades nas duas áreas e têm outros que só fazem a parte mais vinculada ao

processo de animação (Narrador Moraes).

Acho que é uma ação cultural porque não vejo como animação, porque você está agindo junto. E é uma ação coletiva, não é? Quando você fala ação cultural eu entendo que, por exemplo, mesmo que seja uma contação de história dentro da escola e você tenha uma turma pequena, definiria como ação cultural. Mas não adianta eu ser agente cultural sozinha, eu só consigo ser agente e eu só consigo produzir uma ação cultural, se eu tiver um receptor e ele entender esse conhecimento. Então eu vejo que eu só sou agente cultural se tiver resposta (Narradora Uliana).

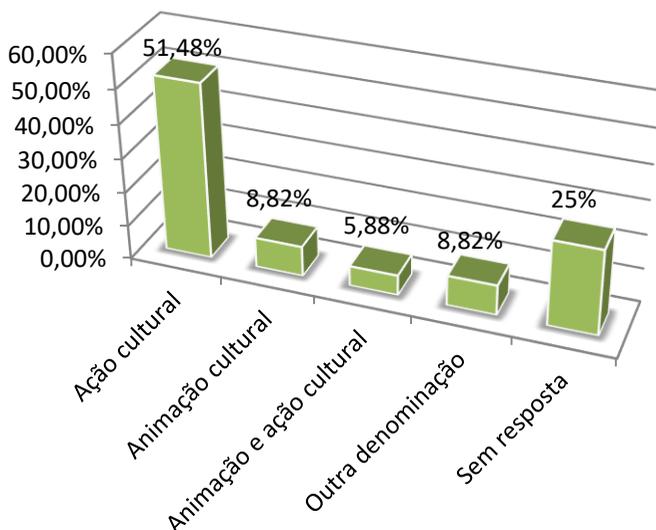
O contador de histórias geralmente participa do processo de construção da própria atividade cultural, tendo conhecimento da importância das ações no campo da narrativa oral para a sociedade. Em geral se dedicam ao contexto de duas frentes de atuação: animação cultural e ação cultural. Tendo essas ações, nos diversos espaços de atuação, metas diferenciadas. Há uma predileção muitas vezes por uma ou por outra, porém, a maioria dos narradores afirma realizar ação cultural que se diferencia da animação, desde o processo do planejamento até o momento da oferta do serviço ou produto (o que não significa a sua finalização no ato de seu oferecimento).

Na animação cultural aspectos relacionados com a memória do narrador ganham maior visibilidade e não se consideram as expressões sociais do público com o qual irá trabalhar, enquanto na ação cultural as lembranças evocadas pela narrativa oral são entendidas como manifestação de um coletivo (COELHO NETTO, 2002; HALBWACHS, 2013). Com a ação cultural a memória coletiva guia o planejamento envolvendo os sujeitos em todo o processo e o contador de histórias é um mediador podendo (re)criar a atividade narrativa junto com o coletivo. Além de ocasionar na diversão, com essa abordagem a comunicação de uma história, por exemplo, possibilita práticas reflexivas que podem gerar transformações.

Ao desenvolver animação cultural é difícil “Pensar nas formas de exteriorização humana por intermédio do discurso [da narrativa] e em [como] sua relação com os processos de transmissão cultural e de representações nos faz pensar na memória” (OLIVEIRA; ORRICO, 2005, p. 82), contudo, esse tipo de atividade pode transformar-se na *imagem multicolorida* da ação cultural gerida pelo contador de histórias.

Decerto, durante alguns momentos é preciso trabalhar com momentos de animação por conta da demanda das próprias instituições que contratam o serviço do narrador com essa finalidade.

Gráfico 6 – Caracterização da atividade cultural comumente desenvolvida



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Ao destacar aspectos importantes relacionados com as atividades culturais que os contadores de histórias desenvolvem, verificou-se a predominância da utilização do termo ação cultural (51,48%) se comparada com a animação (8,82%) (Gráfico 6). O ato de narrar carrega uma proposta de envolver o ouvinte e trabalhar com a memória social tanto do narrador quanto daqueles que são envolvidos no processo narrativo. Por esse motivo, mesmo que a proposta das instituições seja baseada na animação cultural possui grandes chances de se mostrar como uma ação cultural.

O processo de gestão do momento irá definir a melhor abordagem a ser utilizada, sendo que considerar os sujeitos no processo de gestão

acaba se mostrando como o melhor caminho. “Não tem como você trabalhar com ação cultural sem buscar conhecer a gestão cultural, se não olharmos o mercado, se não entendermos um pouco de marketing cultural” (Narradora Sampaio).

Eu acho que faço ação cultural e animação cultural. A animação cultural quando a gente pensa em eventos de aniversário e livraria. Ação cultural principalmente quando desenvolvo na escola, na área da educação. Faço os dois, mas gosto mais da ação cultural. Mas a gente faz também animação cultural [...]. Na educação 95% é ação cultural. Em questões de apresentações maiores e fora da biblioteca escolar entendo a atividade que faço como animação. Eu acho que a memória é sempre coletiva, essa influência do outro pra mim é importante, essa minha história é importante. E quando faço as apresentações em que acontecem coisas que não esperava que fossem acontecer, então, isso vai me transformar. A ação no coletivo é muito importante. Sem ter o outro não tem sentido (Narrador Valadares).

Porque muitas pessoas que contratam o serviço do narrador não têm noção, às vezes confundem a narrativa oral com teatro, com dramatização, às vezes acham que é uma animação cultural e não é. Você pode contratar um animador cultural e fazer a narrativa no meio da animação cultural. Mas a narrativa não é animação, é mais ação cultural porque o contador de histórias trabalha com gestos e palavras, então, ele pode usar a contação como um momento da animação, mas na contação propriamente dita não se pode usar muitos gestos, deve-se ser fiel ao texto e proporcionar que o ouvinte construa os quadros com a sua imaginação. Ele tem que construir a história, a imagem do texto narrado, deve viver as emoções que o texto traz (Narradora Biancardi).

O oferecimento de serviços caracterizados como animações culturais torna mais difícil a identificação das estruturas sociais da memória individual, social e coletiva, que constantemente influenciará a comunicação narrativa no cotidiano de trabalho. A ação cultural desenvolvida pelo contador de histórias aciona algumas esferas da vida do sujeito e, por conseguinte, da memória coletiva e social do grupo com o qual estabelece contato (HALBWACHS, 2013).

A memória coletiva e social perpassa a individual, primeiro pelo motivo de que o trabalho da memória individual é intelectual e, dependendo das estruturas da sociedade, acaba localizando lembranças com as quais se faz uso da inteligência no presente. Depois pela razão de que “[...] a rememoração parte do presente (experiência exterior, social) para o passado (experiência interna, individual)” e, por último, devido às

lembranças serem compartilhadas e relacionadas a um conjunto de memórias com os grupos dos quais o contador de histórias faz, fez ou fará parte (OLIVEIRA; ORRICO, 2005, p. 83).

Engraçado, cada um lembra de alguma coisa e nunca é igual. Porque cada um se apega ao que achou importante. E o que é importante pra mim, pode não ser importante para você. Então eu penso a história de um ângulo, mas você vai pensar de um ângulo diferente. Importa o que você achou mais importante e assim se vai tecendo a sua memória e completando-a a partir da memória do outro (Narradora Pereira).

Até mesmo numa aula, justamente por ser uma ação coletiva, o próprio estabelecimento de histórias se dá coletivamente. Ao mesmo tempo em que você conta histórias, outras histórias vêm à tona. Até mesmo quando eu conto, posso lembrar de outras histórias que eu contei, de quando eu escutei, li no livro que eu li (Narrador Moraes).

Tudo o que somos hoje faz parte de uma história que nos formaram. Todas as formas de contribuição que recebemos de alguém. Dos nossos pais, das pessoas que nos ajudaram, das nossas referências, dos contadores de histórias que nós conhecemos [...]. Eu busquei na memória os momentos em que eu tive experiências de perda e momentos de doença, para poder entender o que eu ia narrar e o que ia ter de feedback dessas pessoas que estavam me ouvindo. Então, eu acredito que a nossa forma de narrar, o nosso envolvimento e as pessoas que interagem com o próprio contador de histórias se tornam personagens (Narrador Fernandes).

Sobre a questão da memória, às vezes trabalho com um tema, por exemplo, com dois poemas em que faço com que eles trabalhem com a realidade deles [das crianças], quando trabalho com o verso: “E no tom que sopra o vento, toca o barco...”. Então, tem muita família de pescador aqui da Praia do Suá. Então eles começam a falar sobre os pais deles. Então pergunto: - O seu pai sai para pescar se tiver um céu bem preto? Eles respondem: - Não, não sai não, é perigoso... Tem uma pedra no céu lá em Cariacica que se tiver uma nuvem em cima, não vai não porque é perigoso. [...] Quando conto histórias acabo trabalhando com determinado tema com uma turma e quando inicio o trabalho com uma outra turma, aquilo que trabalhei com uma turma anterior acaba sendo lembrado com outra também. Exatamente. Mas todo trabalho não é realizado dessa forma não. Tenho que confessar. Às vezes, leio um poema com eles [acerca do referencial poético]. A música é que foi o “tchan” (Narradora Mendonça).

A contação de histórias é uma atividade tradicional e, por conseguinte, representa com maior propriedade a arte do narrador ao longo dos séculos, sendo importante considerar a memória coletiva de todos os

envolvidos durante o oferecimento de uma diversidade de serviços culturais no campo da narração de histórias. O processo de comunicação entre narrador e ouvinte é primordial para o sucesso de qualquer tipo de serviço e produto.

A ação cultural é uma modalidade colocada em prática pelos narradores de histórias que atuam mais diretamente em instituições de educação formal e informal. A relação com a memória coletiva proporciona contextos de compartilhamento da história sociocultural do grupo. Independente da caracterização da ação cultural, a narração de histórias é sem dúvida uma habilidade desenvolvida ao longo dos séculos, sendo aliada à capacidade de proporcionar ao seu público uma participação mais integradora.

No ciberespaço a memória social e afetiva pode ser expandida e, com o uso de computadores e outros recursos eletrônicos, a sua capacidade de armazenamento oferece “[...] recursos infinitos. Devido a eficiência de representação de palavras e números no formato digital, podemos armazenar e recuperar quantidades de informação muito além do que antes era possível” (MURRAY, 2003, p. 88). Nessa direção, questiona-se em que medida o trabalho cultural (ação cultural e animação cultural) e comunicativo do narrador de histórias contemporâneo é desenvolvido no espaço virtual. Os indicadores apontam que a minoria dos narradores desenvolve o seu trabalho no ciberespaço (14,70%), enquanto a maioria não desenvolve (69,10%)⁴⁷.

Mesmo ao identificar que mais da metade dos contadores de histórias (69,10%) não desenvolvem um trabalho no espaço virtual, aponta-se para a necessidade de dominar as ferramentas disponibilizadas pela sociedade da informação que podem auxiliá-lo na navegação desse espaço ainda pouco explorado. De fato, não se pode negar que “A memória humana foi estendida, com o meio digital” em todos os sentidos, passando de uma unidade básica de disseminação em um livro, CD-ROM, para “[...] banco de dados globais da internet, acessíveis através de uma teia mundial de computadores interligados, os recursos crescem esponencialmente” (MURRAY, 2003, p. 88).

O contador de histórias utiliza a internet para divulgar o trabalho

⁴⁷ 16,20% não responderam a essa questão.

desenvolvido no espaço presencial, precisando igualmente dominar as ferramentas que a sociedade atual oferece para também desenvolvê-lo no ciberespaço. “Vivemos um momento de somar diferentes tecnologias e experiências. As TIC ampliam também as possibilidades de **leituras**” (LANZI, 2012, p. 46, grifo nosso). As leituras possibilitadas pelas novas tecnologias e as “leituras de mundo” do sujeito narrador são igualmente importantes para o desenvolvimento da prática profissional e de vida (FREIRE, 1997; 2006).

Então acontece de uma escola do Estado Amazonas ligar e falar pra gente “Ah! Eu gostaria de trabalhar com os livros de vocês”. Pode claro! Vocês podem enviar? E digo que os livros estão todos disponibilizados na internet e estão abertos e tem um programa como se fosse uma folha. Então, as crianças têm de acesso de forma virtual ao nosso material também. Esse material está todo disponibilizado. A única coisa que a gente ainda não conseguiu, e foi a dica de uma portadora de necessidades especiais, que é uma deficiente visual, pediu que a gente pudesse estar gravando, porque quem não lê não tem esse mesmo acesso, então, seria uma ótima oportunidade de futuramente a gente estar colocando o áudio nessas histórias pra que possa atender também aos portadores de necessidades visuais (Narrador Fernandes).

Mantenho isso transformando a minha página no Facebook numa página de uma pessoa que é super legal, que é engajada em algumas causas. E como essas causas tocam essas pessoas profundamente, defendo o aleitamento prolongado, criação com apego, que são causas que eu acredito pessoalmente. E ele faz a parte mais técnica e já sabe quais são as causas. Agora a parte pessoal, eu tenho que fazer. Eu tenho esse social mídia e ele faz também toda a parte gráfica da página e a manutenção dos posts com a arte gráfica. Por exemplo, datas comemorativas, cartaz de peças, cursos, isso tudo. E a gente se fala nas madrugadas. Ele já sabe do que eu gosto. Eu mando o texto, ele faz, posta e uma vez por mês ele vai lá pra casa. Eu pago a ele também on line. A vida toda é on line (Narradora Kruger).

Mesmo que o mundo esteja passando por um processo de mudança, não se pode desconsiderar que a *leitura de mundo* precede a leitura dos textos imagéticos acessados nos *tablets*, das palavras lidas tanto na tela do computador quanto em um livro impresso, do som da narrativa e da imagem em ambientes que disponibilizam vídeos no ciberespaço. Os equipamentos eletrônicos são apenas recursos que podem e devem ser utilizados e o foco das conexões em redes ainda deve ser a interação humana. Coexiste na sociedade contemporânea um movimento dinâmico com o qual o sujeito se depara ao adquirir habilidades para

apropriar-se das tecnologias de escrita, informação e comunicação e, ao mesmo tempo, para relacionar-se interpessoalmente.

A execução de projetos no campo da narrativa oral exigem habilidades e técnicas relacionadas com as competências narrativa e em informação que comumente são adquiridas. Demandas relacionadas com as necessidades humanas e com o campo da gestão cultural são requeridas. A ação de submeter projetos em editais de incentivo à cultura é uma atividade necessária à prática do sujeito narrador conforme pontuado no decorrer deste capítulo. Nessa direção, serviços como contação de histórias e produtos como a publicação de livros que os narradores costumam oferecer também exigem o exercício da capacidade de interação humana.

E saiu realmente na época certa, foi justamente nesse momento que eu estava tendo esse convite da Elkem, pra poder estar trabalhando no enfrentamento à violência escolar. E ganhei de presente essa palavra Colorir. Eu lembro como se fosse hoje eu chegando em casa, eu encontrei com Eugênio e disse: - Eugênio eu ganhei um presente. Ganhei a palavra colorir pra gente trabalhar e construir um projeto. O que a gente pode fazer com isso? E logo veio em mente, não é? Por que não estar trazendo a contação de histórias (Narradora Santos).

Quando fomos convidados, então, a empresa pediu pra que a gente pudesse sonhar, então, pensamos nos personagens, como estar trabalhando com esses personagens nessa faixa etária. Os livros foram criados em cada uma dessas competências, e logo no início do projeto a gente nem tinha os livros prontos. Vamos munidos de avental, acho que fui um dos primeiro contadores de histórias do sexo masculino que usava avental pra poder contar histórias e usava velcro pra prender os personagens. E aquilo se tornava lúdico no espaço escolar, o que foi chamando a atenção e as crianças de certa foram agregando e comprando a ideia do projeto. Tanto que os objetivos do projeto da redução da violência e depredação foi realmente comprovado e nós conseguimos atingir nosso objetivo (Narrador Fernandes).

As obras publicadas pela OSCIP Colorir relacionam-se com um campo de atuação permeado pela narrativa oral e escrita, fortalecendo o contato dos contadores de histórias com pares, público e colaboradores. Para isso, os narradores Santos e Fernandes criaram o personagem “Colorido” entre outros que fazem parte de sua turma (Ilustração 7). Tendo em vista que o conteúdo dos livros pode ser acessado na página web do projeto, podem ser adquiridos tanto na versão impressa quanto no espaço virtual. Dentre os títulos

disponibilizados destacam-se “A vitória do consumo eficiente de energia”, “Todos contra as drogas” e “Todos contra o Bullying”.

Ilustração 7 – Contadores de histórias Santos e Fernandes (OSCIPI Colorir)



Fonte: PROJETO... (2015).

Mesmo diante da dissertação das inúmeras possibilidades de trabalhos no campo da narrativa oral no espaço presencial e virtual, ainda é possível questionar quem é o contador de histórias espírito-santense. Essa questão pode ser respondida pela narradora Célia, antes, porém, sendo necessário contextualizar que esse sujeito atua no espaço presencial (69,10%) e gerencia o próprio trabalho (75%), desenvolvendo sua atividade em diversos territórios do Estado, ao tecer em grande parte redes de relacionamentos com público, apoiadores e pares. Porém, esse ator social que assume desenvolver mais ação cultural (51,48%) do que qualquer outra atividade, ainda busca respostas sobre a composição da sua competência narrativa.

O que é um contador de histórias? O contador tem que ter técnica, tem que ter domínio, entendeu? Só que você vai para o curso e eles dizem você tem que contar por que senão você não irá se profissionalizar. Quanto mais se conta mais vai aprendendo e melhorando, melhorando, melhorando até ficar bom no negócio. E se eu ficar com medo nunca vou me profissionalizar, entende? É uma contradição. Ao mesmo tempo que acho legal e que devo contar, eu devo romper a barreira do desconhecido. Eu arrisco com um grupo pequeno, porque é mil e uma noites, é por isso, isso, isso, mas para saber o final você vai ter que ler o livro. Você faz uma

contação de histórias que o menino se encanta com o livro (Narradora Célia).

Os narradores que fizeram parte da pesquisa podem ser considerados contadores de histórias profissionais inseridos na sociedade da informação, buscando formação específica para atuar numa área em ascensão e em permanente constituição. O trabalho coletivo que é desenvolvido entre comunidade interna e externa à Universidade, escolas e outros territórios, há algum tempo é movido pela colaboração, sendo potencializado por novas e antigas tecnologias.

Ao oferecer produtos e serviços variados, saem de seu casulo e transformam-se em contadores de histórias espetaculares com asas multicoloridas. Não são super-heróis ou heroínas, mas buscam uma transformação cultural, política e social no que se refere ao seu campo de atuação, requerendo, com isso, uma busca constante por conhecimentos, habilidades, técnicas e atitudes direcionadas para a prática de narrar histórias (competência narrativa). Para que isso aconteça no campo da narração de histórias torna-se necessário a articulação das competências em informação, narrativa e cênica.

INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA: CATEGORIA DA COMPETÊNCIA NARRATIVA

A “categoria competência narrativa” foi criada para tornar visível e, simultaneamente, compreender um conjunto de habilidades, conhecimentos e técnicas pertencentes ao campo de uma competência específica e observada perante a prática do contador de histórias na contemporaneidade (Quadro 9). Essa competência torna possível o delineamento de temas relacionados com as habilidades que a compõem: pesquisa, preparação e comunicação da história, sendo intercambiadas de modo direto com as habilidades e técnicas componentes da competência em informação que possibilitam processos de busca, recuperação, avaliação, seleção e compartilhamento de informações narrativas em espaços híbridos.

Uma diversidade de habilidades, técnicas e atitudes são necessárias para a pesquisa, preparação e comunicação das histórias, dentre elas destacam-se aquelas que estão delineadas no âmbito da competência

cênica pouco abordada nesta obra, porém, não menos importante para o processo de disseminação de uma história. A competência cênica encontra-se ligada ao contexto de comunicação de uma história, estando relacionada com a construção e ao mesmo tempo com a reconstrução de memórias faciais e corporais que são importantes para o desempenho do contador de histórias (FERNANDES, 2006).

Quadro 9 - Descrição de temas que compõem a segunda categoria dos indicadores do contexto de atuação e competência narrativa

INDICADORES DO CONTEXTO DE ATUAÇÃO E DA COMPETÊNCIA NARRATIVA				
Categoria narrativa	competência	TEMAS		
			Pesquisa de narrativas	Forma de seleção de novas narrativas para o repertório
			Tipos de suportes/mídias consultadas para a seleção do material	Influência da faixa etária do público atendido
			Tipo de público atendido (infantil, juvenil, adulto, idoso)	Preparação das histórias (leitura, escrita, memorização, uso de recursos, ensaio, etc.)
			Ambientação e organização do espaço tempo da narrativa	Processo de comunicação da narrativa

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa

Os saberes e fazeres adquiridos e colocados em prática nas atividades cotidianas e formativas com pares, públicos, apoiadores, narradores da tradição e formadores, acabam requerendo do narrador um aprendizado permanente. Torna-se necessário perceber o “[...] ato de contar histórias, como uma prática política e crítica, **como uma** sensibilidade, guiada pela voz sutil da intuição, que nos conduz à escolha de uma história com a qual tenhamos afinidade” (MORAES, 2012, p. 49, grifo nosso).

Não se pode localizar a dimensão educativa e política da palavra do contador de histórias apenas no contexto da escola e de outros ambientes formais de educação (MATOS; SORSY, 2014). A aquisição de informações e a apropriação de conhecimentos em ambientes de aprendizagens informais, como o ciberespaço, são igualmente

necessários à manutenção da competência narrativa que compreende saberes e fazeres dos sujeitos narradores na contemporaneidade.

Gostei dessa definição de saberes e fazeres adquiridos por meio da experiência, porque na verdade a competência narrativa é isso aí, você adquire fazendo. Mas tem outra questão: o que adianta participar de vários cursos sem os meus pré-conhecimentos, sem todo o meu jeito, porque eu acho que a competência narrativa também está ligado a questão do meu jeito enquanto pessoa, porque você pode ver que os contadores de histórias têm um perfil. Pelo menos eu ainda não encontrei um contador de histórias que seja extremamente sério e calado (Narradora Célia).

Quando você assiste a um vídeo de contação de histórias está ouvindo histórias, o que é basicamente meu ponto de partida para contar histórias. Ao ouvir histórias eu estou vendo como eles se posicionam, que tipo de figurino utilizam. Como eles usam a voz, se eles fazem voz [diferente], se eles tem cenário, se não tem cenário, tem eles têm malas, se eles têm baús, se tem luz, se tem edição, tudo isso, não é? Nessa minha busca também faço cursos on line. Fiz um montão de cursos on line, presencial. Um montão mesmo. Todos que encontrei disponível eu fiz. Eu tenho sei lá, uns dez cursos diferentes (Narradora Kruger).

Convém pensar no lugar que o narrador de histórias ocupa na era da informação, ao considerar que as habilidades culturais adquiridas ao longo da vida são altamente importantes em uma sociedade que disponibiliza tecnologias no campo da informação e comunicação. A exploração do conteúdo de um texto selecionado em contextos de buscas presenciais ou *on line* ao longo de sua caminhada é, portanto, algo que se propõe a fazer naturalmente no seu cotidiano de trabalho. Para isso, deve recorrer a um conjunto de habilidades, técnicas e conhecimentos que possam auxiliar no processo de comunicação da narrativa.

Tabela 4 – Pesquisa e seleção de histórias para o repertório

Variável	Categoria	%
Pesquisa e seleção	Pesquisam e selecionam	73,53
	Não pesquisam e selecionam	17,65
	Sem resposta	8,82%
Total:		100%

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

A pesquisa de histórias é a primeira habilidade destacada no contexto

da competência narrativa, englobando a seleção de textos novos para um repertório comumente utilizado em apresentações culturais, cursos ministrados, gravação de vídeos e em outras atividades e produtos que são oferecidos ao público consumidor. A importância dessa habilidade conduz à identificação de que a maioria dos contadores de histórias costumam selecionar narrativas novas para a constituição de seu repertório (73,53%) (Tabela 4).

O repertório brasileiro oferece uma variedade de histórias de diversas procedências, europeia, africana, indígena, entre outras (CASCUDO, 2003; 2006). Também há uma variação na forma como o contador de histórias busca o seu material de trabalho, utilizando para isso diversos suportes e mídias que a era digital oferece (CASTELLS, 20011). O narrador competente em informação deve compreender "[...] como o mundo da informação é estruturado, como acessar as redes formais e informais de informação, **conhecer** as estruturas de comunicação" (DUDZIAK, 2010, p. 8, grifo nosso).

A habilidade de pesquisa requer a aquisição de técnicas de busca e seleção de informações no campo da narrativa com a finalidade de renovação do repertório, devendo o contador de histórias, desse modo, considerar fatores relacionados com o processo de seleção em contextos presenciais e virtuais. Esse profissional também deve ponderar acerca da necessidade de escolha de matérias que partam da necessidade da plateia/público com o qual ira estabelecer contato (MATOS; SORSY, 2009).

Eu renovava o repertório na medida em que surgia demanda, geralmente. Quando havia a necessidade de dar conta de um convite e, às vezes, a demanda era minha mesmo. Eu quero preparar uma apresentação só de contos indianos! Então eu pesquisava para isso. Era lendo, ouvindo, também com sugestões. Tem história que eu contei e quando eu terminei de fazer a apresentação, uma pessoa que assistia a apresentação, pai de uma criança, falou: - "Oh, tem uma história que eu vou trazer pra você, que eu acho que ia ficar muito bom você contando. Uma história de uma enciclopédia muito antiga 'Ciglo o contador de histórias'". Eu contei por anos e anos essa história. Ou seja foi uma sugestão de pais, de pessoas que escutavam. Já aconteceu de outras histórias que quando a pessoa indicava eu dizia: - "Eu não me vejo contando essa história". Mas nesse caso deu tudo certo. E a audição de pares é claro. Isso sempre. CDs e DVDs, livros e internet (Narrador Moraes).

Busco as histórias no livro, CD, DVD, e parece que vai dar certo. Para umas turmas dá certo, para outras não [...]. Tem histórias que você conta para qualquer público e têm histórias que são mais complicadas, por ser mais complexa você não pode contar para os pequenos, porque vai ter que parar o tempo inteiro para explicar a história. Ou se conta uma história muito bobinha para os maiores também vão ficar rindo da gente (Narradora Pereira).

A seleção de histórias acaba requerendo a articulação da competência em informação necessária aos contextos não apenas de recuperação, mas também de avaliação do processo de busca do texto direcionado para a comunicação da história; etapa igualmente importante para a busca e recuperação da informação narrativa. O processo de avaliação encontra-se imbricado com a capacidade técnica e humana de selecionar uma informação.

Durante o processo de seleção de uma história é requerido o conhecimento do código da escrita (alfabetização) e a aplicação da leitura e escrita no contexto social (letramento), junto à alfabetização digital e em informação, etapas importantes para uma posterior preparação da informação narrativa. Identifica-se, com isso, que os sujeitos narradores utilizam as TIC para a consecução das suas pesquisas, buscas e seleções de textos narrativos, permitindo “[...] reconsiderar o que significa uma pessoa alfabetizada para redefinir as competências, habilidades e conhecimentos” (GARCÍA-MORENO, 2011).

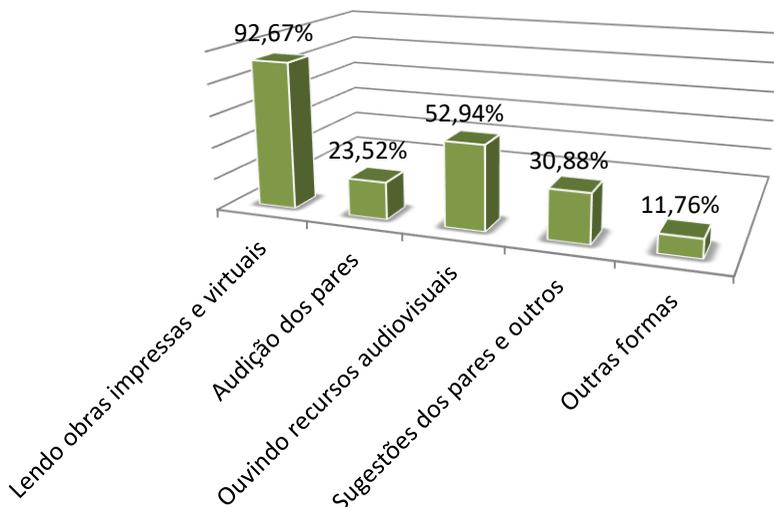
São várias [formas de buscar e selecionar uma história], lendo, ouvindo, sugestão dos pares não tanto, audição dos pares sim, e outras formas. Às vezes, eu busco coisas na internet sim, algum vídeo que eu gosto e olho e preparo a história tendo como base aquele vídeo, livros, catálogos não, internet de vez em quando, CD não (Narrador Valadares).

A maioria lendo! Ouvindo também, as histórias do seu livro eu já usei aqui, as histórias e a música da panela de barro, então, eu já trabalhei com eles. Às vezes uso livros que tem o CD. Eles gostam. Lendo e ouvindo (Narradora Mendonça).

Até agora eu não vi um contador que faz aquilo só por dinheiro, tem o prazer de contar, você vê que tem o prazer de contar [...]. Quando você pensa num contador eu penso na Meri Nadia que gosta de tocar, que põe música, que tem todo um molejo, que faz uma cara e conta história, eu penso no Eduardo que bate tambor que brinca e conta histórias, eu penso na Alzinete que indaga na hora em que está fazendo a sua exposição oral, entende? Que chama o ouvinte pra participar da

história e aí você pensa assim, nossa quantos modelos (Narradora Célia).

Gráfico 7 – Forma de seleção das histórias contadas



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

A realização das pesquisas que conduzem a escolha de um bom texto pode, então, partir da audição dos pares, da leitura de textos extraídos de livros impressos, blogs, páginas web, dentre outras estratégias que conduzem à busca e recuperação. Tendo em vista que um processo de seleção de histórias acontece de diferentes maneiras, identifica-se uma predominância por meio de leitura de textos impressos e virtuais (92,67%), da audição e visualização de recursos audiovisuais (52,94%) e dos pares (23,52%) (Gráfico 7).

Aos textos impressos, somam-se os hipertextos e os livros eletrônicos (e-books) que surgem como novas ferramentas de comunicação e interação, instaurando outros paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009, p. 2).

Tanto na prática da audição dos pares que envolve a tradição da oralidade, quanto na apropriação dos recursos audiovisuais que demandam o uso das TIC, “Ouvir não é uma atitude passiva; ao

contrário, envolve um grande esforço de imaginação, de análise e de assimilação do discurso” (NKAMA, 2012, p. 254). A atração pelo conto selecionado é muito importante no processo de audição, influenciando na maneira como posteriormente o narrador irá contá-lo. “De modo geral, as histórias que escolhemos nos atraem pelo humor, pela mensagem, pelas imagens [que fazemos dela] ou por qualquer outro motivo” (MATOS; SORSY, 2009, p. 39).

Outras formas de seleção dos materiais podem ser pontuadas, todavia, cabe nesse momento pensar nos diversos tipos de mídias e suportes aos quais o narrador pode recorrer para compor o seu repertório. Os indicadores sobre essa categoria trazem resultados e despertam para o fato de que as mídias e suportes mais utilizados são os livros impressos e digitais (86,76%); material multimídia na internet (60,29%); DVD (23,52%); CD (25%), dentre outras opções (8,82%)⁴⁸.

Acho que a internet ajuda sim, por exemplo, o que está acontecendo sobre contação. Eu acabo utilizando o que está sendo produzido fora do Estado. Então, eu uso sim com certeza. Então você quer alguma sobre narrativa, literatura e tal, então, usamos a internet pra buscar. Algum artigo também. Não tanto em redes, não é? Depende da perspectiva de rede. Uso vídeos, para pesquisar um cara que eu gosto. Vou lá e procuro um pouco da história dele, no Youtube. O Roberto Carlos Ramos⁴⁹ que eu gosto muito, Roberto de Freitas⁵⁰, eu gosto muito do estilo do pessoal de Minas Gerais, então eu sempre procuro o contador de histórias dessa região (Narrador Valadares).

Então, às vezes, os saberes que você vai adquirindo influencia o contador, o seu jeito de contar, como eu vejo a Alzinete, como eu vejo o Eduardo, e eu vou vendo como eles desenvolvem a técnica deles. Eu acho que é uma técnica de cada um, quando eu vou pra um curso eu busco um parâmetro de todos [...]. Então você estuda as técnicas justamente porque em você já é nato, são as experiências que você vivenciou, são saberes que você adquiriu um a um e você se identifica com a prática. Pelo menos eu penso assim, eu peguei todas as experiências que eu vi de vocês e conquistei para mim. [...] e aí chegou o momento que eu queria exercer, e o que eu fiz, fui fazer alguns cursos para adquirir a técnica (Narradora Célia).

Percebe-se que durante a pesquisa de histórias as técnicas de seleção são influenciadas tanto pelos momentos de audição dos pares, quanto

⁴⁸ Questão de múltipla escolha com um percentual de 2,94% sem resposta.

⁴⁹ Pedagogo, escritor e contador de histórias de Minas Gerais que inspirou o filme “O contador de histórias” de Luiz Vilaça (ROBERTO..., 2015).

⁵⁰ Contador de histórias de Minas Gerais (ROBERTO..., 2008).

pelos processos de busca de um texto *on line* ou em um livro impresso. O fato de que a maioria dos contadores de histórias afirmam utilizar mais o livro para trabalhar o contexto de seleção de uma história não elimina a importância que é dada aos pares conforme identificado nos processos de diálogos. O próprio ambiente de aprendizagem virtual pode disponibilizar vídeos que exploram a performance dos narradores e, com isso, auxiliar no processo de seleção de um texto narrativo.

Mesmo com todo aparato possibilitado pelas tecnologias de informação e pelos meios de comunicação, pesquisas constantemente são realizadas no cotidiano de trabalho do próprio narrador e em suportes mais tradicionais como os livros impressos. Identifica-se por meio dos diálogos e literatura pesquisada que os contadores de histórias não costumam dispensar a leitura de uma boa obra impressa. Com isso, não se pode desconsiderar a importância dos contos populares e a facilidade com que são constantemente assimilados por diversas culturas (MATOS; SORSY, 2009).

Eu preservo muito o direito do autor, advogada é triste, não é? Tem a questão legal, então, quando eu busco um texto eu procuro ver se ele já é de domínio público ou se ele é autoral. Se ele é autoral compro o livro. A Marta⁵¹ também faz muito isso, a gente carrega o livro, não se prende apenas a fonte da internet (Narradora Magalhães).

Quando vou para uma creche eu gosto de contar e levar o livro para estimular a criança. Então, mesmo tendo o texto eu procuro comprar o livro. E toda vez que eu vou contar levo o livro (Narradora Bossois).

O que me sobra? Literatura. Eu compro! Eu sou uma compradora de livro infantil. Todo mês eu devo comprar quatro ou cinco unidades de livros infantis nacionais e estrangeiros, de autores nacionais e estrangeiros. Ana Maria Machado, tenho toda a coleção dela. Lygia Bojunga... tem muita gente lá em casa! Muita coletânea de contos irlandeses, contos africanos, contos chineses. Quando eu acho uma coletânea assim, eu pego tudo, sabe (Narradora Kruger)?

Por meio de uma diversidade de suportes disponibilizados (livros impressos, livros eletrônicos, etc.) entra-se em contato com uma variedade de gêneros literários: contos; romances; crônicas; dentre outros. A busca e a recuperação da informação narrativa alcança um

⁵¹ Membro do Grupo Chão de Letras.

repertório universal, no qual fábulas, contos de fadas e outras histórias tradicionais e populares trazem novas possibilidades em termos de seleção para o sujeito narrador trabalhar com o seu público na era da informação.

O contador de histórias tem que ter repertório atualizado [...], deve conhecer fábulas de Esopo, deve conhecer contos de fadas e tudo mais, para depois ele vir com esse repertório e ter a condição de adequá-lo ao seu público ouvinte. Então, o contador de histórias que passa pelo GECHUFES, se ele não saiu bem formado, passa sabendo que se ele quer agradar um público qualquer deve ter um bom repertório de contos de fadas que ouvimos desde criança. Automaticamente quando se narra um conto de fadas faz a pessoa viver a construção do ser que ela é hoje (Narradora Biancardi).

Tento não me ater apenas a histórias tradicionais de contação de histórias, por que têm umas histórias que elas já são tão tradicionais de contador de histórias... Então, não conto de fadas e fábulas, eu detesto, não consigo nem ler. Sei lá... “A princesa e o sapo” contei uma vez eu acho. Eu coloquei que eu detesto essas duas vertentes, são gigantescas não é (Narradora Kruger)?

Através da seleção dos textos narrativos os narradores de histórias estabelecem contato com autores de obras literárias, narradores da tradição que transmitem contos populares, com os pares que comunicam suas narrativas na internet e/ou em espaços presenciais. A seleção é uma habilidade importante e, antes de mais nada, uma tarefa inteiramente coletiva, sendo identificada como primordial para cativar o público. “O coletivo entra até nas escolhas que a gente faz. Quando se vai escolher uma história, por exemplo. A escolha é coletiva, se eu me proponho a fazer um trabalho numa determinada escola, por exemplo” (Narrador Moraes).

A definição do público atendido é primordial para o processo de seleção da história que será incorporada ao repertório e, posteriormente, comunicada ao público alvo. A fase a ser considerada compreende desde a infância até a melhor idade. Algumas narrativas podem ser selecionadas independente da idade a ser atendida, devendo, porém, passar por adaptações em fases posteriores para melhor atingir aos ouvintes. As metas que devem ser atingidas em determinados territórios de atuação também são levadas em consideração, direcionando o narrador para o desenvolvimento de um trabalho de acordo com os objetivos que lhes são requeridos.

Para selecionar histórias eu procuro conhecer meu acervo e adquirir livros diferentes, se a história me toca penso que também tocará a criança. Então quero contá-la e sempre tem alguma coisa a mais. Não seleciono sempre o mesmo estilo e penso em encontrar histórias diferentes para que a narrativa seja contada. Se o autor é sensível e a história encanta, conto e incorporo ao repertório. Sempre levo em conta a faixa etária, mas a narrativa acaba tocando quem ouve independente da idade, como no caso das professoras que acabam sendo tocadas. Mas conto histórias direcionadas para o público infantil. Faço perguntas, olho para eles porque acho que seja importante e percebo se estão retribuindo e fazendo perguntas também (Narradora Helena Silva).

A narrativa é selecionada de acordo com a temática, já falei. Então eu penso em como eu vou trabalhar a narrativa de acordo com a temática, não é? Então, assim, eu poderia pegar uma receitinha pronta, mas se tiver uma receita pronta e não tiver nada com a temática não valeu nada. O que adianta contar o Macaquinho numa época de páscoa? Mas eu posso contar no dia internacional da família, porque o macaquinho fala do papel desse sujeito que não fica em casa e não cuida do filho. E o filho só quer atenção (Narradora Célia).

A atuação do contador de histórias profissional requer um repertório atualizado, nessa direção, colocou-se em análise a frequência com que a seleção das histórias é realizada. Depreende-se, dessa forma, que a frequência varia de narrador para narrador, devendo ser analisada dentro de cada realidade de atuação cultural desse profissional na comunidade ou instituição na qual costuma atuar. As oportunidades em termos de busca e recuperação da informação também são variadas e acabam por influenciar consideravelmente o processo.

De maneira geral, experiências diferenciadas são tecidas em termos de atuação profissional e mudam totalmente o contexto da seleção e, por conseguinte, de apropriação das histórias oralizadas. Por meio da constituição de um repertório, pode-se ampliar frequentemente a possibilidade de atender às demandas dos ouvintes que de, maneira geral, exigem histórias novas e com diversas visões culturais e sociais.

Em relação a frequência posso dizer que ela depende das oportunidades de acesso as livrarias e consultas aos catálogos on line das editoras. Sempre que encontro uma história com a qual me identifico ela é selecionada e preparada (Narradora Biancardi).

Quando surgem as demandas específicas uso também, como no ano passado, no segundo semestre de 2014, quando surgiu uma questão específica temática, e eu

nem gosto tanto. Você fica muito preso tem que ser daquele tema. Trânsito [...]. Pra mim foi muito complicado. Aí a outra foi sobre reciclagem e eu achei muito bacana. Depois virou meu também. Da Livraria Paulinas, então, quando é planejado, é mais difícil. Quando é natural é mais gostoso (Narrador Valadares).

Atualmente é uma frequência pequena. Mas antes estava sempre buscando porque, às vezes, você vê uma história e pensa foi feita pra mim. Às vezes, você nem planeja muito isso. Chega um livro a sua mão e você pensa: olha que legal! Dá pra contar. Você assiste a apresentação de uma pessoa e pensa que história legal, parece comigo. E vendo que a história é legal coloco no repertório (Narrador Valadares).

O contexto de seleção encontra-se ligado ao processo de avaliação, requerendo técnicas condizentes com a realidade do público atendido, bem como conhecimento da qualidade das audições e das obras utilizadas. Torna-se importante ainda no processo de pesquisa avaliar uma mesma história com versões diferenciadas e de diversas procedências direcionadas, por exemplo, para a infância. Muitas narrativas trabalhadas “São histórias que denotam reflexos da correria, do estresse e da luta por conquistas meramente materiais, influenciada, sobretudo, pela mídia; são valores que estabelecem o ter em detrimento do ser” (GIORDANO, 2013, p. 31).

Nesse sentido, diálogos são constantemente estabelecidos com autores de obras literárias e múltiplas relações são tecidas com pares, público e apoiadores numa audição de histórias profissional ou com narradores de comunidades tradicionais. Diante desse contexto, “O autoconhecimento e a experiência de narrar são provenientes do buscar conhecer-se ao narrar uma história, buscar conhecer-se ao ter contato com as culturas, dos povos, as sabedorias concernentes de tais tradições [...]” (MORAES, 2012, p. 35).

Procuo sempre inserir uma nova, porque as histórias que contei no ano passado não posso contá-las de novo. Ele dizem assim: Ah! Tia essa eu sei. Tem uma história que todo mundo ama que é aquela que repete, “A casa sonolenta”. Aí eu conto para o primeiro ano, porque antes não tínhamos primeiro ano, não tinha nem biblioteca quando entrei lá. Detalhe. Então contava a partir do segundo ano que vinha do CMEI, então nesse ano eu não posso contar para o segundo ano a mesma história. A partir do segundo ano em diante eu tenho que ter histórias diferentes. Porque eles lembram, essa história você já contou (Narradora Pereira).

Conto sempre a mesma história para todas as turmas em cada semana e, às vezes, mudo. Uma história que acho muito infantil, quando chega o quarto ou quinto ano

mudo, troco para outra. Escolho uma coisa diferente. Às vezes, me perco, então eles dizem: você já contou essa! Aí então tenho que escolher outra. Então separo uns livros só para ler para eles. Escolho a cada semana que eles vêm uma história diferente. Como a maioria eu leio... mas tenho que repassar a voz do personagem da história... fica mais fácil! (Narradora Mendonça).

Agora você vai contar histórias para crianças que passam de 10 minutos e que têm um vocabulário extremamente evoluído, como fará para contar um texto desse para uma criança da pré-escola? Da educação infantil? Vamos pegar um neto de três anos que tenho, como pego uma história de morte infantil de um idoso que ludibria a morte na educação infantil? Você deve então respeitar a faixa etária porque conforme o texto que você narrar, ele não atinge seu público. No seu repertório se você trabalha com crianças da educação infantil, você tem que ter histórias, curtíssimas, normalmente repetitivas que a criança gosta [...] (Narradora Biancardi).

O contador de histórias profissional direciona contextos de busca, seleção e avaliação do material ao público que de uma maneira geral irá atender. No processo de busca e recuperação da informação narrativa a “[...] faixa etária predominante e características socioculturais do grupo devem ser observadas enquanto caracteres que tangenciam o papel social do receptor, ou seja, seu lugar enquanto destinatário” (MORAES, 2012, p. 44). O estabelecimento do tempo que deverá ser despendido ao momento da comunicação da história é essencial, devendo-se considerar fatores relacionados com a idade, instituição e público que nela é constantemente atendido.

O processo de preparação e comunicação de um conto perpassa a história de vida profissional de cada ator social envolvido no processo, desse modo, deve-se adotar critérios desde a preparação até a comunicação de variadas histórias. Enquanto os contos de fadas tornam possível trabalhar com as rotinas escolares, comunitárias e dos lares, a fábula imprime no decorrer da narrativa uma moral para a história. Não se pode perder

[...] a informação de que o conto ocupa um lugar privilegiado e específico na infância, principalmente quando aparecem nas narrativas fadas, duendes, ogros, bruxas – aliás, feiticeiras, gigantes, fadas, duendes e anões não são apenas elementos indispensáveis ao conto de fadas (GIORDANO, 2013, p. 30).

As histórias de fadas, as fábulas e as lendas regionais são contos

tradicionais aos quais os narradores recorrem com intensidade em um momento de comunicação, alcançando, com isso, sujeitos de diversas idades e com gostos diferenciados por conseguinte. Em um universo em que “Fornos de lenha foram substituído por micro-ondas e florestas silenciosas por avenidas ensurdecedoras, e, ainda assim, nos debruçamos sobre os destinos de Cinderela, Branca de Neve e seus companheiros” (HUECK, 2016, p. 254), estabelece-se contato com um público mais homogêneo ou diversificado, selecionando histórias que possam atendê-lo de maneira apropriada. Existem histórias que agradam a qualquer tipo de idade e que podem ser adaptadas para atingir ao gosto de cada público, outras que exigem uma reescrita para atingir ao objetivo e assim por diante.

Se eu vou falar de Chapeuzinho Vermelho de zero a 4, 5, 6 anos de idade, do infantil, eu só falo do lobo mal como um bicho, conforme foi maquiado pela Disney. Quando estou falando da Chapeuzinho Vermelho na faixa etária de 15 a 80 anos eu já tenho uma outra visão de que não é bem assim [...]. Eu já falo do lobo mal que eram os débeis mentais que no tempo dos grandes feudos as velhas e as moças e a libido delas saíam para o bosque e estavam monstrenhos atrás das árvores, como lobo mal. E elas voltavam dizendo que era o lobo mal que tinha comido literalmente elas (Narradora Varejão).

Eu posso ter no meu repertório histórias para todas as idades, inclusive os contos de fadas e as fábulas de Esopo que você pode contar para qualquer público, porque as fábulas eram narradas para qualquer tipo de criança para educá-las nos princípios morais daquela comunidade. Então, se conto A raposa e a uva⁵², através dessa fábula educa-se a criança a não desrespeitar e ser perseverante (Narradora Biancardi).

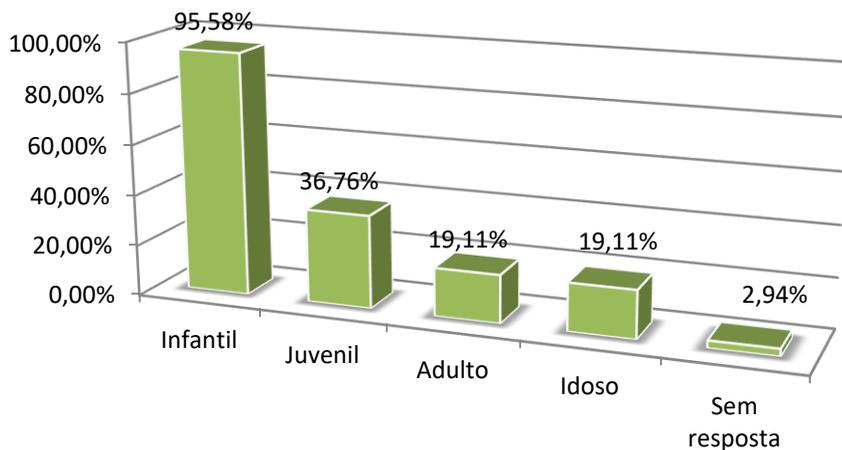
O ouvinte de diferentes idades difere-se de um espectador passivo se é que esse tipo de sujeito realmente existe, sendo considerado como coautor ou ouvinte autor no processo narrativo (MATOS, 2014), desse modo, os serviços e produtos no campo da narrativa oral devem ser direcionados para esse sujeito e toda a sua diversidade cultural. No ato de seleção do repertório a maioria dos narradores de histórias (95,58%)⁵³ leva em consideração a faixa etária do público atendido e, na mesma proporção, a maior parte (95,58%) costuma atender ao público infantil (Gráfico 8).

⁵² Fábula de Esopo.

⁵³ 1,47% afirma que não e 2,94% não responderam essa questão.

Mesmo sendo o público do narrador de histórias em sua maioria constituído por crianças, esse profissional deve acreditar que está tratando de uma prática destinada a um público diverso que deve ser atendido como um coletivo que possui peculiaridades. Por meio da consideração da faixa etária um narrador experiente ou não, poderá melhor selecionar os textos narrativos. Porém, deve-se levar em questão não apenas a idade, mas também as particularidades sociais e humanas do público atendido numa sociedade em que as diferenças é a sua maior característica.

Gráfico 8 – Faixa etária do público atendido



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Levando em consideração a minha faixa etária “Eu aprendi, eu aprendi...” que os livros você não deve poder, selecionar por faixa etária. Mas quando eu estou selecionando o material eu observo pra qual faixa etária vou estar contando histórias. E quando estou numa faixa etária maior, se estou contando histórias, o meu vocabulário, eu modifico, eu acrescento mais no verbo, na palavra, nos adjetivos nos significados dos adjetivos pra mais ou pra menos, de acordo com a platéia, faixa etária (Narradora Varejão).

E quando vou contar as histórias nos lugares, eu conto a lenda e digo que faz parte do livro. Então, é uma forma de merchandising do livro. Agora os outros eu não tenho,

o livro é de poema, e as vezes eu até digo, mas depende do público. Quando você sabe o lugar que você vai e que você vai direto no foco, o público é de tal idade, você já vai com o repertório pensado. Agora, muitas vezes, você vai sem saber. Então, às vezes, entra um poema desse livro Roda Vida, principalmente quando falo pra professores porque é uma subversão da música carneirinho carneirão que eu dediquei aos meus alunos (Narradora Sampaio).

A competência no campo da oralidade perpassa a capacidade da comunicação do conto selecionado, muitas vezes tornando difícil separar a segunda da terceira habilidade da competência narrativa: habilidades de preparação e comunicação de histórias. Ao considerar que o processo de comunicação exige uma boa preparação, resta, então, fornecer detalhes de como essas habilidades são adquiridas no cotidiano do contador de histórias espírito-santense.

Enquanto a preparação exige técnicas específicas que praticamente eliminam o improviso, o ato de narrar exige habilidades e conhecimentos no qual a improvisação pode aparecer como necessária em alguns momentos. “Na verdade o contar histórias não se improvisa nunca e, exige um ritual e uma preparação do narrador [...]” (GIORDANO, 2013, p. 44). Alguns textos narrativos selecionados demandam maior dedicação do que outros, exigindo nesse caso mais tempo de estudo e laboratórios de preparação individuais/coletivos. As narradoras do Grupo Chão de Letras, Magalhães e Samôr acabam fornecendo elementos para pensar que o processo de preparação de histórias requer dedicação e técnicas específicas.

A gente tem no repertório histórias mais longas, histórias mais curtas, todas elas exigem um tempo de preparação. Temos um laboratório no Grupo Chão de Letras, a gente conta e ouve as histórias uma das outras, isso é muito importante (Narradora Magalhães).

Preparar uma história não é um processo simples, não é só pegar e ler e preparar rapidinho. É um processo demorado [...] a gente demora, estuda, assimila e mastiga. Tem que trabalhar muito em cima de uma história para que ela saia de uma maneira leve e prazerosa, causando impacto que a gente trabalhou (Narradora Samôr).

Em casa o meu filho já se acostumou. Eu conto histórias para ele desde pequeno e agora ele é o meu crítico. Eu conto e ele franze a testa e eu vou melhorando. As vezes estou dentro de casa para um lado e para o outro. Outro dia a namorada estava lá em casa e perguntou para ele e ele disse assim: - “Ah! Ela está preparando as histórias dela, não liga, doido é assim mesmo”. Às vezes, eu saio com eles na rua

e eles estão conversando, agora ela não pergunta mais “o que foi” [...]. E, às vezes, eu estou no ônibus, eu gosto de andar de ônibus, e eu conto a história, faço caras e bocas, faço exercícios, na rua também (Narradora Magalhães).

O narrador é caracterizado como um leitor extensivo por consumir muitos e variados tipos de textos para dar conta da preparação e exercício de sua arte (SIMEÃO, 2006). Nessa direção, leitura e escrita relacionam-se com o contexto da alfabetização (técnica de saber ler e escrever) que não exclui o conhecimento de mundo que o narrador de histórias possui (letramento) (TFOUNI, 2010). As técnicas de preparo de uma história estão inteiramente relacionadas com a leitura, (re)escrita, memorização e ensaio e, posteriormente, com o uso da voz, expressão corporal e facial, ou seja, com os procedimentos que tornam possível a comunicação da história que compõe a competência narrativa.

Tabela 5 – Procedimentos para o preparo e comunicação da narrativa oral

PROCEDIMENTOS	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Leitura em voz alta	82,35%
Leitura em voz silenciosa	30,88%
Escrita das partes da história para memorizar	33,82%
Memorização literal	20,58%
Reescrita da história para contá-la	17,64%
Caretas e outros tipos de expressões faciais	33,82%
Abuso da expressão corporal	17,64%
Expressão corporal na medida certa	38,23%
Mudança de voz para diferenciar os personagens	47,05%
Velocidade, tonalidade e volume da voz	50%
Uso de recursos	44,11%
Ensaio das histórias com diversos sujeitos, com gravação e narração na frente do espelho	30,88%

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Dentre os procedimentos das técnicas que compõem as habilidades de preparação e comunicação de histórias, destacam-se os usos das

estratégias de leituras em voz alta (82,35%) e silenciosa (30,88%), bem como a escrita das partes da história para uma efetiva memorização (33,82%), podendo ou não culminar na reescrita de partes da narrativa (33,82%). A memorização literal (20,58%) é responsável pela viabilização de momentos de narrativa oral em que o contador de histórias precisa apropriar-se da história na íntegra sem mudar as partes do texto (Tabela 5).

Outros procedimentos constituintes das técnicas são citados pelos narradores conforme pode ser visualizado na tabela 5, possibilitando a percepção de que antes que um conto esteja pronto é necessário trabalhar a expressão facial (33,82%), expressão corporal na medida certa (38,64%) em alguns momentos de comunicação e de forma exagerada (17,64%) em outros. As técnicas de mudanças de voz são usadas de forma que se possa diferenciar os personagens (47,05%) e o trabalho com a velocidade, tonalidade e volume de voz (50%) também são comumente requeridos, bem como gravações (30,88%) e o uso de recursos como músicas e objetos (44,11%).

A leitura principalmente em voz alta (82,35%) é uma técnica importante para a composição da competência narrativa, sendo a grande responsável pela preparação e consequente comunicação de um conto, evidentemente em articulação com outras habilidades e técnicas. No processo de preparação de um conto o narrador de histórias “[...] pode escolher, criar, recriar, decidir contar ou não, iniciar, modificar, resumir ou enriquecer, e até mesmo encerrar a história caso considere conveniente” (MORAES, 2012, p. 37).

Todos veem a contação da história Macaquinho como a Bia Bedran conta, mas quando peguei o livro e li tive uma outra visão [...]. No momento eu estou brincando de contar histórias, para mim é uma diversão, eu me divirto junto com os meninos (Narradora Célia).

Depois da leitura silenciosa namoro o texto e depois fico imaginando com que tipo de público poderei utilizá-lo. Depois faço o planejamento de entonação da voz, vírgula, ponto, exclamação, ler em voz alta e gravação para corrigir virose verbal. Quando o texto não está preparado ao fazer a leitura em voz alta auxilia a detectar onde não está preparado e evitar conectivos, evitar virose verbal: aí, né, etc. (Narradora Biancardi).

Faço a leitura silenciosa e dali eu já vou maquiando e vou lendo em voz alta e vou

vendo o que eu posso fazer dentro da minha experiência anterior, uso algumas coisas, adaptações. Sem fugir é lógico do texto [escrevendo as partes] sim. [reescrevendo] Não. [Faço careta] Caras e bocas. A verdadeira história do lobo mal de Jon Scieszka ... Sou até caricata. [...] Caracterização no corpo, vou tirando do baú e colocando coisas. Tiro e boto, tiro e boto, tiro e boto (Narradora Varejão).

Seleciono e preparo as histórias lendo. Quando a gente ouve uma história boa a gente corre atrás pra saber dela. Por meio de sugestões dos colegas também: - “Ah! Eu contei tal história, assim, assim, assim”. Ontem eu estava conversando com a Márcia Helena sobre “Viviana, a rainha do pijama”, e na escola dela dá super certo e eu não conseguia contar na minha escola. Não deu certo. Ai ela estava me contando o jeito que ela faz e talvez se eu fizer dê certo. O jeito dela é mais interativo do que o meu (Narradora Pereira).

Por meio de uma leitura solitária, silenciosa ou coletiva, assim como, da escrita das partes do texto, o sujeito narrador memoriza e prepara a história para a comunicação numa posterior apresentação. Esse ator social necessita acessar conhecimentos pertencentes ao processo de alfabetização e letramento, principalmente para conseguir uma aplicação social que o ato de narrar exige do seu narrador na contemporaneidade.

No processo de memorização o narrador pode separar a história em partes, devendo selecionar essa opção sem alterar o texto escrito e, sobretudo no caso de narrativas provenientes de obras literárias autorais, pode ser literal. “Por outro lado há os que consideram que a modalidade oral, diferindo da escrita, requer outros aspectos que podem vir a redefinir não apenas a moldura, mas também a estampa final do conto” (MORAES, 2012, p. 27). Também podem utilizar a reescrita para recontá-la com uma estrutura diferente, de forma que não descaracterize a obra.

A realidade exposta apresenta a necessidade de o narrador dominar técnicas de reescrita e adquirir conhecimentos acerca da arte de narrar textos adaptados principalmente quando estes forem de domínio popular. O contador de histórias profissional tendo ou não características mais tradicionais deverá “[...] dominar a arte da palavra e da imaginação criadora e começa por se considerar o contar histórias como uma atividade muito importante que requer clareza nas suas intencionalidades” (GIORDANO, 2013, p. 44).

Fica cada vez mais difícil a tarefa de separar as habilidades de preparo e

comunicação da história, pelo motivo de que os narradores entendem que essas práticas estão articuladas e, principalmente, pelo fato de que a maioria dos profissionais continuam a preparação durante o ato de narrar. Conseguem, dessa forma, alcançar um processo de memorização que permite que se conte um texto de cor, o que remete compreender efetivamente aquilo que foi lido, oralizar com sentimento e descontração. O uso de um recurso é uma consequência, jamais podendo aparecer mais do que a narrativa apresentada, segundo a opinião de alguns narradores.

Então eu juntei um pouco da teoria com a experiência, para não fazer feio, entende? Então eu acabei juntando experiência pra tentar fazer algo que fosse meu, único, o meu jeito. Porque por mais que você queira cantar igual a Bia Bendran você não é ela, a sua voz, a sua entonação, a expressão, tudo, sem falar que você vai contar oral, tudo depende da sua entonação, da sua fala, do seu sorriso, da sua expressão, e aí não adianta nada você ter toda essa bagagem e não saber de expressar, você ser travado, não estar num dia legal, eu acho assim contar é a arte mesmo, é a diversão, é você entrar naquilo (Narradora Célia).

Às vezes [uso] um anel, um objeto que vai tornar curiosa que vai assim aguçar a curiosidade da criança. Eu contei uma história da montanha encantada que foi uma história da minha adolescência de escola, e eu contei pro meu filho em casa, depois fui contar para os coleguinhos deles na escola, porque ele falava que a professora não gostava de contar histórias e eu contava muita história pra ele em casa. Quando cheguei lá o que tinha no primeiro capítulo? Um binóculo! E eu levei um binóculo escondido na roupa e na hora em que falava do binóculo eu peguei e eles ficaram loucos (Narradora Broseguini).

Contudo, o uso de recursos, a reescrita da história juntamente com as mudanças de tom e velocidade da voz são muito necessárias no momento da apresentação da narrativa. Na educação infantil, por exemplo, os contadores de histórias exploram o uso dos recursos com maior intensidade. No caso das narradoras Bossois, Magalhães e Samôr do Grupo Chão de Letras, costumam utilizar na maioria das vezes a simples narrativa devido ao público diversificado que atendem.

Eu uso alguns recursos em algumas histórias, mas no geral uso mais a narrativa mesmo (Narradora Bossois).

Eu uso pouco recurso, meu perfil não é de estar cheia [de recursos...]. Com fantoches, tem hora que eu esqueço que ele está na minha mão. Às vezes, o recurso que eu utilizo é a própria criança que eu vou colocando algumas coisas nela. A música

também, porque de vez em quando eu sou atrevida, não é? Mas como o contador de histórias pode, eu uso a música (Narradora Magalhães).

No Grupo Chão de Letras o nosso perfil é bem parecido. A gente não usa muito recurso não (Narradora Samôr).

O uso de variados recursos e tipos de gêneros textuais dependerá do público atendido, das habilidades artísticas do narrador de histórias que, muitas vezes, domina o uso de instrumentos musicais, da dança, da dramatização, declamação e outras modalidades artísticas. As adaptações de poesias e musicalização das narrativas da tradição oral são algumas possibilidades de trabalhos que permitem “[...] a cada vez que narramos uma mesma história, mesmo que texto físico tenha sido memorizado e narrado integralmente, executamos um evento único e original” (MORAES, 2012, p. 17).

Então eu subverto a poesia dizendo “Carneirinho, carneirão, olha pro céu, olha pro chão, mas olha também pro lado, deixa de ser alienado”. E aí, “Olha no céu olha para as estrelas, astros, satélites, cometas, não olha só com os olhos, lança mão de uma luneta. Carneirinho, carneirão, olha pro céu, olha pro chão, mas não deixa o senhor dizer pra você se esconder, vai em frente, mostra a cara, faça tudo que quiser esteja sempre atenta para o que der e vier. Aqui no chão olha pra tudo, descobre o certo e o errado, encara tudo de frente e não deixa nada de lado, olha e grita bem alto aquilo que não gostar, nosso olhar serve pra isso, ver e denunciar” (Narradora Sampaio).

As estratégias selecionadas durante o momento de preparação de uma história variam de narrador para narrador que atuam em territórios diferenciados. O uso de recursos, desse modo, caracteriza-se como um elemento importante durante o processo de comunicação da história, podendo o conto selecionado, dessa maneira, sofrer influências da realidade vivida. Existem várias versões da mesma história que podem ser selecionadas e preparadas com a intenção de trabalhar fragmentos da realidade social em um momento de narrativa oral ou noutro tipo de serviço ou produto.

No território da educação a utilização de recursos artísticos na apresentação das narrativas tornam possível explorar valores. No caso da narradora Mendonça o uso de um tipo de texto poético possibilitou a premiação do trabalho que desenvolve no cotidiano da biblioteca escolar. Mesmo que a palavra que mobiliza a simples narrativa seja a base

do momento de narração, no caso dessa e de outras narradoras com a narrativa é possível trabalhar com recursos que mobilizaram o ato de divertir e, ao mesmo tempo, provocar momentos educativos de uma maneira prazerosa.

Quando vou trabalhar com os alunos escolho o conteúdo. Por exemplo, para trabalhar sobre valores esse exercício se torna mais difícil. Se for de Ricardo Azevedo já sei que é bom. Enviei um e-mail pra ele agradecendo porque aquela premiação [Prêmio Karol Kuntal, em 2013] que obtive foi graças ao trabalho com um poema dele. Ele ficou feliz e me enviou até um livro, autografado e tudo... Teve um seminário de bibliotecários da Rede e falei do trabalho de Ricardo Azedo e uma profissional da USP questionou se o autor sabe que eu trabalho... O autor sabe (Narradora Mendonça).

Eu li Chapeuzinho Vermelho, em seguida apresentei Chapeuzinho Amarelo do Chico Buarque e Chapeuzinho Redondo que é do francês Geoffroy Pennart. Então, são duas histórias baseadas na história clássica de Chapeuzinho vermelho. E então, os alunos produziram as histórias deles, inclusive podendo ser sobre qualquer Chapéu. Só que colocando no contexto deles, no contexto atual e inserindo elementos da atualidade, bicicleta, celular, GPS, verificando o vestuário, que música que ela canta. Ouvi de um aluno: - Não posso levar doce porque a vovó é diabética, então ela vai levar outra coisa. As adaptações vão fazendo com que eles produzam e que a criatividade vá aflorando. Tem uma aluna que está fazendo a história da Chapeuzinho toda em rima. Está ficando divertida (Narradora Uliana).

É tão interessante, justamente porque tem todo um processo de identidade dentro do local. Eles não sabem do que eu sou capaz, então, eu sou obrigada a correr atrás das minhas coisas. Pra eles ter uma bonequinha de papel foi uma coisa incrível. Quando eu trabalhei Monteiro Lobato eu fiz um resgate, eu queria resgatar o livro, o autor no dia do livro através da figura da Emília. Era automático, quem vê a Emília vê Monteiro Lobato que iniciou toda essa história de literatura infantil. Então a figura da Emília representa sim. Vem toda a questão da contação de histórias. Eu perguntei para as pessoas o que lembrou a Emília: - “Nossa você me trouxe lembranças da época em que ouvia histórias do sítio”. Eu falei assim: “É isso! Bingo! Eu atingi o meu objetivo através da figura da Emília” (Narradora Célia).

Tendo em vista que com a escolha de uma música, uma poesia, de um vestuário ou de um objeto pode-se imprimir uma marca durante um momento de apresentação da narrativa oral, destaca-se que tanto a habilidade da preparação quanto da comunicação requer a apropriação de técnicas particulares por parte do seu utilizador. Nessa linha de pensamento, infere-se que um recurso jamais será utilizado da mesma

forma por dois ou mais narradores e, contudo, não provocará o mesmo impacto durante os momentos performáticos.

Para além do uso de diferentes recursos em um momento de comunicação, importa pensar a importância da simples narrativa. Esse fato remete ao filme *Canção do sul* (1946), no momento em que essa narrativa cinematográfica conduz à trama de histórias tecidas pelo Tio Remus, vivido pelo ator James Baskett, um experiente contador de histórias retratado como um narrador tradicional. Com a riqueza da sua experiência esse personagem oferece conselhos e lições de vida assim como o narrador contemporâneo (BENJAMIN, 1994).

A gente não pode abusar porque a verdadeira arte, o melhor método é a narrativa oral, de corpo presente com seu público. Mas tem determinados públicos que você pode inovar porque irá querer. Então, quando você forma contadores de histórias você dá a ele essa abertura, de auto reconhecer. Canção do Sul, por exemplo, é um filme que sempre usei no espaço de formação, porque o personagem principal narra história com simples narrativa e consegue fazer a transformação do sujeito (Narradora Biancardi).

Existem outras demandas com as quais esse narrador se depara, devendo dar conta delas para que obtenha sucesso no momento de preparação da contação de histórias ou de outros serviços requisitados na contemporaneidade. A ambientação e a organização do local em que será contada a história é uma delas, sendo que metade dos narradores (50%) afirmam se dedicar a essa frente de trabalho no campo da narrativa oral. Enquanto outros narradores afirmam não se preocupar com essa atividade (32,35%), uma parcela considerável não respondeu a essa questão (17,65%).

A preocupação com a organização do ambiente em que será contada a história é válida pelo motivo de proporcionar conforto e motivar tanto o narrador quanto o ouvinte. Nesse sentido, deve-se dedicar um tempo considerável ao preparo do espaço em que será realizada a comunicação da história. Essa técnica que compõe a habilidade de comunicação é necessária para possibilitar interação social entre os sujeitos que promovem uma ação cultural, proporcionando que o público seja digno do oferecimento de um serviço ou promoção de um produto.

Depende do que eu planejo, porque tem o cantinho da leitura, tem os tatames, às vezes senta todo mundo nos tatames e a gente faz uma roda no tatame. Tento

sentar no chão também. Às vezes, sentam nas mesas mesmos, depende do que eu quero deles. Se for só uma conversa, convido: vamos sentar no chão que fica uma coisa mais íntima, parece que eles têm mais liberdade de falar. Mas, às vezes, eu quero uma outra coisa mais formal e a atividade é escrita, então eu deixo eles na mesa mesmo. São os tatames com almofadas mesmo, esse é o meu cantinho da leitura (Narradora Pereira).

Porque tem ambientes que querem que a gente faça a narrativa como livreria, no shopping em que não temos condição ambiental, sem até microfone. Então esse diálogo eu sempre tive e foi sempre muito bom, porque a gente afina o momento da narrativa com todo o material necessário e com o ambiente necessário, porque nem sempre o ambiente que querem nos dar para narrar é apropriado para estar sem microfone [...]. Se temos um bom relacionamento é mais fácil ter as condições necessárias para o desenvolvimento da arte. Porque se você fizer em lugar não apropriado, com um espaço físico, barulho em um ambiente que não permite a concentração e em que a projeção da voz é prejudicada, você terá problemas, a desqualificação da arte narrativa (Narradora Biancardi).

Geralmente quando chego no local vou até onde irei contar, vejo o que eu preciso para a apresentação no local, mas na maioria das vezes eu não uso de nenhum artifício. Mas quando eu usava colocava lá alguns instrumentos, uma cadeira, um banquinho, mesmo que não sentasse, mas para ter uma referência. Também procurava alguns lugares em que estaria o ouvinte para imaginar como eu seria visto. Do lado de fora da janela pra ver como a pessoa iria me visualizar. Verificava como estariam me olhando. Às vezes, tinha uma janela atrás, então eu pensava como eles vão me ver. Pra ter uma noção. Iluminação, um lugar que não tivesse nenhum foco de luz maior na plateia do que em mim [...]. Por meio de experiência, experimentação fui aprendendo, também lendo alguns livros de espaços teatrais (Narrador Moraes).

Não faço muito não. Fiz uma vez no SESC, no antigo prédio do teatro Glória, era lançamento de um livro sobre a história do teatro e fui muito bem pago. Tive que contar com algum cenário, porque o pessoal que contratou é da literatura. Enfim, eu fiquei um pouco sem graça de levar minha mala e peguei emprestado com a Gab Kruger um fundo de uma floresta, um tapete e algumas coisas pra ficar mais bonito. Foi a única vez que eu usei, mas fora isso me preocupa se é algum lugar que não tem a interferência de barulho externo. Se a gente vai sentar e não vai ser virado para a janela, se não vai ser virado pra porta. Nessa linha de organização, mas não de levar elementos para compor o cenário (Narrador Valadares).

A preparação dos momentos de contação de histórias aparece como uma condição necessária para a performance durante a comunicação narrativa, desse modo, o narrador deve manter o local organizado para

se dedicar com maior facilidade a etapa da disseminação/distribuição do serviço ou produto. O ambiente direcionado para a contação de histórias, por exemplo, deve ser “[...] o lugar em que se pretende narrar uma história devendo ser um ambiente arejado, acolhedor, silencioso, tranquilo, isento de elementos que dispersem a atenção dos ouvintes” (MORAES, 2012, p. 43).

A literatura geralmente não dedica um espaço considerável para essa atividade necessária ao contexto da narrativa oral, devendo o sujeito narrador aprender como fazer no decorrer do seu cotidiano de trabalho. A ambientação do local em que será comunicada uma história que poderá ser visualizada presencialmente ou virtualmente, requer planejamento e observação constante dos espaços tempos em que o narrador dissemina textos e contextos que envolvem práticas narrativas.

O tempo reservado para a apresentação de cada narrativa deve ser considerado ao compreender que o narrador trabalha em instituições em que as diferenças e necessidades culturais devem ser atendidas pelo profissional narrador. A destinação de tempo voltada para uma comunicação deve, por conseguinte, considerar que cada público requer um momento de narrativa oral diferenciado em termos de concentração e necessidades institucionais. Um momento de narração para crianças deve ter um tempo menor em termos de comunicação da narrativa oral, enquanto que o oferecimento de um curso para adultos deve compreender um espaço de tempo maior devido a meta de trabalhar com formação na área da contação de histórias.

Geralmente minha apresentação de contação de histórias dura 40 minutos. Fiz apresentações mais longas, com mais de uma hora, apenas com adultos e usei muitos artifícios, como uma música ou alguma outra coisa. Mas geralmente dura 40 minutos, até por ser um tempo que a gente acaba determinando mesmo para pessoa sair querendo mais (Narrador Moraes).

Não mais que 20 minutos, depois disso costuma dispersar a atenção dos alunos na biblioteca (Narradora Pereira).

O encontro todo dura 50 minutos. A contação dura cerca de 10 a 15 minutos. Tem a ver com você conhecer o público. Com aquilo que eles gostariam enquanto informação [narrativa]. Na minha opinião é assim. Se eu conto uma história, tenho que ter pronto uma outra história se aquela não agradar. Entendeu? Ou, às vezes, eu conto uma e eles pedem outra e outra. Dependendo do grupo a história rende.

Depende de sua atenção para aquilo que vai fazer (Narradora Mendonça).

O estabelecimento de um tempo correto para cada tipo de atividade e público é importante para fortalecer o processo de comunicação entre narrador e ouvinte. Desse modo, identifica-se que a maioria dos contadores de histórias costuma interagir com seu público (86,76%) durante a comunicação da história e, em seguida, que uma pequena parcela costuma não permitir nenhum tipo de interação (8,83%)⁵⁴. Percebe-se, com isso, que a comunicação da narrativa exige que todas as habilidades citadas anteriormente sejam somadas a capacidade de interação com um público de todas as idades e contextos sociais diferentes.

Uma criança em sala de aula, dentro de uma escola ela reage de uma maneira diferente de quando ela está com os pais num espaço como o Tapete Mágico, num espaço cultural que também era uma loja mas era um espaço cultural. Às vezes, as escolhas podiam mudar também por conta disso, não é? E o público? Eram todos eles: infantil, juvenil, adulto e idoso. Eu trabalho em um lar de idoso, no Avedalma⁵⁵ também. Adultos eu sempre gostei de contar histórias para adultos. Em teatro em que eu tive a oportunidade de contar pra adultos especificamente. E nos próprios cursos, não é? E pra idosos no Lar Avedalma que foi a maior experiência que nós fizemos, eu e os alunos do curso. Foi uma experiência muito boa também. Tivemos idosos que contavam histórias também lá e em outros espaços da terceira idade em que eu tive a felicidade de trabalhar (Narrador Moraes).

No processo de comunicação percebe-se que o sujeito narrador, apesar de não ser classificado como ator, caracteriza-se como um artista cênico e, que, mesmo perante a necessidade de memorizar uma história, escolher recursos e outras demandas que exigem técnicas e conhecimentos no campo da informação, tecnologia e alfabetização, a liberdade de expressão ainda deve ser o norte da atividade criativa do contador de histórias. Desse modo, técnicas cênicas (expressão facial, corporal, etc.) e do campo da relação interpessoal (relacionamento entre duas ou mais pessoas) permitem um diálogo expressivo entre narrador e público por meio das interferências e produções em torno da narrativa oral.

⁵⁴ 4,41% não respondeu essa questão.

⁵⁵ Abrigo à Velhice Desamparada Auta Loureiro Machado (AVEDALMA), localizado no município de Cariacica (ES).

Em algumas histórias [tem a integração com o público] sim, em outras não. Tem uma história do tatu que coloquei um trecho de música, então elas começam a cantar e participam. A da corujinha primeiro eu conto a história e depois eles vão contando de novo ao fazer as dobraduras e contam comigo. Em algumas histórias eles interagem e em outras não (Narradora Mendonça).

Eu permito interferências. Lógico que em momentos em que a história não vá se perder. Eu vejo a hora em que podem interromper, porque se você parar toda hora não dá. Mas dá pra fazer essas interferências durante as histórias, mas a discussão maior é sempre depois do final da história. Às vezes, você conta uma história inteira sem interferência nenhuma, principalmente para os menores. Os mais pequenos que são mais curiosos e não têm muita noção, vão interrompendo a história, mas mesmo assim eu permito. Pra ser um agente cultural você precisa ter a resposta do outro por que senão você não é agente (Narradora Uliana).

Ao trabalhar principalmente com a perspectiva da ação cultural, os narradores de histórias consideram que “Contar histórias não é um monólogo, pois, para além das tantas vozes que permeiam a fala do contador, muitos diálogos interiores se dão durante a narração” (MORAES, 2012, p. 49). Permitir a fruição do diálogo entre contador de histórias, pares e público é uma das metas do processo de comunicação, devendo o sujeito narrador, portanto, continuar a explorar o relacionamento interpessoal ao qual exerceu secularmente.

Assim que eu quero fazer, por exemplo, a história da centopeia⁵⁶, pergunto pra eles: - A centopeia tem quantas pernas? Respondem: - A centopeia tem 10 pernas. Então no diálogo [...] vou contar quantas pernas tem a centopeia que eu uso: - Ela tem 18 pernas? Então se tem 18 pernas, dezoitopeia. E no final já que vou retirando as perninhas ela fica com perna nenhuma. Então se não tem perna nenhuma, às vezes, eles criam o zeropeia ou então outro nome [...]. Na própria composição da história, nas perguntas que a gente faz, tem um diálogo. Tanto que essa história que você citou⁵⁷ é um ótimo exemplo pra fazer isso aí. Eles descobrem o que é rima. E aí eles constroem as rimas deles. Às vezes, rimas que não são tão boas a gente usa mesmo assim. Eu acho que se dialoga assim, bem lembrado (Narrador Valadares).

⁵⁶ História infantil “A Zeropeia” de Hebert de Souza, publicada pela editora Moderna, citada na entrevista do Narrador Valadares.

⁵⁷ História “Xula do Palhaço”, ouvida na observação do campo, especificamente no Espaço Infantil da Livraria Saraiva. Tendo em vista a audição dessa história no momento de entrevista lembramos com Valadares que ao contá-la com música, instrumentos e rimas, a estratégia utilizada proporcionou o diálogo com o público no momento da interferência.

As habilidades de pesquisa e preparação não são dissociadas da habilidade de comunicação da história. Tendo em vista que essa última habilidade que compõe a competência narrativa é acompanhada de técnicas que fazem parte da competência cênica, bem como de estratégias peculiares de cada contador de histórias torna-se extremamente necessária para a fase da disseminação da história. Evoca-se um fragmento da obra de Fernandes (2006, p. 375) para refletir que “A formação do artista cênico de hoje deve ensinar a liberdade entre os vários meios de expressão, para que cada um deles ganhe sua força e independência” ao criar e permitir que no momento de disseminação haja interferência, ou seja, diálogo perante o oferecimento de uma ação cultural.

Às vezes, a interação é essencial para o andamento da história, é o que faz a história existir. Você faz uma pergunta e ninguém responde o que fará a história existir? As estratégias que utilizo são perguntas. Peço para adivinhar algumas coisas ou pergunto que final que eles dariam para a história: - Vamos conferir o final do livro? - Esse é o mesmo que o autor deu? - Vocês gostaram mais do final do livro ou mais do final de vocês? (Narradora Pereira)

Olho para o público, faço perguntas relacionadas e gestículo sempre procurando envolver o público também. Como no caso do recurso de sons de copos que quero utilizar. Informações de repertório e “novas” de interação com o público. Costumo buscar inovar o repertório e descobrir novas formas de interação com o público, como o exemplo citado dos copos que achei fantástico e irei utilizar (Narradora Helena Silva).

Entende-se que o narrador não é um ator e tampouco se enquadra nos parâmetros de atuação desse profissional, todavia, o narrador contemporâneo mais do que nunca precisa adquirir informações de como usar a informação narrativa e comunicá-la em diferentes territórios de atuação. Deter, então, conhecimento de técnicas que tornem possível preparar uma narrativa e posteriormente comunicá-las em ambientes híbridos que permitam o diálogo, são habilidades componentes da competência narrativa muito importantes para essa nova era conectada por *redes de informação* (CASTELLS, 2011; 2003).

O exposto não isenta o narrador de histórias da necessidade de deter competência em informação voltada igualmente aos processos de busca e comunicação da informação em espaços presenciais e virtuais. Desse

modo, desde a seleção até o preparo da história deve-se compreender que as novas e antigas tecnologias coexistem de forma que se possa comunicar a narrativa oral. Depreende-se a necessidade de apresentar o estado da arte das habilidades, técnicas e conhecimentos componentes da competência narrativa que culmina na disseminação da narrativa oral em espaços híbridos de comunicação (Quadro 10).

Quadro 10 – Habilidades, conhecimentos e técnicas componentes da competência narrativa

COMPETÊNCIA NARRATIVA		
PESQUISA DE HISTÓRIAS	HABILIDADE que engloba a seleção de textos para o repertório utilizado em narração de histórias, cursos, gravação de vídeos e outros produtos e serviços no campo da narrativa oral.	Conhecimento no campo da competência em informação, necessária dos contextos de busca até avaliações no processo de análise de textos narrativos compostos por uma diversidade de gêneros.
	Técnicas de busca e seleção, ao considerar a informação necessária à seleção em contextos presenciais/virtuais e processo de escolha de uma história que deve partir das necessidades do público alvo.	A avaliação encontra-se imbricada com a capacidade técnica e humana de selecionar informação narrativa relevante para um público diverso com necessidades diferenciadas.
	Durante o processo de seleção é requerido o conhecimento do código da escrita (alfabetização), a aplicação da leitura e escrita no contexto social (letramento), junto à alfabetização digital e em informação.	Tendo em vista a utilização das tecnologias de escrita, informação e comunicação para a consecução das pesquisas, reivindica técnicas para buscas e seleção de textos narrativos.
PREPARAÇÃO DA HISTÓRIA	HABILIDADE de preparo de histórias que se encontra relacionada com a leitura, (re)escrita, memorização, ensaio e, posteriormente, com as	Conhecimento no campo da alfabetização/letramento, e, com isso, das leituras solitárias/coletivas, escrita das partes do

	técnicas de preparo do uso da voz, expressão corporal e facial.	texto para a preparação de uma história com o acréscimo ou não de recursos.
	Conhecimento de estratégias de memorização literal para a viabilização de momentos de narrativa oral em que o contador de histórias precisa usar a história na íntegra sem mudar as partes do texto lido.	Uso de técnicas de leituras em voz alta e silenciosa, escrita das partes da história para uma memorização não literal, reescrita e reestruturação de partes da narrativa para posterior comunicação.
	Trabalho com técnicas da expressão facial, expressão corporal na medida certa em alguns momentos e de forma exagerada em outros, necessitando, portanto, acessar habilidades pertencentes ao campo de expressões artísticas como a música, teatro, etc.	As técnicas de mudanças de voz de forma que se possa diferenciar os personagens e o trabalho com a velocidade, tonalidade e volume de voz também são comuns, assim como, o uso de recursos como gravação, músicas e objetos.
COMUNICAÇÃO DA HISTÓRIA	HABILIDADE que perpassa a capacidade da comunicação da história selecionada, relacionada com as habilidades técnicas de pesquisa e preparo da história. Muitas vezes torna-se difícil separar a habilidade da preparação da comunicação de histórias.	Conhecimento acerca da competência cênica (expressão facial, corporal, etc.) e habilidades inatas no campo do relacionamento humano, sendo extremamente necessárias para a fase da comunicação da história.
	Comunicação de histórias, exigindo técnicas cênicas e do campo da relação interpessoal, permitindo diálogos expressivos	Conhecimentos sobre as tecnologias de escrita, informação e comunicação, bem como a aquisição de habilidades técnicas para acessar aos

	entre narrador e público por meio do preparo do local, estabelecimento de tempo necessário, interferências, entre outras produções em torno da narrativa oral.	serviços que as redes de comunicação oferecem, com a finalidade de compartilhar a narrativa oral em espaços híbridos de comunicação.
--	--	--

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

A competência narrativa requer habilidades e conhecimentos no campo da busca, avaliação e uso de uma informação que efetivamente se faz necessária para a manutenção da prática do contador de histórias. Na contemporaneidade os sujeitos narradores acabam requerendo uma base de conhecimentos sobre as TIC, bem como, a aquisição de habilidades para que possa acessar aos serviços que as redes de comunicação oferecem.

Entretanto, no seu campo de atuação se deparam com a coexistência das novas tecnologias de informação com os mais antigos meios de comunicação (escrita e oralidade), com a articulação das práticas tradicionais e modernas. Nessa direção, a reflexão das narradoras Oliveira e Biancardi permitem que se pense um pouco mais sobre essa questão.

Eu acho que a gente está resgatando a contação de histórias. Teve uma exposição aqui e a exposição falava justamente sobre isso, não lembro o nome da artista agora, ela pegou uma cadeira de balanço antiga e colocou no canto da sala com um pano branco jogado em cima, um radinho velho, não é? Cantando músicas antigas, músicas de roda. E tinha uma caixa preta e nessa caixa preta tinha um celular em cima, não esqueço dessa exposição, e pelo celular você via tudo o que estava dentro daquela caixa, que eram coisas antigas. A cadeira simbolizada o que? Pra mim, o que o mais gostava quando minha avó sentava e a gente sentava em volta e ela contava causos, histórias, músicas, e hoje você não vê isso (Narradora Oliveira).

O sujeito se apropria da cultura, do conhecimento, da informação que a narrativa leva. Ele se torna um sujeito interativo, proativo em sala de aula, fora dela, em família [...] Daí vejo a importância das pessoas que estão envolvidas na arte de contar histórias passar por espaços de formação que possuem variadas linhas de formação. A gente prioriza a naturalidade da pessoa de contar que é inata, mas determinados públicos estão mais audiovisuais do que auditivos, estão interagindo mais com a imagem e o som. Então quando a gente usa a simples narrativa de corpo presente com o público, tem que ter um texto muito bem preparado pra cativar, porque senão

as pessoas em época de altas tecnologias não te darão ouvido (Narradora Biancardi).

Ilustração 8 - 1º Encontro Estudantil de Histórias Afro Brasileiras no MUCANE (Filhos de Griô)



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

De um lado, situa-se o uso das tecnologias que tendem a diminuir a capacidade do sujeito contemporâneo narrar histórias (BENJAMIN, 1994) e, de outro, a habilidade profissional do contador de histórias que é fundamental para resgatar a prática de narrar na sociedade da informação. Percebe-se o encontro da tradição oral com as TIC nos relatos coletados nos momentos de diálogos e na observação da dinâmica nos territórios de atuação dos narradores de histórias. Durante a observação do campo no 1º Encontro Estudantil de Histórias

Afro Brasileiras no MUCANE percebeu-se o encontro da oralidade com as novas tecnologias, no momento em que um aluno do ensino fundamental conecta-se às redes digitais ao mesmo tempo em que participa de uma audição de histórias nos moldes tradicionais (Ilustração 8).

Numa época em que a velocidade da informação circula com maior força por conta do uso das tecnologias de escrita, informação e comunicação, Yunes (2012) permite acrescentar que a disseminação de uma história ainda oferece ao público “um gosto de quero mais”. A intensificação do uso das tecnologias não impediu a interação do contador de histórias com seu público, remetendo ao fato de que a arte de narrar fadada a extinção tem resistido em muito aos impactos das novas tecnologias (BENJAMIN, 1994).

Além do fato de que o público mantém um contato direto com equipamentos eletrônicos, não se pode negar que o contador de histórias também faz uso deles para pesquisar na internet e conectar-se às redes sociais para se comunicar. Todavia, a pergunta que constantemente foi feita ao longo do contexto de diálogo com esse grupo é como utilizam as tecnologias de comunicação e informação em sua área de atuação. Esse questionamento começou a ser respondido ao longo da apresentação dos quatro primeiros indicadores de perfil e contexto e será aprofundado com a exploração dos últimos dois indicadores apresentados no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 4

A VISTA DE UM PONTO SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS CONEXÕES EM REDES

A *reminiscência* funda a cadeia da tradição. Que transmite o acontecimento de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando (BENJAMIN, 1994. p. 210-211).

INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CATEGORIA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O contador de histórias de Benjamin (1994) ainda propaga acontecimentos fictícios ou reais por meio das reminiscências transmitidas de gerações em gerações. Contudo, tece sua rede tendo como base uma prática milenar, ao passo que acaba adquirindo competências de forma que possa ser incluído na sociedade da informação. A inclusão em informação aparece como uma necessidade para qualquer profissional brasileiro e, por que não colocar, do mundo. Diante das discussões que giram em torno do processo de globalização mundial, o contador de histórias recebe importantes contribuições com a intensificação do uso das TIC. No entanto, o uso dessas tecnologias requer a aquisição da competência em informação, exigindo um contato mais direto com aparelhos eletrônicos que os conectam à rede mundial de computadores, assim como o domínio dos saberes necessários para manuseá-los.

Ante ao exposto, desdobram-se neste capítulo as categorias “competência em informação” e “conexão em redes”, encerrando a análise dos dados coletados por meio dos indicadores de perfil e contexto, bem como a apresentação do conteúdo dos assuntos componentes. Os indicadores das conexões e da competência em informação finalizam essa etapa propondo uma análise que aponta para a inclusão digital, alfabetização em informação, participação em redes presenciais e virtuais, processos de busca, recuperação e avaliação da informação, produção de conhecimento, compartilhamento de informações em redes de colaboração e outros temas que constituem os indicadores.

Como forma de compreender neste tópico a composição de uma categoria que se caracteriza como competência em informação, abordam-se temas relacionados com a alfabetização em informação (conexão em redes, utilização de mídias sociais, aplicações de acesso à internet, contextos de busca, seleção e avaliação da informação, etc.) e alfabetização digital (execução de tarefas, utilização de equipamentos, etc.) (Quadro 11).

Quadro II- Descrição de temas que compõem a primeira categoria dos indicadores das conexões e da competência em informação

INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO		
Categoria competência em informação	TEMAS	TEMAS
	Inclusão digital	Tipos de equipamentos usados para acessar a rede digital
	Execução de tarefas simples	Utilização de mídia social para a comunicação em rede
	Intensidade de conexão em rede	Tipos de mídias sociais utilizadas em rede
	Uso de aplicações de acesso à internet	Ferramentas de busca e recuperação da informação
	Inclusão informacional	Seleção da informação por grau de importância dos objetivos
	Localização da informação em obras impressas e digitais	Processo de detectar palavras chaves na definição de um conteúdo do texto
	Critérios utilizados para avaliar a qualidade das fontes	Organização e disponibilização do conteúdo de documentos
	Tipos de arquivos compartilhados	Produção coletiva de novos arquivos para compartilhamento

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Diante do fato de que o excesso de informação dificulta o processamento de busca e recuperação da informação narrativa e, por conseguinte, prejudica as conexões em redes parece apropriado apresentar indicadores que possam colocar em análise dados até o momento coletados e compreendidos na “categoria competência em informação”.

A competência em informação concebe conhecimentos (saber ser),

habilidades (saber fazer) e atitudes (saber agir) compreendidos entre contextos profissionais e comunitários, de forma que possa dar conta das demandas da produção de produtos e serviços no campo da narrativa oral. Essa competência articulada ao contexto da narrativa proporciona ao sujeito narrador ser competente no âmbito da informação e, com isso, trabalhar em contextos de produção colaborativa e divulgação da sua prática na era digital.

O narrador vive um momento em que necessita estar incluído digitalmente de forma a usufruir dos benefícios da sociedade que disponibiliza as TIC. Nessa direção, a alfabetização digital se faz necessária para desenvolver habilidades e apropriar-se de técnicas no que refere ao emprego das tecnologias que acabam por envolver conhecimentos relacionados com o uso de recursos digitais e eletrônicos (GARCÍA-MORENO, 2011). Esse processo envolve narrador, público, colaboradores, enfim, todos os sujeitos que se apropriam das tecnologias de escrita, informação e comunicação compreendidos nessa área de atuação.

As mudanças vividas no campo da informação envolvem, de maneira geral, o uso dos equipamentos eletrônicos. Então, ser alfabetizado informacionalmente é uma necessidade que se articula com a capacidade de manusear um computador, *tablet*, celular e outros equipamentos responsáveis pela sobrevivência na era da informação. Por meio do domínio do uso deles é possível aprender não apenas como buscar e produzir informação de um modo solitário, mas também aprender compartilhar conhecimento de maneira colaborativa mesmo que ainda haja carência de recursos para uma diversidade de profissionais, dentre eles o narrador de histórias.

Como pode você colocar computador pra criança e não saber nada daquilo? Aqueles computadores vindo com teclados com letras, eu me lembro que o meu laboratório foi o mais bem montado, eu estava no "CMEI Magnólia na Ilha das Caeiras"⁵⁸, e foi uma referência aquele laboratório de informática para a pré-escola. Como eu não podia entender aquilo? Como eu poderia ficar a margem daquilo? E resistente ao não querer saber de informática, eu tinha que saber... [...]. como eu poderia ficar longe daquilo ali, de clicar, deletar e não era mais tirar cópia. Tudo era imprimir, não era mais manda isso, era envia. Desmancha, passa a borracha... Não! Deleta! Control C,

⁵⁸ CMEI Infantil Magnólia Dias Miranda Cunha da PMV.

Control V, eu não quis ficar por fora. Tanto que hoje o celular está aqui [...]. Minha sobrinha me deu de presente, um iPhone da Apple que faz tudo, é um espetáculo, eu falo com o mundo inteiro, com quem eu quero (Narradora Varejão).

No escritório eu tinha uma máquina que era fantástica. Ela tinha memória, gravava não sei quantas petições e depois eu fui obrigada a comprar o computador, sabe? O técnico chegou instalou aquele negócio para mim e me ensinou a ligar e a fazer tudo. E o dia em que ele chegou lá e disse: - “Tiana, tenho um negócio que você vai amar”. Com aquele mouse que ele botou na minha mão e eu não conseguia controlar eu falei assim: - “Você me desculpa [...] pode levar esse negócio daqui porque a nossa relação não está muito boa”. Ele falou: - “Vou deixar e daqui uma semana eu volto”. Porque também era uma coisa cara e achava que era inviável. Mas na semana seguinte falei: - “Pode deixar aí que eu já estou próxima e já consigo rodar minha mão sem me perder”. E aí eu fui vendo que a gente precisava disso, não é? Depois eu comprei o telefone celular (Narradora Magalhães).

Na biblioteca não tenho computador, utilizo mais em casa, na sala dos professores e na secretaria. Quando entrei a biblioteca era um espaço mínimo cheia de livro didático, depois teve uma ampliação e a biblioteca passou a funcionar junto com vários outros setores. Hoje o espaço é amplo, ainda não tenho um computador mas avancei bastante (Narradora Pereira).

Depreende-se que a competência em informação requer sujeitos alfabetizados digitalmente e em informação. Sem temer a redundância dessa afirmação, a competência no âmbito da informação torna-se importante para que o narrador possa agregar valor aos produtos e serviços que são constantemente oferecidos em diferentes redes de comunicação. Tendo em vista que na atualidade essa antiga estrutura de comunicação se alimenta das relações sociais e pela estrutura da internet (CASTELLS, 2003), ressalta-se a importância do uso do computador e, por conseguinte, dos benefícios por ele trazidos com a conexão em redes.

A alfabetização em informação compreende desde as capacidades de saber localizar até usar efetivamente informações. Então, pode-se resumir que o contador de histórias deve desenvolver habilidades para alcançar a competência necessária para acessar, buscar, avaliar e usar informações relevantes para comunicar a narrativa oral numa sociedade conectada por redes sociais e digitais fortalecidas com o uso das tecnologias de escrita, informação e comunicação.

Destaca-se por conseguinte um período de transição fortalecido com o

uso de computadores e com o acesso das redes por meio da internet. A cada dia as TIC conduzem o narrador profissional para a inserção em estruturas de conexões descentralizadas e distribuídas. O exposto permite considerar que se vive em uma época em que essa estrutura tecnológica requer conhecimentos básicos para sobreviver e resolver problemas que a contemporaneidade apresenta (BELLUZZO, 2007).

Eu sou menos pesquisadora do que o Eugênio e eu tenho mais do que 50 anos, não é professora? A internet é uma coisa nova e quando a gente ganhou esse presente da Elkem [mantenedora do projeto], em 2003, quando a pessoa disse olha vocês podem mandar um e-mail dizendo o que vocês estão pensando, a gente não tinha nem computador, e a gente ficou pensando o que será esse negócio de e-mail (Narradora Santos)?

E fomos comprar um computador... (Narrador Fernandes).

Eugênio desenvolveu bem esse lado de informática, não é Eugênio? E um complementa o outro. Nunca a gente está sozinho (Narradora Santos).

A nossa parte tecnológica, assim, se você vê o site é muito elogiado por jornalistas, por quem acompanha as mídias sociais, porque a gente tem esse cuidado de estar sempre atualizando, colocando informações novas. A gente está sempre de alguma forma assim interagindo com as comunidades. Por exemplo, a gente foi fazer uma atividade com o livro do bullying com a Escola Marista, e como as crianças podiam dar um feedback pra gente? Através do site. Lá eles falaram com a gente, colocaram os pareceres dos encontros, como foi a leitura do livro e como que contribuiu. Então a gente tem esse feedback dos leitores, não é? Esse canal de comunicação funciona e estamos monitorando o tempo todo (Narrador Fernandes).

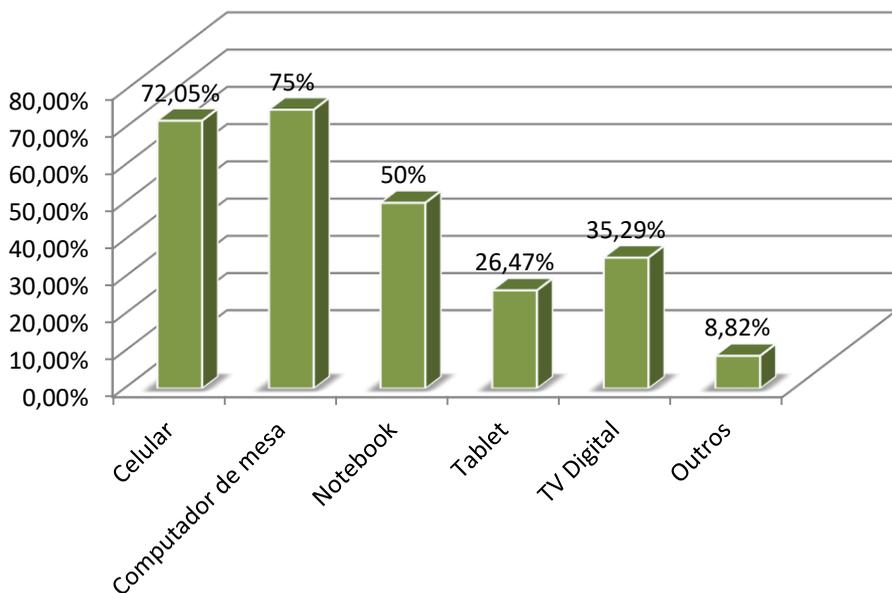
O conhecimento de informática possibilita o uso de computadores e outros equipamentos, comumente definidos pelos narradores da pesquisa como importantes para a comunicação em rede. “Desde a década de 50, os computadores vêm nos oferecendo a oportunidade de apreender e armazenar um volume enorme de informação” (DAVENPORT, 1998, p. 27), ainda se constituindo como o recurso mais utilizado pelo contador de histórias para conectar-se em rede (75%), juntamente com o celular (72,05%) que atualmente mantêm os sujeitos conectados na maior parte do tempo (Gráfico 9)⁵⁹.

Quase todos os contadores de histórias executam tarefas simples com

⁵⁹ Questão de múltipla escolha.

seus equipamentos (94,11%), sendo que uma minoria afirma não executar (1,48%)⁶⁰. Esse aspecto relaciona-se com a alfabetização digital remetendo ao advento da intensificação do uso das tecnologias de informação e, por consequência, dos equipamentos eletrônicos que são de extrema importância para permitir fluir a comunicação em redes digitais.

Gráfico 9 – Equipamentos mais utilizados para o acesso à rede digital



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Aspectos relacionados com a alfabetização digital como a execução de tarefas simples em equipamentos eletrônicos facilitam o acesso à informação narrativa, de forma que o contador de histórias consiga buscar e recuperar informações para um uso efetivo, assim como compartilhar conhecimento produzido no âmbito da área da narração

⁶⁰ 4,41% não respondeu essa questão.

de histórias. Essa última possibilidade se constitui como um campo de atuação pouco explorado em termos de compartilhamento de produtos e serviços em redes colaborativas.

O notebook se constitui como um equipamento popularizado na era da informação, juntamente com o celular e o tablet tornam possível o transporte de sistemas operacionais cada vez mais próximos dos computadores de mesa. Logo torna-se necessário saber executar tarefas simples com a finalidade de melhor utilizá-los. Desse modo, os sujeitos da pesquisa apresentaram as tarefas que mais costumam realizar com seus equipamentos, dentre elas entender mensagens simples que o sistema operacional emite (57,35%), criar diretórios (47,05%), impressão de textos e imagens (83,82%), fazer cópias de arquivos e pastas (83,82%), transferir e capturar imagens e textos digitais (66,17%) (Tabela 6).

Tabela 6 – Tarefas simples que os contadores de histórias executam

TAREFAS EXECUTADAS	PERCENTUAL (questão de múltipla escolha)
Entender mensagens do sistema operacional que as máquinas emitem	57,35%
Copiar arquivos e pastas	83,82%
Modificar área de trabalho	58,82%
Impressão de textos, imagens, etc.	83,82%
Apagar	72,05%
Criar diretórios	47,05%
Guardar dados e informação no disco	55,88%
Transferir e capturar imagens e textos digitais	66,17%
Outras	14,70%

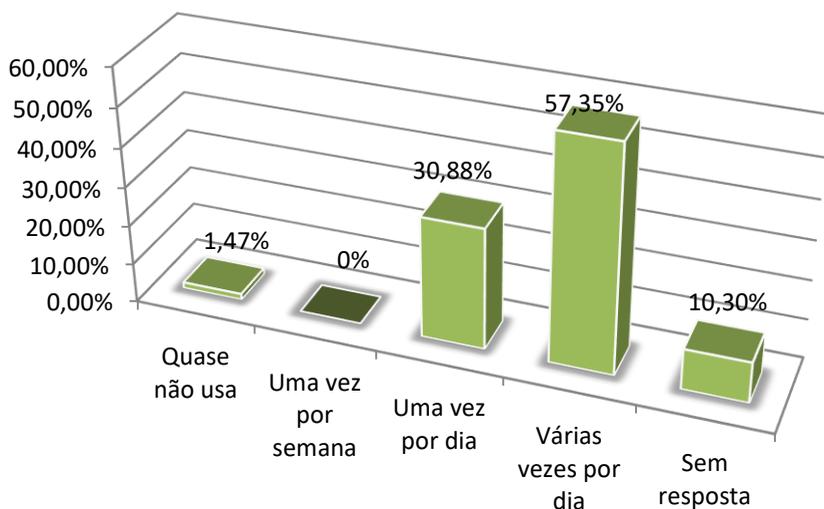
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Esses indicadores apontam a alfabetização digital como sendo importante para a utilização das TIC (GARCÍA-MORENO, 2011). O fato de que a comunicação mediada pelo computador, telefone e outros recursos eletrônicos expandiu as capacidades de conexões, a cada dia tem permitido que variados formatos de redes sejam criados no espaço

virtual (RECUERO, 2009, p. 16). Não se pode esquecer que a rede digital tende a reforçar o relacionamento presencial do contador de histórias e não o contrário.

Dudziak (2010, p. 8) coloca que "Pessoas competentes em informação estão familiarizadas com as várias mídias [suportes] de informação, incluindo jornais, revistas, televisão, internet, entre outras". Tratando-se dos tipos de mídias sociais utilizadas para se comunicar e buscar informação na rede digital foram citados os tradicionais grupos de e-mails (58,82%) e os mais modernos: blogs (29,41%), wikis como a Wikipédia (39,70%); redes de relacionamento como o Facebook (79,41%); redes de vídeos como o Youtube (69,11%) e outras mídias que não foram especificadas (16,17%)⁶¹.

Gráfico 10 – Intensidade do uso das mídias sociais



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

O conhecimento básico no campo da informática possibilita o uso do celular, computador e outros equipamentos basilares para o narrador

⁶¹ Questão de múltipla escolha com um percentual de 5,88% sem resposta.

de histórias comunicar-se em redes. À vista disso, quase todos os sujeitos narradores afirmam que se apropriam de mídias sociais para comunicar-se em redes sociais (88,24%), de outro lado identifica-se que apenas uma pequena parcela deixa de utilizar algum tipo de mídia social para comunicar-se em rede (5,88%)⁶². Um pouco mais da metade dos contadores de histórias afirmam usar as mídias sociais com frequência (57,35%) e uma vez ao dia (30,88%) (Gráfico 10).

A relevância das ferramentas de conexões em redes digitais coexiste com a percepção de que o contador de histórias contemporâneo apropria-se tanto da experiência do narrador tradicional, quanto dos modernos meios oferecidos para navegar no ciberespaço. Esse novo espaço de atuação requer a capacidade de se conectar em redes virtuais para compartilhar informações e produzir conhecimento. Perante a necessidade de atender às necessidades de formação de um cidadão apto a enfrentar os desafios trazidos pelas transformações sociais, conhecimento é uma necessidade cada vez mais presente na sociedade da informação (CACCIOLARI; MATSUDA, 2009).

O alcance da estrutura de uma rede de comunicação seja no ambiente de trabalho, numa residência ou noutro local que permita acesso aos serviços de internet por meio de wifi ou outro tipo de tecnologia de conexão, torna-se importante para o contador de histórias, para qualquer outro cidadão e, principalmente, para aqueles que na atualidade ainda se encontram à margem do processo de inclusão tecnológica.

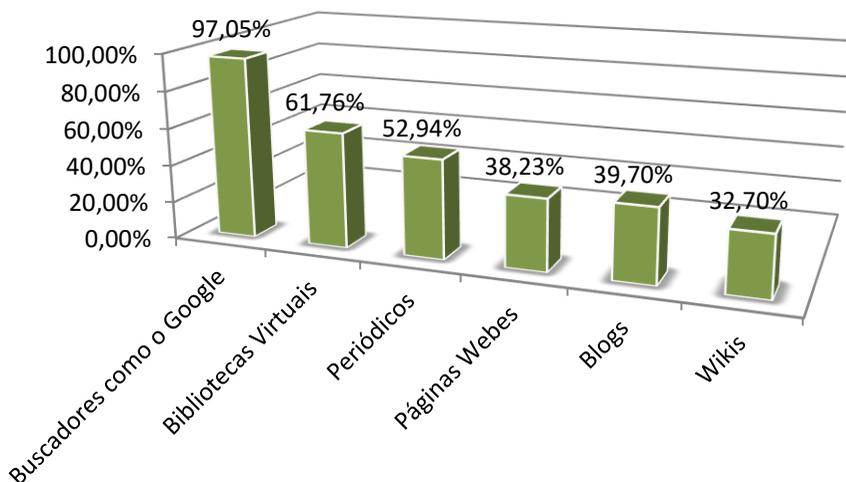
Podemos entender que a inclusão digital é um novo direito humano procedente do novo ambiente tecnológico que tem sido criado na rede. [...] Os avanços na informação e comunicação devem ser desfrutados por todos os seres humanos, e cabe considerar que na atualidade exclusão digital equivale a exclusão social [...] (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 31).

Diante da importância de estar incluído ao conectar-se às redes de comunicações (internet) em diferenciados locais de acesso remoto, quase todos os contadores de histórias que participaram da pesquisa

⁶² 5,88% não respondeu essa questão.

afirmaram fazer uso de aplicações de acesso à internet (95,58%).⁶³ Em relação à descrição das aplicações que costumam utilizar, obteve-se a resposta de que em maior proporção utiliza os correios eletrônicos (89,70%), mensagens instantâneas (83,82%), navegadores como o Google (77,94%) e, em menor proporção, o uso de chats (22,05%) e fóruns de discussões (19,11%).⁶⁴

Gráfico II – Ferramentas de busca e recuperação da informação na internet



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Em relação ao uso das ferramentas de busca e recuperação da informação, quase todos os contadores de histórias utilizam a internet com frequência para buscar informações (95,58%)⁶⁵. Quanto aos recursos (ferramentas) que são utilizados para a realização das pesquisas na internet, numa questão de múltipla escolha foram assinalados que os buscadores (especificamente o Google) são usados com maior

⁶³ 1,47% não faz uso de aplicações de internet e 2,94% não respondeu essa questão.

⁶⁴ Questão de múltipla escolha com um percentual de 4,41% que não respondeu essa questão.

⁶⁵ 4,41% não respondeu essa questão.

frequência (97,05%), tendo também as redes sociais sido apontadas como um campo potente para a recuperação de informações dos narradores (58,82%) (Gráfico 11).

A rede digital oferece uma diversidade de ferramentas de busca e recuperação para os sujeitos narradores que, muitas vezes, almejam encontrar textos narrativos (romances, contos, crônicas, fábulas, etc.) no espaço virtual. Nesse espaço as relações são as mais variadas possíveis, colocando esse narrador na posição de usuário de informação que percebe a viabilidade do acesso e do compartilhamento de informações na esfera pessoal e no campo profissional (RECUERO, 2009).

A alfabetização digital e em informação, nesse sentido, torna possível que o contador de histórias profissional envolva-se em processos de buscas no ambiente de rede digital. O narrador Moraes traz uma perspectiva diferente no que se refere a realização das pesquisas. Para ele torna-se mais fácil pesquisar em fóruns, wikis, blogs, periódicos através do Google. Esse buscador alcança o propósito de pesquisadores no que se refere à rapidez dos mecanismos de busca, contudo, “As tecnologias de busca têm ido mais além dos próprios buscadores e, na atualidade, os usuários se movem por diversos espaços de busca” (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 48).

Muitas vezes eu procuro por tema. Não, vou direto no Google. Nunca pesquisei dentro do blog. E nas redes sociais é muito difícil, acho difícil pesquisar nas redes sociais. É mais fácil eu pesquisar dentro do próprio Google e ele me aponta o que tem dentro do Facebook. É impressionante. Eu uso muito mais o Google. Embora questione algumas coisas do Google que sei que tem que ser questionadas. Mas, infelizmente, têm coisas que eu não acho por meio de outros. Isso é uma questão de pesquisa mesmo, então eu vou comparando aquela informação que está ali acho em um livro também (Narrador Moraes).

Eu nunca participo de fóruns, não costumo responder. Apenas se for muito relevante mas mesmo assim não é prática. Não é por nada. Por exemplo, hoje mesmo estava com uma dúvida e eu achei vários fóruns e aí eu vou comparando. E não era relativo a narrativa oral, era relativo a Correio porque estou esperando um livro que vou pegar. Outro dia queria pesquisar sobre o interior do Estado. Coloquei no Google e ele apontou a Wikipédia. Então aí eu vou pra Wikipédia. Da mesma forma ele aponta para o livro, para um blog. Chego [ao assunto da wiki], mas não através dela, é muito raro nela pesquisar. É muito mais fácil dentro da Wikipédia entrar em um

outro hyperlink. Então estava lá, comunidade de Linhares eu clico nesse link, raramente que vou buscar alguma coisa. Biblioteca Virtual, Google Books, ou então eu procuro em geral o livro e encontro numa biblioteca virtual. Mas eu não vou em cada biblioteca. Mas do que direto no próprio periódico (Narrador Moraes).

O Google ainda é a ferramenta de busca mais utilizada. Estão à disposição do contador de histórias outros motores de busca como as wikis, bem como, conteúdos multimídia, repositórios digitais, bases de dados, marcadores sociais e conteúdos colaborativos que podem ser utilizados a maior parte do tempo (GARCÍA-MORENO, 2011). Wiki que significa "rápido" e é o nome que se dá a toda uma família de programas e serviços utilizados para escrever de maneira colaborativa (UGARTE, 2008) e acaba também funcionando como um suporte de busca para o desenvolvimento da prática do narrador, no que se refere a pesquisa, a divulgação e noutros quesitos. Entende-se que o contador de histórias deve buscar uma parcela significativa do conteúdo acessível nas redes que tornam possível as consultas realizadas, por exemplo, em bibliotecas e outros espaços de informação presenciais e virtuais. Para isso, é necessário selecionar com maior autonomia a informação por grau de importância e em função dos objetivos.

Eu costumo buscar a informação em sites, revistas e sites especializados. Prefiro buscar por esse caminho, sempre procuro uma fonte que tenha mais confiança [...]. Mas da contação de histórias mesmo, de tentar buscar alguma coisa, alguma informação que preencha, eu sou das antigas, ainda prefiro os periódicos. Vou diretamente aos periódicos, posso até buscar no Google que periódicos que tem, usar o Google como artifício, mas a informação em si, realmente que eu quero no Google não (Narradora Uliana).

Além dos citados utilizo o data show quando utilizo um vídeo na internet. Acesso a rede digital várias vezes por dia, depois de usar o telefone celular. [...] É interessante, eu tenho computador em casa, mas se não tenho nada interessante para fazer no computador, nem ligo o computador e tampouco o notebook se posso fazer do telefone. Se posso fazer no telefone, faço no telefone. [...] Não sou tão internet não (Narradora Pereira).

Auxilia vendo vídeos, porque como eu tenho essa deficiência de habilidade de técnicas então você escutar alguém contar uma história, te abre possibilidades, as vezes você não pode estar pensando que aquilo pode funcionar e você está vendo o contador de histórias mostrando uma técnica ali e adapta em outro momento pra você. Então auxilia sim (Narradora Uliana).

Diante da necessidade de selecionar informações com maior autonomia, ao levar em consideração o grau de importância e em função dos objetivos, a maior parte dos contadores de histórias (94,11%) declarou ter aptidão para a realização dessa tarefa, enquanto uma pequena parte afirma não conseguir (1,97%)⁶⁶. Identificou-se também que a maioria dos sujeitos (95,58%) se considera capaz de localizar a informação de que necessita não apenas na internet, mas também em obras impressas⁶⁷. Além do exposto, durante o processo de busca e avaliação do processo, a maior parte dos narradores (94,12%) afirma ser capaz de detectar palavras que são mais importantes por meio de palavras chaves e, desse modo, definir o conteúdo do texto⁶⁸.

Tendo verificado que a maioria dos narradores seleciona informações autonomamente em função dos seus objetivos, sendo capazes de localizá-las no ambiente presencial e virtual (híbrido) ao detectarem palavras chaves que sejam importantes para resumir e definir os conteúdos dos textos necessários à prática narrativa, depreende-se que no final do século passado

Essas coisas devem parecer bastante estranhas, ou não ter nenhum sentido, para quem usa o computador apenas como uma espécie de máquina de escrever incrementada com alguns recursos a mais. Talvez já comecem, porém, a fazer sentido para quem redige textos com abundante manejo de mixagem redacional que inclui deslocamentos de porções de texto, recurso constante a muitos arquivos, abertura de multitelas, uso simultâneo da internet etc. Creio que aumentará de sentido para quem é cibernauta, isto é, navegante mais ou menos assíduo da internet, pesquisando com os robôs de busca (AltaVista, HotBot e tantos outros) no ciberespaço transformado em imensa biblioteca virtual escancarada, incrivelmente versátil e cada vez mais ilimitada. E é tão fácil aprender meia dúzia de truques para incrementar

⁶⁶ 4,41% não respondeu essa questão.

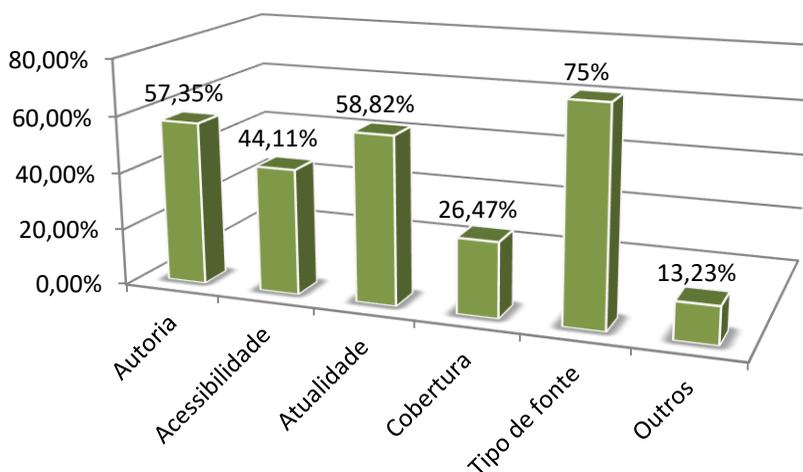
⁶⁷ 1,47% não localiza a informação de que necessita e 2,94% não respondeu essa questão.

⁶⁸ 2,94% afirma não possuir essa capacidade e 2,94% não respondeu essa questão.

a busca, por exemplo, interligando verbetes compostos de várias palavras ou até frases inteiras com um simples sinal de +, ou colocando entre aspas etc. (ASSMANN, 2000, p. 10).

As estratégias de buscas descritas por Assmann (2000) ainda são utilizadas na atualidade, basta trocar uma tecnologia por outra (o Alta Vista pelo Google por exemplo), verificando que o ciberespaço continua sendo apresentado como uma biblioteca sem fim, ou seja, que apresenta inúmeras possibilidades, podendo ou não auxiliar sujeitos que buscam informação na internet. Para que se possa obter sucesso nos processos de busca, recuperação, avaliação e uso efetivo da informação, a procura por palavras chaves na rede digital é destacada.

Gráfico 12 – Critérios de avaliação da qualidade das fontes de informação



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Foi aquilo que eu te falei de quando eu pesquisei as referências de que eu precisava para contação de histórias. Usei realmente as palavras chaves de que eu achava o maior número de palavras chaves possíveis, na minha busca, não é? Então usava contador de histórias, contação de histórias, contos populares, narrativa oral, usava no Google, textos para a narrativa oral, textos para a contação de histórias. E aí depois quando eu achava alguma coisa, Pedro Malasartes, por exemplo, Pedro Malasartes narrado, Pedro Malasartes narrativa oral, Pedro Malasartes contador de

histórias, eu ia achando um maior número e enumerava, as vezes me sinto controladora de voo, uns oito abas abertas assim, todas, da mesma história, Pedro Malasartes A sopa de pedra, contado por pessoas diferentes e versões diferentes da história escrita, assisto tudo, leio tudo, pra poder descobrir como que eu vou fazer. É um “trampo”. O pessoal ficava assim, onde você perde tanto tempo na sua vida é nesse tipo de coisa (Narradora Kruger).

Os sujeitos narradores utilizam os seguintes critérios para verificar a qualidade das fontes e dos conteúdos de informação que constantemente são buscados, como a análise do tipo de fonte (75%) e a atualidade dos documentos (58,82%) (Gráfico 12). Outros critérios são citados, como a verificação do conteúdo, domínio, instituição, etc. As questões abordadas até esse momento baseiam-se no fato de que saber avaliar diferentes fontes de informação distinguindo-as de acordo com a sua qualidade e confiabilidade, caracterizam-se como habilidades importantes da competência em informação e que devem ser desenvolvidas em articulação com a competência narrativa.

De maneira geral mais da metade (67,65%) entende como sendo preciso ter a capacidade de localizar, recuperar e apreender criticamente as informações que comumente são buscadas e recebidas em diversos formatos (imagem, texto, som)⁶⁹. Não se pode desconsiderar que o narrador é responsável pela organização e disponibilização do conteúdo de documentos informativos (palestras, artigos, apresentações, etc.) para os seus pares: cerca da metade dos contadores de histórias (51,47%) afirma que trabalha coletivamente na produção de novos arquivos com a finalidade de compartilhá-los, enquanto um pouco menos da metade (42,65%) declara não assumir essa perspectiva de trabalho⁷⁰.

Os sujeitos da pesquisa compartilham mais informações contendo fotos (44,11%) e textos (39,70%), seguidos pelos tipos de arquivos multimídia (32,53%). Em proporção a esses tipos de arquivos citados, compartilham menos informações que contenham som (20,58%) e vídeo (22,05%)⁷¹. Produzir e compartilhar informações requer o domínio das habilidades de acessar, buscar, avaliar e usar informações para o desenvolvimento de sua prática. Sendo, com isso, necessário considerar nos momentos

⁶⁹ 27,94% reconhece não possuir essa capacidade e 4,41% não respondeu essa questão.

⁷⁰ 5,58% não respondeu essa questão.

⁷¹ 48,52% não respondeu essa questão de múltipla escolha.

de diálogos os polos da inclusão digital e em informação.

A competência em informação engloba tanto o contexto da alfabetização digital quanto da alfabetização em informação, requerendo o diálogo e a participação do sujeito narrador em projetos inclusivos. Um processo que envolva inclusão digital deve refletir sobre o “[...] papel que as escolas, bibliotecas, universidades, museus e outras entidades do âmbito cultural em todo o mundo devem julgar na produção de informação e conhecimento” (LÓPEZ, SAMEK, 2011, p. 35). A competência em informação exige que a alfabetização digital e em informação seja direcionada para o desenvolvimento de habilidades de utilização das TIC e conexão em redes.

Às vezes, poderia ser visto por algumas pessoas como contraditório. Você faz um trabalho que busca uma aproximação presencial com o outro e você usa pra fazer isso a rede da internet? Pode ser um modo de trabalhar, mas eu gosto muito mais do que? Dessa proximidade. A narrativa oral pressupõe o olhar, a interatividade imediata de tudo, do barulho, do cheiro, do olhar, do outro, da expressividade [...]. Acho que tudo isso compõe a contação de histórias. Eu não consigo ver na internet você fazendo tudo isso que no espaço presencial se faz. Então acho que seria até um pouco contraditório, não é? Talvez para outros não [...], mas não faz meu estilo. Eu acho que não é tão legal (Narrador Valadares).

Acredito que seja muito importante no que se refere a utilização de novos recursos no momento de contar histórias. No que se refere a inovação do repertório e de usar novos artifícios no momento narrativo, descobrindo, por exemplo, que a utilização de copos fazendo sons pode ser um importante recurso, assim como, livros, artigos, etc. (Narradora Helena Silva).

Enquanto não se conseguir visualizar a importância das tecnologias de escrita, informação e comunicação no processo de narração de histórias, será difícil utilizar os recursos que elas disponibilizam com toda a sua potencialidade. O fato de que a experiência que move a prática do contador de histórias ainda ser a mola propulsora da arte de narrar oralmente na sociedade da informação, não descarta o uso das novas tecnologias que são apresentadas como recursos que podem impulsionar uma área de atuação tradicional e, ao mesmo tempo, em potencial crescimento no século XXI.

O uso das TIC é importante no sentido de dar suporte. Nesse sentido, uso as tecnologias para buscar a informação e já usei livros digitais, um e-book em PDF para

contar histórias. Quando não encontro o livro impresso utilizo as tecnologias da informação como ferramentas no processo de narrativa oral. As TIC são ferramentas importantes para a busca da informação narrativa. Porque quebram fronteiras na medida em que quero uma história que não está mais disponível, então, vou buscar por meio delas uma forma de encontrar essa informação. Muitos livros que não são fáceis de encontrar estão disponíveis no meio virtual, bem como histórias que ainda não foram registradas em livros posso ter acesso a pessoas contando essas histórias em vídeos, encontrar fragmentos de textos dessas histórias e consigo acessá-las (Narradora Helena Silva).

[...] eu uso a internet aqui no curso, inclusive a gente usa muito material, eu vou fazer um comentário aqui que os autores não vão ficar muito felizes, mas a gente sabe que o livro é muito caro, e com o projeto a gente procura fazer com que esses livros possam chegar para as crianças. Alguns básicos a gente consegue encontrar já na internet disponíveis pra download. Mas a gente consegue encontrar muita coisa também, por exemplo no Youtube. Essa história que contei A história de uma folha⁷², apesar de eu ter lido o livro eu encontrei ela no Youtube narrada por um outro contador de histórias. [...] Então, a gente tem utilizado, exemplo, os nossos livros chegam as nossas crianças eles estão disponíveis, estão abertos [disponibilizados na internet] (Narrador Fernandes).

Que a contação de histórias é alimentada milenarmente pelo contato presencial não se pode negar. No entanto, desde o surgimento da internet a rede digital tem potencializado a atividade presencial que comumente é realizada pelo narrador. A importância da Internet para o contador de histórias está posta, porém, como infere o narrador Moraes: “De certa forma é arriscado, mas podemos usá-las para potencializar a colaboração em rede”. Agora só resta pagar pra ver ao utilizar todos os recursos e ferramentas disponibilizadas e, com isso, se conectar em redes de colaboração que se fortalecem na era da informação.

INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CATEGORIA DA CONEXÃO EM REDES

Até o momento identificou-se o perfil de um profissional que atua culturalmente ao ocupar espaços tempos de formação na sua área, de

⁷² Referencia a obra *A história de uma folha: uma fábula para todas as idades* de Leo Buscaglia.

forma que possa dar continuidade a uma atuação baseada na tradição. Apropriando-se das novas tecnologias, buscam competência narrativa e em informação para a manutenção de sua arte. Destaca-se nesse ínterim, a análise de aspectos relacionados com a segunda categoria dos indicadores das conexões e da competência em informação com os devidos temas relacionados. A “categoria conexão em redes” é a última a ser trabalhada no contexto desta obra, ao procurar compreender o movimento das conexões colaborativas do narrador de histórias (Quadro 12).

Quadro 12 - Descrição de temas que compõem a primeira categoria dos indicadores das conexões e da competência em informação

INDICADORES DAS CONEXÕES E DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO		
	TEMAS	TEMAS
Categoria conexão em redes	Participação em rede presencial de aprendizagem	Participação em rede virtual (digital) de aprendizagem
	Participação de rede social (presencial ou virtual)	Utilização de informações atualizadas da área da narrativa oral nas redes
	Uso da internet para divulgar informação atualizada de interesse dos contadores de histórias	Possibilidade de buscar informações relacionadas com a narrativa oral nas redes citadas
	Compartilhamento das tecnologias conhecidas	Importância atribuída ao acesso do contador de histórias nas redes digitais
	Importância atribuída ao processo de participação em atividades direcionadas para a formação do contador de histórias	Interesse em participar da rede colaborativa proposta pela pesquisa

Fonte: Produzido durante a realização da pesquisa.

O início de uma análise sobre a participação desse profissional em redes de aprendizagens e de divulgação da narração oral, permite visualizar uma estrutura híbrida de compartilhamento de informações de uma área

em ascensão. No contexto dos indicadores que movem essa categoria, visualiza-se de fato uma importância atribuída à participação dos contadores de histórias em estruturas de comunicação colaborativas.

A conexão em redes de colaboração compreende processos de buscas, produção e compartilhamento de informações em estruturas baseadas em relações culturais, de amizade, de trabalho e de outras naturezas (VALENTIM, 2013). Por sua vez o sujeito narrador trabalha com um coletivo ao assumir uma perspectiva inter e transdisciplinar, devendo, assim, dialogar com várias áreas de conhecimento que permitam compartilhar saberes e fazeres oriundos de diversificados territórios de atuação.

O percentual de participação nas redes sociais voltadas para a profissão do contador de histórias é baixo, entretanto, percebe-se com as entrevistas e com os resultados da análise deste indicador um crescimento exponencial no que se refere a participação desse ator em redes de relacionamento quando a meta é atingir as conexões de amizade.

Muitas vezes você olha para o amigo de Facebook que nunca viu. E você consegue conversar com ele, manda mensagens e de certa forma você bebe naquela fonte, não é? Porque eles contam com um estilo diferente e você vai trocando. Existem pessoas as quais já pedi histórias e elas enviaram para mim (Narradora Magalhães).

Participo de uma rede social de bicicleta. Eu tenho uma rede social de bicicleta, de amigos que se veem. Meu ciclo de amigos está mais voltado para a bicicleta, o pessoal da UFES [...], da igreja. Então é uma rede [...] tanto presencial quanto virtual. Temos uma rede no WhatsApp, Facebook e é uma rede de amizade mesmo (Narrador Valadares).

Em se tratando das estruturas de conexões dos narradores, uma boa parte participa de alguma rede social voltada ou não para a área da narrativa oral, sendo bastante destacada a utilização das redes de relacionamentos como o Facebook possibilitada perante o acesso à internet. Os contadores de histórias pouco participam de redes presenciais (79,41%) caracterizadas como comunidades de aprendizagens voltadas para a arte de narrar, ao mesmo tempo em que também não sinalizam participação em rede virtual (79,41%) direcionada para a contação histórias. Uma parcela menor registrou participação em

redes sociais voltadas para a narrativa oral presencialmente (19,12%) e virtualmente (17,65%) (Tabela 7).

Tabela 7 – Participação em redes presenciais e virtuais na área da narrativa oral

Variável	Categoria	%
Rede presencial	Participa	19,12
	Não participa	79,41
	Sem resposta	1,47
	Total:	100%
Rede virtual	Participa	17,65
	Não participa	79,41
	Sem resposta	2,94
	Total:	100%

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Existe uma variedade de ferramentas disponibilizadas no espaço virtual que permitem a conexão entre narradores, pares, público e colaboradores. Ao utilizar a internet comunicam-se tendo ou não o objetivo de compartilhar e/ou produzir informação. Muitas vezes se aproveitam dos benefícios das redes sociais e digitais para a divulgação de serviços e produtos no campo da narrativa oral.

O uso que se faz da tecnologia de conexão é de grande relevância, independente do rótulo e da estrutura que é apresentada em um determinado momento. A rede Orkut que fora bastante utilizada pelos membros da sociedade moderna, antes de sua desativação acabou sendo ultrapassada pelo Facebook. Essa última é considerada na atualidade como uma estratégia cada vez mais utilizada pelos narradores de histórias, devido oportunizar integração e sociabilização desses e de outros atores sociais no ciberespaço.

O Facebook é diferente do Orkut. Entrei nele pela primeira vez ano passado e já quis sair. Todo dia eu tenho vontade de sair. Às vezes, publico mil coisas de uma vez só, depois digo nunca mais quero publicar nada. Mas aí eu entrei pra tentar me comunicar, mas eu vi que [da forma que desejava] não é possível. A comunicação

você não faz mais com uma pessoa. É estranho, pra coisa passageira. Se eu não entrar hoje, eu não vou ficar sabendo provavelmente quase nada do que aconteceu hoje. Se eu entrar amanhã também. O Orkut era diferente você tinha uma comunidade. Agora acabou. É uma boa possibilidade de publicação e para [compartilhar] a informação. Li ontem, por exemplo, um artigo sobre artes de contar histórias de uma revista, então eu considero a tecnologia importante pra divulgação das nossas tradições. As leituras são curtas e vejo que as pessoas gostam de curtir fotos, vídeos. As pessoas querem uma coisa rápida, um passa tempo pra descontrair (Narrador Moraes).

Eu sou! Eu sou [internauta⁷³]! Não gosto muito de ser não, mas eu sou, não é? Ainda mais que eu faço campanha contra. Falo: - Gente vão pra fora! Vamos botar as crianças pra brincar na rua. Mas estou em casa o tempo todo conectada, boa parte do tempo pelo celular. [...] Eu devo perder umas dez horas por dia eu acho, pra responder e-mail, atualizar Facebook. Eu sei que é muito, mas é o que acontece. 100% das vendas que eu faço hoje são vendas orgânicas a partir da movimentação do Facebook, do e-mail e agora a gente vai entrar com o Youtube. Vai ser inaugurado agora [principalmente pra divulgação de] serviços (Narradora Kruger).

Em se tratando da participação do narrador em estruturas de colaboração presenciais ou virtuais no âmbito de qualquer área, o percentual de participação em redes colaborativas aumentou bastante (60,30%), enquanto ainda há um quantitativo representativo que afirma não participar (35,29%)⁷⁴. Percebe-se que um número significativo de contadores de histórias utiliza e/ou utilizou redes sociais em contextos híbridos e nos mais variados formatos: Roda de histórias (portal digital); Grupo Chão de letras (presencial); GECHUFES (grupo presencial); OSCIP Colorir (presencial e virtual); Encontros de formação da Rede de Bibliotecários da PMC (presencial); grupos do WhatsApp e Facebook (virtual), dentre outros.

Um pouco mais da metade utiliza informações atualizadas e voltadas para a narrativa oral nas redes de seu interesse (54,41%) e uma parcela significativa afirma não utilizar (42,65%)⁷⁵. A maior parte dos contadores de histórias (63,24%) não usa a internet para divulgar informação atualizada nas redes de comunicação. Ainda assim, observa-se um

⁷³ Refere-se a um usuário interativo da internet (rede nacional e internacional de computadores conectados).

⁷⁴ 4,41 não responderam essa questão.

⁷⁵ 2,94% não responderam essa questão.

percentual significativo de narradores que utiliza a rede digital para divulgar informação relacionada a contação de histórias (33,82%)⁷⁶.

As conexões em redes de colaboração como o Facebook, Web sites e grupos institucionais são estruturas de comunicação citadas pelos narradores. A rede digital é referenciada como um recurso potente no que se refere a divulgação do trabalho do narrador de histórias e para alcançar os objetivos de um planejamento relacionado com a busca do material necessário para a atuação profissional.

O contador de histórias beneficia-se com a transferência de informações eletrônicas proporcionadas digitalmente pelos computadores em redes (internet). Essas questões envolvem a necessidade de pensar formas de o contador de histórias aprender autonomamente em redes colaborativas, assim como, de se integrar regionalmente e globalmente na medida em que trabalha nas redes sociais com a divulgação de produtos e serviços.

Já participei do Portal Roda de História e Conta Brasil. Mas atualmente não. Anteriormente participei, mas nos dois últimos dois estou afastado. [...] Adicionei algumas comunidades no Facebook mas não entro [no sentido de participar], apenas olho. Fazem parte do meu rol de amigos, mas não entro. Quando faço o trabalho de divulgação nessas comunidades costumo divulgar a informação nelas. O trabalho narrativo no espaço virtual não. Apenas divulgo, mas fazer o trabalho o desenvolvimento da narração não. Divulgo o trabalho presencial de narração, digamos assim. Quando eu quero por exemplo fazer minha agenda, para que as pessoas possam acompanhar eu coloco a agenda do mês que eu vou fazer em lugar público. Materiais que saem sobre o meu trabalho em jornais e sites eu também coloco. No Facebook que é uma rede de relacionamento virtual eu coloco para divulgar realmente (Narrador Valadares).

Vejo como uma ferramenta para alcançar os objetivos planejados, por meio da internet, nessa rede consegue-se acessar documentos, vídeos e outros para incrementar o seu dia a dia de trabalho e conseguir também dialogar com seus pares. Uso também pastas no computador, disponibilizo no e-mail, mas prefiro o pen drive. Utilizo um link pelo Facebook, realmente assim não fica pesado realmente compartilho também informações no grupo de Bibliotecários da PMC (Narradora Helena Silva).

A internet é um dos primeiros lugares em que as pessoas buscam um serviço. Inclusive

⁷⁶ 2,94% não responderam essa questão.

já fui contactada porque assinei uma lista de advogados. Na realidade paguei para isso. E a pessoa viu meu nome e área em que eu atuava e ligou pra mim. Então a gente não pode fugir disso mais, a gente está num caminho sem volta. Mas que não dispensa o encontro, assim como esse momento em que a gente está aqui, de tomar café, comer biscoitinho e conversar (Narradora Magalhães).

Em alguns momentos parece redundante colocar que a conexão nas redes digitais possibilita trocas de experiências, busca e compartilhamento de informações, bem como produção e compartilhamento de conhecimentos. Entretanto, no momento em que os narradoras enfatizam a importância de estar conectado em uma sociedade por meio de redes, apresentam um caminho para um encontro virtual que, ao mesmo tempo, mobiliza o relacionamento presencial que é a base da arte de todo narrador profissional experiente ou iniciante.

E não queria voltar a dar aula e aí o que eu fiz? Nessa época tinha pouca intimidade com o Facebook, mas eu olhei para o meu Facebook e falei assim beleza, não vou voltar a dar aula não, vou fazer um negócio aqui. E troquei o meu nome no Facebook de Gabriela para Gab Kruger contadora de histórias. Ponto no Facebook. A partir do momento em que eu admiti isso on line, parece que as pessoas acreditaram que isso era uma verdade. Eu já até tinha contado histórias em lugares públicos antes, mas sempre como voluntária em igreja, escola, creche. Profissionalmente eu nunca tinha feito, a dinheiro eu nunca tinha feito (Narradora Kruger).

Atualmente não [trabalho no espaço virtual], mas no Facebook já fiz uma página chamada Carapicho poético. Ela é uma página pra postar poesias e alguns trabalhos que as crianças fazem em relação a poesia. Então a prefeitura bloqueou o facebook. No telefone até que dava mas era complicado. Desbloqueou outro dia e pensei vou começar novamente. Fui então tentar e bloqueou novamente (Narradora Mendonça).

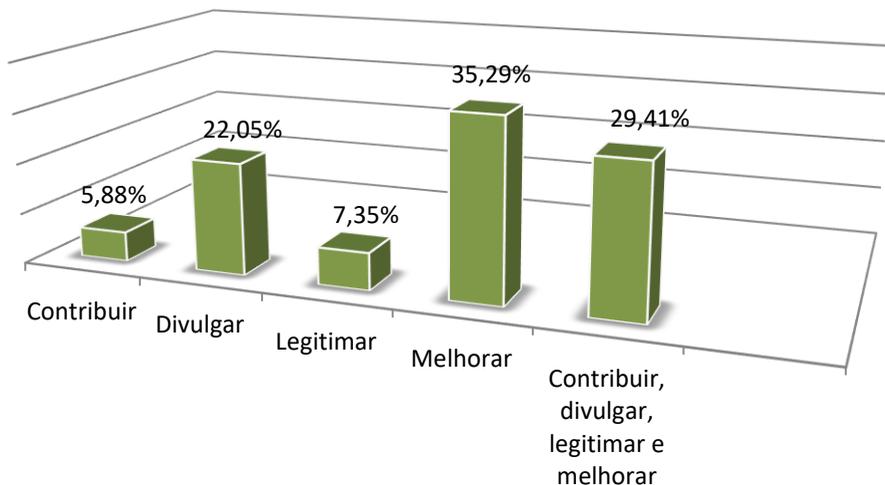
Tratando-se do compartilhamento de algum tipo de informação multimídia (som, texto e imagem) nas redes sociais ou utilizando algum outro tipo de mídia, a resposta fornecida nesse sentido pelos narradores é frutífera na medida que um pouco mais da metade (61,76%) afirma dedicar-se ao compartilhamento de informação multimídia na internet, enquanto uma parcela menor não costuma compartilhar esse tipo de informação (16,17%).⁷⁷

A maior parte dos contadores de histórias declara que o acesso à

⁷⁷ 2,94% não respondeu essa questão.

internet torna possível buscar informações relacionadas com a narrativa oral (76,48%).⁷⁸ Paralelo a essa categoria questionou-se se costumam compartilhar com os pares as tecnologias que conhecem, obtendo como resposta que a maioria compartilha (76,52%), enquanto a minoria não (23,54%). Paralelamente questionou-se se costumam compartilhar com os pares as tecnologias que conhecem, obtendo-se uma resposta positiva da maioria (76,52%), enquanto a minoria respondeu negativamente (23,54%).⁷⁹

Gráfico 13 – Importância atribuída às redes digitais



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Os narradores consideram o acesso à informação nas redes digitais importante para a sua área de atuação (88,24%)⁸⁰. Quando fora solicitado que avaliassem se as redes digitais seriam mais importantes para melhorar ou legitimar sua prática, ou mesmo para contribuir para o reconhecimento do desenvolvimento dela ou mesmo divulgá-la, de uma boa parte obteve-se a resposta de que é importante para melhorar

⁷⁸ 16,17% afirma que a internet não torna possível buscar informação da área da narrativa oral e 7,35% não respondeu essa questão.

⁷⁹ 2,94% não respondeu essa questão.

⁸⁰ 8,82% não considera importante e 2,94% não respondeu essa questão.

(35,29%). Outra parte significativa respondeu que as redes sociais são igualmente importantes para contribuir, divulgar, legitimar e melhorar as estruturas de trabalhos (29,41%) (Gráfico 13).

Mais da metade dos contadores de histórias (67,65%) consegue visualizar positivamente a constituição das redes existentes na área da contação de histórias⁸¹. O aumento da participação em redes de relacionamentos e profissionais (potencializadas ou não pelas tecnologias) é uma realidade nas últimas décadas. No século XX destacava-se o acesso aos portais⁸² como uma maneira de reunir os sujeitos em torno de temas relacionados com a contação de histórias.

O portal Roda de Histórias criado pelo narrador Moraes no início do século XXI fornece elementos para entender a constituição das conexões do contador de histórias no Estado do ES, funcionando na época como uma rede social no espaço virtual. Contextualizar a relevância dessa ferramenta torna-se importante para entender a articulação dos sujeitos em torno das redes virtuais e presenciais no cenário capixaba. Na ocasião esse portal foi considerado como uma iniciativa que reuniu contadores de histórias de vários estados brasileiros.

Em 2005 veio a ideia de criar um portal de contadores de histórias. Direccionado para o Brasil inteiro. Então eu comecei a colocar links de sites de contadores e grupos. Tinha um link para o GECHUFES, por exemplo. Tinha artigos como o seu, tinha histórias de Lúcia Fidalgo⁸³, de Bia Bedran, não é? Tinha vozes, histórias contadas em vozes, tinha ainda uma sessão com dicas de livros sobre a arte de contar histórias, livros para contar e tinha também uma coisa fantástica que era um calendário de eventos nacionais e internacionais. Então foi em 2005 que ele foi lançado no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias do RJ, e depois do lançamento ele foi

⁸¹ 25% sequer visualizar a constituição das redes na área da contação de histórias e 7,35% não respondeu essa questão.

⁸² Esse tipo de tecnologia conhecido como um site que reúne outros sites, podendo integrar dados estruturados e não estruturados da área da narrativa oral, fornecendo acesso à informação a partir de uma interface disponível na rede hipertextual. O portal público, denominado portal Internet ou portal web, provê ao usuário uma interface à imensa rede de servidores que compõem a Internet (DIAS, 2001).

⁸³ Contadora de histórias, escritora, bibliotecária e professora universitária. Criou o Grupo Morandubeté e atuou como especialista dos projetos Leia Brasil e de leitura do SESC Rio, entre outros (LUCIA..., 2011?).

crescendo cada vez mais (Narrador Moraes).

A Roda de Histórias foi crescendo cada vez mais e começou a ser uma referência no Brasil. Em 2007 ele foi premiado pela coordenação desse portal, premiado pelo Ministério da Cultura. E aí sim, em 2008 ele também foi contemplado pela Lei Rouanet⁸⁴. E depois com o patrocínio do Banestes⁸⁵ aumentou, o site mudou, era bilíngue, um contador de histórias colombiano é quem traduzia. Mas depois disso o patrocínio acabou e depois de algum tempo entrei no Mestrado e era tudo muito voluntário. Eu não recebi nada. Estava [on line] como blog, e só as imagens, mas em breve deve sair, porque o domínio não renovei na verdade. Porque eu acabava pagando pra trabalhar. Era o tempo todo pra atualizar. Mas era uma coisa muito boa, chegou a hora que não era mais possível fazer isso tudo (Narrador Moraes).

O Portal Rodas de Histórias é um exemplo de atendimento de várias demandas no campo da produção e disseminação de informação na área da contação de histórias. A sua estrutura continha links de páginas pessoais e grupos de contadores de histórias como o GECHUFES, segundo informa o narrador Moraes. Havia no portal a estrutura de uma rede de contadores de histórias, mas por outro lado, apresentava a dificuldade de manutenção e ausência de fomento financeiro para a manutenção da arquitetura da página na Web e, por conseguinte, da estrutura de colaboração oferecida no ciberespaço.

A criação de portais, grupos de discussões em redes digitais e presenciais aparecem como uma estratégia para trabalhar de forma colaborativa. Para isso, deve-se conseguir fazer fruir a articulação dos saberes e fazeres do sujeito narrador no espaço virtual e presencial, atuando de forma a conectar contadores de histórias brasileiros e internacionais. A possibilidade de apresentar uma agenda de eventos, currículos, divulgação de serviços e produtos por exemplo, tende a mobilizar os narradores capixabas e de outras regiões presencialmente e virtualmente. Desse modo, um portal ou uma outra estrutura tende a potencializar a produção em torno da prática narrativa, ao sugerir material de estudo e aplicação técnicas para os interessados na área da narrativa oral.

Roda de Histórias, projeto coordenado pelo Fabiano de Moraes, era um portal sobre

⁸⁴ Lei de incentivo fiscal 8.313/91 na qual o proponente apresenta uma proposta cultural ao Ministério da Cultura (MinC) (LEI..., 2015).

⁸⁵ Banco do Estado do Espírito Santo.

contação de histórias, que abordava várias questões sobre contar histórias. E acabou se transformando em um dos mais conhecidos nessa área em que me inseri. Na minha linha de atuação, porque tudo tem os grupos. Cada um caminha para um lado. Para o lado em que caminhei, a Roda de Histórias era o mais interessante dessa área, era muito conhecido. E teve uma época em que recebeu um patrocínio do Governo Federal também. Ganhou prêmio, foi premiado. E nós formamos a **Ong Roda de Histórias**. Com a ideia de congregar contador de histórias e tal. Mas acabou que não conseguimos patrocínio para ver acontecer. Nós criamos mas ela não teve a continuidade. Teve uma boa intenção sim [...] Como rede de comunicação entendo como sendo as redes sociais. O simpósio da Benita Prieto⁸⁶ que hoje se chama Conta Brasil⁸⁷, era uma rede interessante de contadores de histórias profissionais do Brasil e de fora do Brasil também, então eu já utilizei (Narrador Valadares).

Ela foi mesmo, eu não espera isso, ela foi o maior portal de contadores de histórias do Brasil, por isso o prêmio também, porque foi uma coisa despretensiosa no princípio. E tinha uma arte fantástica. E tinha um outro fator é o fator artístico, o Helio Matos Júnior que é fantástico, ele fazia toda a arte do Tapete Mágico, já ilustrou livros e tem um trabalho muito bacana, ele fez essa arte. E a parte do site, que era um grande amigo também, Alexandre Fidelis, que também fez um trabalho espetacular. Todos voluntários, só depois quando a gente conseguiu ampliar o trabalho de produção com o patrocínio do Banestes, eles puderam ser remunerados, pelo menos uma vez, por tudo que eles já tinham feito como voluntários e pelo que eles fizeram na renovação do site. Eu não sei se teria espaço hoje na internet, a minha dúvida é essa, se hoje seria um espaço viável. A ideia é essa, já se tem um trabalho bem encaminhado (Narrador Moraes).

Ao mesmo tempo surgiram outras redes, por exemplo o site é da época da internet que se transforma rapidamente. Chegou a época do Orkut e a mala direta não tinha tanta função, por exemplo, hoje tem gente que nem entra em e-mail. Só fica sabendo das coisas pelo messenger, usando o Facebook. Então eu nem sei se teria espaço hoje. Foi a coisa de uma época. Não é mais uma novidade. E quando você faz uma rede some, você publica e a pessoa não vai mais saber da informação (Narrador Moraes).

O exposto permite refletir a relevância da captação de recursos de forma que se consiga disponibilizar possíveis espaços de

⁸⁶ Produtora cultural e contadora de histórias do Grupo Morandubeté desde 1991. Criadora do Simpósio Internacional de Contadores de histórias promovido pelo SESC Rio desde 2002. É presidente do Instituto Conta Brasil e coordenadora da Red Internacional de Cuentacuentos (BENITA..., 2015).

⁸⁷ Organização não Governamental (ONG) que nasceu para preencher uma lacuna no espaço cultural brasileiro (CONTA..., 2009).

compartilhamento da experiência narrativa no ciberespaço. A gestão colaborativa, nesse sentido, torna-se importante assim como o levantamento dos insumos financeiros e tecnológicos necessários. Nesse sentido, a apropriação de uma rede social como o Facebook parece o mais indicado para reunir narradores e colaboradores em torno da troca de informações rápidas e com a finalidade de produção de conhecimentos emergentes.

Os processos de diálogos com os narradores forneceram material para a tarefa de pensar uma possível proposição para a rede de colaboração dos contadores de histórias. Todavia, o trabalho de planejamento propositivo não aparece como uma ação de implantação. A ideia de idealizar a arquitetura de uma página web que consiga conectar aos narradores teria que ter o apoio de vários sujeitos interligados de maneira colaborativa. Essa possível estrutura acabou aparecendo em meio aos relatos como uma possibilidade futura. O exposto permite pensar nas diferenças das conexões possibilitadas pelas redes de relacionamentos e pelos sites como os portais (responsáveis pela distribuição de uma diversidade de informações devidamente organizadas com esse fim).

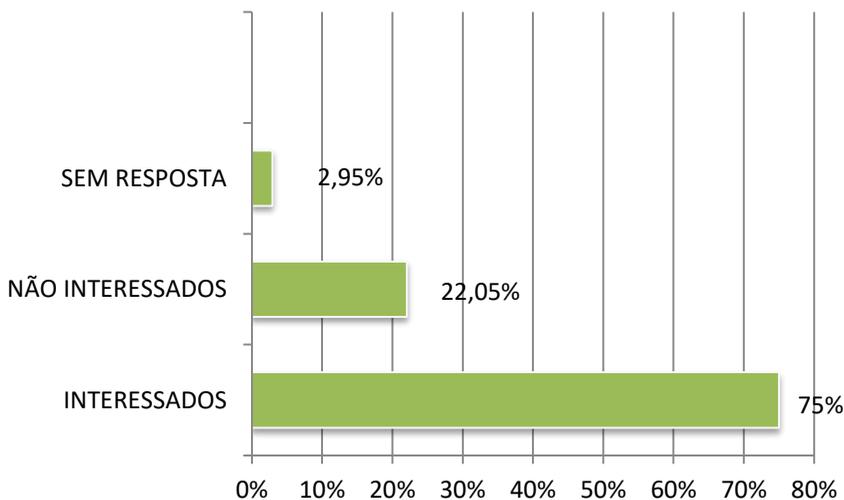
A manutenção de um portal por meio de uma página web pode exigir muitos insumos (recursos humanos, financeiros, tecnológicos, etc.), enquanto que uma página criada numa rede de relacionamento poderá funcionar com menos recursos, dependendo dos objetivos do grupo de narradores. Percebe-se que uma página web apresenta recursos mais apropriados para a base de uma rede de colaboração que busca e recupera informação, enquanto um grupo no Facebook por exemplo, não possibilita um histórico satisfatório em sua arquitetura e, posteriormente, uma boa estratégia de recuperação dos processos de interação e de divulgação dos serviços e produtos dos narradores. A rede de relacionamento funciona como um ambiente de comunicação rápido, interativo e efetivo, porém, até o momento parece ser limitado para o que é requerido numa rede de colaboração que tem como meta a busca e a recuperação de informações.

A estrutura de um portal ou outro tipo de página web caracterizada como ambiente virtual mais elaborado, acaba funcionando com apenas um administrador gerenciando. O exposto permite refletir que esse

espaço tempo de produção e compartilhamento de informação caracteriza-se de maneira centralizada, enquanto um grupo criado no Facebook pode assumir o desenho de uma rede descentralizada. A internet oferece tecnologia para a criação de sites com recursos de fácil apropriação, todavia, o narrador ainda irá se deparar com a escassez de recursos para a sua manutenção e para envolver os sujeitos em desenhos mais descentralizados e efetivamente mais distribuídos.

Diante do exposto até o momento, torna-se viável identificar que quase todos (92,65%) os narradores consideram importante trabalhar colaborativamente em eventos presenciais como oficinas e seminários que abordem o tema da competência narrativa, desde que possibilitem trocas de experiências e o aprimoramento das técnicas que possuem⁸⁸. Percebe-se que o planejamento de uma rede de colaboração voltada para a contação de histórias deverá privilegiar o polo da conexão presencial em eventos que possam discutir a competência em informação e a competência narrativa.

Gráfico 14 – Interesse em participar de uma rede colaborativa



Fonte: Produzido durante a elaboração da pesquisa.

Ao partir de uma abordagem transdisciplinar que possibilitou o diálogo com os sujeitos narradores, uma questão apresentada ao final do

⁸⁸ 1,47% não consideram importante e 5,88% não respondeu essa questão.

processo de preenchimento dos questionários e das entrevistas motivou o ato de refletir a proposição de uma rede de colaboração voltada para a contação de histórias. Desse modo, identificou-se o interesse dos narradores em participar de uma rede com as características que a pesquisa propõe e o quão importante seria a conexão em redes de colaboração para os profissionais. Desse modo, percebeu-se que a maioria (75%) mostrou interesse em participar de uma rede colaborativa voltada para os interesses dos narradores capixabas, enquanto um grupo menor não mostrou interesse (22,05%) (Gráfico 14).

A fase de exploração dos diálogos e da análise dos dados coletados convergiu na constatação de que existe uma crença na potencialidade de criação de redes de colaboração. A leitura no decorrer dos capítulos que para o leitor desta obra pôde parecer exaustiva (com descrição de diálogos, gráficos, quadros, etc.), nesse momento culmina na finalização da descrição dos resultados dos indicadores de perfil e contexto das competências de um contador de histórias conectado em redes. A fase de apresentação da análise dos dados acabou por requerer um olhar direcionado para a capacidade de reconhecer não apenas a ausência de uma conexão significativa nas redes conformadas pelo narrador de histórias, mas também em considerar suas reais possibilidades em termos de atuação em espaços tempos híbridos de comunicação interpessoal.

O capítulo a seguir compreende a importância da prática dos sujeitos que se manifestaram no decorrer do processo de investigação por meio dos relatos (re)constituídos, da disponibilização das informações sobre o perfil profissional, acerca da atuação cultural e da conexão em redes, das competências narrativa e em informação constantemente identificadas. Diante dos resultados obtidos até o momento, parte-se para a apresentação do último capítulo e, por conseguinte, para uma explicitação que requer a descrição da proposta de uma rede de colaboração. A proposição da estrutura de colaboração apresentada não pertence apenas aos narradores, pesquisadores e demais colaboradores responsáveis direta ou indiretamente por esta publicação. Pertence a todos e todas que desejaram e trabalharam para que desenhos de redes mais distribuídos sejam “possíveis” de ser pensadas na sociedade da informação.

CAPÍTULO 5

PROPOSIÇÃO DE UM MODELO DE REDE COLABORATIVA VOLTADO PARA A PRÁTICA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios (BENJAMIN, 1994. p. 205).

O CONTEXTO DAS REDES DE COLABORAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

O sujeito deve estar no centro das ações de uma rede social voltada para a narrativa oral, dessa maneira, narradores juntamente com colaboradores e público em geral assumem uma excessiva importância nessas estruturas de comunicação na sociedade da informação. Nesses moldes, um processo de observação desenvolvido com os contadores de histórias, minimamente deve ser conduzido de forma a considerar a importância de atores sociais que tecem suas redes sobre a prática narrativa. “Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se propõe a **colocar em análise**. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 25, grifo nosso).

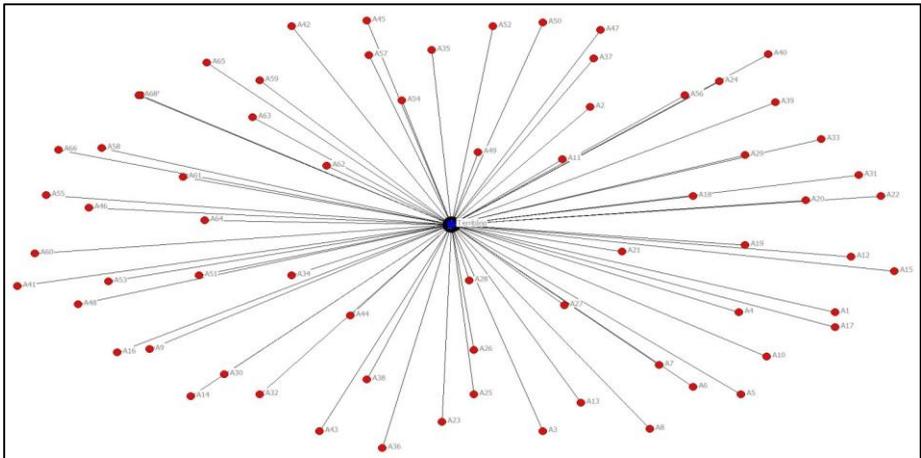
Topologias criadas por Baran (1964) delineiam redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas e acabam trazendo à baila questões relacionadas com as estruturas de relacionamentos dos narradores de histórias no espaço presencial e virtual. Na rede centralizada há concentração de tarefas em um único nó, enquanto na descentralizada não há apenas um nó no controle do compartilhamento da informação, entretanto, ainda assim não se configura como distribuída já que poucos atores aparecem como responsáveis pela sua transferência. De fato, uma observação iniciada nos territórios híbridos de atuação desses atores torna visível uma representação dos nós (*nodos*) da rede, ou seja, um desenho dos pontos de conexões dos sujeitos com composições diferenciadas. O exposto permite inferir que uma conexão direcionada para a área de atuação do sujeito narrador encontra-se em um momento de expansão e fortalecimento, exigindo, com isso, um olhar diferenciado para

[...] a centralização [que] é uma medida do grafo, enquanto a centralidade é uma medida dos nós. A centralização é normalmente medida a partir dos nós e generalizada para as relações do grafo com os demais grafos”. Um grafo é, assim, a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós (RECUERO, 2009, p. 25).

A representação de desenhos com contornos diferenciados tornou-se

necessária para que, desse modo, se conseguisse o mapeamento da rede de atuação dos contadores de histórias. Essa ação foi iniciada por meio de eventos promovidos pelos projetos de pesquisa e extensão (cor azul). De certo modo, todos os atores da rede (cor vermelha) mostram-se conectados a esse território de educação do ensino superior (Figura 4). Todavia, esse tipo de mapeamento da forma como fora iniciado demonstrava a existência de uma rede centralizada na qual os atores da academia assumiriam posições de poder.

Figura 4 – Simulação do mapeamento das conexões por meio do território da universidade



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Caso o mapeamento considerasse uma única instituição promotora dos eventos de pesquisa e extensão universitária, a rede acabaria apresentando uma estrutura fechada e, com isso, não permitiria a visualização da interação entre os participantes. Também não daria visibilidade aos processos de compartilhamento de informação e de produção de conhecimentos comumente vivenciados pelos narradores, bem como estruturas de aprendizagens autônomas experienciadas em territórios diferenciados. A falta de abertura e a impossibilidade de dar visibilidade ao estabelecimento de contato com outros membros que não fossem de sua rede pessoal, impossibilitaria o fortalecimento dos laços sociais e a ampliação dos campos de aprendizagens colaborativas. O que significaria cercar possíveis meios de compartilhamento de

informação e produção coletiva de conhecimento que pudessem da rede surgir.

Com base na análise dos processos de observação intensiva e extensiva identificou-se que as redes colaborativas são importantes para o contador de histórias em duas versões: presencialmente e virtualmente. Navegar em estruturas que possam alcançar essas duas modalidades, deverá garantir a aquisição de competências e as possibilidades de aprendizagens desse profissional ao longo da vida. As conexões presenciais ganham a devida importância para o contador de histórias, sendo que o seu maior desafio é a utilização das redes digitais em prol do desenvolvimento da sua arte e fortalecimento da sua profissão.

Tendo em vista que a maior parte do grupo não participa de redes presenciais (79,41%) e virtuais (79,41%) voltadas para os temas de sua profissão, cabe pensar em estratégias que possam incentivar a participação do narrador de histórias em estruturas de relacionamentos voltadas para a sua área de atuação. Porém, não se pode desconsiderar que uma parcela significativa (60,30%) está conectada às redes de amizade como o Facebook e outras, conforme visualizado nos indicadores das conexões dos narradores. De maneira geral, todos os indicadores de perfil e contexto auxiliam no processo de representação da rede voltada para a prática dos contadores de histórias e, por conseguinte, permitem pensar na proposição de uma estrutura de colaboração ideal para fortalecer laços sociais. Os laços sociais dos sujeitos da pesquisa podem ser denominados como “multiplexos” (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011), tendo em vista que se verifica a participação do contador de histórias em estruturas de relacionamento com amigos e, em menor grau, com profissionais.

O grau de multiplexidade tem sido vinculado a tópicos como a intimidade dos relacionamentos, sua estabilidade ao longo do tempo, a redução da incerteza, o status, o grau de controle de uma ‘panelinha’ [dos grupos fechados] sobre seus membros (JOHNSON, 2011, p. 58).

As conexões em redes presenciais são apontadas como importantes para auxiliar ao narrador na busca por formações de maneira mais autônoma, de modo a culminar em processos de formação contínua.

Esse sujeito social navega em redes digitais utilizando a internet para buscar informações (95,58%), tendo mais da metade recebido a contribuição do espaço virtual no seu processo de formação (63,24%). Ainda assim, uma pequena parcela se considera competente para gerir a sua atividade cultural no ciberespaço (14,70%).

A maioria (88,24%) julga significativo o acesso às redes digitais, assim como menos da metade (35,29%) avalia como sendo mais importantes para melhorar a sua prática narrativa. Uma parcela menor (26,47%) aponta igualmente a importância desse tipo de acesso para contribuir, divulgar, legitimar e melhorar a sua prática na contemporaneidade. Os diálogos estabelecidos com os atores sociais (representados pelos nós ou nodos da rede) encaminham para uma breve análise das conexões em espaços de atuação e aprendizagens formais e informais dos contadores de histórias e, nesse sentido, permitem apontar para uma verificação de como elas se sobrepõem.

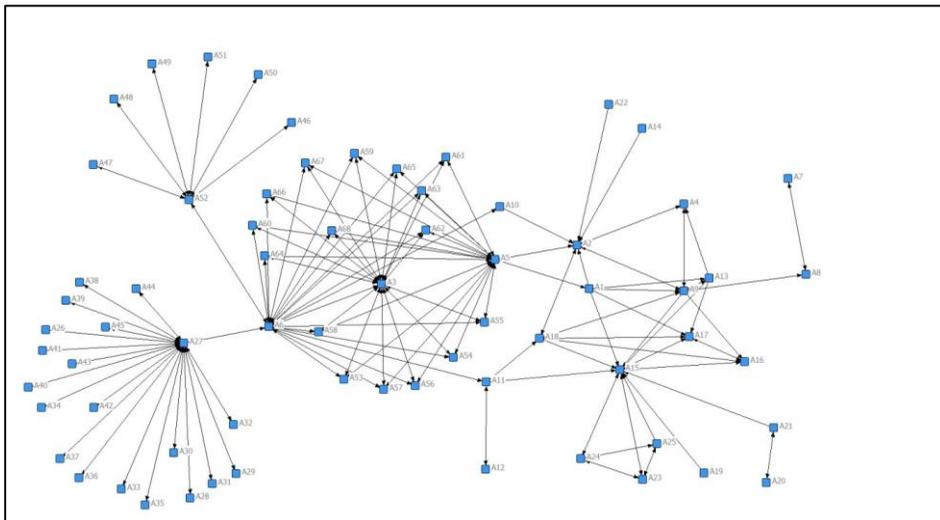
A representação gráfica da rede dos contadores de histórias (Figura 5) acaba dando visibilidade ao desenho das conexões dos atores sociais no cenário capixaba. Cabe colocar que os nós mapeados são elementos importantes para a visualização de movimentos que se conformam nessa representação e, acima de tudo, sobre a estrutura da rede dos narradores da pesquisa⁸⁹. O termo rede acaba sendo adotado para designar um conjunto de unidades (nós) que se representam e se conformam perante a dimensão das relações de tipos de laços sociais específicos (JOHNSON, 2011).

O desenho das conexões da rede tiveram como base o estabelecimento de processos de interações entre os atores, sendo identificados da seguinte maneira: de **1 até 25** narradores mapeados em vários territórios de atuação tendo a maioria participado das entrevistas e preenchido aos questionários. De **26 até 45** participantes de eventos de formação realizados no contexto da Escola de Ensino Fundamental da Rede Privada preenchendo apenas aos questionários. De **46 até 52** contadores de histórias da PMC que atuam na sala de aula tendo apenas preenchido aos questionários. De **53 até 68** contadores de histórias

⁸⁹ Dos 68 atores sociais (100%) que responderam ao questionários da pesquisa, 19 sujeitos (27,94%) também concederam entrevistas.

que atuam em bibliotecas escolares da PMC, participantes de eventos de formação realizado no início da pesquisa e que preencheram aos questionários posteriormente (Figura 5).

Figura 5 – Representação gráfica da rede dos contadores de histórias da pesquisa.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

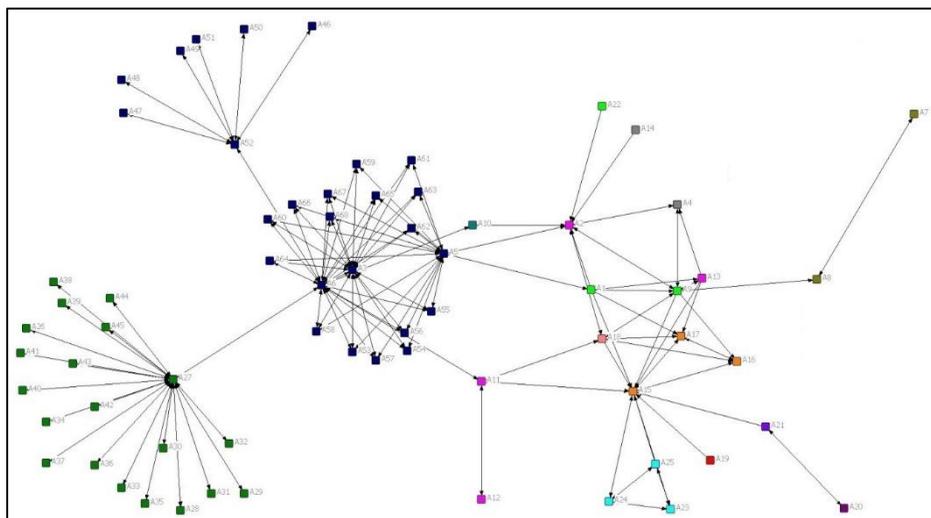
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Por meio da visualização das relações sociais dos contadores de histórias identificam-se conexões que em alguns momentos apresentam-se como centralizadas (lado esquerdo da rede), descentralizadas (lado direito da rede) e, em outros momentos, acabam assumindo o formato de uma rede distribuída (centro da rede). Nesse sentido remete-se ao estudo que fora elaborado por Baran (1964), referente ao desenho das redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Esse autor contribui com a possibilidade de pensar a análise de uma rede que de certa forma assuma variados tipos de composições.

A proposição de uma rede que possa fortalecer a estrutura de colaboração entre os narradores e outros sujeitos, requer entender minimamente como as conexões desses atores sociais é desenhada. Algumas possibilidades de análise tornaram possível identificar como as relações sociais são estabelecidas nos diversos territórios de atuação da prática narrativa. As unidades sociais que ligam em grupos os contadores

de histórias uns aos outros, baseiam-se de fato na indicação que entre eles se fizeram. No início para participar das ações de pesquisa e, posteriormente, possibilitando estender como a sua atuação nos territórios pôde ser compreendida. Os campos representados por cores tornam-se parâmetros de observação do atributo dos territórios de atuação devidamente identificados nos nós da rede (Figura 6).

Figura 6 – Atributo de territórios de atuação do contador de histórias



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

O mapeamento dos territórios de atuação dos narradores expõe vários tipos de relações desencadeadas entre os grupos desses atores sociais e as instituições: Biblioteca Municipal de Vitória território de atuação do Grupo Chão de Letras da Biblioteca Municipal de Vitória (ES) (**cor laranja**); Escola de Ensino Fundamental da Rede Privada de Vitória (ES) (**cor verde escuro**); Empresa “A Mala Produções” (**cor rosa claro**); Museu Capixaba do Negro território de atuação do Grupo Filhos de Griô (**cor azul claro**); Prefeitura Municipal de Cariacica (ES) (**cor azul escuro**); Prefeitura Municipal de Domingos Martins (ES) (**cor roxo escuro**); Prefeitura Municipal de Jeronimo Monteiro (ES) (**cor verde**); Prefeitura Municipal de Viana (**cor roxo claro**); Prefeitura Municipal de Vila Velha (**cor vermelha**); Prefeitura Municipal de Vitória (ES) (**cor cinza**); Projeto Colorir caracterizado como Organização da Sociedade

Civil de Interesse Público (OSCIP) (**cor verde musgo**); Universidade Federal do Espírito Santo (**cor verde claro**) e outros territórios de atuação de narradores autônomos que não fazem parte de nenhuma instituição ou grupo em específico (**cor rosa escuro**).

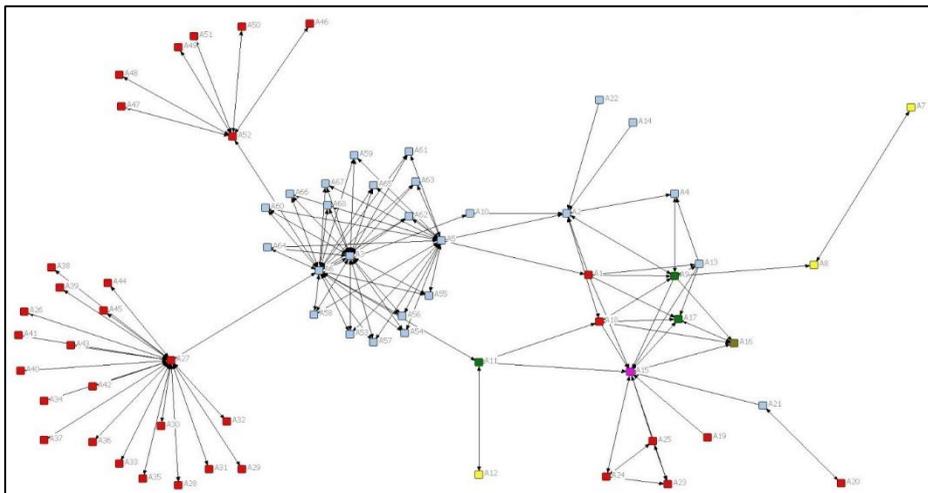
Destacam-se as conexões dos narradores autônomos remunerados representados pela cor rosa escuro que não estão ligados diretamente a nenhum território, podendo trabalhar como narradores em uma variedade de instituições. Na medida em que são contratados esporadicamente para apresentações performáticas, acabam constituindo, assim, uma estrutura descentralizada conforme o delineamento do desenho no lado direito da rede. No centro concentram-se bibliotecários conectados por uma rede distribuída e no lado esquerdo professores conectados por uma estrutura centralizada. Esses profissionais atuam fixamente em instituições de informação e ensino ao contar histórias, não tendo, com isso, uma remuneração específica conforme será colocado em análise posteriormente. De certa forma, todos os contadores de histórias possuem outras ocupações, podendo ou não atuar como narrador no contexto das instituições que os acolhem, estando livres, portanto, para trabalhar em outras áreas constituindo novas estruturas de colaboração.

As profissões paralelas são identificadas como advogado, bibliotecário, professor, pedagogo, escritor e terapeuta. Contudo, todos atuam/atuaram profissionalmente como contadores de histórias no cenário espírito-santense. Os territórios de atuação perpassam espaços tempos de informação, cultura e educação (formal e informal), como bibliotecas, centros de educação infantil, escolas, praças, livrarias, OSCIP e museus.

No que se refere à troca de informação e produção de conhecimento, não se trata apenas de pensar na estrutura de colaboração dos contadores de histórias conectados em redes e, sim, direcionar um olhar para as estruturas de relacionamentos cotidianamente conformadas. Nesse sentido, a análise do seu perfil permite considerar que a maior parte dos contadores de histórias têm diplomas de curso superior (35,29%) e de pós-graduação (61,76%), representando um tipo de sujeito que exerce uma profissão paralela e, ao mesmo tempo, que possuem ligações com outras áreas de atuação. Enfoca-se nesse momento o

atributo da rede que se volta para as profissões paralelas que os contadores de histórias desenvolvem (Figura 7).

Figura 7 – Atributo de profissões paralelas à área da contação de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

As funções destacadas são as de advogado (**cor rosa**), bibliotecário (**cor azul**), escritor (**cor verde escuro**), pedagogo (**cor amarela**), professor (**cor vermelha**) e terapeuta (**verde musgo**). Os laços fracos da rede em alguns momentos parecem estar relacionados com a quantidade dos tipos de profissões paralelas às áreas da contação de histórias, como a função de pedagogo (cor amarela) visualizada em número reduzido e de forma centralizada próximo à rede descentralizada (lado direito) e a de bibliotecário (cor azul) em um número maior (no centro) conformando um desenho de rede distribuída.

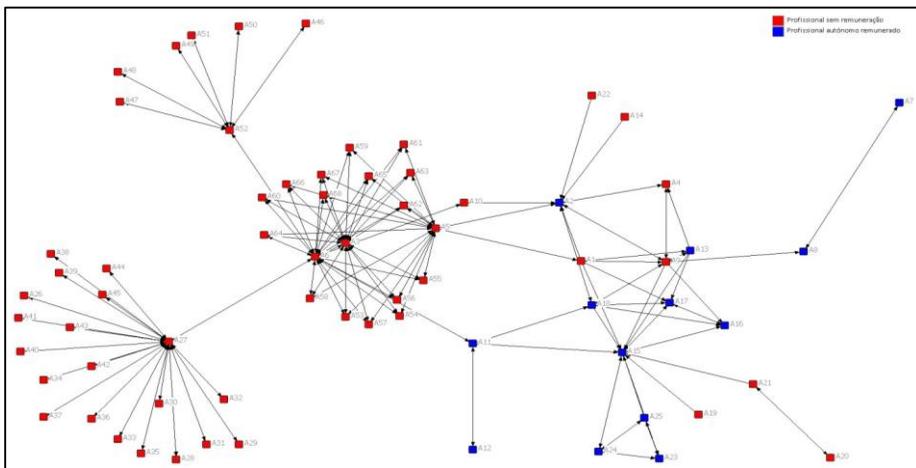
A quantidade menor desse atributo de profissões paralelas parece não conferir sentido à explicação para os laços fracos que se conformam, tendo em vista que a profissão de professor (cor vermelha) e bibliotecário (cor azul) em maior quantidade parece não fortalecer apenas os vínculos sociais em redes mais distribuídas (centro da rede). Do lado esquerdo da rede uma quantidade expressiva de nós que representam a profissão de professor (cor vermelha) delineiam um desenho de rede centralizada que não colabora com o fortalecimento

dos laços sociais no campo da narrativa oral. Importa colocar que um laço fraco

Refere-se às nossas relações menos desenvolvidas, mais limitadas no espaço e no tempo e de menor profundidade afetiva. Esse conceito está intimamente associado ao fluxo da informação dentro das organizações e, por definição, seu uso carece de sentido em vínculo sociais mais fortes, como em relações multiplexas e de influência (JOHNSON, 2011, p. 59).

Com o atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, visualiza-se um certo fortalecimento das relações sociais dos sujeitos e identificam-se profissionais sem remuneração específica (**cor vermelha**) que, na maioria das vezes, se relacionam entre si por meio de estruturas distribuídas (centro da rede) e centralizadas (lado esquerdo da rede). Pouco verificam-se laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede, enquanto que o tipo de ligação profissional autônomo remunerado (**cor azul**) estão todos praticamente localizados na parte descentralizada da rede (Figura 8).

Figura 8 – Atributo de tipo de ligação com área da contação de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

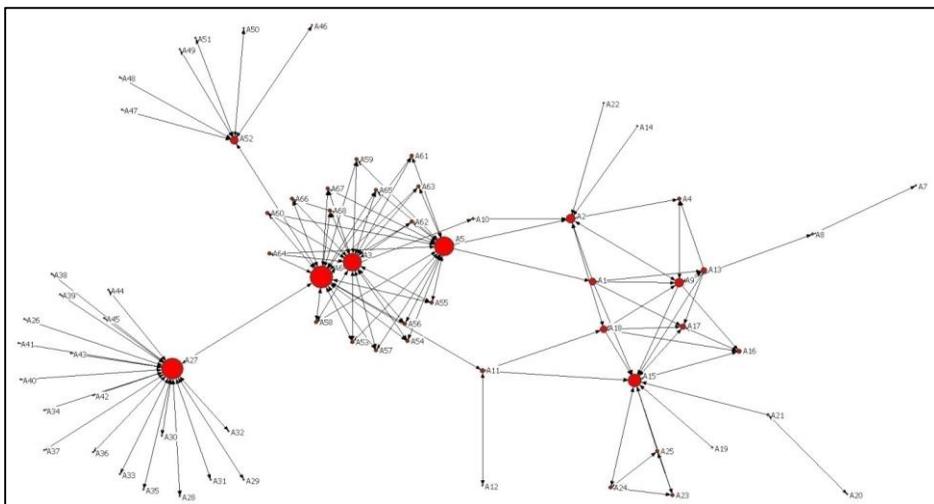
Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Mesmo identificando-se a ausência de laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede, identificam-se profissionais sem

remuneração específica (cor vermelha) que, na maioria das vezes, se relacionam entre si não caracterizando, com isso, uma rede distribuída com os demais membros de fato.

Conforme pode ser observado nos atributos de profissões paralelas e tipos de ligação com a área da contação de histórias, a centralidade está fortemente relacionada com os territórios de desenvolvimento do trabalho narrativo. A visualização dos laços fracos nos nós da rede não impedem a ligação dos sujeitos em diferentes territórios, da escola à biblioteca, do museu à biblioteca, da rede particular à rede pública de educação, dentre outras ligações não especificadas. As conexões em redes de colaboração podem ser compreendidas com a representação dos territórios de atuação dos narradores de histórias e, principalmente, por meio da interação síncrona ou assíncrona possibilitada pelas novas tecnologias (RECUERO, 2009).

Figura 9 – Indicador do grau de centralidade da rede de contadores de histórias.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

A identificação dos sujeitos que exercem uma certa influência dentro da rede pode ser mapeada pelo indicador do grau de centralidade (Figura 9), revelando o quanto um determinado indivíduo é central para essa rede por meio dos nós destacados/ampliados na cor vermelha

(JOHNSON, 2011). Obtido por meio da análise das interações estabelecidas entre os narradores de histórias, refere-se ao número de atores com os quais um certo ator está diretamente relacionado e aparece como uma medida de verificação acerca da importância de um determinado nó (ator social) para a rede de contadores de histórias.

Tabela 8 – Grau de saída e entrada acerca das conexões dos narradores.

Atores	Grau de saída	Grau entrada	Percentual do grau saída	Percentual do grau de entrada
A1	5,000	1,000	0,075	0,015
A2	3,000	8,000	0,045	0,119
A3	17,000	17,000	0,254	0,254
A4	2,000	3,000	0,030	0,045
A5	18,000	16,000	0,269	0,239
A6	21,000	19,000	0,313	0,284
A7	1,000	1,000	0,015	0,015
A8	2,000	2,000	0,030	0,030
A9	7,000	6,000	0,104	0,090
A10	1,000	1,000	0,015	0,015
A11	3,000	2,000	0,045	0,030
A12	1,000	1,000	0,015	0,015
A13	4,000	2,000	0,060	0,030
A14	1,000	0,000	0,015	0,000
A15	4,000	12,000	0,060	0,179
A16	2,000	4,000	0,030	0,060
A17	2,000	5,000	0,030	0,075
A18	5,000	3,000	0,075	0,045
A19	1,000	0,000	0,015	0,000
A20	1,000	1,000	0,015	0,015
A21	2,000	1,000	0,030	0,015
A22	1,000	0,000	0,015	0,000
A23	3,000	3,000	0,045	0,045
A24	3,000	3,000	0,045	0,045
A25	3,000	2,000	0,045	0,030
A26	1,000	1,000	0,015	0,015
A27	20,000	20,000	0,299	0,299
A28 até A51	1,000	1,000	0,015	0,015
A52	7,000	7,000	0,104	0,104
A53 até A68	3,000	3,000	0,045	0,045

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa. Nota: Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

O desenho da rede representado na figura 9 baseia-se nos percentuais de grau de entrada e saída conforme detalhado na tabela 8, destacando, dessa maneira, principalmente os nós A3, A5, A6 e A27. Esses nodos representam os pontos de conexões dos atores centrais da rede, permitindo perceber que se referem aos sujeitos que tanto indicaram quanto foram indicados em maior número pelos componentes do grupo.

O grau de entrada é representado pelo número de conexões que um nó recebe de outro sujeito, indicando o número de vezes que o sujeito foi indicado. Enquanto o grau de saída é representado pelo número de conexões que sai de um nó para o outro, representando o número de indicações que este fez a outros sujeitos da rede. “A centralidade e a criticidade **estão** fortemente relacionadas com as características do trabalho” narrativo que ganha visibilidade no desenho da rede (JOHNSON, 2011, p. 77, grifo nosso).

As relações profissionais que unem os sujeitos narradores nos territórios de atuação devem ser levadas em consideração na análise do grau da centralidade. Conforme pode ser observado na figura 9 e na tabela 8, a medida do grau de centralidade é importante para que se possa identificar os nodos que mais contribuem para a descentralização da rede, possibilitando visualizar que os nós mais fortes estão localizados no desenho distribuído (centro da rede) e centralizado (lado esquerdo da rede). Tendo em vista que esses nós estão localizados no campo da informação (bibliotecas) e educação (escolas), ou seja, em territórios em que bibliotecários e professores atuam, depreende-se que os narradores sem remuneração específicas são responsáveis pelo fortalecimento da ampliação e fortalecimento da rede de colaboração do narrador no cenário capixaba.

A análise expõe uma paisagem em constante movimento no momento em que se percebe uma estrutura de rede com conexões centralizadas, descentralizadas e cada vez mais distribuídas com o uso das novas tecnologias. Nessa direção, justifica-se a proposição de uma rede o quanto mais colaborativa possível para os interessados em compartilhar informação narrativa, devendo assumir contornos que os espaços tempos híbridos engendram em estruturas de comunicação presenciais e virtuais e, principalmente, sendo capaz de ampliar os relacionamentos profissionais e humanos entre os narradores.

O modo como as pessoas categorizam seu mundo social em grupos de filiação é fundamental para entender como elas buscam informação de maneira direcionada, uma vez que o primeiro passo muitas vezes incorpora certos pressupostos sobre as classes de pessoas que podem ter determinados tipos de conhecimento (Watts, 2003). Pode-se esperar que as painelinhas altamente densas e relativamente isoladas tenham altos níveis de conhecimento tácito, ao passo que o pertencimento a vários grupos seja crucial para compartilhar conhecimentos e lograr perspectiva comuns na organização como um todo (JOHNSON, 2011, p. 79).

O pertencimento a diferentes grupos fechados formados geralmente nos territórios de atuação dos narradores, acaba justificando um número reduzido de sujeitos que apresentaram um certo fortalecimento do grau de entrada e de saída em termos de indicação dos atores da rede. Reafirmam o pertencimento aos grupos de trabalhos, bem como de formação presenciais com características centralizadas, espaços de relacionamento virtual também direcionados para as relações de amizade. Ao mesmo tempo que os caracterizam como sujeitos que se relacionam socialmente, dificultam uma identificação clara dos agrupamentos direcionados especificamente para a área de atuação no campo da contação de histórias.

Embora tanto a densidade social quanto a proximidade ajudem a determinar o acesso de indivíduos uns aos outros, este também é afetado pela sua mobilidade relativa. Uma maior mobilidade pode ser consequência direta da tecnologia, mas sua necessidade pode derivar de imperativos funcionais determinados pela urgência de desenvolver problemas (JOHNSON, 2011, p. 175).

As tecnologias de informação foram em grande parte responsáveis pelo fortalecimento do processo de comunicação entre os narradores e, por conseguinte, contribuíram com o processo de indicação dos atores da rede dos narradores da pesquisa, tendo em vista que muitos estão conectados às redes sociais na internet. Não apenas em termos de comunicação mas também relacionado ao processo de busca da

informação, a conexão à rede virtual aparece como uma estratégia que procura suprir necessidades de transcender o meio físico local para alcançar aos objetivos propostos universalmente.

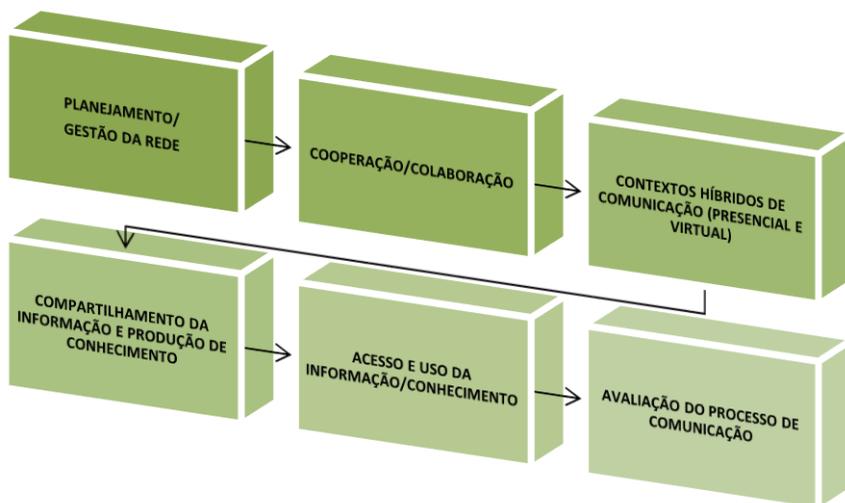
PLANEJAMENTO E PROPOSIÇÃO DE UM MODELO IDEAL DE REDE NA ERA DA INFORMAÇÃO

As contribuições da Ciência da Informação e áreas afins conduziram à estruturação de uma obra pautada na inter e transdisciplinaridade, permitindo pensar na criação de uma estratégia de produção que absorveu a contribuição de pesquisadores que publicam no âmbito de diversas disciplinas e campos do saber, bem como de profissionais dedicados à prática da contação de histórias. Os caminhos trilhados viabilizaram a articulação de conceitos relacionados com competência narrativa e em informação, conexão em redes, memória social e oralidade, conduzindo a um processo de categorização que fundamentou a identificação das habilidades, técnicas e conhecimentos necessários aos narradores conectados em redes digitais e sociais no Estado do ES.

Os saberes, as atitudes e os fazeres necessários à manutenção da vida pessoal e profissional desses sujeitos sociais foram devidamente identificados por meio da junção das técnicas de observação intensiva e extensiva, auxiliando, com isso, na composição de uma avaliação diagnóstica necessária para a análise da rede dos sujeitos narradores e, posteriormente, ao planejamento de um modelo ideal de rede de colaboração no campo da contação de histórias.

Com os resultados da pesquisa delineou-se uma proposta de proposição da arquitetura de uma rede voltada à prática dos contadores de histórias capixabas, tendo a necessidade de pensar nos seguintes elementos para a sua constituição conforme desenvolvido em tópicos posteriormente: processo de planejamento; estrutura da gestão da rede; processo de cooperação e colaboração; contextos híbridos de comunicação entre os sujeitos; compartilhamento da informação e produção de conhecimento voltado para o contexto da narrativa oral; acesso e uso da informação narrativa e avaliação constante do processo de comunicação (Figura 10).

Figura 10- Elementos da estrutura do planejamento da rede de colaboração.



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

- **PLANEJAMENTO/GESTÃO DA REDE**

Com a intenção de chegar a um melhor aproveitamento em termos de produção e divulgação dos produtos e serviços voltados para o campo da narrativa oral, torna-se necessário intercambiar as competências necessárias no campo da informação e da narrativa oral. Nesse sentido, entra em cena a função dos gestores da rede, podendo ser representados pelos sujeitos que obtiveram um grau de centralidade maior dentro do grupo conforme pôde ser refletido anteriormente na apresentação da figura 9 e tabela 8.

Ao grupo de gestores, muitas vezes, caberá criar canais para a transmissão e disseminação das informações necessárias ao fortalecimento para as conexões dos contadores de histórias nos espaços híbridos da rede (presenciais e virtuais). Nesse sentido, a atenção sobre as relações que são estabelecidas entre os sujeitos do grupo deve ter visibilidade. Dois tipos de relações que são apontados por Johnson (2011) interessam nesse momento: as relações determinadas pelo contexto que dizem respeito aos papéis definidos

culturalmente e as relações determinadas pelos atores que refletem os elos específicos que caracterizam a sua conexão:

- a) As relações determinadas pelo contexto cultural podem ser visualizadas no desenho assimétrico da rede, ou seja, na medida em que se percebe uma relação não igual para todas as partes. Existem diversas diferenças em termos de ligação profissional com a área, campo de atuação, estrutura dos grupos de formação, etc. Essas diferenças podem ser visualizadas nas análises dos indicadores do contexto de formação e atuação profissional.
- b) As relações determinadas pelos próprios atores da rede refletem-se por meio das suas conexões, por meio das relações que comumente são estabelecidas formal e informalmente. Remetem aos tipos de consultas que são feitas informalmente aos pares, público e/ou apoiadores e, conseqüentemente, que são realizadas em paralelo com os canais formais de busca de informação que as redes digitais e sociais oferecem em diferentes territórios de atuação dos narradores.

Diante dos atributos da rede identificados anteriormente com a apresentação das figuras 6, 7 e 8, coloca-se em análise um contexto que revela redes multiplexas em espaços tempos de informação, educação e cultura. A potência do estabelecimento dos laços sociais dos atores auxiliará no processo de identificação do perfil do grupo e planejamento das ações que posteriormente serão melhor detalhadas. Nesse contexto, os laços fortes e fracos deverão ser levados em questão, bem como outras tipologias e definições no âmbito da análise de redes principalmente no que concerne ao relacionamento no ciberespaço (CASTELLS, 2003; RECUERO, 2009).

- COOPERAÇÃO/COLABORAÇÃO

A cooperação é entendida como *um trabalho em comum* desenvolvido pelos contadores de histórias no campo da narrativa oral, tendendo a “[...] auxiliar no processo de um objetivo comum juntamente com outras ações conjuntas, tendo um propósito comum. E colaboração tem um sentido de ‘fazer junto’, de trabalhar em conjunto com interação” não

devendo ter uma “figura hierarquizada” no centro da rede (KNIHS; ARAÚJO JÚNIOR, 2007, p. 4).

A colaboração e a cooperação são elementos importantes para diminuir processos de resistência por parte dos seus membros e, por conseguinte, para que o planejamento da rede híbrida (presencial e virtual) efetivamente aconteça, é preciso, por exemplo, pensar a arquitetura dos encontros presenciais e em estratégias de acesso à página web (RECUERO, 2003). Para isso, apresentam-se questões centrais da rede colaborativa na tentativa de contribuir com a fruição de produção de conhecimento e disseminação de informação narrativa, com a finalidade de que o contador de histórias possa melhor buscar, avaliar e usar a informação por meio das “[...] relações de colaboração que unem **seus** membros em comunidades de prática” (JOHNSON, 2011, p. 49, grifo nosso).

Pensar numa estrutura de rede colaborativa que envolva a cooperação, requereu o conhecimento da estrutura dos encontros e das possíveis trocas de experiências voltadas para a área da narrativa oral. Contudo, percebe-se que a dinâmica dessas estruturas pouco acontece de maneira mais integrada. A proposta da rede de colaboração, então, deve ser visualizada como uma estrutura de cooperação útil para o contador de histórias. O fato de trabalhar com a possibilidade de disponibilizar informação nessa estrutura é muito importante, desse modo, quanto melhor elaborado o planejamento do modelo de rede mais eficiente/eficaz será a comunicação e os benefícios para seus atores sociais.

- CONTEXTOS HÍBRIDOS DE COMUNICAÇÃO

A distância geográfica e a limitação de tempo torna necessário a criação da arquitetura da rede em espaços presenciais e virtuais (híbridos), para que, assim, possa ser estabelecido um tipo de comunicação que consiga agregar valor ao contexto de atuação do grupo de narradores. A comunicação virtual tende a se consolidar no campo de atuação de um contador de histórias em contato com as tecnologias da atualidade que fortalecem as relações tanto no espaço presencial quanto virtual. Esse tipo de estrutura de interação resulta na constituição de um recurso de

coleta e transmissão de informações importantes para a criação e a manutenção das redes de colaboração que se formam e conformam cotidianamente.

Nessa direção, ser letrado, alfabetizado digitalmente e em informação é importante para que se possa usufruir dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias, requerendo, com isso, desenvolver a competência em informação necessária para um aproveitamento das inúmeras vantagens que oferecem. Diante dos benefícios oferecidos pelas tecnologias de escrita, informação e comunicação, apresenta-se a proposta de um modelo de rede que possa realmente ser acessível a essa categoria de trabalhadores em espaços híbridos de comunicação.

O estabelecimento de uma rede híbrida não é sinônimo de um desenho de comunicação descentralizado ou distribuído. A estruturação das redes em ambientes virtuais e presenciais torna possível a ampliação do oferecimento de produtos e serviços, o que requer, por conseguinte, conhecimentos, habilidades e técnicas específicas a esse ambiente e, quem sabe, desse modo, mudar a estrutura de comunicação centralizada comumente visualizada no campo da narrativa oral.

Observou-se no decorrer desta obra que as relações mantidas com os pares no ambiente presencial, comumente possibilitam a aquisição de experiência para a composição da competência narrativa do contador de histórias. O espaço virtual e presencial é utilizado para pesquisar material de trabalho, auxiliar nos processos de aprendizagens por meio do compartilhamento da experiência dos contadores de histórias tradicionais e, desse modo, divulgar a participação em apresentações performáticas, pesquisas, cursos e outros eventos da área da narrativa oral. O inter-relacionamento da competência que gira em torno da prática de narrar e da competência em informação, conduzem à produção de conhecimentos sobre a narração de histórias e criação de produtos e serviços indispensáveis à manutenção de um trabalho baseado numa tradição milenar.

- **COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Os processos de compartilhamento de informações e de produção de

conhecimentos precisam ser geridos no contexto das redes de colaboração, requerendo o estabelecimento de contato do contador de histórias com seu público, pares e colaboradores. A divulgação dos produtos e serviços por exemplo, disponibilizados tradicionalmente em espaços presenciais e, conseqüentemente, proporcionando interações face a face, tornam possível o estabelecimento de contato dos atores nos territórios das escolas, bibliotecas, residências, comunidades, projetos de extensão, secretarias municipais e estaduais, entre outros.

O fortalecimento dos laços sociais nesses territórios auxilia na formação de uma estrutura de interação paralela que timidamente é constituída em ambientes virtuais. As relações presenciais revitalizam de maneira mais direta projetos comuns entre os sujeitos que formam e conformam uma rede híbrida (presencial e virtual). Diante da apresentação de algumas barreiras no processo de relacionamento, de caráter geográfica, financeira, linguagem, tempo e outras, o ciberespaço tende a auxiliar na superação delas na medida em que o relacionamento em redes tornam as estruturas de comunicação mais distribuídas.

Já que as redes presenciais são centralizadas e os atores sociais encontram várias barreiras no processo de conexão, de que modo uma estrutura colaborativa idealizada para o contexto de atuação dos narradores poderá auxiliá-los? As atividades no campo da busca e da recuperação da informação que ocasionam na produção de conhecimentos, voltados especificamente para a área da contação de histórias, merecem uma melhor divulgação tendo em vista que as suas ações não costumam acontecer colaborativamente. Assim sendo, torna-se importante pensar em estruturas de comunicação que possam fortalecer os laços profissionais e de amizade dos narradores na contemporaneidade.

Entende-se que a divulgação das práticas relacionadas com a narrativa oral é vital para a área de atuação dos contadores de histórias, uma vez que potencializa as produções de conhecimentos que cada um possui, bem como auxilia no processo de divulgação de uma diversidade de produções no campo da narrativa oral. Nesse sentido, aparece a necessidade de expandir processos de pesquisa, preparação e comunicação da informação narrativa e, em seguida, compartilhamento de conhecimentos voltados para uma competência narrativa que de

forma alguma exclui a aquisição de habilidades e técnicas compreendidas no âmbito da competência em informação.

- **ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO**

A identificação de uma relação social assimétrica nas conexões dos sujeitos que atuam em uma diversidade de territórios de informação, educação e cultura, encaminha à proposição de uma rede que torne as relações mais distribuídas. O acesso e o uso efetivo da informação e produção de conhecimentos em redes torna possível que estruturas de poder sejam descentralizadas e, desse modo, tornam possível o fortalecimento de relações mais igualitárias.

Tendo em vista que os narradores encontram-se inseridos na sociedade da informação, o parâmetro desse modelo leva em conta o acesso às redes digitais e a disponibilização de uma ampla gama de informação igualmente em contextos formais e informais de aprendizagens.

Ao requerer um uso efetivo dos recursos de conexão presenciais e virtuais que ocasionem em contextos de buscas, avaliação e uso de informações e produções de conhecimentos efetivos, leva-se em conta a “[...] compreensão das redes de comunicação informais – em particular aquelas centradas nas relações interpessoais [...]” (JOHNSON, 2011, p. 17). Desse modo, recorre-se a duas abordagens de estrutura de comunicação para colocar em análise a proposição da estrutura dessa rede de colaboração: formal e informal (Quadro 13).

Quadro 13 - Rede formal e informal dos contadores de histórias

REDE DE COMUNICAÇÃO	FORMAL (presencial)	INFORMAL (ciberespaço)
Fluxo de informação	Centralizado	Descentralizado/distribuído
Estrutura	Conhecimento explícito	Conhecimento tácito
Tecnologia	Em papel ou outro tipo de suporte	Publicado em meio digital

Fonte: Adaptado de Johnson (2011).

A estrutura da rede de comunicação visualizada no campo da pesquisa compreende o conhecimento que comumente é registrado (conhecimento explícito) pelos narradores em livros impressos, CDs e outros suportes. Outro tipo de conhecimento que deve ser levado em consideração na estrutura da rede é aquele que o contador de histórias adquiriu ao longo da vida, porém, que não está organizado (tácito). Em alguns momentos esse tipo de conhecimento pode ser recuperado informalmente no ciberespaço (meio digital), tendo em vista que uma característica desse espaço é a ausência de organização das informações que propiciem uma recuperação mais eficaz e eficiente.

- **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO**

Espera-se que um planejamento de ações voltadas à proposição da rede colaborativa afete positivamente o narrador de histórias profissional, já que potencialmente aumentará as possibilidades de compartilhamento de informação, produção e registro de conhecimento voltados para a sua área de atuação. Nesse processo a competência em informação é imprescindível para a inserção desse profissional numa sociedade cada vez mais conectada por redes digitais e presenciais (híbridas).

Tendo vista que não pode se dissociar dessa estrutura a dimensão dialógica, devendo-se, por conseguinte, considerar a experiências e visões de mundo dos sujeitos envolvidos, aparece, desse modo, a necessidade de que os sujeitos pensem em estratégias de avaliação que compreenda todas as fases. Algumas noções do planejamento dialógico podem auxiliar nos processos avaliativos durante o planejamento, implantação e uso da arquitetura da rede. Em qualquer etapa torna-se necessário encontrar parâmetros para o estabelecimento de diagnósticos condizentes a uma estrutura colaborativa que envolva os narradores nos polos da comunicação presencial e virtual.

O planejamento dialógico é uma possibilidade de avaliação que pode ser apresentada aos atores da rede devido resgatar a dimensão histórica e social da experiência por meio de processos de interação coletiva (PADILHA, 2005). Ao se constituir como uma forma de resistência aos modelos tradicionais inflexíveis, por meio de propostas de diálogos representa uma alternativa para a constituição de avaliações diagnósticas

e prognósticas mais humanas. Esse tipo de avaliação vai ao encontro do diagnóstico realizado por meio da apresentação dos indicadores de perfil e contexto dos narradores de histórias (público alvo da rede) ao longo dos capítulos 2, 3 e 4, nos quais se verificou o estabelecimento de diálogos efetivos com os sujeitos interessados com a adoção de uma abordagem inter e transdisciplinar.

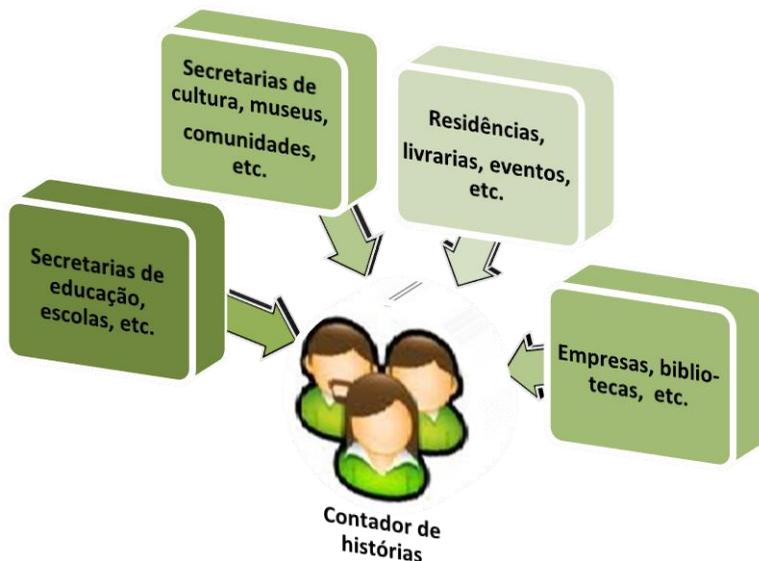
ALGUNS POSSÍVEIS EM TORNO DE UMA REDE COLABORATIVA REAL

Uma estrutura de relacionamento centralizada abriga um narrador profissional que desenvolve geralmente a sua atividade no espaço presencial, ao concentrar as tarefas em um único nó que aparece como responsável pela recepção e transferência da informação narrativa. O exposto permite recordar características de uma rede de relacionamento que se apresenta com uma estrutura basicamente centralizada e, por assim colocar, constituída a partir de relações assimétricas pessoais e de trabalho.

Essa rede centralizada encontra-se voltada para a gestão cultural da prática da contação de histórias, então, nela o narrador de histórias se constitui como um sujeito que está no centro da rede sendo ele o responsável por disseminar informações relacionadas com a sua prática (produtos e serviços) para os outros sujeitos da rede. Esses outros sujeitos (público, apoiadores, etc.) nutrem o interesse de adquirir produtos como livros, CDs, entre outros, ou mesmo de contratá-lo para atuar performaticamente em instituições escolares, bibliotecas e em outros territórios.

Por meio das relações tecidas numa estrutura de comunicação centralizada, muitas vezes o narrador busca apoio em instituições como secretarias de cultura e de educação para a subsistência de sua arte (Figura 11). Tendo em vista que em uma estrutura centralizada aparece necessariamente a hierarquia (UGARTE, 2008), esse tipo de rede pode chegar ao formato de uma estrutura na qual mais de um sujeito se torna responsável por comunicar a informação. Mesmo assim o controle continua sendo sua marca registrada, não chegando a assumir a característica de uma rede descentralizada ou distribuída.

Figura 11 - Estrutura de relacionamento centralizada



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Na tentativa de ilustrar uma estrutura descentralizada no campo da contação de histórias, toma-se como parâmetro as relações dos sujeitos que pertenceram a um grupo extensionista direcionado para a formação na área da narrativa oral. À vista disso, os encontros do GECHUFES são evocados e citados com a finalidade de ilustrar a dinâmica de estruturas de colaboração hierárquicas com características técnico-científicas, culturais e ao mesmo tempo artísticas com ênfase na formação do narrador de histórias (VALENTIM, 2013).

Essa estrutura de colaboração se caracteriza pela ação formativa constituindo-se como descentralizada, na qual a disseminação da informação é limitada a alguns nós da rede: coordenadores; bolsistas; monitores; colaboradores e narradores formadores, etc. (Figura 12). Na maioria das vezes a estrutura do grupo extensionista em questão constituía-se como presencial, mas potencialmente podia assumir características de uma rede virtual na medida em que informações sobre

as atividades do projeto de extensão pudessem ser divulgadas na internet.

Figura 12 - Estrutura de colaboração descentralizada



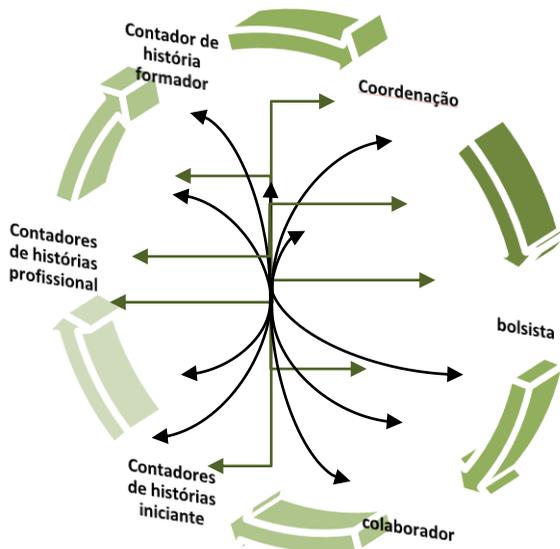
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

A comunicação descentralizada ainda apresenta como característica a hierarquia e o controle daquilo que deve ou não ser disseminado. Ao passo que numa rede distribuída os sujeitos estão livres para buscar, produzir e compartilhar informação. O espaço virtual da internet é um exemplo do exposto, podendo-se em vista disso citar a característica dos encontros de formação do GECHUFES que disponibilizaram informações numa página web (GECHUFES, 2011). A comunicação virtual torna possível que participantes de um grupo possam acessar livremente o conteúdo disponível no ciberespaço, sem, para isso, precisar de intermediários caracteriza-se como distribuída (Figura 13).

Conforme descrito por Ugarte (2008) a estrutura da informação na internet abre possibilidades para uma nova distribuição do poder por meio da estrutura de uma rede distribuída. Diante dessa realidade, o espaço virtual viabiliza aos sujeitos uma estrutura de comunicação em que o poder é descentralizado. Na medida em que os sujeitos narradores tenham interesse de se manifestarem poderão fazer, podendo individualmente ou em grupo compartilhar informação em portais, blogs e em outras estruturas de redes sociais com a finalidade de democratizar a informação nesse espaço. Decerto o ciberespaço fortalece redes de cooperação permitindo surgir a interação necessária

ao trabalho colaborativo, ao engendrar contextos comunicativos em que haja uma negociação coletiva entre os sujeitos narradores e seus pares, público e colaboradores (KNIHS; ARAÚJO JÚNIOR, 2007).

Figura 13 - Estrutura de comunicação potencial para uma rede distribuída



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

De maneira geral os desenhos apresentados partem de estruturas de comunicação estabelecidas entre os sujeitos que participaram do Grupo Experimental ligado à Universidade, porém, ainda não se caracterizam como redes de comunicação descentralizadas e distribuídas conforme apresentadas por Baran (1964), mesmo que os narradores em alguns momentos tenham de fato se apropriado das tecnologias de escrita, informação e comunicação.

Os movimentos dos projetos de pesquisa e extensionistas funcionam como um elemento de comparação para o processo de proposição do modelo de rede colaborativa, já que a sua concepção parte das ações da Universidade. Entretanto, pensar a sua implantação demandaria um tipo de gerenciamento da rede que devesse partir dos próprios atores que a utilizarão e não o contrário.

Quadro 14 – Comparativo das ações do grupo experimental e da proposta rede de colaboração

GRUPO EXPERIMENTAL		REDE DE COLABORAÇÃO	
Rede centralizada e descentralizada	Gestão da coordenação do grupo de extensão universitária	Rede descentralizada e distribuída	Gestão dos atores centrais da rede
Estrutura hierárquica	Público composto por narradores profissionais, iniciantes e interessados em adquirir habilidades e técnicas	Estrutura colaborativa tendo o apoio de projetos de pesquisa e extensão universitária	Público composto por narradores profissionais autônomos, sem remuneração específica, apoiadores, público (ouvinte) e interessados
Foco do trabalho na competência narrativa	Atuação no espaço presencial	Foco do trabalho na competência narrativa e em informação	Atuação em espaços híbridos
Atendimento em territórios presenciais	Acesso e busca de informação em encontros de formação presencial e na página web do grupo	Atendimento em territórios presenciais e virtuais	Acesso e busca da informação na rede colaborativa, porém não se encerrando nela
Produção de conhecimento e compartilhamento no espaço de formação presencial	Avaliação do processo realizado na maioria das vezes pela coordenação do grupo	Produção de conhecimento e compartilhamento na rede colaborativa, podendo assumir diversas formas	Avaliação dialógica do processo realizada pelos sujeitos da rede colaborativa

Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Ao comparar o modelo de gestão do Grupo experimental e de uma rede de colaboração, diferenças e aproximações surgem ao permitir alguns possíveis em torno de uma estrutura colaborativa e distribuída idealizada na era da informação (Quadro 14).

O modelo de rede colaborativa dos contadores de histórias deve, portanto, ser gerido coletivamente por um grupo que possa reunir

elementos da competência narrativa e em informação num âmbito institucional e ao mesmo tempo autônomo. Ao promover ações relevantes em diversos espaços de atuação presenciais e virtuais (híbridos), os narradores autônomo remunerado e sem remuneração específica poderão compartilhar experiência e, ao mesmo tempo, estender o alcance do atendimento ao público por meio de ações colaborativas.

O modelo proposto é idealizado com base nas ações de pesquisa e extensão realizadas no âmbito da instituição universitária, porém, não devendo se encerrar nessa instituição. Portanto, deve ser pensado de forma que os sujeitos envolvidos possam compartilhar informações e produções de conhecimentos, ao mesmo tempo em que se abram para processos avaliativos baseados em um diálogo incessante que a sociedade em rede requer. Ao partir de dois eixos norteadores: presencial e virtual - representando na atualidade inúmeras possibilidades de compartilhamento de informação e produção de conhecimento em espaços hibridizados - torna-se necessário repensar a conexão do ambiente virtual que acaba englobando ações inteiramente relacionadas com as competências narrativa e em informação. Cada um desses eixos pode ser entendido juntamente com sua respectiva contribuição para a proposição do modelo de colaboração necessário para alcançar, em um futuro próximo quem sabe, uma estrutura descentralizada e mais distribuída.

ESTRUTURA DE COLABORAÇÃO NECESSÁRIA AO MODELO DE UMA REDE DISTRIBUÍDA

- *Primeira etapa da proposição da arquitetura da rede de colaboração híbrida: foco na estrutura do grupo presencial*

Na tentativa de definir o processo de proposição da arquitetura da rede de colaboração, a primeira dimensão necessária ao planejamento corresponde ao tema abordado e a segunda aos objetivos que conduziram, nesse caso, a uma rede direcionada à prática do contador de histórias (OLIVEIRA, 2008). Cabe, então, expor que o seu planejamento tem como meta apresentar um modelo de colaboração em que o narrador e demais sujeitos possam refletir sobre a busca e o

uso de informação relacionada com a área da narrativa oral, bem como sobre o compartilhamento de conhecimentos relacionados com os produtos e serviços que podem oferecer ao público. Estando essa meta inteiramente relacionada com as competências narrativa e em informação, enfoca-se o polo presencial no qual poderá assumir o formato de um grupo de estudos por exemplo, sendo ele responsável pela promoção de pesquisas, oficinas, rodas de diálogos, cursos, seminários e outros eventos no campo de atuação da narrativa oral no século XXI.

Um grupo que possa representar esse coletivo deverá contemplar estruturas de comunicação formais e informais, sendo constituídas de maneira a alcançar alguns propósitos entre os quais se destacam a fruição da informação e produção de conhecimento voltados para a arte de narrar histórias (JOHNSON, 2011). Nesse contexto, a competência (narrativa e em informação) do profissional narrador deverá ser colocada em questão. Para pensar, então, numa estrutura de relacionamento mais voltada para os encontros presenciais, recorre-se aos pontos abordados que remetem aos aspectos práticos da organização da estrutura da rede de colaboração. Com base nesse quadro, apresentam-se algumas demandas para o polo da rede de colaboração presencial que também está ligado ao espaço de discussão virtual:

- **Definição de público alvo:** A rede deverá reunir contadores de histórias profissionais autônomos remunerados e profissionais sem remuneração específica, bem como, narradores experientes e iniciantes; colaboradores e demais sujeitos interessados em participar da estrutura de colaboração.

- **Tipo de rede e gestão (estrutura colaborativa):** A primeira questão a ser abordada baseia-se no fato de que uma rede descentralizada e distribuída requerer que os seus sujeitos trabalhem de maneira colaborativa. Desse modo, o grupo não teria um gestor apenas e sim diversos sujeitos identificados como nós centrais para a rede. Caso fosse necessário apontar os gestores da rede na atualidade, seriam os narradores que se destacaram com os graus de entrada e saída e que tornaram possível a representação de uma rede de narradores nesta obra.

O desejo de criação de uma arquitetura que torne viável as conexões de um grupo de estudos voltado para a prática do narrador de histórias, é facilmente percebido no contexto dos diálogos possibilitados pelas entrevistas apresentadas nos capítulos 2, 3 e 4. Esse desejo vai de encontro com práticas geralmente vivenciadas pelos narradores em encontros de formação e espaços de estudos por eles frequentados. Percebe-se a potência que a relação interpessoal tem para os sujeitos narradores, tendo em vista que no processo de diálogo obteve-se um envolvimento significativo em grupos de pesquisa e extensão das instituições de ensino da UFES e UnB. Dessa maneira, recorre-se ao contexto dessas estruturas de trabalho para pensar a rede de colaboração voltada para a prática do contador de histórias.

Tendo como meta estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e considerar a geração de atividades voltadas ao desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística relevantes no contexto das manifestações culturais (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012)⁹⁰, a **primeira** estrutura baseia-se na dinâmica de um “Grupo extensionista” que costuma estar ligado a algum projeto ou programa registrado na Pró-Reitoria de Extensão de uma Universidade ou outra instituição de ensino, promovendo, portanto, uma das suas funções sociais que é a promoção do desenvolvimento social dentro e fora de instituições formais.

A **segunda** estrutura citada é a do “Grupo de Pesquisa”, denominação utilizada por sujeitos pesquisadores que se organizam em torno de uma ou mais linhas de pesquisa de uma área do conhecimento, com o objetivo de desenvolver pesquisa científica. Nessa estrutura há o envolvimento de pesquisadores, profissionais e demais interessados em um permanente diálogo que gira em torno de atividades investigativas e na qual o trabalho se organiza em linhas comuns de pesquisa⁹¹. Ao

⁹⁰ Em relação ao contexto desta pesquisa no processo de investigação tivemos o envolvimento na ações de mapeamento do Projeto de Extensão Informa-Ação e Cultura, registrado no Sistema da PROEX da UFES.

⁹¹ São considerados grupos de pesquisa cadastrados na PRPPG, os Grupos de Pesquisa da UFES registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (DGP/CNPq) e certificados pela UFES. No caso desta obra obteve-se o envolvimento direto do Projeto

procurar dar visibilidade a essas duas modalidades de espaços de (in)formação e outros movimentos que a Universidade costuma oferecer para a comunidade interna e externa, delinea-se a primeira etapa de planejamento da rede com foco em grupos com características que exigem encontros presenciais que compreendam a articulação da teoria e da prática (o que não significa pensar apenas em encontros presenciais):

- **Seleção dos temas de trabalho:** Ao definir estratégias para a abordagem de temas relacionados com a competência narrativa e em informação no grupo de estudos, apresenta-se como resultado da avaliação diagnóstica da rede que identifica habilidades e técnicas necessárias ao contador de histórias conectado em rede. Com a avaliação realizada ao longo da pesquisa, visualiza-se uma baixa participação em redes de colaboração de interesse de sua área de atuação, sejam elas presenciais ou virtuais. Esse fato foi comprovado tanto na pesquisa realizada no Distrito Federal quanto no Estado do ES (GERLIN; SIMEÃO, 2015).

Compreende-se que o contador de histórias deve dialogar sobre o aprimoramento das estratégias de acesso, busca e recuperação de informações voltadas para a sua prática, aspecto pouco figurado nos indicadores do contexto da competência narrativa e competência em informação. Esse fato aponta para necessidade de compartilhamento de temas em torno de sua prática e que cresce se comparado em proporção ao contexto da inclusão informacional. Tendo em vista que a maioria dos narradores considera importante o acesso às redes digitais para melhorar a prática e auxiliar nos processos de formação de maneira autônoma, percebe-se a importância que deve ser dada também aos temas em questão.

- **Foco nos processos de busca, recuperação e uso de informações:** para dialogar sobre as ferramentas de busca e recuperação de uma informação voltada para a prática do narrador de histórias, bem como, incentivar o compartilhamento de conhecimentos

No balanço das redes dos contadores de histórias e Banco de Lendas da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES), ambos devidamente cadastrados (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, [2008-2013?]).

produzidos em termos de produtos e serviços no campo da contação de histórias no Estado do ES, aborda-se como a informação vem sendo buscada e como os contadores de histórias avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas, conduzindo às amostras do contexto da inclusão informacional (GERLIN; SIMEÃO, 2015).

Tendo em vista que a maior parte dos contadores de histórias afirma possuir competência para o acesso da informação nas redes digitais, avaliar a informação em função de seus objetivos e em menor grau produzir arquivos coletivos e compartilhá-los com seus pares, desperta-se para o fato de que ainda devem atualizar-se com os processos de busca e recuperação de uma informação que possibilitará o aperfeiçoamento da sua prática por meio do uso inteligente e efetivo da informação. O exposto requer uma reflexão sobre como o uso das suas habilidades possibilitará aplicação no contexto de seu trabalho (BELLUZZO, 2013).

- **Estabelecimento de estratégias de diálogos e avaliações coletivas:** diante do fato de que um processo de planejamento envolve uma série de modificações, ao abranger os sujeitos e as tecnologias existentes (OLIVEIRA, 2008), desperta-se para a necessidade de um processo de avaliação que seja realizada pelos próprios sujeitos da rede. Desse modo, o processo de conexão dos sujeitos da rede colaborativa, inicialmente deverá levar em consideração uma avaliação diagnóstica dialógica (PADILHA, 2005) realizada no contexto dos territórios de atuação híbridos.

Registra-se a necessidade de a estrutura da rede apoiar ações na área de interesse dos contadores de histórias, em ambientes educacionais, tais como, escolas, bibliotecas, família, comunidade, enfim, de diversas instituições de ensino escolares e não escolares que promovem aprendizagens formais e informais, tendo como finalidade desenvolver atividades em prol da competência narrativa e em informação ao compreender o perfil dos sujeitos narradores. Também é necessário considerar aspectos cognitivos, narrativos, históricos, imagéticos, tecnológicos, sonoros, sociais e ambientais, dentre outros compreendidos nas aproximações teóricas que futuramente poderão fundamentar a prática.

A apresentação da primeira etapa do planejamento envolve diálogos permanentes que deverão girar em torno da definição de novos parâmetros para avaliações futuras. Ao organizar eventos como oficinas de competência em informação coloca-se em análise os espaços tempos de formação e de discussão das estratégias de uma rede colaborativa, ao contar com uma equipe transdisciplinar para pensar as ações dos grupos de estudos. Depreende-se, então, a necessidade de propor eventos em que os próprios narradores possam estar na condução das formações e/ou organização dos processos de discussões. Nesses eventos podem ser criados espaços de trocas de experiências sobre a competência narrativa e a competência em informação em espaços híbridos tendo como foco, por conseguinte, processos de busca e produção de informação em arquiteturas de informações disponibilizadas no espaço virtual.

- *Segunda fase do planejamento da arquitetura da redes de colaboração: foco na arquitetura da página web*

A proposição de um modelo de rede de colaboração direcionada para a realidade do contador de histórias, permitirá que os sujeitos sociais interajam e compartilhem informações em espaços híbridos. O planejamento da estrutura de comunicação que se dará no ambiente digital estende-se para o espaço presencial, estimulando, com isso, a interatividade e participação dos sujeitos narradores que poderão contar com as duas estruturas de relacionamento. Ao identificar as necessidades dos contadores de histórias por meio dos indicadores de perfil e contexto, o maior desafio é posteriormente saber como “[...] conhecer melhor o ‘modelo mental do usuário’, **podendo obter** resultados significativos que permitam melhorar a usabilidade dos sites, disponibilizando as informações de forma correta em suas homepages” (CUSTÓDIO, SILVA, 2009, 184, grifo nosso).

Pode-se comparar as *homepages* com as páginas introdutórias de livros. A introdução de um livro deve estar bem redigida, de forma clara, informando ao leitor o assunto que aborda. E, o mais importante, deve instigar e atrair o leitor para que ele complete a leitura. Assim também deveria ocorrer com as *homepages*, mas nem sempre isso acontece (CUSTÓDIO; SILVA, 2009,

Ante a proposta da rede que culminará em espaços de interação por meio da organização de uma homepage, torna-se necessário pensar na sua arquitetura. Um caminho a seguir seria a realização de um planejamento voltado para a sua estrutura com a interface das homepages centrada nos principais atores sociais da rede, culminando numa projeção em termos do *design*, ao considerar como público alvo contadores de histórias capixabas e demais interessados pelos temas de interesse desse profissional. O planejamento terá esses sujeitos como parâmetro de adequação, assim como, características e necessidades educacionais, culturais, informacionais, tecnológicas, dentre outras necessárias visando ao desenvolvimento das competências (GERLIN; ROSEMBERG, 2012).

A arquitetura de uma *homepage* favoreceria o acesso às informações na web pelos seus usuários potenciais, podendo nesse ambiente proporcionar-lhes um direcionamento no ato do compartilhamento das práticas narrativas no Estado do ES. A disponibilização de informações voltadas para a prática do narrador, seria, então, um compromisso assumido pela rede colaborativa. Entretanto, essa tarefa não é fácil já que a pretensão de disponibilizar na web textos, imagens e sons constitui-se como um potente mecanismo interativo de comunicação.

Uma *homepage* (portal, sítio, página), portanto, pode ser entendida como um ambiente para alguns autores e como um gênero textual emergente para outros em alguns momentos (MARCUSCHI, 2004), todavia, mais do que focar denominações é importante conceber que ela deve ser constituída por uma equipe, por se tratar de um trabalho que assume a perspectiva trans e interdisciplinar.

O grupo que cuidará do planejamento de uma página voltada para a narrativa oral deverá ser composto por profissionais da arquitetura da informação e contadores de histórias, juntamente com outros sujeitos que participarão do processo. Com isso, o valor da atuação do narrador é acentuado juntamente com o profissional de Arquitetura da Informação que nesse tipo de projeto deve estar pronto para “[...] participar dos trabalhos desde seu início. As mesmas informações que irão nortear os trabalhos de redação e design serão as bases de seus

trabalhos” (LARA FILHO, 2003).

De um modo geral a arquitetura da informação encontra-se distribuída em diversas outras atividades ou mesmo englobada numa delas, seja no gerenciamento do *site*, no design ou na área de marketing das empresas. No início da internet, quando os profissionais de informática eram os mais familiarizados com as ferramentas e com o computador, eles assumiam as atividades de design, redação e organização do *site*. Com o passar do tempo estas atividades foram – e estão sendo – gradualmente ocupadas por profissionais diversos e mais capacitados (LARA FILHO, 2003).

Quando se trata de um trabalho a ser desenvolvido no âmbito da arquitetura da informação que pertence a uma área que está em constituição, cabe uma atuação inserida em uma equipe transdisciplinar de modo a considerar as necessidades do usuário e, assim, possibilitar o acesso às informações sobre serviços e produtos nas páginas da web. Nesse contexto, deverá ser considerada a realidade cultural, social, econômica dos sujeitos narradores e, paralelo a esse processo, torna-se fundamental um planejamento voltado para os sistemas de navegação universal. Haverty (2002, p. 844) atenta para o fato de que

A coisa que chama alguns arquitetos de informação para o seu campo é a mesma coisa que oferece uma luta em termos de moldá-lo como uma disciplina: a natureza aberta, sem limites do fenômeno emergente da experiência do usuário. Se IA torna-se uma disciplina ou continua a funcionar como um campo, a ideia de como projetar para estudar fenômenos emergentes e será um tema-chave⁹².

⁹² The thing that draws some Information Architects to their field is the very thing that offers such a struggle in terms of shaping it as a discipline: the open, unbounded nature of the emergent phenomenon of user experience. Whether IA becomes a discipline or continues to operate as a field, the idea of how to design for and study emergent phenomena will be a key topic.

Tendo em vista o trabalho do arquiteto da informação que consiste em criar formas e organizar estratégias para a disponibilização e um “conjunto de informações” num *site*, com a finalidade de planejar a distribuição de um conteúdo adequado ao público alvo (LARA FILHO, 2003), acredita-se que os envolvidos podem se deparar com frustração e sucesso, bem como com alternativas de aprendizagens perante a promoção de produtos e serviços oferecidos no campo da narrativa oral. Desse modo, as necessidades profissionais dos contadores de histórias e demais interessados pela área da narração de histórias, devem ser contempladas pelos projetos que perpassam o domínio das TIC disponibilizadas na sociedade contemporânea.

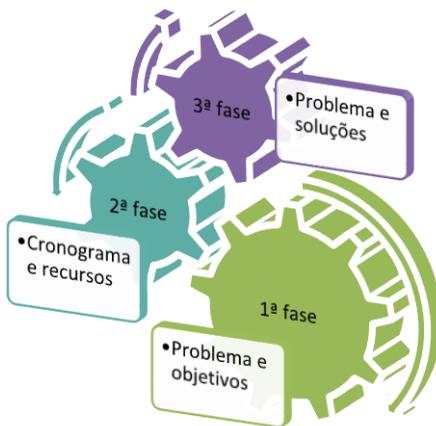
Perante uma perspectiva de trabalho inserida no campo da Ciência da Informação, a adaptação das necessidades do público alvo e disponibilização das informações por meio do *site* exige, por conseguinte, um processo de planejamento baseado no diálogo com diversas disciplinas e outros campos de organização de conhecimentos. Tendo em vista o exposto por Saracevic (1996) a Ciência da Informação deve dedicar-se às questões científicas voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual das necessidades e uso de informação.

A atenção para o fato de que essa ciência é definida como um campo englobando, tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, possibilita trazer para o diálogo Le Coadic (2004) quando expõe que diferentemente das outras ciências que levaram um longo tempo para se afirmarem como uma ciência adulta, ela transpôs essas etapas em cerca das últimas décadas. No início eram as histórias das instituições (principalmente das bibliotecas), que eram descritivas, regionais, sem nenhum valor científico. Depois histórias das técnicas (livros) e, também, dos bancos de dados que começam a surgir. Atualmente, contempla-se o contexto social dos indivíduos que marcam a história das ciências.

As ações dos trabalhadores/pesquisadores que se envolvem com planejamento da adequação em banco de dados e contextos de busca e recuperação de informações narrativas no ambiente virtual, relacionadas, por exemplo, com contos de fadas, fábulas e *lendas*

capixabas (GERLIN; ROSEMBERG, 2012), deve se abrir para o diálogo com outras disciplinas, tais como a Biblioteconomia e Informática, além de estabelecer contato com o conhecimento popular para além do conhecimento científico (PINTO, 2007).

Figura 14 - Planejamento da arquitetura da rede de colaboração.



Fonte: Adaptado de Haverty (2002).

Com o auxílio de Haverty (2002) é possível pensar na arquitetura da rede do contexto da pesquisa, sendo indispensável identificar uma solução para o direcionamento das atividades no contexto tanto virtual quanto presencial (Figura 14). Apesar da teoria desse autor ser voltada para a arquitetura de rede virtual, visualiza-se no contexto desta obra a facilidade com que as fases se adequam aos dois espaços de comunicação. Para planejar a arquitetura da rede presencial e virtual adaptam-se as seguintes etapas de trabalhos pensadas por Haverty (2002):

(1) Trabalhar na determinação de objetivos que consigam prever as necessidades dos sujeitos sociais, tendo em vista o problema levantado no trabalho de campo da pesquisa; (2) Por meio do diálogo estabelecido entre os sujeitos sociais procede-se a previsão dos insumos necessários e ao cronograma de trabalho com vistas a encontrar a solução para o problema; (3) Encontrar uma solução tendo em vista a atenção que é dada pela rede de colaboração para o problema voltado para a criação da rede e, por fim, (4) Proceder a criação da arquitetura da rede de

colaboração voltada para a prática dos contadores de histórias em contextos híbridos.

Fase 1: para trabalhar na determinação de objetivos que consigam prever as necessidades dos sujeitos sociais, tendo em vista o problema levantado voltado para a criação da rede, contempla-se a visão dos usuários/sujeitos sociais às exigências que a sociedade da informação impõe e, por consequência, identificação dos atributos dos sujeitos que participarão do grupo presencial e se utilizarão dos serviços da *homepage* (objetivos e características do público alvo), assim como, do conteúdo que será discutido nos grupos e disponibilizado para o site.

Nessa fase definem-se os problemas que movem o projeto de criação da rede e que exigem soluções direcionadas para os temas que serão debatidos sobre a competência narrativa e em informação, bem como, a adaptação das informações numa página da web. Importa colocar que os trabalhos desenvolvidos no grupo presencial e os produtos e serviços oferecidos pelo contador de histórias também no espaço presencial, deverão ser divulgados na página Web. O exposto prova a ligação entre os serviços oferecidos nos dois tipos de espaços de comunicação (presencial e virtual) e comprova a necessidade de pensar a arquitetura de uma rede de colaboração híbrida.

Fase 2: por meio do diálogo estabelecido entre os sujeitos sociais procede-se a previsão dos insumos necessários e cronograma de trabalho com vistas a encontrar a solução para o problema identificado na etapa anterior. Nessa fase acontece a representação do quadro gestacional, para, assim, poder tratar de cada etapa do problema, ao procurar a identificação de soluções nesse âmbito. Considera-se a natureza do problema de criação e identifica-se um estado adequado de representação que possa produzir uma solução.

Fase 3: à luz da teoria da Ciência da Informação e áreas afins, discutem-se possíveis soluções tendo em vista a atenção que é dada ao problema que gira em torno da criação da rede. Traduz-se uma solução em torno da estrutura do problema do projeto de arquitetura da rede voltada para o fechamento dos trabalhos de criação do grupo presencial e do site, etapa na qual se identifica uma solução que seja aplicável.

Fase 4: procede-se a criação da arquitetura da rede de colaboração

voltada para contextos híbridos de conexões dos atores sociais. Uma vez que as soluções foram traduzidas para o contexto do projeto da arquitetura da rede, a fim de resolver todos os problemas básicos, constitui-se uma *Arquitetura da Informação da rede*, o que significa que ao longo deste processo as soluções da estruturação do grupo presencial e do design da página, serão validadas em relação às metas originais, usuários/atores e conteúdos disponíveis. Nessa etapa os comentários da equipe e testes de usabilidade poderão ajudar a atingir essa validação.

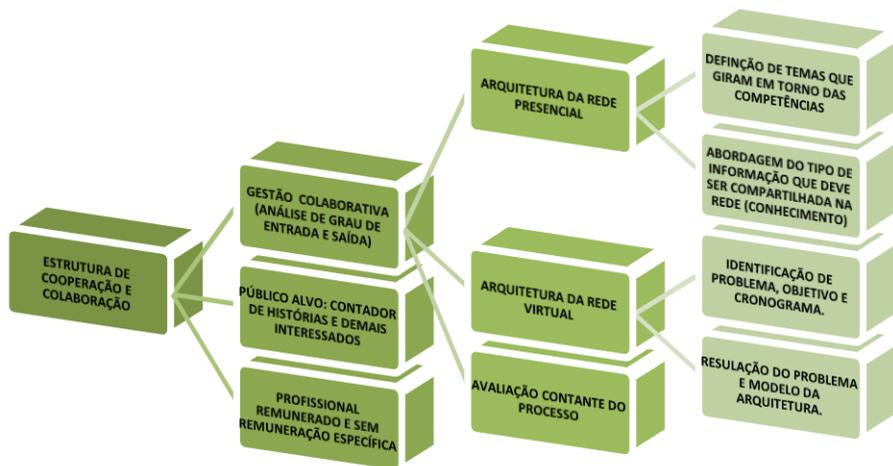
A qualidade de uma arquitetura de informação é discutida em termos de como a facilidade de uso e satisfação podem influenciar nas atividades do processo (HAVERTY, 2002). Ao definir como requisito as necessidades do público alvo por meio da adaptação de modelos de planejamento e adequação textual das informações narrativas, apresenta-se a necessidade de considerar a cultura, a língua e a necessidade de informação dos contadores de histórias e de outros possíveis usuários.

Um exemplo de estrutura que caminha para o modelo de uma rede distribuída do contador de história é a *Red Internacional de Cuentacuentos (2014)*⁹³, que conecta narradores de diversas nacionalidades e divulga em páginas individuais vídeos, fotografias e informações textuais sobre produtos e serviços dos contadores de histórias. Esse tipo de rede se apresenta como um espaço tempo de comunicação potencial para o sujeito narrador que atua em diferenciados territórios, viabilizando por conseguinte o compartilhamento de experiências, produtos e serviços que comumente são oferecidos.

Esse tipo de organização de rede oferece também uma oportunidade de qualificação em consonância não apenas com os ambientes virtuais, mas também para atender aos espaços presenciais disponibilizados em espaços de informação, educação e cultura, a saber: escolas, bibliotecas e livrarias; territórios em que tradicionalmente se fortalecem as relações interpessoais dos profissionais.

⁹³ A maioria dos coordenadores da rede são contadores de histórias e escritores de diversos países, dentre eles Espanha, Brasil e Índia. Constituindo como um portal aberto para a divulgação da contação de histórias, literatura e artes cênicas reúne mais de 1.000 contadores de 50 países dos 5 continentes.

Figura 15 – Proposta de planejamento da rede colaborativa



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Refletir a adequação da informação narrativa, suas múltiplas linguagens e contextos de comunicação numa rede virtual e presencial, acaba implicando em saber quais são suas reais necessidades. O próximo passo seria colocar em prática o planejamento da estrutura de cooperação e colaboração (Figura 15). A proposição do modelo da rede alimentou-se diretamente do estabelecimento de diálogos teóricos e práticos (práxis) (FREIRE, 2005), alimentados pela experiência de pesquisadores e narradores de histórias contemporâneos, caracterizando-se como inter e transdisciplinar. O diálogo estabelecido permitiu identificar as competências necessárias dos narradores conectados em redes híbridas na sociedade da informação.

Os principais atores que serão beneficiados por uma rede colaborativa, os contadores de histórias, são sujeitos que auxiliaram efetivamente no processo de constituição dos dados contidos nesta obra. Fornecem, com isso, importantes elementos para o delineamento da rede de colaboração por meio da participação nos processos de diálogos. Na visão de alguns contadores de histórias, a rede teria de ser o mais

autoadministrável e o mais autônoma possível, para desse modo auxiliar em questões práticas do cotidiano de trabalho da categoria.

O formato de associação funcionaria muito bem para a rede. Entender o formato de associação seria muito bom. Como funciona a associação? - Ah, eu quero contratar o Eduardo. O Eduardo cobra 800 reais para a diária. Liga-se então para a associação e pergunta-se é isso mesmo? É isso mesmo. Ah! Saquei. Ou então se faz o contrário. Liga-se para a associação e se fala: queria um contador de histórias. Qual o perfil que você quer? Ah! Eu quero o perfil assim, assim e assado. Ah! Nesse perfil a gente tem essa pessoa assim. Então se a gente compreendesse como funciona o perfil dessa associação, a gente conseguiria passar isso para a rede. Auto administrável, para gente não precisar ter um administrador, ser auto administrável. A rede é um veículo maravilhoso pra gente poder categorizar a profissão (Narradora Kruger).

Acho que seria interessante, porque já tem rede de poetas, algumas redes que são interessantes já. Iria ser interessante pra mim e para os colegas também. Legal se for alguma coisa prática e rápida de fazer, eu acho que seria interessante. O principal é a praticidade, que é o que as redes sociais oferecem pra gente e não precisamos ficar dando manutenção (Narrador Valadares).

Ilustração 9 – Encontro com Grupo Chão de Letras na UFES



Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

Não resta dúvidas de que um modelo de rede direcionada à prática do contador de histórias deverá ser implantado pelo próprio coletivo. A metáfora que é utilizada no título da coleção que acolhe esta obra “No balanço das redes”, acaba definindo o contexto das relações desses

atores sociais e de suas conexões em grupos, permitindo *a priori* visualizar a estrutura de processos de comunicações estabelecidos no movimento de uma diversidade de redes que por eles são tecidas. Acaba expondo inúmeras possibilidades de compartilhamento de informações e produções de conhecimentos expressados e registrados durante o processo de observação nos territórios de uma efetiva e admirável atuação cultural e social.

Para (não) finalizar um processo de reflexão iniciado acerca da rede de colaboração ao longo dos encontros estabelecidos com os narradores e registrados no decorrer dos capítulos, cita-se ao final deste capítulo o fragmento de um diálogo realizado com as narradoras do Grupo Chão de Letras (Ilustração 9). Momento no qual surgiram possibilidades para pensar a (re)criação de espaços de conexões híbridas voltados para a narração de histórias.

Na hora em que abri veio a rede do pescador na minha frente e descobri como ela é desenhada. Como ela em cada pedacinho é conectada um com outro e como dá tudo certo e eles colhem aquele monte de peixes. Então eu falei: - Estou dentro! Quando eu vi o seu e-mail eu falei assim: - Gente é muito legal isso! Porque foi essa a imagem que me abriu e disse pra mim assim: - Olha o livro não vai acabar, seus amigos não vão deixar de existir, você não vai deixar de ir à casa de seu vizinho, você tem mais um recurso pra utilizar, só isso (Narradora Magalhães).

Ao trabalhar com a proposição de um modelo de rede (método de interlocução) que pudesse atender às demandas do sujeito narrador na sociedade da informação, apresentou-se um levantamento de indicadores de competências e conexões dos contadores de histórias da rede da pesquisa. Colocou-se em análise questões relacionadas com a acessibilidade, colaboração, interatividade, relevância da informação narrativa e outros temas que puderam ser identificados no processo de reflexão sobre a rede de colaboração. Entretanto, todas essas demandas não poderão ser refletidas e aprofundadas nesse momento, muitos são os fios que ainda deverão ser puxados em outros contextos de pesquisas e práticas possíveis no campo da prática tradicional do narrador de Benjamin (1994), constantemente (re)atualizada na era da informação.

À GUIZA DE CONCLUSÕES...

Era uma vez

ERA UMA VEZ... A PROPOSIÇÃO DE TRABALHOS QUE SE INICIARAM COM O DIÁLOGO

São os últimos dias de agosto. Não muito longe daqui, sabe-se que o inverno começou a morrer. O frio está impregnado pelo cheiro de flores amarelas das acácias e se anuncia para breve o estalar das glicínias, as flores azuis, as flores brancas; logo o ar terá cheiro de maçã e diabruras. Os dias serão mais longos (GALEANO, 2014, p. 17).

Coincidentemente os *últimos dias de agosto* marcaram tanto o fechamento das ações investigativas relacionadas com a proposição de uma *rede colaborativa*, quanto o tecido de considerações que culminaram na finalização de uma obra alimentada pela pesquisa e extensão universitária. No decorrer do processo, entendeu-se como se dá a articulação entre os *saberes, fazeres e atitudes* dos sujeitos narradores que acompanham as mudanças impostas pela sociedade da informação: por meio de uma prática cultural que comumente é autogerida pelo contador de histórias no espaço presencial (75%), demandando competência narrativa e competência em informação para atuar em territórios híbridos.

O entendimento sobre a gestão de produtos e serviços culturais encaminha para o desenvolvimento de um trabalho no campo da ação cultural (51,48%), envolvendo o diálogo com pares, apoiadores e público. Essa perspectiva de trabalho aponta para a necessidade de articulação entre diversas áreas do saber (transdisciplinaridade), trazendo, com isso, a possibilidade de integrar o conhecimento do contador de histórias profissional com a experiência do narrador da tradição, do gestor cultural, do ouvinte, apoiadores e outros sujeitos com os quais estabelecem contato.

Tendo em vista que a maioria (69,10%) não explora o espaço virtual para desenvolver o trabalho cultural, na medida em que foram analisados os dados da pesquisa tornou-se visível a existência do fortalecimento de uma nova demanda de trabalho *nesse novo espaço* para aqueles que se iniciaram na arte de contar histórias no final do século XX e início do século XXI. Nesse sentido o narrador de histórias precisa manter e

adquirir as competências narrativa e em informação de forma a desenvolver o seu trabalho no espaço presencial e no ciberespaço.

Com os indicadores de *contexto da categoria competência em informação* identificaram-se sujeitos narradores que utilizam com competência os equipamentos eletrônicos (celular, computador, etc.) e que se apropriam de recursos que as redes digitais oferecem. A maioria executa tarefas simples (94,11%) com seus equipamentos e, com isso, usam mídias sociais para comunicar-se (88,24%). Mais da metade dos narradores da pesquisa (57,35%) acessam essas mídias várias vezes ao dia. As mídias sociais mais utilizadas são as redes de relacionamento como o Facebook (79,41%), redes de compartilhamento de vídeos como o Youtube (69,11%) e o e-mail (58,82%) que perdeu terreno mas não desapareceu. Quase todos os narradores fazem uso de aplicações de acesso à internet (95,58%), aproveitando essa grande rede para buscar informações de seu interesse (95,58%). As aplicações de acesso mais citadas foram o correio eletrônico (89,70%), mensagens instantâneas (83,32%) e navegadores (77,94%).

Os sujeitos narradores são capazes de localizar a informação desejada (95,58%), selecionam a informação por grau de importância (94,11%) e detectam palavras chaves no processo de busca (94,12%). Em relação aos recursos utilizados para o acesso à informação na web, a análise dos indicadores tornou visível que buscadores como o Google são mais utilizados (97,05%) do que as bibliotecas virtuais (61,76%), periódicos online (52,94%), páginas webs (38,23%), blogs (39,70%) e wikis (32,70%). Os narradores também não descartam o uso de periódicos digitais e bibliotecas virtuais que de maneira geral auxiliam no processo de acesso à informação. Esse tipo de busca consideravelmente poderá conduzir a uma aprendizagem autônoma importante para o aperfeiçoamento das habilidades adquiridas e para a aquisição daquelas que ainda são necessárias para compor a competência em informação.

O fato de que os contadores de histórias avaliam e verificam a qualidade das fontes selecionadas, conduzem às amostras do *contexto da categoria da competência em informação*. Os critérios mais utilizados para a avaliação da qualidade da informação selecionada são tipo de fontes (75%), autoria (57,35%), acessibilidade (44,11%) e atualidade (58,82%). A maioria dos contadores de histórias capixabas possui competência para

o acesso à informação nas redes digitais, bem como, para avaliar a informação em função de suas necessidades. A informação buscada auxilia cerca de metade do grupo (51,47%) no processo de produção e disponibilização de conteúdos nas redes digitais. O resultado dessa fase da pesquisa esclarece que esse sujeito deve atualizar-se com os processos de busca que permitem o acesso à informação, de forma a possibilitar sua efetiva produção, organização e disponibilização em redes de relacionamentos.

Quando se trata da competência narrativa identifica-se que a maior parte dos contadores de histórias dedica-se ao processo de pesquisas de fontes direcionadas para a prática de narrar necessitando fazer uso da competência em informação que conservam. Com isso, a maioria seleciona histórias novas (73,53%) lendo (92,67%), ouvindo os pares (23,52%) e recursos áudio visuais (52,94%). Também aceitam sugestões (30,88%) dos pares, público, etc. Recorrem aos livros impressos (86,76%), CD (25%) e outras fontes na internet (60,29%). No ato de selecionar leva-se em consideração a predileção do público e em sua maioria atendem ao infantil (95,58%). Sua apresentação é performática envolvendo o público na maioria das vezes (86,76%), fazendo valer o processo de preparação da narrativa que lida com diversas habilidades e técnicas para que o show possa acontecer (memorização, recriação da história, uso de recursos, ensaio, etc.).

A categoria conexão em redes está relacionada com a competência narrativa e competência em informação do sujeito narrador, auxiliando no entendimento de como buscam e compartilham informações nas redes digitais potencializadas pela internet na sociedade contemporânea (CASTELLS, 2003). Depreende-se que o contador de histórias contemporâneo deve aprimorar as estratégias de busca, acesso e recuperação de informações voltadas para a sua prática, sendo esse assunto pouco figurado nos indicadores do *contexto da narrativa oral*. Nessa categoria visualiza-se uma baixa participação em redes de colaboração de interesse de sua área de atuação, todavia, houve uma boa aceitação no que se refere ao empenho em participar de uma rede de colaboração (75%).

A estruturação da proposta da rede colaborativa teve como base a análise dos dados das possíveis conexões do contador de histórias

capixaba na sociedade da informação. A validação do modelo aconteceu em oficinas e outros eventos que foram estabelecidos com os narradores de histórias que atuam em espaços tempos de educação e cultura. Então, por que não continuar dando visibilidade às falas dos sujeitos narradores nesta fase de fechamento dos resultados? A motivação desta questão que permeou todo o contexto da obra, permite recorrer ao parecer (final) de três narradoras de histórias acerca da rede de colaboração:

Eu a princípio era um pouco contra [a onda da conexão em redes digitais], mas eu acho que a gente não pode remar também contra a correnteza. Hoje eu acho que você pode usar esses recursos em seu favor, em seu benefício. E depois, [...] eu fui entender a função da rede. E até mesmo quando entendi a função da rede visualizei a rede do pescador na minha frente, entendeu? E a rede do pescador estão não é assim? Composta por aqueles nós? Aonde a gente vai se conectando, vai se comunicando e não vai perder o presencial (Narradora Magalhães).

Bom a rede vai ajudar bastante nisso, não é? Pra escola pública pelos menos se cobrar cobra bem pouquinho? A escola é pública e não tem recursos, então tem sempre alguém que fala assim: - Tem fulano que vai de graça e se cobrar cobre apenas a gasolina ou a passagem de ônibus pra fulano está bom. E a gente vai fazendo assim. Tem uma professora que tem um grupo de teatro, então, a gente tá sempre tentando fazer alguma coisa. Inclusive ela apresentou um espetáculo no Teatro Carlos Gomes na semana passada sobre Eliz Regina. [Também estabeleço contato com] os bibliotecários, ligo pra Geovana bibliotecária da PMV e pra outras pessoas, bibliotecário geralmente conhece alguém, não é? Conheço alguém que conhece alguém e vamos assim. Primeiro temos que conhecer a pessoa, quem indica tem que conhecer. Você tem que ter uma pessoa que realmente conheça o fulano que levará para a sua biblioteca e seu espaço (Narradora Pereira).

Acho que a pesquisa está ótima, parabéns pela iniciativa porque é um assunto cabível e carente e se a rede se concretizar será de extrema importância para uma comunidade grande, como a rede de contadores bibliotecários que dizem não saber contar mas no fim acabam contando. Como uma professora de laudo com quem trabalhei, ela disse assim, posso te ajudar em qualquer coisa mas não me peça para contar histórias, três meses depois ela perguntou: - Posso contar essa história? Ela se apaixonou e logo estava contando histórias. O ambiente da biblioteca escola pede isso, não tem como, você se apaixonou e mobiliza e logo está contando histórias (Narradora Helena Silva).

Movidos por uma convicção de que a rede de colaboração tende a auxiliar o narrador contemporâneo no processo de aquisição de

competências e profissionalização em espaços presenciais e virtuais, acreditam que uma estrutura como essa apoiaria contadores de histórias profissionais autônomos remunerados e sem remuneração específica que atuam territórios de (in)formação, educação e cultura.

A transgressão metodológica esteve presente tanto na fase de apresentação dos indicadores do perfil e contexto dos narradores de histórias quanto durante a proposição da rede, permitindo explorar junto com os narradores o desejo de que a rede fosse de fato futuramente implantada. Os resultados que ocasionaram no estabelecimento de parâmetros para entender os movimentos em torno das competências nos territórios de atuação do contador de histórias, também tornará possível compreender que nenhuma instituição contemporânea está dissociada do movimento de transformação que a sociedade da informação apresenta na atualidade. Contudo, antes convém contextualizar que os resultados apresentados no decorrer dos capítulos não conduz ao fim do processo de proposição de uma estrutura de comunicação voltada para uma arte milenar, mas sim para o começo do fortalecimento de uma rede não estruturada porém que apresenta inúmeras possibilidades...

DEPOIS DO “ERA UMA VEZ”... NÃO É O FIM!

*Enquanto o clima de inverno (GALEANO, 2014) acolhia a finalização da escrita de uma proposta que na atualidade constitui o terceiro volume da coleção *No balanço das redes: tradição e tecnologia*, reflete-se que de maneira alguma este processo pode se encerrar com as ações de pesquisa e extensão universitária. Os movimentos que foram resgatados no campo teórico e nos territórios de atuação dos contadores de histórias, conduziram à comprovação da hipótese inicialmente levantada: os contadores de histórias possuem competências que tornam possível a sua conexão em redes de formatos variados e encontram-se, com isso, inseridos na sociedade da informação. Com os resultados entendeu-se que esses sujeitos dominam os mecanismos da comunicação interpessoal, mas precisam utilizar melhor os benefícios trazidos pelas redes digitais de maneira que possam buscar e produzir informação direcionada para a sua área de atuação.*

No decorrer do processo de avaliação diagnóstica tornou-se visível que a maioria dos sujeitos pertence ao gênero feminino (89,70%), tendo iniciado a prática entre o final do século XX (30,90%) e início do século XXI (48,50%). Identificou-se no grupo de participantes um alto nível de formação no que se refere à obtenção de cursos de graduação (30,88%) e pós-graduação (61,76%), o que facilmente pôde ser associado ao fato de que a maioria desenvolve atividades paralelas à arte de contar histórias (67,65%) que exigem formação superior em diversas áreas do conhecimento. A proposta de planejamento da rede colaborativa perpassa, desse modo, a abordagem transdisciplinar e a suas ações devem transpor barreiras que costumam impedir os diálogos das disciplinas com outros campos do conhecimento (BICALHO; OLIVEIRA, 2011).

Os vínculos dos narradores de histórias com os grupos sociais com os quais atuam e, por conseguinte, os laços (associativo, dialógico, fraco, forte, etc.) são constituídos nas instituições com as quais estão comumente ligados em eventos esporádicos ou regulares. As conexões refletem aspectos da formação e atuação de um trabalho profissional, conduzindo-os a uma estrutura de relacionamento “multiplexa” e a participação em diferentes grupos formados nos seus territórios de atuação (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011). O processo de observação ainda não permitiu entender aspectos relacionados com a comunicação em rede desses sujeitos (interação mútua, reativa, etc.). Informações sobre essas questões foram identificadas e mais tarde poderão ser aprofundadas em outras pesquisas.

A análise dos indicadores de contexto do trabalho cultural e das relações visualizadas na representação dos nodos da rede, refletem o elo existente entre seus atores. Junto aos dados desses indicadores percebe-se um movimento de profissionalização em espaços tempos de informação, educação e cultura ao final do século XX, possibilitando dividir os contadores de histórias em duas categorias: profissional remunerado autônomo (32,35%) e profissional sem remuneração específica (67,65%). A representação dessas duas categorias de profissionais é importante para pensar o perfil do público alvo da rede de colaboração.

Os dados da observação do campo (intensiva e extensiva) apontam para

o fato de que a maioria sofreu a influência de narradores da tradição oral (75%), apresentando, porém, características distintas do narrador tradicional de culturas orais. Mesmo tendo herdado traços da tradição oral, buscam formação em cursos, oficinas e outros eventos presenciais (45,58%) e navegam no ciberespaço (63,24%). O fato de utilizarem as TIC disponibilizadas pela sociedade da informação no processo de formação ao longo da vida, auxiliará no planejamento da arquitetura da rede de colaboração dos contadores de histórias que deverá ser trabalhada ao considerar as conexões tanto no espaço presencial quanto virtual (arquitetura em espaços híbridos).

Trabalhar na proposta de um modelo idealizado ao longo desta obra demandou produzir algo simples e possível de ser colocado em prática, um planejamento de uma estrutura colaborativa em que o contador de histórias possa livremente estabelecer relações com seus pares (companheiros de atividade), público e outros colaboradores interessados em acessar, produzir e compartilhar informação que gira em torno da prática narrativa. A proposição de um modelo com essa estrutura requereu a identificação de saberes e fazeres do narrador de histórias capixaba por meio de indicadores de perfil e contexto. Nesse ínterim, entender mais de perto como trabalham os narradores alimentou a proposta por meio dos diálogos obtidos durante as entrevistas e por meio da coleta de dados possibilitada pelos questionários.

O resultado do trabalho de observação no campo de atuação desse profissional aponta para o fato de que a rede de colaboração dos contadores de histórias deverá ter dois polos: da comunicação presencial que alimenta a prática milenar e da comunicação virtual que paulatinamente insere esse profissional na sociedade da informação. O resultado da análise forneceu elementos para pensar em possibilidades de sucesso e enfrentamento de dificuldades que possam aparecer, permitindo que a sua estrutura fosse repensada após o estabelecimento dos diálogos com os maiores interessados. As demandas apresentadas pelos contadores de histórias auxiliou na proposição do modelo da rede, na medida em que se procurou pensar que a sua estrutura deverá ser mais fácil de gerir possível e fundamentada em uma auto gestão. Poderá também compreender encontros presenciais e não apenas um aspecto

virtual de rede de comunicação comumente enfocada na contemporaneidade.

A necessidade de sustentar a atividade dos sujeitos contadores perpassa as redes desenhadas na contemporaneidade, o que vai de encontro com uma atuação isolada que não possibilita o compartilhamento das experiências que comumente são vividas pelos narradores. Esses sujeitos deverão adquirir habilidades que os conduzam a produção de conteúdo necessário para uma formação na área. Também necessitam de uma mudança de foco, de entendimento e de aceitação de outras perspectivas de aprendizados perante o acesso de redes digitais e presenciais, para, assim, fazer fluir uma conexão interativa que permita o compartilhamento de informações de interesse da classe desses profissionais.

Com os resultados levou-se em consideração o fato de que as novas tecnologias tendem a ampliar a conexão entre os contadores de histórias em redes, sejam elas centralizadas, descentralizadas ou distribuídas, devendo então o modelo proposto envolver diversas fases de planejamento em termos de previsão de espaços tempos de conexões (presenciais e virtuais) que permitam a descentralização. O modelo apresentado, então, caracteriza-se como uma tentativa de estimular a organização de vários grupos de contadores de histórias (profissional, voluntário, etc.) em redes que se mostrem mais distribuídas, o que não elimina a centralidade na estrutura de comunicação.

Mesmo tendo em vista que a maior parte dos sujeitos narradores não participa de redes presenciais ou virtuais voltadas para o campo da narrativa oral, ao colocar em análise as relações dos atores sociais que atuam em diversos territórios de informação, educação e cultura, a estrutura de comunicação caracteriza-se principalmente pelas relações de amizade. A apresentação dos indicadores e proposições de estruturas colaborativas não torna possível finalizar e sim iniciar um processo de discussão em torno dos resultados obtidos.

Nesse momento surge uma preocupação em fomentar contextos de acesso e de compartilhamento de uma informação que fortaleça a competência narrativa em contextos híbridos de comunicação. As

propostas de planejamento e implantação de redes no campo da narrativa oral deverão estimular a participação do contador de histórias em contextos de uso da informação narrativa e avaliações dialógicas, assim como, permitir o compartilhamento experiências e produções de conhecimentos voltados para a sua área de atuação profissional.

Uma arquitetura que permita a ampliação da rede deverá estimular a participação dos contadores de histórias em atividades no campo da profissionalização na era digital, para assim pensar em uma totalidade em termos de investigações sobre contextos de busca, avaliação e uso da informação narrativa. Assim como, deverá permitir o compartilhamento de informações e a produção de conhecimentos voltados para a sua área de atuação em redes de comunicação. Uma estrutura de colaboração que envolva os narradores também deverá incluir grupos de que ainda não foram privilegiados com os benefícios gerados pelas TIC.

Diante do fato de que até o momento os resultados citados resultaram em publicações de trabalhos acadêmicos, artigos, livros e capítulos de livros na área da Ciência da Informação, pretende-se continuar o processo de pesquisas com a finalidade de divulgação e trocas de experiências com a comunidade interna e externa à Universidade. Os resultados fornecem, por exemplo, elementos para pensar a realização de outras pesquisas no interior do Estado do ES e identificar o nível de formação e de atuação cultural do narrador com características mais tradicionais. Por meio da identificação do perfil de um contador de histórias com características mais tradicionais, seria interessante pensar em formas de inseri-lo numa rede de colaboração inclusiva de forma que pudessem compartilhar habilidades, técnicas e conhecimentos com narradores iniciantes e experientes de áreas urbanas.

Constata-se que os contadores de histórias são possuidores de uma diversidade de habilidades, técnicas e conhecimentos, sendo constituintes de competências narrativas e em informação passíveis de serem desenvolvidas em espaços presenciais e virtuais de diversas regiões brasileiras. Porém, que, ainda assim, precisam aprimorar estratégias de busca, acesso e recuperação de informação para uma conexão efetiva em redes colaborativas, necessariamente, flexíveis e interativas.

REFERÊNCIAS

ALEJANDRO, Velázquez Álvarez; NORMAN, Aguilar Gallegos. **Manual introdutório à análise de redes sociais: exemplos práticos com UCINET 6.109 e NETDRAW 2.28.** 2006.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BARAN, Paul. On distributed communications networks. **Communications Systems – IEEE Transactions on**, v.12, n. 1, p. 1-9, 1964.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BASSETTO, Cleilton Luís. **Redes de conhecimento: espaço de competência em informação nas organizações contemporâneas.** Bauru, SP: Ide@ Editora, 2013.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: vivências e aprendizados. In: BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges (Org.). **Competência em informação: de reflexões as lições aprendidas.** SP: FEBAB, 2013. p. 65-80.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação.** 2. ed. Bauru, SP: Cá Entre Nós, 2007.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges; KOBAYASHI, Maria do Carmo. *Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento.* **Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.1, p.88-99, dez. 2004.

BENITA Prieto. 2015. Disponível em: <<http://www.benitaprieto.com.br/default.aspx?code=2>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** SP: Brasiliense, 1996.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene de. Aspectos conceituais

da transdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 87-102, maio/ago. 2011.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene de. Transdisciplinaridade nas ciências: o lugar da Ciência da Informação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE, 1., Curitiba, PR, 2005. **Anais...** Curitiba, PR: PUC Paraná, UFPR e UFSC, 2005.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CACCIOLARI, Neide Aparecida; MATSUDA, Alice Atsuko Matsuda. A importância da contação de histórias para o futuro da leitura literária no século XXI: cibercultura, literatura, escola e novas tecnologias: uma ponte necessária. **Diálogo e interação**, v. 2, 2009.

CANÇÃO do sul. Direção: Harve Foster e Wilfred Jackson. Elenco: James Baskett; Bobby Driscoll; Luana Patten; Glenn Leedy e outros. Roteiro: Bill Peet; Ralph Wright; George Stallings e Joel Chandler Harris. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1946. 1 bobina cinematográfica (94 minutos).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Global, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da Informação: Economia, sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CERVERÓ, Aurora Cuevas. et al. Instrumentos de aplicação do modelo IDEIAS. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 111-120.

COELHO NETTO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Global, 1985.

CONTA Brasil. 2009. Disponível em: < <http://www.contabrasil.org.br/noticias.html> >. Acesso em: 25 ago. 2015.

CUSTÓDIO, Daniela Macário. SILVA, José Carlos Plácido da. Design de homepage: a usabilidade na Web. In: MENEZES, Marizilda dos Santos; PASCHOARELLI, Luis Carlos (org.). **Design e planejamento: aspectos tecnológicos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DAVENPORT, Thomas Hayes. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na Era da Informação. São Paulo: Futura, 1998.

DEMO, Pedro. **Habilidades e competências no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DIAS, Cláudia Augusto. Portal corporativo: conceitos e características. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 50-60, jan./abr. 2001.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, dez. 2010.

ESCRITORA capixaba Silvana Sampaio visita o Darwin. 2015. Disponível em: < <http://www.darwin.com.br/index.php/escritora-capixaba-silvana-sampaio-visita-o-darwin/> >. Acesso em: 30 set. 2015.

ESPÍRITO SANTO, Ruy César do. **Pedagogia da Transgressão**: um caminho para o autoconhecimento. Campinas: Papirus, 1996.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Governo do Estado do Espírito Santo. Lei Complementar nº 458. Dispõe sobre a criação do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA, de 21 de outubro de 2008. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 2008.

FERNANDES, Ciane. **O Corpo em Movimento**: O Sistema Laban/Bartenieff na Formação e Pesquisa em Artes Cênicas. São Paulo: Annablume, 2006. 400 p.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão?

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo.** 89 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. Contadores de histórias: oralidade e escrita. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (II EPIM), 2., Marília, SP, 2015. Anais... Marília, SP: UNESP, UEL, 2015.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária:** organização e sistematização. Manaus, AM: Forproex, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** SP: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

GAB conta outra? 2015. Disponível em: <<http://blogs.gazetaonline.com.br/bloguinho/tag/gab-kruger/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Vagamundo.** Porto Alegre: L&PM, 2014. 160 p.

GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização informacional e inclusão digital:** modelo de infoinclusão social. Brasília, DF: Thesaurus, 2011. p. 39-53.

GECHUFES. 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/pegechUFES/>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

GERLIN, Meri Nadia Marques. **Fiando textos e contextos:** A narrativa tece o trabalho de professores em bibliotecas escolares, 2006.

141 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Ideias e Práticas em informação, educação e cultura. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 24., 2011, Maceió, AL. **Anais...** Maceió, AL: FEBAB, 2011.

GERLIN, Meri Nadia Marques. A informação contida nas lendas capixabas: o trabalho com a competência leitora tendo como aporte a oralidade da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). In: DUQUE, Cláudio Gottschalg (Org.). **Ciência da informação: estudos e práticas.** Brasília: Thesaurus, 2015.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Relatório das atividades do Projeto de Extensão Ideias e Práticas em Informação, educação e cultura. Departamento de Biblioteconomia/Pró-Reitoria de Extensão da UFES, 2013.

GERLIN, Meri Nadia Marques; BARCELLOS, Wellington. O bibliotecário como agente cultural: experiência vivida na Biblioteca Pública Argentina Lopes Tristão de Domingos Martins (ES). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 22, p. 118-135, 2017.

GERLIN, Meri Nadia Marques; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. As lendas capixabas no ambiente virtual e a produção de competência leitora na escola e no mundo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 13., 2012, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012.

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. No balanço das redes dos contadores de histórias: a identificação das competências em informação dos narradores contemporâneos. **DataGramZero: Revista de Informação**, v.16, n.2, abr. 2015.

GERLIN, Meri Nadia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Transgressões no campo da Ciência da Informação: abordagens de uma prática científica em permanente constituição. **Em Questão**, v. 23, p. 34-58, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2009.

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar de histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. **Construção Psicopedagógica**, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013.

GOMES, Lenice. Cantares e contares: brincadeiras faladas – A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-39.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** RJ: Contra Capa Livraria, 2005.

GRUMAN, Marcelo. Nem tanto ao céu, nem tanto a terra: limites e possibilidades da lei de incentivo fiscal à cultura. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 107, abr. 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HAVERTY, Marsha. Information architecture without internal theory: an inductive design process. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, n. 53, p.:839–845, 2002.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016. 292 p.

JOHNSON, J. David. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

KNIHS, Everton; ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando de. Cooperação e colaboração em ambientes virtuais e aprendizagem matemática. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16., 2007, Campinas, SP, **Anais...** Campinas, SP: ALB/UNICAMP, 2007.

LANZI, Lucirene Andréa Catini. Do papel às TIC: o dinamismo da contação de histórias através do viés digital. **Biblios: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 26, n.2, p. 31-46. Jul./dez. 2012.

LARA FILHO, Durval. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na WWW. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 4, n. 6, dez. 2003.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEI Rouanet. 2015. Disponível em: <http://www.incentivecultura.com.br/?page_id=250 >. Acesso em: 10 ago. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011. 160p.

LÓPEZ, Pedro López; SAMEK, Toni. Inclusão digital: um novo direito humano. In: CERVERÓ, Aurora Cuevas; SIMEÃO, Elmira. Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 21-37.

LUCIA Fidalgo. [2011?]. Disponível em: <<http://www.luciafidalgo.com/biografia/default.asp> >. Acesso em: 30 out. 2015.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias:** sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias:** perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2009.

MOACYR Sclia. 2013. Disponível em: < <http://www.scliar.org>>. Acesso em: 30 out. 2015.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias:** a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORAES, Fabiano. 2015. Disponível em: <<http://professorfabianomoraes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 set.

2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Editora UNESP, Itáu Cultural, 2003.

NKAMA, Boniface Ofogo. Arte de contar histórias na África: entre o mito a ponte e a realidade – A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Orgs.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 247-267.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Gonçalves Dill. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** RJ: Contra Capa Livraria, 2005. p. 73-87.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. São Paulo: Atlas, 2008.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2005.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Pilares conceituais para mapeamento do território epistemológico da ciência da informação: disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e aplicações. In: Virgínia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto (Orgs.). **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: Edições UFC. 2007. p. 71-104.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

PINTO, Virgínia Bentes. Interdisciplinaridade na Ciência da Informação: aplicabilidade sobre a representação indexal. In: Virgínia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto (Org.). **Ciência da Informação**: Abordagens Transdisciplinares, Gêneses e Aplicações. Fortaleza: Edições UFC. 2007.

PROJETO Colorir. 2015. Disponível em: <

<http://www.projetocolorir.org/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RED Internacional de Cuentacuentos. [2015?]. Disponível em: <<http://www.cuentacuentos.eu/index.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

ROBERTO Carlos. 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Carlos_Ramos>. Acesso em: 30 out. 2015.

ROBERTO de Freitas – contador de histórias. 2008. Disponível em: <<http://www.redacaocriativa.com.br/roberto-de-freitas-contador-de-historias.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

RODRIGO Campaneli. [2007?]. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/site_2011_bkp/rodrigo.htm>. Acesso em: 30 out. 2015.

SARACEVIC, Téfko. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspec. Ci. Inf., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SERRA (ES). Prefeitura. Decreto nº 11.089/99. Regulamenta a concessão de incentivo prevista na Lei Municipal de nº 2204/99 que dispõe sobre o Projeto Cultural “CHICO PREGO”. Serra, 1999.

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. **Comunicação extensiva e informação em rede**. Brasília: UnB, DCID, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. SP: Cortez, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. RJ: Paz e Terra, 1992.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **O olhar no espelho: conversas sobre a pesquisa em Ciências Sociais**. Maringá: Eduem, 2004.

UGARTE, David. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Pró-Reitoria de

Pesquisa e Pós-Graduação. Vitória, [2008-2013?]. Disponível em: <<http://www.prppg.UFES.br/grupos-de-pesquisa-cnpqUFES>>. Acesso em: 15 set. 2015.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Gestão da informação e do conhecimento em unidades e serviços de informação. Florianópolis, 2013. 26 slides, color. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/FEBAB/gesto-da-informao-e-do-conhecimento-em-unidades-e-servios-de-informao>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

VIAGEM pela literatura celebra 20 anos em clima de nostalgia e emoção. 2014. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/viagem-pela-literatura-celebra-20-anos-em-clima-de-nostalgia-e-emocao-16296>>. Acesso em: 30 out. 2015.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

SOBRE AS AUTORAS

Meri Nadia Marques Gerlin é doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da UFES, desenvolvendo, por conseguinte, atividades no campo da informação, educação e cultura. Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq e coordenadora do projeto extensionista "Informação e cultura" da Pró-Reitoria de Extensão da UFES, trabalhando com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, intercambiando temas no âmbito da ação cultural, do multiculturalismo, do serviço de referência, da competência narrativa, da competência leitora e da competência em informação.

Elmira Simeão (Elmira Luzia Melo Soares Simeão) é doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Como professora na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da UnB no convênio com a *Universidad Complutense de Madrid* (UCM) e líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).